3 1761 07135960 8

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/obraspoetica3v4alor

OBRAS POETICAS

DE

D. LEONOR D'ALMEIDA PORTUGAL LORENA E LENCASTRE,

MARQUEZA D'ALORNA,

CONDESSA D'ASSUMAR, E D'OEYNHAUSEN,

CONHECIDA ENTRE OS POETAS PORTUGUEZES

PELO NOME

DE

ALCIPE.

TOMO II.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1844.

OBRAS POETICAS

DE

D. LEONOR D'ALMEIDA PORTUGAL LORENA E LENCASTRE,

MARQUEZA D'ALORNA,

CONDESSA D'ASSUMAR, E D'OEYNHAUSEN,

A

CONHECIDA ENTRE OS POETAS PORTUGUEZES

PELO NOME

DE

ALCIPE.

TOMO III.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1844.

PQ
2261
A6
1844
t.3-4

LIBRARY
NOV 2 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

Carminibus quæro miserarum oblivia rerum.

Ovid. Trist. liv. 5.° eleg. 7.ª

A PRIMAVERA,

IMITAÇÃO LIVRE DE THOMPSON.

A PRIMAVERA,

IMITAÇÃO LIVRE DE THOMPSON,

OFFERECIDA

Á PRINCEZA D. MARIA FRANCISCA BENEDICTA.

Vem, gentil Primavera, aos nossos prados!
Etherea suavidade, aos campos desce!
Do seio dessas nuvens dissolvidas,
Quando harmonicos sons o mundo acordam,
Mostra o teu rosto, cujo véo parece
Um chuveiro de rosas que o sombrêa.

Princeza, cujas graças singulares,
Em suave união c'o amor das artes,
Brilham na Corte, brilham nas florestas,
Sitios ditosos, onde vais colhendo
Puras idéas, reflexões subidas;
Benigna escuta agora o simples canto
Que sólto alegre, quando a Natureza
É, como tu, florente e bemfeitora.

Repara como ao norte o triste Inverno
Vai recolhendo os ares desabridos;
Retrocedem os ventos bramidores,
Que no outeiro retumbam; largam promptos
Nuas florestas, valles devastados,
E dão logar aos zephyros macios,

A cujo brando sopro a solta neve
Em lividas torrentes se desata,
E o verde tope o monte aos Ceos levanta.

O anno principia; e mal seguro
Deixa escapar á tarde o vento frio;
Enregela a manhã; manda a saraiva
A perturbar do dia a amenidade.
A garça impelle a sonorosa marcha;
Os mergulhões se espraiam pela costa;
E os sons das notas asperas que entoam
Recolhe attenta a barbara charneca.

O benefico Sol Aries despede,
E do Tauro brilhante o signo busca.
A contracção do frio os ares deixa:
Cheia d'almo vigor, a atmosphera
Eleva e rarefaz as nuvens brancas,
Que em laniformes frocos os Ceos vestem:
A tepidez s'espalha pelos ares,
A terra filtra aroma e suavidade.
O agricultor contente já percebe
A doce commoção da Natureza:
Dos cerrados curraes solta os novilhos,
E á charrua, no gelo adormecida,
Lhes submette a cerviz obediente.
Os agrestes trabalhos principiam:
Para animá-los, lá dos Ceos altiva
O canto alegre entoa a cotovia.
O agricola, encostado na araveça,
Do espesso barro doma a resistencia,
Vence o chão, e divide a dura terra.
Com passos largos mede o que semêa

Os vastos campos; liberal e afoito,
De Cybele fiel o grão confia:
Asperamente a grade os campos corre,
E com ella se fecha a rural scena.

Sede propicios, Ceos! — Laborioso
O homem satisfez quanto lhe toca.
Soprai, ó virações animadoras;
Frescos orvalhos, prodigos chuveiros,
Descei depressa á terra sequiosa.
Tu, Sol vivificante, tu tempera
Todo o anno perfeito, que revolves.

Vós que viveis na pompa e no deleite,
Na fartura e no languido descuido,
Vós julgais este assumpto indecoroso;
Estes themas porêm, que tanto honraram
Do rural Maro os versos, as cantigas,
Estes themas o enleio já fizeram
De toda a Ausonia, quando era mais culta
Pelo gosto e lições da sabia Grecia.
No tempo antigo os Reis, os Patriarchas
A sagrada charrua veneravam:
Esses Heroes, diante dos quaes somos
Como as tribus d'insectos que divisa
N'um dia de verão a vista aguda,
Sostinham as balanças dos Imperios,
As borrascas das guerras conduziam;
E com mão incançavel empunhando
A charrua, na larga independencia
Grandemente viveram, sem manchar-se
Nas delicias que a tantos envilecem.

Venerai o instrumento das lavouras,
Ó Lusos generosos! — Escutai-me.
Ostente o Outono alegre os seus thesouros,
Pague o prodigo Sol vosso desvelo,
A vossa industria acolha e vivifique:
Todo o imperio azulado e turbulento
Do vasto mar, submisso vos respeite:
De mil praias as ondas subjugadas
Aos vossos portos a riqueza tragam:
Desafiai o auxilio soberano,
Fazei vosso terreno exuberante.
A Natureza próvida derrama
Sobre cada paiz bençãos suaves:
Nuas nações vesti; vós bem podeis
Celleiro inexhaurivel ser do mundo.

Não só nos mansos ares se presente
Uma doce mudança deleitosa,
Mas o Sol penetrante vai buscando
Os obscuros retiros onde mora
O Podêr que vegeta infatigavel;
As perfumadas forças desenvolve
Sobre a Terra florente, em varias cores.
A ti prefere, a ti, linda Verdura,
Vestido universal da Natureza;
Unidas sombra e luz, onde por força,
E com deleite, a vista se repousa.

Desde os humidos prados té o outeiro
As hervas tenras nascem, crescem, ganham,
Das virações guiadas, encantando
Os namorados olhos, que as contemplam.
O pilriteiro então branquêa ao longe,

E das succosas mattas abrolhando
Os ramos pouco a pouco se desdobram;
Té que os bosques frondosos se apresentam
Em plena pompa aos ventos suspirantes.
Já nos espessos mattos apparecem
As urzes cor de rosa, a linda esteva;
E o glutinoso succo desprezado
Se prepara a augmentar o vasto incendio
Que no Estio as desbasta sem piedade.
Habitantes do Norte, menos caros
Á Natureza meiga, vós não vistes
Jámais a Primavera Portugueza:
Jámais embalsamou os vossos campos
O roxo rosmaninho, o alecrim lindo,
O smilax odorifico, que c'roa
O asperrimo caminho da azinhaga.
D'alli alveja a murta, tão querida
Á Deosa fabulosa dos amores;
E do ferino tojo a flor doirada
Da grosseira charneca o aspecto alegra:
Lá bole a caça nas espessas balsas;
Lá canta o passarinho retirado:
Da activa e destra mão da Natureza
Brilham ornados os jardins de cores:
Em quanto dorme o fructo promettido,
Como tenue embrião, na verde casca.

Quantas vezes então largo a Cidade,
Em fumo, em somno, em peste sepultada!
Vou passear nos campos orvalhados,
Respirar a frescura; dos arbustos
Vou as tremulas gotas sacudindo;
E por dentro dos verdes labyrinthos

Sobre a sarça espinhosa os passos movo.
Vagando pelos campos sem designio,
Ou desço aos valles concavos e umbrosos,
Ou sobre uma eminencia ao longe vejo
A profusão das cores variadas
Que na vasta planicie se misturam.
Alli os olhos avidos admiram
Já o Outono doirado, que em segredo
Debaixo desta pompa nos espreita.

Se dos desertos Russos arrojado
Um vento cortador se não levanta,
E das humidas azas não sacode
A nevoa glutinosa, ou não assopra
Dessecante geada intempestiva,
Perante cujo bafo venenoso
Desmaia a fastuosa Primavera,
E por toda a folhagem contrahida,
Abatida, estragada, em fim perece;
Geradas pelo Norte nebuloso,
Myriades d'insectos devorantes
Penetram com o vento envenenado;
E a Fome gastadora vai com elles,
Pela cortiça e nos botões mimosos
Traçando impetuosa o seu caminho.

Oh raça miseravel, mas tremenda!
Vós sois filhos sagrados da Vingança,
Aos quaes segue na rapida carreira
A corrosiva mangra, e mata o anno.
Sois modelos d'espiritos pequenos,
Que o viço roem dos ingenhos altos.

O lavrador então perito anime
De palha a crepitante labareda,
Os pomares perfume, e expulse a praga:
O escondido inimigo sae das fendas,
E suffocado em fumo cae por terra.
Recorra ao pó fatal á tribu infame,
A pungente pimenta; sobre as flores
A espalhe afoito; ou quando a folha encrespa,
As ninhadas com pingos d'agua afogue.
Dos passaros á tropa numerosa
Neste tempo se attenda com respeito,
Pois combatem a praga vividoira.

Paciencia, Zagaes! Em vão não sopram
Esses ventos, que tem cruel aspecto:
Elles são quem reprimem os chuveiros
Que as nuvens prenhes d'agua umas sobre outras
Do Atlantico trazem, com que apagam
Da Primavera a chamma animadora,
E o anno tenro no seu berço afogam.

Já o Nordeste exhaure as iras suas,
Fecha-se dentro das cavernas ferreas:
O Sul fluente aquece os largos ares,
E pelos vacuos Ceos sopra mui longe
As nuvens prenhes de vernaes chuveiros.
No principio parece que levantam
Uma grinalda murcha pelos ares,
Que apenas mancha o Ether transparente,
Qual poeira spiral remonta e foge:
Pouco a pouco navega um vapor denso,
Que pelos ceos espesso se amontoa,
E no largo horizonte s'estab'lece.

Melancolica e branda Escuridade!
Tu não soltas as roupas denegridas
Sobre a vida oppressiva dos humanos,
Como no inverno, em feras tempestades;
Mas doce, amavel, cheia d'alegrias,
Composta d'esperanças, nos ostentas
Os designios da sabia Natureza.

O vento gradualmente cae, e cedem
Os ares á perfeita calmaria;
Nem um sopro tremúla no arvoredo,
Nem as folhas lustrosas roçar se ouvem,
Meneando nos alamos altivos.
Desatadas correntes se diffundem
N'um largo espelho; um doce esquecimento
Lhes surpr'ende a carreira arrebatada.

Tudo é silencio, é grata espectativa.
As manadas attentas, os rebanhos
Imploram a verdura mudamente,
Em quanto o pasto pelos ramos seccos
Parcos mendigam, parcos aproveitam.

O alado povo em suspensão suave,
As oleosas azas estendendo,
Brilha por entre a lucida humidade;
E o proximo signal calado espera
Para romper, cantando, o geral coro.

As montanhas, os valles, as florestas,
Tudo pedir parece a Primavera;
E o homem, superior e agradecido,
Os hymnos magestosos meditando,
Por entre a Creação os passos move.

Em fim, os seus thesouros já confiam
As doceis nuvens aos famintos campos.
Sobre o paúl crivado vem descendo
As precursoras gottas, té que rompem
As humidas torrentes, confortando
A refrescada terra, que fecundam.

O miudo chuveiro estrepitoso,
Debaixo dos frondosos arvoredos
Apenas ouve aquelle que passêa.
Mas que effeito não faz n'alma suspensa
A profusão dos bens que dos Ceos descem!
Essas hervas, as flores, esses fructos,
Que em seu gremio recolhe a Natureza!
O pensamento leve, que se inflamma,
Tudo anticipa, tudo vê perfeito.

As dilatadas nuvens todo o dia
Os naturaes thesouros accumulam,
E a bem regada terra se enriquece
C'o progresso das cousas que vegetam;
Té que o Sol do Occidente, decaindo,
Volve brilhante a vista, e penetrando
Por entre as rotas nuvens rubicundas,
Lança a rapida luz sobre as montanhas:
Vão nas florestas os regatos varios,
Quaes liquidos diamantes, vão correndo;
E na doirada nevoa que se eleva
De seus humidos leitos, dos aljofres,
Com que a extensa campina toda cobrem,
As lustrosas myriades scintillam.

Qual diamantino orvalho na verdura,
Tudo luz, tudo alegra na campina:
Os vastos arvoredos se distendem;
As musicas acordam no seu centro,
Em selvatica orchestra, misturadas
C'o murmurar dos placidos ribeiros,
Co' as retumbantes vozes das collinas,
E dos concavos valles co' as respostas;
Em quanto o vento unisono suspira.

A refracção d'alguma oriental nuvem
De um arco ethereo e bello a terra abrange,
Onde as listas iguaes e graduadas
O systema das cores nos explicam.
Aqui, sublime Newton, aqui forma
A nuvem dissolvente em fronte ao Sol
O teu chuvoso prisma, e manifesta
Aos olhos instruidos esses fios,
Tão varios, que da luz desenvolveste;
Em quanto ignara a timida criança
Corre após o prodigio que a recreia,
Vai ver se apanha o arco magestoso
Que nos campos acaba; e em quanto o busca,
Não sabe que lhe foge, e se dissipa.

Segue-se a sombra, a noite vem serena;
E a terra saturada espera o dia
Para dar-lhe os balsamicos thesouros,
De mil plasticos tubos derramados.
Já surge pela terra esverdinhada
Das hervas bravas prodiga espessura,
Que o Botanista fraco numerando,
Em vão busca, em silencio pelos valles,

Classificar nas tribus variadas,
Em vão um nome a todas dar procura.
Sem escolha arrancando-as indistinctas,
Rompe um cego caminho pelos bosques;
Sobe aos altos rochedos, attrahido
Da verdura, que lá no cimo acena:
Os movediços ramos lhe annunciam
Que nas azas dos ventos transportadas
Foram pegar-se ao musgo nutritivo
As sementes, que espalha a Natureza
Com liberal cuidado, e que fecunda
A prolifica chuva, o fresco orvalho.

Quem lhes sabe as virtudes escondidas?
Quem com pura visão penetrar póde
Os secretos thesouros que encerravam
A saude, a existencia, e ' alegria?
Alimento do homem venturoso,
Em quanto d'aureos annos longa serie,
Em quanto na innocencia inda vivia;
Ignorante das artes sanguinosas,
Sem doenças, sem mortes, sem rapinas,
Sem carnivoro ser; porêm ditoso,
Senhor do mundo inteiro, e não tyranno!

A prima e fresca Aurora, que acordara
A alegre raça da incorrupta gente,
Não desviou seus raios vergonhosa
Do spectac'lo de um somno preguiçoso.
Antes da luz, ligeiros já fugiam
Os nocturnos vapores dissolvidos:
Como o sol, vigorosa e levantada,
Para a cultura prompta a gente estava:

Já nos gados attenta, já cantando;
Já nos jogos, nas danças, nos prazeres,
Na conversação sabia, que conforta,
Qu' encurta as horas, e remoça o tempo;
Em quanto pelos valles matizados
Soltava Amor suspiros infantinos.
Livres d'angustia, sãos, abençoados,
Jámais acção errada, impeto louco
Conheceo esta gente venturosa,
Estes filhos do Ceo, ao mundo dados.
A lei era a razão benevolente:
Sorria a Natureza harmoniosa;
Luzia claro o Ceo; Zephyros frescos,
Balsamicos e eternos, suspiravam.
O Sol adolescente diffundia
Os seus mais bellos raios sobre a terra;
E das nuvens benignas pingues gottas
Sobre os prados risonhos se espalhavam.
Brincava o gado vario em segurança:
Se das brenhas escuras escapava
O leão bravo, as furias rebatia,
E c'os novilhos ludrico pastava.
A musica nos campos tudo unia:
Branda se ouvia a flauta namorada;
Rompia a voz suave, que derrama
O coração em notas variadas;
Os choros da floresta retumbavam;
As torrentes, c'o vento em consonancia,
Sobre a terra encantada em fim corriam.

Taes foram no principio os nossos dias!
Esta maneira pura, immaculada,
Que idade d'oiro chamam os Poetas,

Já se não acha nestes tempos ferreos,
Nestas fezes da vida não existem.

Das harmonicas forças a concordia,
Que constitue a essencia da ventura,
Perdeo de todo o animo turbado.
Quebraram as paixões os seus limites:
A razão preguiçosa, ou quasi extincta,
As desordens observa indifferente,
Troveja contra o bem tresvaliada:
Outras vezes convulsa precipita
Os damnos, que evitara sem queixar-se:
Ou já tranquilla, pallida, e calada,
A vingança traidora emfim medita.
Mirra-se a inveja c'os alheios gostos,
Abomina o talento a que não chega;
E de serpes armada, despedaça,
Insana, o bem, primeiro que prospere.
Fantasticas imagens espantosas
Envenenam a vida com temores:
A pensativa angustia o peito fere;
Até o amor em magoas se converte.
Já de si não prescinde o secco amante;
Já não sente esse nobre e são desejo,
Nunca farta paixão, de aniquilar-se,
E viver só no objecto que o transporta:
Os corações abjectos degeneram,
Manchados pelo sordido interesse.
A esperança padece extravagancias;
Vai lutando co' a vida a impaciencia,
Que em loucura mil vezes se converte.
Gastam-se as horas em mortal silencio,
Com estes e mil outros movimentos,

De projectos mudaveis derivados.
Ora o bem, ora o mal o animo vexa:
Crescem as tempestades, as violencias:
O parcial rancor vai depravando
Os sentimentos nobres e elevados;
E a social virtude emfim se apaga.
Prevalece fatal a crueldade,
Que o coração corrupto petrifica;
E, compendio de horrores, apparece
O Egoismo, sem dó do mundo inteiro.

Lá do Ceo trovejando um Deos severo
Condemna a Natureza perturbada
Pela infracção das sabias leis prescriptas.
Já d'aqui n'outro tempo de vingança
Um diluvio nasceo; já do profundo
Do mundo espedaçado se arrojaram
As centraes aguas, com estrondo fero:
Dissolveram-se os Ceos sobre as montanhas;
E açoitando esta terra fracturada
A vasta ondulação dos mares soltos,
Um despraiado Océano girava
Em torno deste globo castigado.

Desde então mais severas estações
Opprimiram o mundo quebrantado:
Revestio-se de neve o Inverno frio,
E o Verão disparou os seus ardores,
De pestilentes settas todo armado.

Antes disso, perpetuamente verde
Durava a magestosa Primavera,
Em social doçura colorindo

Fructos e flores sobre o mesmo tronco;
Os ares eram puros, temperados:
Reinava a tarde sempre em paz serena,
Só do Zephyro leve interrompida;
Não sabiam bramir as tempestades,
Não sabia roncar raivoso o vento:
As aguas docemente adormeciam:
Não encobria os Ceos sulphurea sombra,
Nem luzia o relampago fogoso:
As nevoas autonaes não dimanavam
Os corruptos vapores doentios,
Que envenenam da vida a origem pura.
Mas hoje, em transições estragadoras,
Dos elementos turbidos escarneo,
Do claro ao escuro, do gelado ao quente,
Da humidade á secura, consumimos
Nossos dias, que angustias abreviam,
E chega o termo apenas começaram.

Morre a planta saudavel desprezada:
Nem os bens, que ella exhala, e que adivinha
Apenas a arte, tentam o appetite
Do homem depravado, que enraivece
Mais feroz que o leão sanguinolento
Quando as mattas devasta furibundo.

O lobo, que na toca denegrida
Come esfaimado a presa palpitante,
Nunca provou do leite das ovelhas;
Nunca vestio do vello agazalhado:
Nunca o tigre cruel achou a terra
Lavrada em seu favor pelos novilhos.
As feras vão guiadas pela fome;

A precisão sómente é que as instiga:
No seu peito felpudo o dó não mora.

Mas o homem, primor da Natureza,
Que ella formou de um limo inda mais brando,
Que ella dotou de um coração sensivel
Ás emoções do animo suave;
Qu' entre os mais animaes é só quem chora:
O homem! de manjares rodeado,
De fructos bellos, de viçosas plantas,
Como os raios do sol que as amaduram,
Como as gottas da chuva, numerosas:
Hade esta forma bella, que sorrindo
Levanta para o Ceo os olhos ternos,
Competindo co' as feras, degradar-se!...
E pospondo a razão á brutal gula,
Os seus labios manchar d'impuro sangue!...

O animal feroz, ensanguentado,
Merece a morte: porêm vós, rebanhos,
Vós, pacifico povo, que fizestes?
Vós, que nos dais em prodigas torrentes
O vosso leite puro, e contra o frio
Das vossas proprias roupas nos vestistes?...
Quaes crimes commetteo o boi quieto,
Innocente, sem fel, brando, submisso?
Cujo trabalho veste a terra nua
Co' a pompa magestosa das searas?
Este é que hade mugir, despedaçado
Por quem nutrio, por quem trabalha e geme?
E das automnaes festas dissolutas
Augmentar a fartura, victimado?...
A qualquer esta idéa desgostosa

Suggere o coração enternecido!...
Mas basta, Musa, basta; que atrevida
Nesta idade tocasses levemente
Os numeros do sabio Samiano.
O Ceo prohibe ao verso aventureiro
De attingir perfeições que não alcança
O baixo estado do homem corrompido.

Agora, que os ribeiros empolados
C'os chuveiros vernaes vão abatendo:
Que no leito limoso branquejando
Vem descendo ondeada a espuma leve:
Em quanto agua lodosa ajuda a astucia,
Podeis tecer á truta uma cilada.
Com elastico pulo a canna toca;
Mas presa ao ferreo anzol, dissimulada,
Leva comsigo a linha fluctuante,
E faminta, sem tino, o gancho engole.
Não deixes, não, lutar a miseravel
Em voltas convulsivas largo espaço:
No seio ensanguentado a morte leva;
E a compassiva mão deve assustar-se
D'espalhar o terror, até nas aguas.

Bem puderam meus versos imprudentes,
Do Sol potente os raios conduzindo,
Afugentar as trevas das cavernas
Onde se esconde a raça nadadora;
E, excitando da pesca a paixão viva,
Transportar os estragos das florestas
Aos canaes contornados e limosos
Em que moram as Nayades passivas.

Mas se uma arte, qu' ignoro, vos não pinto,
Se um gosto, que não tenho, não approvo,
É porque as aguas crespas me denotam
O cioso temor que nellas mora.
Arremeçam-se os peixes timoratos
Para o fundo lodoso e desabrido,
Apenas veem o pescador grosseiro.
Em campo aberto a luta destemida,
Bem que feroz, ao menos é mais nobre:
Porêm laços, traições, enganos, redes
Desdenha de cantar, bem que innocentes,
A Musa franca, que a Verdade adora.

Ide vós, cavilosos Estadistas,
Procurar nesse emblema a vossa historia:
Que da minha, se um pouco alli observo,
No sangue só, que tinge o anzol cruento,
(Inda mal!) é que encontro alguma imagem.

Torna a aquentar-me a lyra, que se afrouxa,
Sopro gentil da linda Primavera!
Outra especie a meus olhos apresenta.

Os oviparos monstros que povoam
As Africanas praias inflammadas
Do Senegal, do Gambea a ardente arêa;
Do Novo mundo as praias alagadas;
As ilhas onde o sol, tostando a terra,
Na zona ardente, em solidão tranquilla,
De calor, de humidade e paz os farta:
Esses entes, emblemas do descuido,
Que dormem todo o anno, agora acordam,
Sentindo o bafo da Estação florida:

Povo immenso, d'especies variadas,
Que se move nos bosques, nos rochedos,
Que ou trepa com presteza aos altos ramos,
Ou se abysma nas aguas, mergulhando.

A cadêa dos entes infinita
Não se prolonga só em linha recta;
Dobra-se em mil sentidos e se estende;
E nos contornos varios que descreve,
Nas formas sinuosas e diversas,
Nos pontos em que se une, nos parece
Um solido, enlaçado estreitamente,
Onde os olhos absortos não distinguem
O primeiro fusil, bem que a vaidade
Com plausiveis razões no-lo apresente.

Passam-se assim as horas temperadas,
Estes objectos vendo, ou meditando:
Mas quando o Sol se eleva no seu throno,
E assusta altivo as espraiadas sombras,
Disparando o langor té nos abysmos;
Busca na praia os densos sabugueiros,
Que sem cultura a Natureza espalha.

Lá o lyrio respira os seus aromas,
Lá circulam balsamicas essencias
Do verbasco cheiroso, da viola,
Que a folhagem rasteira interceptando,
Co' as mais filhas da sombra espreita o dia.

Reclina-te debaixo desse freixo,
Que alcantilado está naquelle outeiro:
Ou sobre aquelles ingremes penhascos,

Onde tem o falcão o ignoto ninho.
D'alli ao clamoroso pombo atira,
Ou piedoso co' as Musas te recrêa:
Um bom classico alegre a phantasia;
Por entre as ruraes scenas te encaminhe,
Quaes o Pastor de Mantua inimitavel
Debuxou nas harmonicas cantigas.

Sólta a imaginação, que atravessando
O paiz todo, o lapis teu convide:
Fixa na tella as vistas variadas;
Ou deixa-te absorver meditativo,
Ao som dos roucos bosques e das aguas,
Nos sonhos vãos que as solidões habitam.
Amaveis solidões! em vós se guardam
Das cousas mil imagens vagabundas,
Que o homem no tumulto nunca avista:
Das cousas naturaes, puras, sublimes,
Que animam n'alma em paz paixões suaves.

Do prospecto animado, que alli surge,
Exprime, ó Musa, os bellos attractivos.
Mas que digo! que louca tentativa!...
Quem, como a Natureza, pintar póde?...
Por entre a Creação profusa, alegre,
Quaes podem competir c'os seus matizes?...
Quem perito esfumá-los soube acaso,
Como a roseira esfuma o botão lindo?...

Já diviso de aspecto carrancudo
O severo Purista, que me embarga
As imagens da alada phantasia;
E com ferreas sentenças me subjuga
A phrases velhas, pensamentos virgens.

Se a imaginação curta cede e cança,
Que fará a palavra pouco vasta,
Que o cultor (ai de nós!) na Patria esquece?
Onde hei de achar os termos coloridos,
Cujo podêr co' a vida se assemelha,
Cuja essencia perfuma o verso afoito,
Como o vento aromatico que sopra,
Que inexhaurivel gira na campina?

Bem que sem fructo, a empreza me deleita.
Vindo vós, ó Donzellas, ó Mancebos,
Em cujos corações delicias puras
De innocencia e candura só moraram:
Vem tu, querido adorno de meus versos,
Deixa as cohortes do fogoso Marte:
O estrepito das bellicas trombetas
Ceda a favor da lyra sonorosa.
A razão meditando a frente te orna;
Em teus olhos scintilla um doce fogo,
Que um austero systema em vão disfarça,
E um brando coração vivo annuncia.
Segue-me; e em quanto Maio engrinaldado
Foge risonho, vamos docemente,
A manhã orvalhada aproveitando,
Vamos colher as flores matutinas,
E antes que ellas se murchem nos c'roemos.
Ai de mim! inda ha pouco os Ceos irados
No doce e tenro Silvio nos mostraram
Que as mais bellas mais cedo se desfolham!

Repara como espalha os seus thesouros
O fertil valle no intrincado seio:
Vê como o lyrio bebe no regato,

Qu' escorre apenas pela relva espessa,
Ou como humidas praias entapiza.
Movamos o passeio desta parte,
Onde no extenso campo o vento affaga
O florido faval. Não, não ostenta
A Arabia maior gala, mais belleza.
Os prados dignos são dos nossos passos:
N'uma fresca verdura, em flores varias,
Esparzidas sem ordem, sem cultura,
A Natureza brava excede a arte:
Alli completam férvidas abelhas,
Sem descançar, melifica tarefa:
Aqui das flores chupam alma essencia:
Alli em vôo rapido se elevam,
E do bravo tomilho vão buscando
O doirado e balsamico despojo.

Do completo jardim as perspectivas,
As alléas vistosas, nos desviam
Do verde labyrintho os olhos ledos.

Oh Schombrun! Oh lembrança deleitosa!
Alli, junto da fonte que eterniza
O augusto laço da immortal Tircéa,
Quantas vezes, a Patria memorando,
Esqueci que a ventura é só presente!
Invoquei o futuro, sem cautela,
E desprezei a Nayade mimosa,
Que nas grutas affavel me acolhia!...
Tu vivias então, Marcia suave;
E as Horas apressadas já traziam
Envolta em sustos a tremenda Parca,
Que o coração afflicto presentia.

Quem sabe, quando parte, quanto deixa?
Quanto vem reclamar á surda Morte?
Em vão! Em vão! Oh Marcia incomparavel!

Apenas fere um raio luminoso
Das latadas dos berços de folhagem
A longa escuridão, a sombra amena:
D'alli se avista o rio, o bosque, o monte,
Que toca os Ceos com seu ethereo cume.
Eis o distante mar, eis a planicie;
Eis os Deoses semicapros de marmore,
Que o perito esculptor finge correndo
Após a Nympha esquiva que lhes foge,
E d'uma altiva rocha se despenha.
Alli no alto repuxo emboca a Fama
As cem trombetas: cem torrentes descem
Sobre um lago espaçoso e cristallino.
Em outra fonte mora a Lycia gente,
D'estranha forma, em rocha figurada.
Mil Deoses, mil Heroes reproduzidos
Ornam com fausto esses Jardins suberbos.

Mas tu, campina inculta, tu planicie,
Teus limites purpureos me arrebatam!...
Essas flores bravias, misturadas,
Brilhando ao longe c'o miudo orvalho,
Envilecem a arte, engrandecendo
A generosa mão da Primavera.

Das varias graças nasce a tropa linda,
O jacintho, o açafrão, a margarita,
A modesta viola, o polyantho,
D'innumeraveis cores matizado.

Os Zephyros activos vão descendo,
C'o as prismaticas azas carregadas
De anemones, de auriculas, que adorna
O veludo das folhas, e a poeira,
Sobre ellas lindamente abrilhantada:
Derramam os junquilhos a fragrancia,
E os narcisos parecem reclinados
Ainda sobre a fonte fabulosa.

Salve, Origem do bem, Fonte da vida!
Presença Essencial no Ceo, na Terra!
Salve, ó Deos productor, alma de tudo!
Tu, que tudo perfeito coordenas!
Por ti as varias tribus vegetaveis,
Nas folhas envolvidas, na textura
Os orvalhos embebem, e respiram
O ether, que tão puro as vivifica.
Por ti as varias plantas se sustentam,
Nos terrenos congéneres dispostas:
Por ti dos succos varios se alimentam:
E o sol da Primavera ao teu aceno
Acorda logo a seiva entorpecida,
Que os ventos do Inverno reprimiam
Nas raizes, que a terra profundavam:
Agora sôlta e viva vai correndo,
E espalhando no mundo reanimado
De cada sêr as coloridas scenas.

Bem assim como o mundo vegetando
Se eleva e sobe o thema dos meus versos.
Sobe, ó Musa anhelante! aos ares sobe;
Escuta os bosques, que alto te convidam
Aos canticos alegres. Emprestai-me,

Ó doces Rouxinoes, vossos gorgeios:
Derramai nos meus timidos accentos
Da melodia o espirito corrente:
Em quanto, em sons truncados, temperando
A symphonia vai da Primavera
Esse cantor de Maio; desprezado,
Porque os homens não sabem, distrahidos,
O assumpto que elle canta, ignoto á Fama,
A paixão das florestas, tão suave!

Quando o raio primeiro Amor dispara,
Que inflamma o ar vital, e se apodera
Dos corações tocados da harmonia;
Os aligeros bandos, distrahidos,
Suas azas pintadas deplumando,
Ensaiam n'um preludio namorado
As esquecidas notas mansamente.
São suspiros ligados seus gorgeios,
Fracos, interrompidos, mas suaves.

Por entre a nebulosa madrugada,
Ainda quando as sombras vão fugindo,
Da manhã se levanta a mensageira:
A cotovia, do alto a voz soltando,
Fere os ares chilrando, e alegre chama
As entoadas aves, que resonam
Nos arbustos, nos ramos orvalhados,
Onde estão as torrentes d'harmonia.
A milheira então fere as doces notas;
As mais extensas corre o pintasilgo:
Em quanto Philomela pensativa
Em singular systema determina
Fazer a noite superior ao dia.

D'entre a sarça assobia agudo merlo;
E mil outros cantores modulando
Nas frescas sombras vão os seus amores:
Ouvem-se ao longe os passaros grosseiros,
Que, bem que melancolicos murmuram,
Tambem completam, com seus tons mais graves,
De um modo grato, este geral concerto.

Em quanto as aves brandas no seu canto
Dictam as leis da amavel sympathia,
Da ternura materna o encanto ensinam,
E mil outras lições doces derramam;
As feras, violentando a crueldade,
O seu horrido amor bramindo exprimem:
E nas cavernas lá do mar profundo
Entre as aguas se accende a doce chamma
Que os monstros une, e os monstros multiplica.

Porêm já deste assumpto me desvia
Outro mais bello; e me conduz ao monte,
Onde o pastor, sentado sobre a relva,
Ao pôr do sol, respira paz e vida:
Em torno d'elle pasta o manso gado,
Ou sobre o trevo, alegre se revolve.

Dizei vós, ó Filosophos sublimes,
Que força é esta, poderosa, activa,
Que se sente sem ver-se, nem ouvir-se?
Cujas phrases energicas instruem
Feras, aves, e tudo quanto existe?
Quem diffunde no peito as doces artes
De Amor, que os Ceos tardios anticipa?...
Só tu, Deos creador, que tudo ligas!

Inimitavel tu, que tudo animas!
Tudo confortas, reges, e sustentas!
Que sem cessar operas, e pareces
Na torrente de acções estar quieto!
Tão perfeito formaste este desenho,
E o complexo das cousas estupendas!...
Mas, bem que occulto á vista inda a mais pura,
Tuas obras o Author nos annunciam;
E na bella estação, mais do que em tudo,
Appareces sorrindo, ó Deos benigno!
O mar, a terra, as aves, tudo attesta
Essa bondade activa que os abrange;
Que na materia bruta mesmo brilha,
Dissolvendo as medullas inattentas
Annualmente no abysmo d'alegria.

Deixai-me ir levantando o tom da lyra,
E da Estação cantar as influencias
Sobre o homem, primor da Natureza:
Ceos e terra o convidam á porfia
A serenar sua alma, a sublimar-se.
Ferozes as paixões vexar puderam
O seu animo, quando só respiram
Os ventos paz, e as brenhas melodia?...

Ide longe d'aqui, sordidos filhos
Do lodo vil, abjecto, ide esconder-vos
Do aspecto da serena Primavera:
Encobri a indiff'rença vergonhosa
Pelos males e bens que são alheios:
Encobri o egoismo descarado,
Que sem pejo a si mesmo se idolátra.

Mas vinde vós, ó gentes generosas,
Em cuja vasta idéa creadora
Arde a bondade activa, e resplandece
Um benefico raio infatigavel.
Mostrai na vossa frente esclarecida
O modesto desejo, convidando
O coração honesto á sympathia.
Vós, que não esperais que vos invoquem,
Descançando a bondade no futuro:
Vós, que explorais, sollicitos, retiros
Onde o Inverno offendeo, e a fome afflige:
Como o Ceo trabalhando no silencio,
Surpr'endeis com soccorro inesperado
Os corações desertos e affligidos.
O vagabundo espirito do vento
Para vós manifesta a Primavera:
As nuvens prenhes descem sobre o mundo,
E para vos honrar o fertilisam.
Para vosso recreio se levanta
O languido doente, revivendo
Nos dias novos da estação das flores:
Corre a vida mais fresca, mais viçosa;
E da saude os olhos vigorosos
A Creação extaticos observam.

Onde te encontrarei, contentamento,
Que os Reis pagar não podem? Tu pareces
Tambem filho de Maio e da Virtude:
Tu pertences ao homem delicado
Que não profana o animo singelo;
Que só vive ao nivel da Natureza,
E della os seus recreios sollicita:
As reflexões convida, a mente exalta,

Inflamma o peito com paixões sublimes:
Té que em fim, transportado e fervoroso,
Extatico apercebe a Divindade;
E no mundo, feliz, os gostos prova
Que a angelicas essencias só competem.

Estes são os sagrados sentimentos
De tua alma elevada, ó Pae amado!
Teus pensamentos e paixões ditosas
Assim suavemente modificas,
Quando lá nessa Tempe solitaria,
No tranquillo Almeirim as Musas honras;
Ou nas rochas d'Almada os Ceos estudas.
Lá, combatendo a turba d'incertezas,
Ignorado, a teus pés vês os systemas
Que a Newton e a Descartes fama deram:
Para o calculo inventas caracteres
Que os antigos limites despedaçam:
Os astros avisinhas, e derrubas
Tantos erros, té 'gora triumphantes.
Lá, ao longo do valle, sombreado
Dos bosques carrancudos, dos rochedos,
Correndo e murmurando as aguas brincam:
E tu, silencioso, a vista alongas,
Ou á sombra dos alamos solemnes
A voz escutas do rural socego.
Abstrahido, encantado, d'alli voltas
Ao mundo philosophico, que gera
Continuas e brilhantes maravilhas:
Guiado pela historica verdade,
Cogitando nos dias mais antigos,
Basta-te a luz dos novos, e os teus campos.
Um zelo honesto a bem da Patria nutres,

Que honrada independencia purifica.
Não pedes, não censuras, mas desejas
Que no golfo venal nunca naufrague
A honra, essencial aos Portuguezes.

Esse objecto que as Graças prepararam
Para victima e gloria das virtudes,
Reparte o tempo teu, e os teus cuidados:
E um gesto seu sereno desvanece
O tumulto de um mundo corrompido,
Que as paixões calcinaram: tu não ouves
Das borrascas politicas os echos,
Senão mui fracamente reflectidos.
São a paz e a doçura ingredientes
Que a destra mão da Natureza affavel
Usou para compôr-lhe os sentimentos.
Seus copiosos thesouros se derrama
Na conversação vária, doira tudo,
Tudo suavisa: corre nas palavras
Um não sei quê de anonymo, que encanta.
Inexplicavel bem, felicidade
Que o amor verdadeiro só concede
A ti, e a poucos mais dos seus validos!

Ternura filial, tu, e a Justiça,
Que estes versos temperam, dai licença
Para pôr neste grupo um novo objecto
Que o coração indica palpitando,
E pertence á estação da Primavera.

Umas rosas mais frescas, mais viçosas
Sobre as faces lhe apontam, impellidas
Pela essencia do anno creadora:

Pouco a pouco se anima o colorido;
Coram profundamente os doces labios;
A ternura nos olhos seus scintilla;
Respira a adolescencia, e a candura...
Basta, Musa, que mil razões prohibem
Interpretar mysterios que a esperança
Inda põe no futuro, e mui distante.
O fogo que nas veias lhe palpita,
Animando a razão, fará prodigios,
Se o materno desejo for ouvido.

Esperai, formosuras fastuosas,
Não vos esqueço, não, nestas cantigas.
Quando um brando tumulto vos assalta,
É toda amor uma alma irresistente;
Um amante adivinha. Ai de vós, bellas!
Cautela, corações! que facilmente
No mais lizo terreno se escorrega.
Não vos fieis da supplica modesta,
Da submissão, do timido respeito:
A astucia pinta bem, tudo copêa:
Quantos damnos derivam de um descuido!

Thompson, cujo pincel arrebatado
Com britannica força e liberdade
Expoz ao Thames o que a lyra agora,
Na Lusitania, melindrosa evita,
Cante de amor as doces agonias,
Essa acerba miseria que recrêa:
Em quanto austera prova determina
Que eu não cale os tormentos de uma ausencia.

De phantasticos males rodeada,
De cogitações tristes se alimenta,
Na inquietação penosa revolvendo
Mal fundadas e vastas conjecturas.
Cada lembrança é uma impaciencia,
Que no rosto animado a vida gela:
Murcha a flor da existencia, e desconsola
Da fortuna os favores desprezados.
A phantasia em pranto o sol apaga,
Fecha o seio florido á Primavera:
Nada vê, nada sente, nada observa.
Cáem da bocca os p'riodos truncados,
Em quanto ao longe o espirito navega.
A vista preguiçosa os livros fita,
Das palavras que lê foge o sentido,
N'um ponto só com ferrea dor pregado.
A Amizade se cala, ás vezes cança;
E no centro da grande sociedade
É solitario o ausente, e distrahido.

Ai de nós! se o ciume uma vez morde,
E se no peito infunde o seu veneno!
As delicias então desapparecem:
Angustia pura n'alma atormentada
Corrode irada cada pensamento.
Adeos, leitos de rosas encantados!
Brilhai, ultimos raios do socego!
Despede-te, ó deleite fugitivo!
N'uma noite de livida tristeza
A macilenta praga a mente envolve;
E d'internas visões mil grupos surgem,
Com mortiferas cores debuxados.
Os olhos lançam fogo melancolico;

E dos lyrios e flores mais viçosas
Desconfianças murcham a frescura.
Um nebuloso aspecto Amor assusta,
Mostrando-lhe toda a alma envenenada:
Frenetica... sem tino... a cada passo
As horridas rivaes de posse julga.
Basta; que este veneno até pintado
Afflige um coração franco e ditoso.

Mas quão felizes esses! quão felizes!
Qu' estreitamente unidos n'um só fado,
Fortunas, corações, e o sêr confundem;
Sem que de ferreas leis barbaro laço,
Estranho ao coração, a fé lhes force!
Temperando c'o amor as paixões nobres,
São elles quem a lei suave invocam.
A Amizade exercita os seus podêres:
A harmonia concorda os interesses;
E a estimação perfeita vivifica
Quanto inspiram sympathicos desejos.
A confiança pura e sem limite
C'o pensamento encontra o pensamento,
C'o desejo previne outro desejo.
Só com amor o doce amor se paga,
E confirma a ventura duvidosa.

O barbaro que a si só se contempla,
E de sordidos paes a virgem compra,
Em perpetuos cuidados merecidos
Passe os dias crueis, e as tristes noites.
O fraudulento amor de nações impias
Feroz é, como o sol que as allumia.
Os orientaes Tyrannos, que sequestram

Da luz do Ceo a esposa envilecida,
Possuem n'uma escrava amor sem vida:
Em quanto aquelles que com fé sagrada,
Desprezando o temor, livres amando,
Em transportes unisonos augmentam
A somma da ventura ao homem dada.
Que lh' importa que o mundo errado ostente
Com pompa os seus prazeres e loucuras,
Se tudo quanto é bom afoito abraça?
O qne é mais que a belleza, mais possue,
Do animo o thesouro illimitado;
A verdade, a bondade, honra, harmonia,
Ingenho, amor... Que mais, prodigos Ceos,
Indulgentes aos homens dar podieis?
Entretanto sorrindo, leve dança,
Saltando em torno, a geração ditosa,
Que dos contentes paes a vida encanta.
Alli o pae transmitte uma virtude;
Aqui modesta graça a mãe recorda.
A infantina razão aponta, e chama
A attenta educação, que ha de guiá-la:
Tarefa encantadora! ah! quanto alegra
Desenvolver idéas que amanhecem,
E na infancia purissima scintillam!
Ensinar o caminho á probidade!
Derramar a instrucção no animo tenro!
E firmar, animando o incerto passo,
Os futuros acertos, e a ventura!

Expressão de alegria! Quantas vezes
Com repentinas lagrimas surpr'endes
Quem em torno de si vê bençãos puras
Nos virtuosos filhos espalhadas!

No peito a Natureza trabalhando
Se quebranta c'o peso das delicias:
Nada lhe falta então, nada deseja.
N'um retiro suave tudo abasta;
Agreste paz, amigos, alguns livros,
O commodo, da industria derivado,
Util vida, trabalhos alternados,
Progressiva virtude, e o Ceo que approva.

As incançaveis Estações, volvendo
Mais de uma vez o mundo turbulento,
Sempre os acham felizes e uniformes.
Polida a Primavera se destouca,
E a grinalda de flores lhes consagra;
Té que a noite serena emfim se apressa,
Para fechar da vida o vernal dia.

Mais ternos, porque mais doces lembranças
E mais provas de amor tem recolhido,
N'um somno social ambos acabam;
E os espiritos livres ambos fogem
Ás regiões aonde Amor triumpha,
Nos immortaes dominios da Ventura.

OBERON,

POEMA,

TRADUZIDO DO ALLEMÃO

DE

WIELAND.

OBERON,

POEMA,

TRADUZIDO DO ALLEMÃO DE WIELAND.

CANTO I.

Mais uma vez, ó Musas engraçadas,
No alado Hippogrípho a sella ponde:
Eu monto, eu corro, eu vou da antiguidade
Visitar os romanticos paizes.

Quão docemente brinca n'alma livre
Sem cadêas a meiga phantasia!
Que magico diadema me serpêa
Em torno á testa, de visões tumente!...
Quem de meus olhos turbidos alimpa
A nevoa espessa com que se occultavam
Os prodigios que o prisco tempo enchiam?...
Já vencedora vejo, ou já vencida
A catana do nobre Cavalleiro,
Ou já dos infieis lúcido alfange.
Em vão bramindo range os duros dentes
Colerico Sultão: em vão se enristam
No denso matto as lanças atrevidas.
A eburnea trompa sôa: as Damas surgem,
E qual redemoinho as danças travam
Em circulos, em cruz, até que perdem

Fôlgo, sentido, forças, e s'esfalfam.
Triumpho, Cavalleiro! — Ei-la quieta!...
Está vencida a Dama. Mas que esperas?...
Foge d'aqui, que o brando vento sopra,
Para Roma depressa: o Santo-Padre
Será quem sanctifique essa alliança...

De vagar! que o vedado e doce pommo
Não deves cobiçar antes de tempo.
Brando vento a fugida favorece:
Dois dias mais sómente... espera!... espera!...
Da Hesperia as aureas praias te convidam...
— Essa é boa! Conquista! (Amor lhe brada) —
Ah! Scherasmin fiel, salva-os se pódes!...
Nada mais ouve uma alma embriagada;
Não percebe trovões, raios não teme!...
Ah! quanto ha de custar-lhe um só momento!
E quanto o cego Amor nos entolece!

Em que mar de amargura os precipita!...
Quem póde ao trasgo Deos calmar as furias?...
Ei-los ahi vão c'os braços enlaçados,
Felizes no deleite, e sem remedio
Perecer entre as ondas empoladas!...
Nada esperes de Amor, quando irritado
Oberon! — Nenhum gosto mais lhes toca;
Nem o allivio dos tristes — morrer cedo!
Poupados para mais acerbas penas,
Ao desamparo, tristes, sem conforto,
N'uma praia deserta os vejo errantes,
Sem mais abrigo que uma gruta informe,
Onde alguns juncos pútridos e seccos
A calejada mão tremendo espalha:

Não teem mais alimento que alguns bagos
Que o sol tisnou, e o vento precipita
Dos estereis arbustos da azinhaga.
N'esta pungente dor nem veem ao longe
O fumo de pacifica choupana,
Nem bote protector que ao porto os leve!...

E comtudo não morre', extincta a raiva
Do vingador: não chegam seus pezares
Ao Zenith da miseria e da amargura!...
Inda alimentam a culpavel chamma!...
Soffrem muito, mas inda soffrem juntos.
Separar-se, bem como se separam
Duas naos companheiras no mar alto;
Ver apagar co' a furia das borrascas
Uma luzinha fraca d'esperança,
Que no seio recondito guardavam,
Isto só falta. — Ó tu, Genio, que foste
Propicio um dia, dize se merecem
Erros de amor vingança sem limites?...
Nos angelicos olhos já scintilla
O cristallino pranto... Ah desditosos!
Que podeis esperar, se Oberon chora?...

Porêm, ó Musa afoita, onde te levam
Da phantasia as azas aquilinas?
Os teus ouvintes pasmam; ninguem sabe
O que dizes: attonitos perguntam
Que mysterios envolve esse teu conto.
Socega, escuta, em vez de estar clamando
Eu vejo, eu vejo, o que ninguem percebe.
Sobre este canapé, aqui sentada,
Explica como foi esse successo;

E verás a caterva dos ouvintes,
De bocca aberta e olhos espantados,
Um reciproco ajuste confirmando
De deixar-se lograr, se isso é teu gosto...

A Musa cede, e diz (escutem todos)
Como foi o successo, e o seu principio.

O Paladim, com cujas aventuras
Pertendo divertir-vos (se é que tendes
Com meus versos algum divertimento)
Ligou-se por um voto (ha certo tempo)
De ir té Babylonia peregrino.
O que havia cumprir n'aquelles sitios
Quebraria o espinhaço a qualquer outro,
Mesmo no tempo do famoso Carlos.
No nosso havia ser d'igual perigo:
Mas por maior que fosse a fama n'este,
Nenhum rapaz da moda o commettera.

« Filho, (diz-lhe seu tio o Padre-Santo,
A cujos pés com pranto penitente
Se prostrou, confessando seus peccados;
E de lagrimas tristes co' a torrente,
Qual piedoso christão, contricto os lava)
Filho, (lhe diz, a mão sagrada erguendo)
Vai-te em paz, que eu te absolvo, em paz me deixa,
E feliz ha de ser quanto empr'enderes.
Mas toma bem sentido, não te esqueça:
Em chegando a Jopé, visita logo
O Sepulchro sagrado sem demora. »

A chinella lhe beija humildemente,
Submisso o Cavalleiro; faz seu voto,

E intrepido se vai correr o mundo.
Era a empreza difficil, essa empreza
Á qual o Imperador o condemnara:
Mas co' a graça de Deos, e S. Christovão,
Esperava brilhar na voz da Fama.
Chega em fim a Jopé; e sem demora
Tomou logo o bordão de peregrino:
Partio a visitar a Terra-santa,
E em si sentio valor e fé dobrada.

Pica o cavallo, e parte á redea solta
Para Bagdad, querendo chegar cêdo.
Mas que montes calados não encontra!
Que desertos medeam, mattas densas!
Do bello Languedoc a doce lingua
Nas terras infieis ninguem fallava:
« Para Bagdad será este o caminho? »
O triste em vão pergunta a cada porta:
Ninguem lhe entende a falla, nem responde.

Uma vez encontrou uma vereda
Que ao bosque ia direita, e a foi tomando.
Porêm logo o acommette a tempestade:
A chuva, o vento, o lúcido relampago
Em torno d'elle bradam todo o dia;
E só co' a espada póde abrir um rego
Por onde saia d'entre arbustos bravos.
Trepa ao monte, por ver mais livremente,
E a floresta espaçosa toda abrange:
Porêm quanto mais vê mais longe deita.

As mais naturaes coisas, as mais simples
Então se lhe figuram ser feitiço.

Se em tão barbara terra apenas póde
Saber parte de si durante o dia,
Que será se o surpr'ende a noite espessa?...
Já começa a ganhá-lo o desalento.
Por entre as frestas de copados ramos
Nem luz d'uma estrellinha o tenue raio:
Pela rédea o cavallo vai puxando;
E a cada passo nas sombrias brenhas,
Nos troncos, que não vê, co' a testa bate.

O espesso veo, da cor dos negros corvos,
Que envolve os Ceos; a incognita floresta,
E o novo som que o seu ouvido atroa,
Que das profundas boccas das cavernas
Os tonantes leões bramindo enviam;
Medonha a noite, a noite lh'os repete,
Com mais horror nos montes reflectidos.
A quem nunca tremeo na sua vida
Isto fará tremer, queira ou não queira.

O Heroe, que jámais entre os humanos
Vio alguem vacillar, contra o costume
Sentio por fim nos braços e nas pernas
As fibras pouco a pouco ir afrouxando;
E já, com magoa sua, pelas costas
Lhe marchava o gelado calafrio.
Porêm esse valor que o leva e guia
A Babylonia, nunca se enfraquece:
E c'o cavallo á rédea, a espada nua,
Um rego segue em torno dos penedos.

Pouco tinha avançado, quando julga
Avistar o clarão de um fogo ao longe.

Esta vista lhe attrahe o sangue ás faces;
E entre duvidas mil, entre desejos,
Crê talvez que algum sêr da especie humana
Nesta serra deserta achar pudesse.
Desta luz, que ora morre, ora se accende,
Com trabalho o reflexo vai buscando
Pela vereda, que ora sobe ou desce.
Eis que do mais profundo de um rochedo
Uma bocca se abre cavernosa,
E da negra guela um fogo ardente
Espirra em crepitantes labaredas.
Surgem da noite as lages radiantes,
De barbaros arbustos adornadas,
Que o ar move, e pendentes se menêam,
Reflectindo uma luz esverdinhada.
Suspenso entre o prazer e o alvoroço,
O Cavalleiro pára, a ver o encanto.

Um — alto lá! — do ventre da caverna
Sahe qual trovão, nos ares retinindo;
E um homem vê de rustica figura
Em pé junto de si, d'aspecto serio.
De gato bravo a hirsuta pelle o veste,
E um mal cozido manto, que dos hombros
Vem bater-lhe nas côxas reforçadas:
Desce-lhe a barba negra e desgrenhada
Em grossas ondas té o magro ventre;
E qual herculea massa traz ás costas
Um cajado de cedro, tão robusto
Que de um golpe matar podia um touro.

Sem temer o cajado, a barba, o homem,
Lhe começa a fallar o cavalleiro

Em Languedociano, unica lingua
Em que póde explicar sua miseria.
« Que escuto! (exclama o rustico encantado)
Musica doce da Garonnia praia,
Já tres lustros correo o sol e um anno
O circulo estrellado, e tanto tempo
De ti privados meus ouvidos foram!...
Deos vos guarde, senhor! sejais bem vindo
A visitar do Libano as florestas;
Pois ninguem ha de crer que a meu respeito
O caminho tomasseis que só leva
Ao ninho dos dragões, dos leopardos.
Vinde aqui descançar, e um jantar pobre
Acceitai, que o tempera a boa vontade:
O meu vinho, que nasce d'estas rochas,
Anima o sangue, e esperta os olhos tristes. »

O nosso Heroe, que ouvindo assim saudar-se
O mais doce prazer no peito lhe arde,
Segue sem dilação á gruta o homem,
E depõe confiado elmo e couraça.
Parece um Deos o moço desarmado!
Desfivellando o elmo luminoso,
Seus compridos cabellos e doirados
Pelas costas esbeltas lhe cahiram,
E c'os grossos anneis brincava o vento.

Maravilhado o rustico, se sente
Como tocado do bordão d'Alquife:
« Que semelhança! (diz) que semelhança!...
É feição por feição, gesto por gesto,
Olhos, frente, cabello, riso, e bocca. »
— Mas com quem? (lhe pergunta o Cavalleiro) —

« Ah! perdoai, mancebo: (lhe responde)
Isto foi sonho de melhores tempos;
Mais doce ou mais amargo ser não póde.
Pareceo-me, quando vi nos vossos hombros
Solto o vosso cabello, que elle via:
Por Deos, todo esse aspecto era seu d'elle,
Elle mais reforçado, vós mais loiro.
Talvez que em vão não é virdes tão longe
Fallar a minha lingua, e ante meus olhos
Apresentar imagem tão querida
D'aquelle por quem choro n'estes montes,
Longe da minha Patria, ha tantos annos!
Que eu lhe supervivesse quiz o Fado:
Esta mão lhe fechou tremula os olhos;
Estes olhos com lagrimas sinceras
Seu prematuro tumulo regaram.
Mas que assombro! outra vez em vós o vejo! »
« Mil vezes d'esta sorte o acaso joga »
(Lhe replica o mancebo.) — « Ora está feito:
Isso pondo de parte, vos seguro,
Gentil mancebo, que o que n'alma sinto
É verdadeiro amor que a vós me prende:
Uma illusão não é; premio merece;
E Scherasmin não quer outro algum premio
Que acertar com teu nome, e nomear-te. »

— « O meu nome é Hugon, herdeiro e filho
Do bravo Seguewin, Duque algum dia
Do paiz celebrado da Guianna. »
— « Ah! que o meu coração não mente nunca!
(Exclama o velho, e cae-lhe aos pés prostrado)
Oh! mil vezes bemvindo a este deserto,
Nesta inhospita parte do Universo!

Ó filho de um senhor digno de fama,
O mais honrado e pio, o mais valente,
A quem acompanhei nas aventuras,
Nos torneios, nas justas, e combates!
Vós inda então, suspenso ás andadeiras,
Incertos passos pelo chão firmaveis,
Quando partimos para a Terra-Santa:
Quem julgaria então vir a encontrar-vos,
Dezoito annos depois, n'este degredo,
Nas gargantas do Libano desertas?...
Ninguem tema na mais espessa noite
Que se apague da esp'rança a ultima estrella.
Mas Senhor, perdoai, que me converte
Em fallador este prazer tão vivo:
Deixai-me perguntar comtudo agora
Que tempestade vos lançou tão longe?»

Sentou-se o Heroe ao fogo, ao pé do velho,
Sobre um banco de musgo alcatifado.
Depois de reforçar os lassos membros
C'o liquor fresco de um regato puro,
E c'um favo de mel tomar alentos,
Começou a contar a sua historia
Ao seu hospitaleiro, a quem não farta
O prazer de mirá-lo, e observar nelle
Quanto semelha ao seu senhor antigo.

Conta o mancebo, e conta expressamente
Com mais largueza para recreá-lo,
Como sua mãe na Corte (lugar proprio
Para educar os Principes e os Nobres)
Diligente lhe fez estudar sempre
As artes e as virtudes cavalheiras:

Quão veloz lhe fugio da infancia o sonho:
E como apenas lhe apontou na barba
O buço juvenil, logo o trouxeram,
Com grande pompa, de Bordeos aos Paços,
E por seu Duque assim o proclamaram.
Como em luxo e delicias engolfado,
Em caçadas, torneios e banquetes,
Em dissolutos jogos e prazeres,
Dois annos consumio como um só dia:
Té que Amorin malvado, que guardava
Contra a sua familia antiga raiva,
Á traição o denigre de repente
Perante o Imperador, cujos favores
Já seu pae muito d'antes rejeitava.
Carlos porêm, para ostentar em tudo
Grandeza e magestade, á sua Corte
O citou para vir tomar os feudos.
Contou-lhe como o dito seu contrario,
O Barão d'Hohemblat, industrioso,
C'o mancebo Charlot, o mais perverso
Que se encontrara em toda a Christandade,
(Bem que filho segundo era de Carlos)
Do nosso Hugon em vista as terras tendo,
Em segredo ajustaram converter-lhe
Esta visita á Corte em precipicio.
Conta mais como em uma madrugada
De Montlhery no bosque o surpr'enderam.

«O mancebo Gerardo, meu irmão,
(O Duque assim contava) esta jornada
Comnosco fez, e sobre a mão levava
Alegre o seu falcão, destrado á caça.
Apartou-se o rapaz da companhia,

Pelos campos brincando descuidado;
E ninguem suspeitou coisa mais grave
Que o fugir-lhe o falcão, ir atraz delle.
Entretanto mudámos de caminho,
E nenhum lhe importou por algum tempo
Que Gerardo e o falcão des'parecessem.
Mas de repente uns gritos lamentosos
Nossos tristes ouvidos atordoam:
Todos a ver corremos; mas que vemos?
Gerardo envolto em pó, lavado em sangue,
E do cavallo em fim precipitado.
Achamos ao pé d'elle um moço altivo
Que audaz se preparava a despojá-lo;
E o falcão sobre as mãos empoleirado
De um anão, que de perto os contemplava.
Ninguem tal conheceo na nossa tropa,
Bem que fosse de Carlos o impio filho.
Exclamo então, de colera accendido:
Que te fez este moço desarmado,
Brutal, para que assim tanto o ultrajasses?...
Para traz; e nem mais dedo lhe ponhas,
Se não tens comichão de ver té onde
Nas tuas tripas eutra a minha espada.
«És tu pois? (me diz elle, a mim volvendo)
És tu, por quem suspira sequiosa
Uma ardente vingança no meu peito,
E busca no teu sangue refrescar-se?...
Não me conheces? Sabe que sou filho
Do Duque Diderico das Ardennas;
E teu pae Seguewin (que arda no inferno)
N'umas justas a gloria merecida
Com ardís lhe usurpou, e só na fuga
É que poude evitar a recompensa.

Aqui me has de pagar tudo por elle,
Que eu vingança jurei: cuida em salvar-te.»
Assim dizendo, corre, e me acommette
Com a lança enristada: eu, bem que pouco
A tal dança me achasse prevenido,
Evitá-la comtudo não quizera.
Felizmente parei co' braço esquerdo
O seu golpe, e co' a pressa o manto rasgo:
Mas na fonte direita de repente
C'os copos da catana ao brutal bato,
E pela contusão lhe foge o folgo.

«Cae no chão, para nunca mais erguer-se.
De cavalleiros numeroso bando
Vem de repente ao bosque ver o caso:
Para vingá-lo não, que os seus sequazes
Eram todos cobardes e malvados.
Mas ficaram suspensos e calados,
Em quanto nós atámos as feridas
De Gerardo infeliz; e até que tristes
De tão malignos olhos nos livrámos.
Então sobre um cavallo depuzeram
O cadaver immundo, e com presteza
Ao palacio de Carlos o levaram.

«Sem saber como o caso poderia
Perante o Imperador ser aggravado,
Insensivel segui o meu caminho.
Chegámos; e meu tio, um varão santo,
De São Denys o reverendo Abbade,
Pelo que ouvio lá foi tambem levado.
Tudo até 'qui levava bom caminho,
Qual a nossos desejos corresponde:

Mas no ponto em que á meza nos puzemos,
Chega Hohemblat funebre ao palacio,
C'o pallido Charlot exangue e morto.

« Envolvido n'um crepe negro o sobem
Pelos degraos do Paço doze pagens:
Ao vê-lo, todos ficam mudos, quedos.
Abrem-se as portas para a grande sala:
Doze spectros c'o feretro caminham,
E coberto de um panno ensanguentado
O vão depor no meio da assembléa.
O Imperador de susto empallidece;
Aos outros o cabello se arripia;
E qual raio em terrivel tempestade,
Isto me assombra a mim mais do que a todos.

« Então sae Amorin, e o véo sanguineo
Tira ao cadaver livido, exclamando:
Vede, senhor! (virando para Carlos)
Eis-aqui vosso filho! — Eis o malvado
Que ao Imperio e a vós rasga as entranhas;
O traidor que a paz rouba ás nossas almas.
Ai de mim! que cheguei, Senhor, tão tarde!
Mal cuidava encontrar por esses mattos
Morto Charlot ás mãos de um assassino!
Elle, que em campo aberto a vida dera
Ás mãos de Heroes, em cavalheira pugna!

« Bem que mil dissabores cada dia
Ao velho Imperador désse este filho,
Comtudo era seu filho, era seu sangue.
Ficou primeiro immovel muito tempo:
Depois, com dor, gritou: — Oh filho! oh filho!...

E sem saber de si, comsigo atira
Sôbre o cadaver frio e macilento.
Esta afflicção do pae ferio-me n'alma,
E n'esse instante por aquella vida
A mais pura porção do sangue eu dera.
Senhor! (exclamo então) não sou culpado;
Meu animo não foi matar teu filho,
Que ser, disse, do Duque das Ardennas:
E o que fez, (Deos o sabe!) apagaria
No coração d'um Santo a paciencia.
Atacou meu irmão, sem ter offensa:
A honra de meu pae com impias phrases
Pertendeo profanar nos meus ouvidos.
Mal cuidava eu então que mortalmente...
Mas quem resistiria a tanto insulto?
Quem, senhor, guardaria o sangue frio.
Em caso tal, quizera ver se existe...

«Ah perverso! gritou Carlos, que escuta,
E, ardendo, do cadaver se destaca.
Co' as furias de uma loba nos seus olhos,
Das mãos arranca á sentinella a espada:
Se os Principes forçosos que o seguram
Para traz com vigor não o impellissem,
De raiva me passara, parte a parte.
Todo o corpo dos nobres Cavalleiros
N'um ponto se commove, tudo freme:
Um clarão tempestuoso me rodêa
De espadas nuas, que ante mim fusilam;
E súbito s' eleva em cada peito
Uma sede de morte e de vingança.
Alaridos trovejam pela sala,
As abobadas tremem, no ar retinem

Das antigas janellas as vidraças,
E em cada bocca sôa — Traição! Morte! —
As phrases novas novo horror produzem:
Uns bramem, outros correm, levantando
As inquietas mãos, ameaçadoras;
E o Abbade, que traz para defeza
Só de São Bento o habito sagrado,
Levanta os braços, mostra o escapulario,
E com elle as espadas nos suspende.
— Ouvi, (exclama então) do Santo-Padre,
De quem sou filho, a voz, a voz piedosa:
De Deos (que sirvo) em nome a paz vos peço!
Com tal som proferio estas palavras,
Com tal ar, que um pagão mover pudera.
As ondas da revolta se acalmaram:
Subitamente os olhos se serenam:
Cada punhal, cada despida espada
Para traz se enfiou pela bainha.

« Então o Abbade expoz o caso todo,
Perante o Imperador, mui largamente:
Morava a persuasão sobre os seus beiços:
Mas isto para mim de que valia?...
O morto filho brada por vingança,
E o pae replica: — Observa: pronuncia,
Pronuncía por mim uma sentença
Ao matador que me privou de um filho!...
Sim, sombra sequiosa de vingança!
Teus labios se refresquem no seu sangue:
Que morra! e os corvos possam devorá-lo.

« Ferve-me o sangue, o coração m'estala.
Assassino não sou! (grito altamente)

O queixoso Amorin traidor declaro!
Eis-me aqui, ó Senhor; 'stou prompto e livre,
Ao risco de perder a minha vida,
A provar sobre o seu coração falso
Que é velhaco, é falsario, assim foi sempre;
Assim será, em quanto respirando
Os ares corromper seu bafo impuro.
Elle é causa fatal d'estes desastres,
Foi elle a origem d'estes males todos.
De Principes descendo; um Par do Imperio
Sou tambem, e reclamo os meus direitos,
Que nem o Imperador póde negar-mos.
Lá vai a minha luva: quem se atreve,
Que lhe pegue: e decida um Deos que é justo
Qual de nós aos infernos descer deve,
Chamado pelas vozes d'este sangue.
Do meu valor minha innocencia é fonte;
E esses brados, Senhor, com que trovejas,
Não perturbam minha alma immaculada.

«Minha condemnação offende a todos;
E os Principes do Imperio que m'escutam
Lesado cada qual n'ella se sente.
Bem semelhante ao mar, quando de longe
Aponta no horizonte uma borrasca,
Entre elles um murmúrio se levanta:
Ante Carlos expoem os meus direitos,
Instam, supplicam, mas em vão discorrem.
Elle, c'os olhos fixos e pregados
No corpo ensanguentado de seu filho,
Nenhuma força humana o mover póde;
Bem que Hohemblat, mesmo por vaidade,
Facil julgando a gloria de vencer-me,
Entre os mais supplicantes se alistasse.

« Deixai-me ir castigar esse atrevido,
Senhor! (exclama o impio) Eu nada arrisco;
O dever e o direito me protegem.
Ah! tu zombas, infame? (então lhe digo,
Inflammado de colera e vergonha)
Treme, malvado, treme; que nem sempre
Estão dormindo os raios da vingança.
— Assassino! (o insolente me responde)
Sobre a tua cabeça criminosa
Os ha de accumular a minha espada.
Carlos, que o meu ardor tinha azedado,
Ordena em fim aos guardas que me prendam.
Subleva a sala toda esta injustiça:
Nas mãos de novo luzem as espadas,
Por defender dos nobres Cavalleiros
Direitos que o Sob'rano em mim lesava.
— Prendei-o! (Carlos grita, inutilmente).
Dos cavalleiros circulo cerrado
Co' as despidas espadas me rodêam.
Em vão pragueja: apenas rompe, apenas
Por entre a multidão tumultuosa,
O anathema, o raio, os interdictos,
Que a mão sacerdotal alli fulmina.

« O destino do Imperio, por um fio
Pender parece, aos Nobres assustados.
Canutos Conselheiros abatidos
Aos pés de Carlos tristes lhe supplicam
Que os direitos dos Nobres não despreze:
E quanto mais supplicam menos vencem.
Mas o Duque de Nimes, que mil vezes
Quando perdia Carlos a cabeça
A sua propria ousado lhe emprestava,

Aos ouvidos lhe chega a bocca astuta,
E para nós se volta, assim dizendo:
— Carlos concede a prova supplicada. »

Conta o Duque depois como estas vozes
Pouco a pouco os applacam, como a casa
Os Cavalleiros placidos se volvem:
E Carlos, bem que o peito inda lhe ferva
Com tacito rancor e mansa raiva,
C'os olhos meio turbidos ordena
Para a prova solemne o dia oitavo.
Conta como magnificos se ostentam
Os dois partidos; e Amorin vaidoso,
Já certo do triumpho, se apresenta,
Blasona e ferve, bem que no seu peito
Surdo clamor palpite, e sobresalte
O intrepido valor de que presume.
Com seu braço de ferro, é certo, ás vezes
Mattas de lanças tinha destroçado;
Ante inimigo algum jámais tremera;
Em combates mortaes seu gosto punha:
Porêm n'esta contenda sanguinosa,
Bem como elle traidoras, o enganaram
Sua fiducia e forças gigantescas.

Assim prosegue o Duque: — « A madrugada
Do dia illustre em fim era chegada.
O povo na barreira se accumula:
Luzidio broquel me cobre o peito;
E saudado do amor da gente attenta,
Posso dizer que afoito me apresento.
Cercado dos seus Principes se mostra
N'um throno altivo o magestoso Carlos;

Mostrando concordar abertamente
Com Amorin na sêde do meu sangue.

« A sombra e sol na praça se reparte:
Os Cavalleiros nobre assento tomam;
E o meu competidor arder parece
De ouvir já da trombeta o bronzeo toque.
Toca em fim, nós corremos; com tal força
Um sobre outro lutando nos lançamos,
Que os cavallos tropeçam, foge a terra:
Hohemblat, e mais eu, c'o choque apenas
Podemos sobre a sella segurar-nos.
Dos estribos depressa nos livramos;
E lançando ás espadas mão ligeira,
Quaes relampagos surgem das bainhas.

« Não preciso pintar-te a nossa luta.
Em furia, em força, como experiencia,
O meu contrario muito me excedia:
Mas a minha innocencia é minha guarda,
E a meus desejos forças igualava.
Indecisa a victoria, tardou muito;
E por diversas fontes corre o sangue
Do aggressor na terra; quando illeso,
Eu alegre, eu afoito parecia.
O barbaro Amorin, que vê tingida
De seu sangue fumante e denegrido
A couraça, com furias novas arde.
Qual borrasca, que horrivel tudo arraza,
Tudo ante si destroe, se precipita
Sobre mim destemido: golpes crebros
Quaes relampagos brilham: com trabalho,
Do superior podêr que me persegue
Em cavalleiro nobre me defendo.

« Um braço, cujas forças se assemelham
Ás forças de Roldão, em consequencia
D'um combate tão longo, em fim fraqueja.
Sua potente espada Amorin toma,
E com ambas as mãos de um golpe ousado
Quer, certo da victoria, pôr um termo
Ao combate fatal; o golpe vibra:
Mas, por fortuna minha, o golpe frustro;
E sem dar tempo a que elle se restaure,
Pois ficou vacillante no equilibrio,
Onde o elmo se une co' a gravata
O firo audaz: retinem-lhe os ouvidos,
As enervadas mãos a força perdem,
Dos frouxos dedos lhe escorrega a espada:
Cahe o soberbo aos pés do seu contrario.
Co' a enfadonha catana então o aperto:
Descarrega, malvado, a consciencia,
(Exclamo) em quanto nos teus olhos brilha
O frouxo alento; dize o que é verdade.
— Scelerato! (bramindo Amorin torna)
E convocando quantas forças tinha
Para o ultimo golpe, me diz — « Toma,
Vem depressa seguir-me até o inferno. »
Da incerta mão o golpe mal vibrado
Vai parar, por um leve movimento
Que fiz, á terra; e frisa levemente
Meu braço esquerdo que no manto envolvo.
Em ira ardendo, n'este ponto esqueço
Que para demonstrar pura a verdade
Perante o Imperador, era precisa
Ao tyranno Hohemblat alguma vida,
E conservar-lhe della um ténue resto.
Immergi-lhe sem tino o largo ferro

Na vasta bocca; e, farto o meu despique,
O denegrido espirito vomita
Em torrentes de sangue esse malvado.

« Justificado assim, em pé me mostro
Á multidão, que attonita me admira,
No sangue do aggressor purificado.
Do Heralto a voz ao povo attento brada:
« Victoria a Hugon! » Alegres alaridos
Retinem d'entre o povo, tudo exulta:
Correm os cavalleiros a enchugar-me
O sangue que a couraça me manchava,
E aos pés do Imperador vão conduzir-me.

« Porêm Carlos, (prosegue o Cavalleiro,
Contando o caso ao homem dos rochedos)
Carlos inda o seu odio conservava.
Esta morte (diz elle) resuscita
O meu filho infeliz, que eu tanto amava?...
É de Hugon a innocencia conhecida?...
Proferio Hohemblat uma palavra,
Ao morrer, que o sabido retratasse?...
Para sempre do Imperio e meus Dominios
Seja Hugon, para sempre, degradado;
E para bem da C'roa, as suas terras,
Os seus bens sejam todos confiscados.

« Era forte a sentença; era terrivel
O juiz que a lançou; mas que remedio?...
Nenhum mais resta que prostrar-nos todos,
E rodear de supplicas seu throno.
Tudo ajoelha, Pares, Cavalleiros;
E os joelhos, magoados, já nos forçam

Ao desistir da empreza, a levantar-nos.
Quando Carlos em fim a voz levanta,
O seu longo silencio interrompendo,
E diz: — 'Stá feito; Principes, Senhores!
Vós assim o quereis, assim se faça:
Mas ouvi o preceito irrevogavel.
E dos degráos do throno descahindo
Sobre mim, desditoso, o altivo sceptro,
Me diz: — Eu te perdôo; porêm vai-te;
E teus pés degradados não profanem
Nem mais um' hora o chão dos meus Dominios,
Em quanto fielmente não cumprires
Ponto por ponto o imperial decreto:
Teu retorno seria a morte certa.
Vai pois a Babylonia; e quando achares
O Califa sentado á lauta meza,
Seus Emires então banqueteando,
Em delicias e pompas engolfados;
Em hora tão solemne, ousado avança,
Fere o da esquerda, em modo que lhe salte
Fóra a cabeça, e o sangue seu s'espalhe
Por cima dos manjares: isto feito,
Da herdeira do seu throno te avisinha,
E abraçando-a com graça e cortezmente,
Beija-a tres vezes, como noiva tua.
O Califa, que nem por sombras pensa
Que uma tal scena possa assim passar-se
Ante seus olhos, sem menor obstac'lo;
Quando o vires pasmado da ousadia,
Arroja-te ao encosto d'oiro puro
Da cadeira em que o triste se reclina
Á moda oriental; e então lhe pede
(Como dom para mim,) o qual confirme

Nossa amizade no futuro tempo)
Quatro dentes queixaes, e um bom punhado
Da sua barba densa e encanecida.
Vai-te; e repara em quanto tenho dito:
Se um cabello sómente discrepares
Do que ordeno, palavra por palavra,
Teu retorno será a morte certa.
Quanto ao resto, ficais na nossa graça.

« Isto disse o Sob'rano, e em fim calou-se.
Mas como nós ficámos não preciso
Descrever: cada qual comsigo via
Que um tal favor sentença era de morte.
Um profundo sussurro então começa
Pelo ambito da sala a levantar-se:
— Ah! por S. Jorge! (exclama um cavalleiro
Que, seguindo a carreira tormentosa
De Lancelote e de Tristão, com honra
Tinha mil aventuras completado)
Eu não me assusto com ligeiros casos;
Minha cabeça arrisco quando arriscam
Quaesquer outros a sua: mas agora
O que de Hugon se exige passa tudo;
E nem Gavin o heroe tal commettera. »

« Porêm, de que nos serve dizer tanto?
Era patente o fim de uma tal ordem:
Só privar-me da vida Carlos tenta.
Mas fosse como fosse: conduzido
Por desesperação ou por audacia,
(Talvez presentimento) resoluto
Me apresento ao Monarcha, e assim lhe digo:
O que ordenas, Senhor, curvar não póde

Meu animo, que eu sou de raça Franca:
Ou possivel, ou não, a empreza adopto;
E d'isto testemunhas sejam todos.

«Amado Scherasmin, aqui vagando,
Por virtude fatal d'estas palavras,
Me vês agora neste sitio agreste,
Resolvido a correr té Babylonia.
Se por entre estas serras tu me queres
Ensinar o mais proximo caminho,
Eu t'o agradeço, amigo; e se não podes,
Cuidarei de atinar, sem mais soccorro.»

«Meu bom senhor, (responde o Solitario;
E as sentimentaes lagrimas lhe tremem
Nos cabellos da barba suspendidas)
Esse affavel convite me transporta
Do silencio da tumba a nova vida.
Assim t'o juro, Principe; recebe
Em sagrado penhor esta mão velha,
Mas portanto forçosa: irei comtigo,
Affrontarei sem susto a vida, a morte,
C'o filho herdeiro de um senhor tão digno.
É difficil a empreza que te ordena
Severo o Imperador; mas quantas honras
Podes n'ella ganhar, eu bem percebo.
Basta; comtigo vou: d'animo firme
Me acharás junto a ti, até que verta
A derradeira gotta do meu sangue.»

De tal fidelidade commovido,
O mancebo se lança nos seus braços,
Nelles lhe aperta o coração honrado:

E, cançado de andar, depois se estende
Sobre um duro xergão, e n'elle dorme
Como se fosse sobre as meigas plumas
De soberbo edredon (*) n'um leito altivo.
Quando o dia acordou, alegre acorda
O Cavalleiro, o seu armúrio ataca
Sobre as costas; o velho o alforje toma,
C'o cajado na mão; e ambos contentes
Emprehendem o seu aspero caminho.

(*) Nome que se dá á pennugem de certas aves do Norte de que se fazem colxas e colxões.

CANTO II.

Marchava assim o illustre par contente,
Esperto, vigoroso; e por tres dias
O Libano desceo, allumiado
Ou pela luz do sol, ou das estrellas:
E quando o ardor fatal do meio dia
Sobre a cabeça os raios seus lançava,
D'altos cedros á sombra, as hervas frescas
Lugar para o descanço lhe prestavam.
Afinavam em tanto os aureos papos,
De matizadas plumas adornados,
As leves aves que nos ares moram;
E sem receio, da comida pobre
Participam alegres junto d'elles.

Na quarta madrugada se apercebe
Um pequeno tropel de cavalleiros.
N'um alto, que era um pouco mais visinho,
« São Arabes (lhe diz o companheiro):
Senhor, seria bom que sem demora
Nos retiremos onde for possivel,
E que sem contender, este caminho
Deixemos livre a povo tão grosseiro:
Sei quaes hospedes são, e quão malvados. »
« Pois nisso pensas? (lhe responde irado
De Seguewin o filho resoluto)
Onde ouviste que um nobre Franco fuja?
Só cobardes tal pensam n'este tempo. »

Os filhos dos desertos, attrahidos
Do magnetismo do elmo do mancebo,
O qual co' a luz do sol par'cia ao longe
De rubins e carbunculos formado,
C'os alfanges despidos, setta, e arco,
Qual trovoada sobre os dois se lançam.
Dois homens, um a pé, outro a cavallo,
Apenas julgam de um ataque dignos:
Mas quanto os temerarios se enganaram!
Do seu broquel coberto, o nosso Heroe
Entr' elles com presteza se arremessa;
E com tal força do rocim vaidoso
Derruba o que par'cia ser primeiro,
Que da bocca e narizes lhe rebenta
Um rio (mas que digo!) um mar de sangue.
Então todos se arrojam, repetindo
D'estoque e talhe golpes a miudo,
Para vingar no vencedor ousado
Do seu Chefe infeliz a mortal queda.
Mas Scherasmin, que lhe cobria as costas,
Tambem de um golpe algum bazofio estende.
No resto da caterva tanto bate
O nosso Cavalleiro, e com tal ancia,
Que depressa da sella um, dois, tres, quatro,
Se despede sem vida: a cada golpe
Cae alli degolada uma cabeça,
Aqui um braço qu' inda empunha a espada.
Não menos vigoroso o velho bate
Nos Arabes co' a tranca que levava:
Por Mafoma os pagãos gritam, praguejam,
E os que podem fugir fogem depressa.

De troncos de cadaveres dispersos,

De membros de cavallos, e dos homens,
Semivivos, ainda palpitando,
Tristonho o campo está todo coberto.
Mas tanto que o Heroe da preza tira
Um palafrem, suberbo de aventuras,
Que o dono seu perdera na contenda,
E uma espada de folha bem puída,
Esporêa o frisão rinchante, e parte
Pelos valles abaixo como um tiro:
E junto das montanhas que avistava
Se vai pôr, em distancia impenetravel.

A campina era bella e bem lavrada,
Cortada de regatos cristallinos,
De rebanhos coberta, e revestida
De aromaticas plantas e de flores:
E por entre palmeiras, espalhadas
Se viam as pacificas cabanas,
Onde enchiam trigueiros habitantes
A tarefa do dia alegremente;
Onde ricos se julgam na pobreza:
E acenando ao cançado peregrino,
Cordeaes, um jantar grosseiro off'recem,
Quando elle busca a sombra fresca, exhausto,
Faminto, e fatigado do caminho.

Apertado do sol, aqui consente
Que lhe deite piedosa uma pastora
Uns pedaços de pão em fresco leite.
O povo, embasbacado e temeroso,
Este ferreo estrangeiro considera
Sobre a relva deitado; mas depressa
Seu brando tom, seus olhos lhe dissipam

Do veloz coração duvidas tristes.
As crianças se atrevem pouco a pouco
A chegar-se, a brincar c'os seus canudos;
E o generoso e terno cavalleiro
C'o tropel dos meninos se diverte.
Faz-se criança, alegre participa
Dos jogos infantís, dos doces brincos:
« Que ventura! (diz elle) se eu pudesse
Quieto aqui ficar n'estas cabanas! »
Mas ah! desejo vão! inutil voto!
Seu destino o chamava a emprezas altas.
A noite acena; de partir é tempo:
O coração lhe bate ao separar-se;
E premiando o rustico banquete
Que a gente cordeal lhe tinha dado,
Lança Hugon um punhado cheio d'ouro
No regaço da sua hospitaleira.
Mas os felizes nada sabem do ouro;
Hospedam sem contar co' a recompensa:
E foi forçado o generoso, o guapo,
A recolher de novo o seu dinheiro.

Os dois marcham, até que o dia frouxo
No crepusculo pardo se envolvesse.
Em um bosque espaçoso vão entrando:
« Amigo, (ao velho disse o Paladino)
Ardo n'um fogo, até que cumprir possa
A palavra que dei a Carlos Magno.
Porque a estrada mais breve me não mostras
Para ir a Bagdad sem mais delongas? »
O velho, olhando, diz: « Eu não sei outra;
Parece-me que é esta que empr'endemos.
Por dentro destes bosques tão copados

A que ha seis annos fiz era a mais curta;
Porèm que essa sigais não aconselho;
Não se falla bem d'ella, tem seu risco:
Ao menos quem lá vai nunca mais torna.
Vós zombais? Devagar; crede o que digo:
Crede, senhor, que um trasgo mui malvado,
Um anão mui maligno n'estes bosques
Estab'lecido tem os seus dominios.
Corças bravas, raposas, e veados,
Que homens foram, assim como nós somos,
Formígam por aqui, com maleficios.
Deos sabe em que animal nos trocaremos
Inda antes d'ámanhã: em que figura
Selvatica, horrorosa, transformados,
Por estas azinhagas vagaremos.»
«Anda lá, vai seguindo o teu caminho.
(De Seguewin responde o filho altivo)
Se por dentro da selva esta vereda
Me leva a Babylonia, nada temo.»
Scherasmin pára, e tremulando exclama:
«Senhor! aqui prostrado vos supplico,
Por Deos vos juro qu' inda mais me importa
O que a vós diz respeito que a mim mesmo.
Crede que contra o trasgo certamente
Ninguem se póde oppôr, ou servir podem
Nem armas defensivas, nem fugida.
Cinco ou seis dias mais que nos importam?
Para a Bagdad chegar é sempre cêdo.»

«Se tens medo (o mancebo lhe responde)
Fica-te aqui, que eu vou; nada me abala:
Vou resoluto.» — Scherasmin lhe grita:
«Isso não, que inda me é mais dura a morte!

Se um servo ao seu senhor fraco abandona,
Que patife será! que miseravel!...
Se partis eu vos sigo sem reparo:
Deos nos ajudará, e a Virgem Santa.»
«Vamos pois (diz Hugon), vamos depressa.»
Mas descórado, qual a branca cera,
Monta a cavallo, e rompe pelo bosque:
O velho arripiado o vai seguindo.

A madrugada então raiava apenas;
E só duzentos passos tinham dado,
Quando á esquerda, á direita, com mil saltos,
De corças, de veados um tumulto
Ao seu encontro em pelotões marchava;
E, segundo entre nevoas observava
O visionario Scherasmin medroso,
Co' as lagrimas nos olhos compassivos
De voltar para traz os avisavam:
«Fugi, fugi! (dizendo em sua lingua)
Pobres mortaes, que sorte vos espera!»

«Ora Senhor, e que me diz agora?
Ha de crer-me outra vez? ha de escutar-me?
(Diz ao moço, que apenas volta a cara)
Não repara que já cumprido vemos
Palavra por palavra o que eu lhe disse?
Os animaes que vedes, que nos cercam,
Por compaixão em torno a nós roncando,
Foram homens, vos digo: se adiante
O caminho levais, temos o trasgo
Nas nossas carapuças aninhado.
Não sejais tão teimoso, proseguindo
Só por obstinação na vossa perda;

Os conselhos tomai de um bom amigo
Que pertende as desgraças evitar-vos.»

«Que dizes, velho tonto? (o Heroe replica)
Eu, que a Bagdad caminho com taes passos
Para arrancar as barbas do Califa,
E pedir-lhe da bocca quatro dentes,
Queres que m'intimide e m'embarace,
Como a qualquer criança, um risco incerto?
Dize cá, onde tens o teu juizo?...
Quem sabe se o tal Genio me é contrario?
Ou se será o meu mais doce amigo?...
Istó ao menos não é tão mal pensado,
Pelo que vemos já: olha, repara,
Vê tu como já tudo se dissolve...»
Apenas isto disse, se adianta,
E n'um momento cessa todo o encanto;
Desfaz-se tudo, e como a nevoa foge.
O Conductor e Hugon em tanto ficam,
De paz imperturbavel rodeados,
Por um pouco calados e suspensos...

Retirava-se o dia decadente,
E a noite escura a baixo derramava
Essencias de papoulas sobre a terra;
De somno embriagado tudo os cerca;
Na floresta o silencio só reinava,
E o bosque é como o tumulo quieto.
Não se poude conter mais tempo o velho,
E assim rompeo, dizendo ao companheiro:

«Se vos turba, senhor, um repertorio,
Não mo tomeis a mal, que este é meu fraco:

Necessito fallar na escuridade;
Foi este o meu costume desde a infancia.
Tudo está tão calado n'este bosque,
Que parece que o grande Pan morrera!...
Se o tropelante som das ferraduras
Não viesse os ouvidos entreter-nos,
Podiamos sentir distinctamente
O fossar subterraneo das toupeiras.
Pensais que eu tenho medo? eu bem o vejo:
Mas sem bazofia, as boas qualidades
Que tem qualquer, são dons do Ceo benigno:
E muitos homens vivem que me viram
Onde espadas retinem, onde em campos,
Em torneios se veem lutar os homens
Uns contra os outros; ou d'estoc ou talhe, (*)
Contra dois, contra tres, se o caso urgisse,
E contra cinco e seis, lá me achariam:
Com isto inda em meus ossos me fiara.
Inimigos que tenham carne e sangue,
Em fim, cá tem o homem: mas confesso
Que para ir a um adro á meia noite,
Na cabeça o chapeo se me levanta.
Quando vem ter comigo uma phantasma
Que atravessa paredes, não lhe opponho
Uma cara sem medo; nem me servem
Os meus braços, a espada, se a aventesma
Me convida, deitando-me nas costas
D'invisiveis pancadas um chuveiro.
Supponhamos, pois d'isto exemplo temos,
Que lhe corto a cabeça, e que lhe deixo
Como a palma da mão o tronco razo:

(*) De ponta ou corte.

Em quanto aquella pelo chão rebola,
Em seu lugar já duas vão saindo.
Outras vezes o tronco corre, corre
Atraz da sua cabeça degolada;
Torna a pegá-la sem betume ou grude,
Ou como quem o seu chapéo apanha
Que no caminho o vento lhe levara:
Como fica qualquer, se tal succede?...
Vós bem sabeis que apenas canta o gallo
Entre as onze e as doze, principiam
As bruxas a fugir de toda a parte;
Os trasgos, os duendes, de tal modo
Que parece que o vento os assoprara.
Mas o Genio que lida aqui, diverso
Se vos ha de mostrar dos outros Genios:
Tem corte aberta; come, bebe, e vive
Como qualquer de nós, anda de dia.»

«Para excitar em mim curiosidade
Tens feito quanto podes (lhe responde
De Seguewin o filho). Tanto falla
De espiritos a gente, e tanto mente,
Que um leigo, como eu sou, não sabe nunca
O que ha de crer em cousas d'essa casta.
Á nossa Corte um dia veio um Sabio,
Um profundo lettrado, que jurava
Que em tal assumpto tudo era mentira.
Altamente zombou dos visionarios;
E por isso o Prior da Freguezia
Lhe chamou Manicheo, e outros mais nomes.
Ao pé de uma garrafa disputaram
De tal modo, que quando o copo extremo
A subir-lhe á cabeça começava,

Tanto latim metteram na disputa,
Que apenas se entendia uma palavra.
Vem-me ao sentido ás vezes este caso:
E se tão sabios homens tanto ignoram,
Eu só sei quando vejo, e quando apalpo.
Eu quizera, deveras, que algum trasgo
A honra me fizesse de explicar-me
Como estas cousas são, se acaso existem.»

Entretanto, sem darem disso tino,
O vagabundo par se achou fechado
N'um grande parque, pelo qual giravam
Em caminhos tão tortos, tão diversos
Que era n'elle o perder-se inevitavel.

A bochechuda lua-cheia tinha
Subido já ao ponto mais distante:
D'um baço enganador luar guiados
Uma saída os olhos seus buscavam;
Mas novo engano a falsa luz lhes dava.
«Meu senhor! aqui 'stamos envolvidos
(Diz Scherasmin) n'um labyrintho horrivel!
Bem podia prever-se este successo.
O mais certo recurso que nos resta
Para daqui sair sem maior damno,
É fazer do nariz nosso ponteiro,
Ir andando direitos á ventura.»

Este conselho (que os subtis esquecem)
Era o mais sabio, e poude brevemente
Conduzir os afflictos peregrinos
Ao meio da floresta, onde se unia
Em uma grande estrella o bosque inteiro.

Eis por entre os arbustos divisaram
Um palacio, que ao longe parecia
Pelas nuvens da tarde só composto;
E ao pôr do Sol aos ares, luminoso,
Com prismaticas cores se elevava.
Com uns olhos aos quaes gosto e tristeza,
Acordo, sonho e duvidas abriam,
Olha Hugon, e calado, attento admira:
Quando subito sae das portas d'ouro
Um magestoso carro, e vem rolando,
Por leopardos ferozes arrastado.
Uma criança linda, qual se pinta
O Deos d'Amor no collo de Cythérea,
No prateado carro se sentava,
Com as redeas na mão — Ei-lo que chega.
« Meu Senhor! (Scherasmin medroso exclama,
E no freio ao cavallo de Hugon pega)
Somos perdidos, ei-lo ahi vem saltando...
Ah! fujamos, fujamos! » — « Como é bello!
(Replica Hugon) » — « Isso é peor ainda,
Se elle fosse mais bello vinte vezes!
Fóra, fóra, senhor, d'aqui fujamos;
Isto lhe digo; tudo está perdido!... »

Resiste na verdade o Cavalleiro:
Porêm de que lhe serve a resistencia?
O velho corre com velozes passos,
E atraz de si com força o vai puxando:
Nem o quer escutar se grita — « pára! »
Sobre páos, sobre pedras se arremessa;
Pelos bosques e mattos vai rompendo,
Vallados salta, affronta precipicios:
Até que do arvoredo vá saindo,
E salvo possa o triste em fim julgar-se.

Com relampagos, chuva e trovoada
Aos fugitivos segue o ceo raivoso:
A mais medonha noite a lua apaga;
Troveja, brame o ar, a terra estala
Ao redor d'elles, como se lascassem
Magicos golpes a floresta inteira.
Em fim, os elementos em disputa
Combatem com furor desenfreado;
Bem que por entre o estrepito dos ares
De tempo em tempo resoar s'escute
Com meigo som a doce voz do Genio:
— « Por que foges de mim, Hugon, que fazes?...
Vem, volta atraz, que foges da ventura:
Em mim te fia! » — E Scherasmin lhe grita:
« Se tal faz, meu Senhor, estamos perdidos:
Tape os ouvidos bem, e vamos, vamos,
Nem ao menos responda uma palavra,
Que as intenções do Genio são malignas. »

Desta sorte outra vez se precipita
Por charcos, por alvercas e atoleiros,
Por entre a bulha dos trovões e raios,
Entre as aguas da chuva quasi a nado:
Té que em fim os velozes Paladinos
Vão esbarrar c'os muros de uma cêrca.

Nova aventura! — O dia era solemne:
Da sua protectora celebravam,
De Santa Agatha a festa, as claustraes virgens.
Na visinhança, a tiro d'espingarda,
Uma Congregação mui numerosa
De Anachoretas, muito bem nutridos,
Tambem ditosamente alli morava;
E em signal de amigavel visinhança,

Nestas horas nocturnas ajustavam
Ligar as fraternaes communidades,
E em procissão devota ir recrear-se.

Mas quando perto do adro do Convento
Já de volta marchavam lindamente,
Par a par, com descanço e passo grave,
Da tempestade um resto os acommette.
Tochas, andor, pendão, escapularios
Do vento furioso são ludibrio:
As torrentes de chuva os inundavam,
Penetrando dos véos as pregas todas:
O seu decoro em vão sustentar querem,
Vai co' a fortuna a devoção e a reza.
De um tumulto ridiculo levados,
Com estranhas figuras vão correndo
Aos encontrões, sem tino nem concerto.
Aqui passando um váo, arregaçada,
Uma freira se atóla até ás côxas:
Um frade, que alli vai correndo, esbarra,
E n'um tropel de freiras, que o precedem,
E que correm tambem, afflicto marra:
Cheio de medo, as mãos tremendo estende,
E uma Dómina agarra pelo manto.
Mas quando a tempestade em fim chegava
Ao seu mais alto ponto, elles confusos,
Escorrendo, sem fôlgo, enlameados,
Em fim chegam ao pateo do Convento.

Era tudo balburdia inda lá dentro,
Quando o meu Scherasmin, que á porta estava,
Comsigo atira entre a claustral caterva,
Entendendo que o ser o chão sagrado,

Como se fosse o Ceo, era seguro.
Pouco depois Hugon, que tambem entra,
E quer satisfação dar d'este facto,
Quando ía a bocca abrindo, lhe fusila
Um brilhante relampago que lança
O terrivel Anão no meio d'elles.

Despe-se o ceo de nuvens n'um momento,
Purificam-se os ares como d'antes,
Fica tudo sereno, claro; e o Genio
Bello se mostra, qual pareceria
Um anjo novo que gerasse a Aurora,
Sobre uma hastea de lyrios encostado.
Das costas lhe pendia eburnea trompa;
Apezar da belleza, em seu semblante
Uma ignota tristeza se espalhava;
Uma colera tacita e severa
Lhe nublava o sobrolho feiticeiro.

Chega a trompa a seus beiços, n'ella toca
Um tom delicioso: de repente
Do velho se apodera uma vertigem
Que o obriga a dançar sem que elle queira.
De uma freira sem dentes toma posse,
A qual sentia n'alma ardente sêde
De com elle bailar suas quatro voltas.
Como um cabrito salta, e cabriola
Agilmente com ella; o véo e a saia
Pelos ares fluctuam; tudo atroa
O ruido geral das gargalhadas.
Logo um ardor igual nos claustraes nasce,
E cada penitente vai tomando
Pela mão uma freira sem demora.

O baile principia, mas que baile!
Ninguem tal vio, nem ha de ver tão cêdo.
As Irmãs e os Irmãos, atordoados,
Nem regras, nem pudor alli contemplam:
Uma dança de Faunos mal pudera
Cabriolar como elles cabriolavam.
Só Hugon sobre os pés estava firme:
Vê-os saltar, e applaude com risadas.

Delle então se aproxima o bello Genio;
Com seriedade austera, e rosto altivo,
Assim lhe diz em seu divino estilo:
« Porque foges de mim, Hugon de Guianna?...
Porque emmudeces?... Dize — eu te conjuro
Por esse Deos dos Ceos, que reconheço,
Que me respondas. » — Logo a segurança
Volta ao peito de Hugon, que a phrase escuta.
« Que queres tu de mim? » (responde ao Genio)
— « Não temas (diz-lhe est'outro): quem das luzes
O brilhante esplendor não apprehende,
Em laço fraternal comigo se une.
Amo-te desde a infancia; e tu ignoras
Quantos bens te destino, bens que nunca
Algum filho de Adão de mim obteve.
Teu puro coração, tua conducta
Sem cobardia, sem tortura ou mancha;
A tua intrepidez, quando te chama
Teu austero devêr, a gloria, a honra,
Sem consultar jámais a carne e sangue!...
Em ti tens fé, e tens valor nas provas;
E a minha protecção a ti compete.
A força vingativa do meu braço
Se castiga, é sómente almas manchadas.

Se este monachal povo, raça falsa,
Não disfarçasse com seus castos olhos,
Com seu tom penitente, humilde e brando,
Mil mysterios iniquos, mil segredos
De uma reprehensivel consciencia;
Firmes sobre seus pés, como tu ficas,
Tambem ao som da trompa elles ficaram:
E o pobre Scherasmin, bem que por elle
Piedade peçam seus honrados olhos,
A soltura da lingua expiar deve.
Não é porque lhes salte alegre o sangue
Que elles dançam; mas dançam porque eu quero;
Porque a braços que eu movo dançar devem.»

Então começa um turbilhão de novo.
Mais velozes que os Satyros ligeiros
Saltam tão alto, giram com tal pressa,
Que se fundem no proprio ardor, qual neve
Que toda se derrete no desgelo:
E cada coração, esperneando,
Pela garganta busca abrir passagem.
De Hugon a humanidade não supporta
Este aspecto mais tempo: em fim, pensando,
Com dó do que padecem, graça pede,
Implora para todos a piedade.

O lindo Genio á supplica se move:
O seu sceptro de lyrios agitando,
Tudo serena: subito se rompe
O denso turbilhão, de encantos cheio.
Do santo Anachoreta a espessa prole
Fica petrificada e rechonchuda:
Cada freirinha, pallida, apparece

Como quem sae da cova, em ordem pondo
O que, saltando, tinha posto á parte;
Lenço, colete, véo, saia, toucado.
Para taes brincos Scherasmin mui velho,
Sem forças cae por terra; o triste cuida
Que lhe arrebenta o coração no peito.

«Que lhe disse eu, senhor! (diz arquejando)
Basta de graça.» «Scherasmin amigo,
(Interrompe o Anão benignamente)
Bem te conheço por soldado honrado:
Mas ás vezes tambem se precipita
Com o teu coração essa cabeça.
Por que razão, na fé de alheios ditos,
Com tanta violencia me increpaste?...
Que vergonha! Co' a barba toda branca,
E no senso e sabêr inda tão môço!...
Co' este tal qual castigo te accommoda.
E vós outros, andai, frades, e freiras,
Contrictos expiar vossas verduras.»
A caterva claustral foi-se esgueirando,
Confusos, sabe Deos se arrependidos.

O bello Anão ao velho então se volta,
E com brandura d'este modo falla:
«Então, velho, que dizes? — lá te fica
Alguma prega ignota de suspeita?...
Oberon te perdoa, porque és recto...
Vem cá, servo de Baccho, vem mais perto:
Animo toma, fraudes não receies.
Toma este copo, já que estás exhausto,
E sem vacillar mais, de um trago o esgota.»
Um vaso d'ouro puro, torneado,

Co' estas vozes lhe entrega o Rei dos Genios.
Póde apenas o velho em pé suster-se
Co' a fadiga, c'o susto, e esfalfamento,
E pasma ao ver que o vaso era vasio.
O Genio então lhe grita: « Que duvídas?
Inda não tens certeza do que digo?
Vamos; á bocca: bebe, não vacilles. »
Obedece o coitado, mas com medo;
Quando no vaso se transforma o ouro
Em vinho de lunél o mais subido:
E apenas o despeja só d'um trago,
Nas veias sente a vida renascer-lhe
Com electrico fogo de delicias.
Tão robusto se sente e vigoroso
Qual se sentio nos seus mais verdes annos;
Qual partio quando foi á Terra-Santa
C'o seu senhor primeiro, tão chorado.
De confiança cheio e de respeito,
Aos pés do lindo Anão, lhe diz, prostrado:
« Agora a minha fé não cede ás rochas. »

Depois volta-se o Genio ao Cavalleiro,
Seriamente, e lhe diz: « Eu bem conheço
A commissão com que te manda Carlos
A Babylonia; e tu tambem percebes
Que tormento, que riscos te prepara;
O seu odio o teu sangue só cobiça.
Mas aquillo que a fé tem começado,
Aquillo que o valor tem empr'endido,
A completar te ajudarei sem falta.
Ahi tens, nobre Hugon, um dom celeste:
Toma esta trompa, que de ti confio.
Quando pelo seu bojo enrodilhado,

Qual caracol, girar um sopro brando
Que forme um som suave e lisongeiro,
Se armados te atacarem dez mil homens
Os farás tu dançar, sem que descancem,
Como dançaram os que ha pouco viste,
Até cair no chão desalentados:
Então com força toca, e essa chamada
Appar'cer-me fará junto a teu lado:
Se mil leguas distante então me achasse,
Comtudo, serei presto a defender-te.
Mas poupa este clamor até que chegue
A precisão maior, o risco extremo.
Toma em fim este copo, cujo encanto
Consiste em se encher sempre de bom vinho
Quando aos beiços o chega o hom' honrado:
A fonte de que nasce n'elle o nectar
Inexhaurivel é; mas se um velhaco
Das bordas lhe aproxima a bocca immunda,
Vasa-se logo, e as mãos profanas queima.»

Acceita estes penhores milagrosos
Da tutelar bondade do seu Genio
O bravo Hugon: e vendo já dourar-se
Os frisos purpurinos do Oriente,
Inquieto o caminho ver procura
Que mais breve o conduza a Babylonia.
«Vai-te: (diz-lhe Oberon) 'stás instruido;
E os Ceos affastem sempre o negro instante
Em que meus olhos vejam que tu podes
Por alguma fraqueza deshonrar-te:
Não que o teu coração, tua coragem
Me inspirem a menor desconfiança;
Mas, ai de ti! de Adão és triste filho,

És composto de barro quebradiço,
E teus olhos são cegos no futuro.
Um curto gosto gera longas penas
Muitas vezes, Hugon; e não te esqueças
Que Oberon te adverte inda com tempo.»

Com seu sceptro de lyrios n'elle toca;
E Hugon observa em seus celestes olhos
Duas perolas claras que escorregam.
De pura gratidão o Heroe movido
Ía já confirmar com juramentos
A sua submissão e lealdade...
D'ante seus olhos o sylvestre Genio
Tinha fugido, embalsamando os ares
C'os aromas dos lyrios, que o confortam.
Pasmado, sem fallar, o moço fica,
Como quem de um lethargo longo acorda,
Como quem sae d'um sonho lisongeiro:
A testa esfrega e os olhos, inda incerto
Se a delicia que prova é verdadeira,
Ou se é sómente uma illusão nocturna.
Porêm, se duvidar elle pudesse,
O fio precioso de que pende
Sobre seus hombros a encantada trompa
Nenhum lugar lhe deixa ás incertezas.
Esse primor das Fadas, esse copo,
Joia bella do magico thesouro,
Que o velho remoçou, tambem faz prova.
«Senhor, (este lhe diz, indo a pegar-lhe
Nos estribos) agora mais um gole
Á saude do Genio; que o seu vinho
Tem co' a ambrósia dos Deoses competencia.»

Forças tomando assim para a jornada,
Por montes e por valles vão correndo,
Á maneira dos outros Cavalleiros,
Todo o dia; e da curta noite parte
No abrigo d'alguma arvore passavam.
Consumiram assim uns quatro dias,
Sem nenhuma aventura memoravel:
O Cavalleiro sempre c'o sentido
Em Babylonia; e o seu fiel, ditoso
Em se não apartar nunca do lado
Do filho de um Heroe que tanto amara.

CANTO III.

No quinto dia, quando se enfiavam
Pelas ingremes serras, avistaram
No fundo de um estreito valle umbroso
Ricas tendas de campo estab'lecidas,
E cavalleiros, (mais de vinte ao menos)
Que em grupos differentes recostados
Á sombra de palmeiras descançavam,
Depois da refeição do meio-dia.
Pendurados nas hasteas mais visinhas
Elmos e lanças viram; e pastavam
A branda relva livres os cavallos.

Quando os dois peregrinos sobre um alto
Apenas apontavam, muito ao longe,
A chusma cavalheira os apercebe.
Diligentes, da terra se levantam,
A sésta largam, como quando tocam
A rebate, e a brigar todos se apromptam.
Todo o valle n'um ponto se revolve:
Um freme aqui, est'outro ás armas corre:
Os cavalleiros a couraça atacam,
Os moços ajaezam os cavallos.

« Vejamos (diz o Heroe ao velho attento)
O que motiva tal desasocego
Nesta illustre caterva, qu' inda agora
Na digestão (negocio muito serio!)

Profundamente toda se occupava.»
Scherasmin lhe responde: «Tome tento,
Que elles vem sobre nós, se não me engano;
Em meia lua vem ao nosso encontro.»
Hugon com sangue frio a espada tira,
E diz: «Ei-la que de tudo me responde.»

D'armas brancas vestido um bello moço
Sae do circulo, e com polidas phrases
Saúda os dois, e pede ser ouvido.
—«Se dais licença, illustre paladino,
Sabei que a estes valles ninguem chega,
Ha seis mezes, sem ser aqui detido,
Segundo ordena o nosso estado e regras:
Porêm da escolha propria só depende
O quebrar uma lança pequenina,
Ou senão, ir fazer o que mandarmos.»
«E o que?» (pergunta Hugon modestamente)
Est'outro lhe responde: «Aqui bem perto
Mora Anguláfer, um gigante horrivel,
Em um forte castello onde se engorda.
É flagello cruel da Christandade,
Tyranno, petulante, e cobiçoso
De mulheres bonitas, como um cafre:
E o que é peor ainda, invulneravel
A cutiladas, golpes, estocadas;
Por virtude de um certo annel roubado
Ao Anão que reside n'esse parque.»
—«De donde vindes, nobres cavalleiros?»
«Principe sou, senhor! do monte Libano.—
Consagrei-me ha tres annos ao serviço
Da mais bella de todas as formosas,
Sem exigir o premio suspirado,

Antes que ella, de tanto amor rendida,
Concedesse a meus votos a esperança.
E quando, como a esposa, ía soltar-lhe
Os laços que a cintura lhe prendiam,
Qual leão chega o monstro, e m'a arrebata
Em seus braços; trotando, longe leva
De meus olhos a victima innocente.
Já se completam cedo sette luas
Que eu trabalho em livrá-la quanto posso:
Mas a torre de bronze em que m'a fecha
A entrada me defende, a ella a fuga.
Espreitando por entre os troncos densos,
No dia todo mais prazer não gozo
Que avistar esses muros detestados.
A phantasia ás vezes me afigura
Que a vejo a ella c'os cabellos soltos
Á janella, c'os braços levantados,
Implorando dos Ceos a mis'ricordia.
O coração c'um ferro se me passa;
E a desesperação é que me obriga,
Desde esse dia, pela dor forçado,
A fazer o que ha pouco exp'rimentaste,
Bem como todos estes combatentes,
Pois nenhum aqui chega sem combate.
Se o que a ninguem succede te succede,
Que é vencer-me, e fazer saltar da sella,
Então sem o menor constrangimento
Podes ir viajar, pois ficas livre.
Quando não, como os mais senhores, preso,
Ás minhas ordens sempre aqui detido,
Nenhum passo darás sem que eu o ordene:
Até que se complete esta aventura,
E dos laços infames d'Anguláfer

A minha bella possa em fim livrar-se.
Porêm se com solemne juramento
Me promettes de ir só á ferrea torre,
E resgatar Angelica aos meus braços,
Isso de ti depende, isso inda em cima
Da maior gratidão digno te mostra.»

«Principe! (lhe responde o Paladino)
Não ha mais qu' escolher; tenho entendido:
Basta; acceito essa honra que me fazes.
Vamos dar o passeio, e venham quantos
Compoem a numerosa comitiva:
Outra vez fallaremos no que resta.»

O gentil cavalleiro se surpr'ende,
Não obstante agradar-lhe esta linguagem.
Montam depressa, tocam as trombetas;
E em breve Hugon c'um golpe firme atira
Sobre o regaço maternal da terra
Com o Principe do Libano valente.
Vem por seu turno os nobres moços todos;
Mas tratta a cada qual como ao primeiro,
Fazendo cortezia ao levantá-los.

O Principe dos Cedros, coxeando
Lhe diz: «Por Deos, valente cavalleiro,
A graça é boa, e de roer custosa.
Basta; venha essa mão. A noite aponta:
Vamos á cêa fraternal; bebamos
Á reconciliação quatro saudes.»
A proposta recebe agradecido
O bravo Hugon; e tres alegres horas
Em bebidas e jogos se passaram.

Das dores do espinhaço s'esqueceram
Os pobres cavalleiros amolgados,
Vendo quanto Hugon foi guapo e polido.

« Agora, amigos caros e senhores,
(Lhes diz elle) que tenho já mostrado
Que nobremente sei de mim dar conta,
Deveis saber que tinha projectado,
Já muito d'antes, ir d'aqui direito
Atacar o castello do gigante:
E agora com maior prazer o ataco,
Pois acontece que um serviço faço
A um cavalleiro que é leal e honrado. »

Todo o bom trattamento lhe agradece;
Abraça cada um: e quando apenas
O caminho lhe mostram que guiava,
Por dentro de um pinhal bravo e medonho,
Ao castello tremendo de Anguláfer,
D'elles se despedio, assegurando
Que da Dama ouviriam novas cedo.
— « Adeos, amigos » — « Deos o leve a salvo »
E entra d'um salto na floresta immensa.

N'um campo solitario e denegrido
Se eleva ante seus olhos curiosos
A formidavel torre que buscava.
Feita parece esta obra só de bronze,
E o contorno era tão fortificado
Que outra entrada não tem mais que uma porta,
Que em largura dois pés teria apenas.
Com açoites na mão ante esta porta
Dois colossos de bronze mui forçosos,

E por magicas forças animados,
Batiam sem cessar, e tão cerrados
Os golpes entre si, que amolgariam
Té um raio de luz, se entrar pudesse.

O Paladino pára um breve instante;
E em quanto reflectia em como entrasse,
Lhe apparece á janella uma Donzella,
E lhe acena co' a mão suavemente.
«A moça acena! (Scherasmin exclama)
Ireis vós lá? sereis tão temerario?...
Vede aquelles Suissos como batem
Para todas as partes, sem descanço!
Nem um osso trazeis sem ser quebrado.»
Mas o moço fiel sómente escuta
Da sua profissão as regras nobres:
Nem a Satanaz mesmo as costas volta.
E reflectindo — aqui não ha partido
Mais que enfiar-me pela porta dentro,
A travez dos flagellos que alli batem —
Fecha os olhos, empunha erguida a espada,
E comsigo lá dentro ousado atira.
Ditoso! a sua fé não o atraiçoa:
Immoveis ficam os colossos bronzeos
Apenas o atrevido Heroe lhes toca.
Assim que entrou, seguio-o logo ao pateo
Scherasmin, a ter conta nos cavallos;
E a formosa Donzella com presteza
Correo a receber o Cavalleiro.

De seus negros cabellos vinha ornada,
Cujos anneis das costas lhe desciam:
D'um setim branco como a neve pura

Até o chão lhe desce a airosa roupa:
O seio levemente traz coberto,
Onde uma aurea cadeia aprisionava
O mais doce modelo, o mais perfeito
De Cyprina, das Graças, ou das Musas.

« Qual Anjo vos mandou, senhor! (diz ella,
Tingindo as faces de um purpureo fogo,
E tocando-lhe a mão ligeiramente)
Qual Anjo vos abrio este caminho?
Á Virgem santa orando na janella
Eu me achava no instante em que chegastes.
Foi obra d'esta Virgem sacro-santa;
E como quem por ella vem mandado,
Angelica contente vos recebe.
Sejais, senhor, mil vezes bem chegado;
Penhor da protecção, que em meu soccorro
Mil vezes tenho visto manifesta.
Mas poupemos o tempo; cada instante
Que este carcere habito me é penoso. »
« Devagar; (diz Hugon) não tenho pressa.
Onde está o gigante? » Ella responde:
« Graças aos Ceos! agora está dormindo
No mais profundo somno por fortuna;
Que se acaso acordado vós o achasseis,
Em vão, senhor, vencê-lo intentarias,
Em quanto no seu dedo persistisse
Um annel encantado que o defende.
Mas d'este mesmo annel seguramente
De privá-lo inda tempo haver podia. »
« E como? » (diz Hugon) — « Esse lethargo,
Que tres vezes ou quatro cada dia
Lhe tira as forças e perturba a mente,

É mais mysterioso que outro somno:
E em quanto não acorda, pois que faltam
Duas horas ainda a completá-lo,
Vou todo o facto relatar em breve.

« Meu pae, que chamam Balazin da Phrygia,
Domina Jericó na Palestina.
Ha pouco mais ou menos quatro annos
Que amada fui d'Alexis, o mais bello
Dos Principes do Libano frondoso:
E quando eu por modestia o consternava,
Crede, o meu coração nunca o sabia.
Negar-lhe amor difficil obra fôra:
Mas tinha promettido a Santa Alexia,
Quando ao principio a corte me fazia,
Que se o Principe fosse casto e puro,
Servindo-me tres annos fielmente,
De outro algum não seria, mas só d'elle.
O progressivo amor ía crescendo,
Em segredo, em meu peito cada dia.
Longa era a prova; mas em fim vencida,
A minha fé lhe dei; e já me achava
No quarto nupcial co' elle fechada,
Quando as portas com estrepito se arrombam,
E montado o gigante vem bramando:
Em mim agarra, e foge. Sette luas
Já passaram, depois que em prisão dura
Aqui me tem o barbaro detida.

« Para saber como me tratta o monstro,
Em que apertos me vejo a cada instante,
Só vendo é que podeis formar conceito.
Não sei que hei de dizer-vos, cavalleiro;

Mas pensai que é difficil lutar sempre,
E sempre conseguir uma victoria.
N'uma noite (uma vez) de um luar claro,
(Inda agora estremeço isto pensando)
Ao mais extremo ponto quiz forçar-me:
As supplicantes mãos aos Ceos levanto,
Cáio sobre os joelhos, exclamando:
Ó Mãe de Deos! valei-me! sem demora
Mandai-me algum soccorro, por piedade!
A Rainha dos Ceos benigna escuta,
Cheia de graça attende os meus clamores.

« Como se um raio o assombrasse, em terra
Cae o impio prostrado; nenhum damno
Mais me poude causar. Seis longas horas,
Desde esse tempo, logo que elle intenta
Renovar o combate detestavel,
Tambem logo o prodigio se renova:
Paralysa-se o seu atrevimento,
E fica nullo todo o sortilegio.
Hoje ainda cahio no somno immerso;
Mas logo que as seis horas se findarem,
(Já d'ellas boa parte tem corrido)
A vida se renova do malvado;
Tão forte e tão sádio se levanta
Como se nada fôra: estes effeitos
São do magico annel obra sublime.
Em quanto possuir um tal thesouro
Não póde acontecer-lhe mortal damno.
Vós não sabeis que excelso defensivo
É este annel; porêm quem vos impede
Ir em pessoa ver este prodigio? »

Como qualquer de nós, Hugon pensava
Que era Anguláfer da Titanea raça,
Um monstro formidavel, parecido
Co' esses filhos da terra, broncos, duros,
Que, revoltosos contra o Ceo sereno,
Arrancaram o Pelion das raizes,
E sobre o Ossa, altivos, o plantaram.
Mas era peta: o homem não passava
De sette pés e meio d'estatura.

Vistes vós de Glycon a obra prima,
Que em marmore ou em gesso representa
O grande filho do Tonante excelso,
Da longa Noite milagroso fructo?
Pois pensai que era assim em carne e osso
Aquelle que ao luar tanto apertava
Co' a bellissima Angelica assustada.
Se assim deitado o visse n'este tempo
O mais sagaz dos nossos antiquarios,
Por uma estatua d'Hercules o tinha;
D'Hercules em descanço; fatigado
De limpar as marmoreas manjadouras,
De curvar o Alpheo, para ajudá-lo;
E cançado tambem da paga usada
Com que Augias compensou tanto serviço.
Assim estava Anguláfer estendido,
Mui robusto, d'espaduas mui forçosas,
Sem vestido, dormindo a somno solto.

Hugon pasmou (por ser pouco fundado,
Como alguns, na sublime antiguidade)
Que na Era Christã aos olhos castos
Do paganismo em trajes se mostrasse;

E pareceo-lhe gentia a peça inteira.
« Agora... (diz-lhe a moça de mansinho...)
Porque hesitas, illustre cavalleiro?
Elle dorme... o annel... n'um golpe ousado...
N'um abrir d'olhos... está tudo feito. »
— « Isso não; porque estimo muito a fama.
Inimigo, que ao pé de mim dormindo
Está nú, como Adão no Paraiso,
Póde dormir seguro, não lhe toco.
Primeiro hei de acordá-lo, e então veremos. »
« Tome do annel, ao menos, tome posse
(Lhe diz ella) » : tornou-lhe o cavalleiro:
« Para entregá-lo ao seu primeiro dono. »

Tomou posse da argola e dos feitiços
N'um movimento quasi imperceptivel.
Alem d'outras virtudes que o annel tinha,
Ignotas para Hugon, era-lhe proprio
Estreitar-se e alargar-se em cada dedo,
Grande, ou pequeno, apenas n'elle entrava,
Conforme era preciso este milagre.

Embasbacado admira o Paladino,
Arripiado e alegre a argola observa:
Depois toma o gigante pelo braço,
E sacode-o com força, até que acorde.
Assim que elle a bolir-se começava,
De Balazin, gritando, a filha foge:
Hugon, fiel ao seu valor e estado,
Constante fica em pé, fica tranquillo.
Logo apenas o vê, grita Anguláfer:
« Dize quem és, argueiro miseravel?...
Quem és tu, que perturbas loucamente

O meu matinal somno, o meu descanço?
Deves ter uma sêde insupportavel
De que eu te esmague na cabeça os cascos,
Pois a meus pés tu mesmo vens prostrar-te!»

«Levanta-te; (responde o Paladino)
Toma as armas depressa, que a resposta
Te ha de dar, fallador, a minha espada.
O Ceo é quem me envia a castigar-te:
De teus dias culpados chega o termo.»
Estremece o Gigante, isto escutando;
E quando o annel nas mãos de Hugon avista:
«Vai-te (lhe diz) primeiro que comece
A ferver-me nas vêas o meu sangue.
Entrega-me esse annel, e em paz me deixa.»
—«Não quero, que o furtaste, e não te toca:
Ao seu primeiro dono hei de entregá-lo.
Da vida que me dás não faço caso:
(Lhe diz Hugon) levanta-te, malvado;
Arma-te, põe-te em pé, e vem cá abaixo.»
«O teu juvenil sangue me enternece;
(Lhe replica o gigante, moderando
O tom do seu fallar) tu bem podias,
Se não fosses honrado, assassinar-me,
Em quanto no meu somno estava immerso.
Perdôo-te a cabeça, o annel só quero.»
«Envergonha-te, fraco! (Hugon exclama)
Em vão supplícas: morre; ou se mereces
A vida, vem ganhá-la nobremente.»

Salta o brutal, e os muros estremecem:
Seus olhos ardem, como o inferno aberto;
Sua bocca e nariz um fumo lançam

Com que os ares embrulha respirando.
Vacillante, a couraça, impenetravel
Mesmo a magicas armas, toma á pressa.
O Cavalleiro desce, prompto corre,
E coberto da malha se apresenta
Ao seguro e arrogante seu contrario,
A quem esquece, acceso só na raiva,
Que contra os raios do annel perdido
Não ha magicas armas que o defendam.
De Hugon o ferro solido lhe passa,
Logo ao primeiro golpe, o arnez robusto,
E a profunda e mortal ferida lhe abre.

Como um repucho ao alto o sangue salta
Da rasgada garganta, e lhe intercepta
Na guéla vastissima o caminho
Ao fôlgo: cáe, bem como cáe no Tauro
Um altivo carvalho, derrubado
Por um raio veloz que dos Ceos baixa.
Co' a queda a torre e o campo á roda tremem:
De si perde de todo o sentimento,
Foge a luz de seus olhos espantados;
E o carregado espirito de crimes
Já o Demonio arrastra até o inferno,
Da tremenda justiça vasto emprego.

Limpa o negro veneno o triumphante
Da ensanguentada espada, e corre á pressa
A encontrar-se na sala co' a donzella.
Apenas ella o vê, contente exclama:
« Parabens, meu senhor! estou vingada!
(Isto diz, e a seus pés logo se prostra)
Tu que um tal redemptor de lá mandaste

Ó Rainha dos Ceos! eu te prometto,
Como ex-voto, off'recer-te d'ouro puro
Uma imagem do meu primeiro filho,
Que pese o que pesar a tal criança.»

Respeitoso a levanta Hugon, pagando
As gratas expressões, com que o distingue,
Co' a polidez dos tempos já passados;
Que era menos ornada que a dos nossos,
Porêm mais bem tecida, e conservava
As cores primitivas por mais tempo.
Era o grande devêr dos cavalleiros
Proteger as donzellas; e se acaso
O valor de seus braços imploravam,
Por ellas derramar o nobre sangue.

Não tinha tido tempo a Dama afflicta
De observar o mancebo exactamente:
Mas agora, que póde já rogar-lhe
Que as armas largue, e tome algum descanço,
Ter mais olhos tambem ella quizera
Que os que Juno ao pavão poz sobre a cauda.
Tanto lhe agrada o nobre cavalleiro,
Tão distincto em feições, cara, e figura,
Magestade, attractivos, e grandeza
Lhe parece, que o julga entre os humanos
O primeiro de todos, o mais bello:
Não que o compare com algum que possa
Entre o seu coração e o d'elle achar-se;
Sem tenção descuidou-se de seus olhos.
E que peccado é ver?... Não é peccado;
O mais pequeno escrupulo não turba
O prazer d'esta vista encantadora:

Tão ligeira brincava no seu seio
A suave illusão, e tanto a acalma,
Que nem ao menos de Alexís se lembra.

Mas que ventura, Angelica innocente,
Foi para ti, que os dardos de teus olhos
No coração de Hugon fogo não peguem!
O que ás vezes succede sem milagre:
E ás vezes só metade do caminho
Os olhos fazem quando encontram outros.
Mas aquelles!... olhavam como se olha
Para um panno de raz, para um toucado,
Para um jardim de flores e d'estatuas.

Um ignoto *que faço?* qual magnete
O puchava a Bagdad, quebrava as pontas
Ás farpas aguçadas d'estas vistas,
E sobre Hugon não tem podêr feitiços.
Em vão d'Angelica a figura é um vaso
Lavrado pela propria mão de Amor;
Em vão descae da testa, um pouco altivo,
Um nariz que os amores desafia;
Em vão palpita o seio bipartido,
E subleva uma neve fresca e pura,
Que apenas cobre de uma nevoa a gaza,
Clara como um cristal de um lago aonde
A Aurora engrinaldada se contempla:
Em vão seu real sello, bem marcado
Sobre cada feição tinha a Belleza,
Que as roupas mais são véo do que ornamento.
Em breve: a Dama, com seus mil encantos,
É para Hugon, sem fructo, moça e bella:
E longe de anhelar que se prolongue

De Angelica a presença deleitosa,
Só cubiça entregá-la a quem a adora.
Em fim, não póde mais conter-se, e diz-lhe
Sobre este só cuidado quanto pensa:
E apenas n'este ponto lhe promette
Escolta e protecção, a linda bocca
De gratas expressões sólta torrentes.

N'isto s'escuta subito o ruido
De cavalleiros que no pateo entravam.
Já sobem a spiral escada affoitos;
Estremece a Donzella, e diz: «Quem chega?...»
Mas depressa em prazer se troca o susto;
Pois quando os olhos volta, Alexís entra.

É verdade que tarde é que lhe lembra
Que se não conformava c'o *decorum*,
Que em quanto Hugon lhe salva a bella noiva
Das garras de um malvado, elle em descanço,
Elle, o amante, e os mais seus cavalleiros,
Á sombra, livremente reanimassem
Com vinho de palmeira o sangue ardente.

Poderia tambem — pois quem o impede? —
C'o seu bem esquivar-se o cavalleiro...
Em consequencia, como começavam
A tinnir-lhe os ouvidos, elle e os outros
A cavallo n'um trote esperto partem,
Para no caso d'estar já passado
Pelo valor de Hugon todo o perigo,
Tomar posse da Dama, e fazer votos
A favor do Estrangeiro, a quem Deos pague,
Que é barato; e um pouco lá se acanha:
Mas em fim, era um Principe do Libano.

D'este modo imprevisto, dispensado
De fazer um desvio, Hugon voltando
Para o valle das palmas co' a donzella,
Se deixa elogiar como á porfia
Pela turba dos guapos cavalleiros.
Porêm sentio dos gabos tanto effeito
Como sentira se o contrario fosse.
E para agradecer o beneficio,
Por virtude do annel fez que servida
Por invisiveis mãos, subitamente,
Com quanto ao paladar fosse agradavel,
Uma abundante meza apparecesse.

« Ai, que m' ía esquecendo!... (diz a noiva)
Senhor, senhor! primeiro que jantemos,
Parta já, e co' a propria mão: depressa,
Do harem do gigante as portas abra;
Pois cincoenta donzellas n'essa torre
Lá 'stão, alem de mim, encarceradas.
São, de certo, o primor das formosuras,
Um canteiro de túlipas mimosas:
E penso que as poupava para victimas
Que off'recer quereria ao seu Mafoma. » —

Abre-se o harem, que expõe na maior pompa
Um matizado turbilhão de Graças,
A verdadeira imagem das delicias
Do Ceo de Mahomet. Mas Hugon deixa
As bellas todas á defeza entregues
Dos mais gentis e nobres cavalheiros.
Monta a cavallo; parte; e já vai longe,
Quando atraz d'elle com ruidosos gritos
Lhe supplicam que ao menos lhes conceda
Só durante o jantar sua presença.

Em quanto em sombras se derrete a tarde,
E mansa a lua sobe no horizonte,
Hugon, já que não póde andar mais longe,
Porque o seu palafrem 'stava cançado,
Se resolve a buscar para o descanço
Um commodo logar, um doce abrigo:
Uma cama na verde terra escolhe,
Em quanto o velho cuida nos cavallos.

Mas de repente surge magestosa
Uma tenda mui rica ante seus olhos:
Cobre um raro tapete o chão, que é vasto,
E em torno o cercam fôfas almofadas,
Nas quaes vigor interno mora e vive,
Que a menor compressão, o menor vinco
Com elastica força desvanece.
Uma meza de jaspe, suspendida
N'uma tripode d'ouro cinzelada,
Apparece no meio, e quanto n'ella
O cubiçoso estomago appetece,
Se um banquete divino se figura.

O cavalleiro fica estupefacto;
Para Scherasmin olha, e diz: «Que é isto?»
«É facil ver (est'outro lhe responde):
O amigo Oberon anda aqui perto;
Pois sem elle, em lugar de descançarmos
Tão docemente sobre as brandas plumas,
No regaço da nossa mãe, da terra,
Menos commoda a noite se passara.
Isto chamo eu cuidar bem dos amigos.
Venha cá, meu senhor, deixe depressa
Desarmá-lo: o descanço mui bem sabe

Depois d'esta jornada tão comprida.
Bem vê que o bello Anão, mesmo ás carreiras,
Para hospedar-nos bem não poupa nada.»
Segue Hugon o conselho, e se recosta,
Meio sentado, ao pé da lauta meza.
Fartam-se os dois, de um modo cavalheiro;
E por entre cantigas da Gasconia,
Alegres, diligentes, teem os copos
Continuamente cheios ou vasios.

Dentro em pouco d'um modo imperceptivel
Sólta os laços aos membros docemente
A branda mão do Somno; quando logo,
Nos espaços dos ares socegados,
S'escuta, como do alto das espheras,
Uma doce harmonia; um som cadente
Como em torno das arvores resôa.
Cada folha parece uma garganta,
De donde a voz angelica de Marcia, (*)
Encanto d'almas! sôlta por mil vezes
D'estas gargantas todas, retinisse.
De repente se amansa esta harmonia:
Igual, porêm mais fraca, se conserva,
E por gráos se reduz a um murmurío;
Qual Favonio do Estio o mais suave,
Quando apenas aqui e alli revolve
Uma folha, ou de um placido regato
As ondas argentinas move e franze
Em torno ás formas de uma Nympha linda.

Meio dormindo, escuta o Cavalleiro

(*) Allusão a minha irmã, a mais gentil cantora de Lisboa.

O som, que manso foge; e os seus sentidos
Embalados assim, ao somno cedem.
Dorme tranquillo, até que o gallo esperto
Pelo faro aperceba os róseos lyrios
Que a engrinaldada Aurora vem trazendo:
Mas um sonho lhe abala o interno senso.

Parece-lhe que ás praias vai chegando
De uma torrente, por caminho estranho,
Entre sombrios campos, entre brenhas.
De repente ante si turbado avista
Uma mulher, que Deosa lhe parece,
Em cujos olhos mora o Ceo sereno,
E em cuja forma o Amor poz todo o encanto.

O que elle sente em phrases não se explica,
Elle, que prova amor a vez primeira!
Desfallece de gosto: não respira:
Concentra-se-lhe a vida nos seus olhos,
E jaz como arreigado sobre a terra.
Cuida ver o que já fugio da vista:
E como, em fim, de certo dissipada,
A doce phantasia lhe não volta,
Para nada mais ver os olhos fecha.

N'uma sensivel morte atordoado,
Cuida sentir, ou sente, que lhe toca
Uma calida mão o peito frio.
Como quem resuscita, ergue-se, e avista
Outra vez a seu lado a bella Dama.
Entre as mortaes seus olhos nunca viram
Outra igual; mas agora lhe parece
Muitas vezes mais bella e mais suave.

Observam-se calados mutuamente;
Mas as vistas explicam com mais força
Quanto seus beiços explicar não ousam.
Abrem-lhe um paraiso os olhos d'ella;
N'um mar de amor as almas se mergulham:
Porêm cêdo a abundancia das delicias
Em dor se torna, em magoas se converte.

Instado pelo instincto insupportavel,
Cae-lhe nos braços, e atrevido aperta
Contra o seu coração seu alvo corpo:
Sente da Nympha o coração batendo
Contra o seu proprio peito... que delicia!...
Com que pressa!... que força!... que vehemencia!...
E que... Mas de repente nasce o dia:
O carro dos trovões róla entre nuvens:
Alto brame o tropel dos feros ventos:
E invisivel podêr veloz lhe arranca,
C'um turbilhão, a Nympha de seus braços,
E na torrente proxima a submerge.

Elle ouve o seu clamor; de angustias cheio
Quer segui-la; não póde: infernal pena!
Suspende-lhe o terror os movimentos:
Pára; e fica, qual vemos uma estatua
N'um mausoleo funereo collocada.
Em vão luta, forceja; os membros presos
Lhe fazem crer que se mergulha em gelo.

Os braços supplicantes estendidos
Vê sôbre as ondas; mas gritar não póde:
Nada póde; e a paixão mais alto brada,
Mais colerico amor o instiga e punge
Para atraz do seu bem n'agua lançar-se.

« Acorde, acorde! (Scherasmin lhe grita,
Ouvindo-o ressonar angustiado)
Um pezadello horrivel o estrangola. »
« Vai-te, demonio, deixa-me em descanço:
(Lhe torna Hugon) tambem queres privar-me
Da sombra sua? » — E furioso salta,
Inda d'esta visão todo occupado.
Opprimido de angustia mortal, bate
Pesado o coração do moço afflicto:
Hirto, espantado, a luz do dia observa;
Suor frio lhe desce em lentas gottas
Pelos membros e faces descóradas.

« Cruel sonho foi esse! diz-lhe o velho)
Certamente deitou-se sobre as costas. »

Olhando com tristeza e com ternura,
O mancebo suspira, assim dizendo:
« Um sonho!... isso assim é... porêm que sonho!...
Roubou-me para sempre a paz do peito. »
« Deos nos guarde, senhor, tal não succeda. »
Mas Hugon lhe replica seriamente:
« Dize cá: tu não cuidas que alguns sonhos
Ás vezes do futuro nos instruem? »

« Exemplos ha, senhor; e na verdade,
Depois que vivo em vossa companhia,
Não me atrevo a negá-lo. (diz o velho)
Mas a dizer devéras o que sinto,
É que dos sonhos faço pouco caso.
Em quanto a mim, a carne e sangue causam
Com seus vapores as visões nocturnas;
E os nossos velhos tem razão, dizendo,

Polidos, a quem mente — *ora isso é sonho* —
Se entretanto, quizerdes confiar-me
O que sonhastes, póde ser que eu possa
Dizer cousa melhor que isto que digo. »
« Pois quero. (disse Hugon, sem pôr mais franjas)
Apenas córa o cimo d'esses troncos
Da madrugada o puro raio ainda:
Ha tempo, e mais que tempo, de fallarmos.
Traze-me agora o vaso milagroso,
Para dar força ao espirito cançado,
Que inda sinto no peito mil cuidados. »

Em quanto esgota o copo restaurante,
Calado o velho o cavalleiro observa,
Como quem sente ver uma fraqueza
No bravo filho de Seguewin valente;
E abanando a cabeça, diz comsigo:
« Este homem acordado, que lh' importa
O que fugio n'um sonho dissipado?...
Porêm, como assim é, que hei de eu fazer-lhe?...
Seja embora o que fôr; almoçar vamos. »

CANTO IV.

O Paladino a historia principia
Do seu sonho, segundo o que se segue:

«Seja qual for a idéa que tu formes,
Querido Scherasmin, do que te conto,
Nem por isso é ficção, estro, ou delirio,
Pois que estou, como vês, são, escorreito,
Em meus sentidos, corpo, moço, e forte:
Nem meu peito liberto a amor deo praça
Em minha vida, até o dia d'hoje.
Atrevido mancebo poderia
No busca-tres, nas prendas, cabra cega,
E outros jogos assim, forjar motivos
Á instituição de novas jarreteiras:
Mas o mais bello pé em paz altiva
Me deixava a gelada phantasia;
E quando fosse o pé da linda Armida,
Era um pé para mim, nada mais era.
A razão d'este frio talvez seja
Ter visto desde a infancia, sem mysterio,
Tanta garganta e braços descobertos:
O costume é cabeça de Medusa
Com que a mais linda nos converte em pedra.
Porêm, que me servio viver tão livre?...
Quatro lustros vivi indifferente:
Chegou a minha hora. Ah, caro amigo!

Quiz o destino pela vez primeira
Que eu amasse; porêm amei sonhando.

«Sim, Scherasmin: aquella que escolheram
As estrellas fataes para vencer-me,
Appareceo-me, vi-a; n'esse instante
A tão doces encantos, a tal vista,
Sem poder escapar, sem resistencia,
Meu terno coração ficou rendido.
Mas tu dizes que é sonho? Não é sonho:
Tão profundo vestigio assim gravado
Não deixa n'alma uma phantasma simples;
E se mil vezes louco me chamares,
Digo que a vi, que a tive, e que hei de obtê-la.
Ah! se como eu pudesses ver tal Anjo!...
Se eu soubesse pintar! Eu t'a pintara
Qual brilhando me acena inda na mente;
E é bem certo que logo convertera
Teu velho coração n'um facho acceso!...
Se ao menos uma prenda!... qualquer cousa
Que ella houvesse animado (com tocar-lhe)!...
O ramalhete que lhe ornava o seio,
Eu pudesse alcançar! Quanto eu daria!...

«Pensa ao menos... Na flor da mocidade
Uma mulher, imagem deleitosa
Da frescura das rosas e dos lyrios:
Á fabrica de um todo tão perfeito,
O mais justo equilibrio proporciona:
Um sorriso suave sobre o rosto
Lhe revoa ligeiro; cada graça,
Que realça o esplendor da magestade,
Cubiçosos desejos dentro d'alma

Igualmente ora acorda, ora intimida:
Pensa tudo, e só d'ella a sombra alcanças.
E o mais é que, suavemente preso
Por seus olhos divinos, desta Nympha,
Cuja forma é de um Anjo ethereo a forma,
Me senti apertado contra o peito,
Seu coração no meu fundia todo...
Será possivel que eu resista a tanto?
Que extatico não morra de delicias?...
Dize cá, Scherasmin, isto era um sonho?...
Como é vã, como é nulla, e quasi morte,
Ao pé de um sonho tal, a vida inteira!
Protesto, Scherasmin, que não foi sonho,
Não foi jogo da vaga phantasia,
Pelo vapor do vinho perturbada:
Um sentir evidente me declara
Que vive aquella, e para mim nascera.
É talvez Oberon quem m'a apresenta!
É visão!... Deixa ser, não m'a destruas:
Uma tal illusão vale a verdade.
Mas illusão não é, não é chymera:
Se um sonho tal engana, tudo é sonho;
Mentir póde a evidencia, o certo mente.»

Abanava a cabeça duvidosa
O pobre velho, como alguem que escuta
Milagres que não crê no fundo d'alma,
E que lhe oppõe razões mui bem fundadas.
«Que pensas tu?» (pergunta o cavalleiro)
«O quer que seja, sinto, que m'embrulha.
(Responde friamente o frio velho)
Gósto de oppor-me livre a certas cousas:
Porêm de que me serve o dar-vos pena?...

Por conta d'isso; pois que estais ligado,
Co' a palavra de Principe, a uma empreza;
Tomemos de Bagdad logo o caminho:
Talvez que no entretanto se desfaça
Outra vez esse encanto; Oberon mesmo
Fará quanto puder por socegar-vos.
Talvez que achemos repentinamente
A sonhada Princeza nas estradas.
Regale-se entretanto co' a esperança:
Espere tudo, espere; e vá partindo,
Porque ao menos assim refresca o sangue. »

Sobre a mão recostado, o cavalleiro
Pensando estava em quanto o pagem falla;
Mas enfermo de amor, ao seu miolo
Assalta de repente a fatal scena.
« Ah! (diz elle) não venhas illudir-me
Com falso allivio!... Estrellas inimigas
Influem sôbre mim! que esperar posso?...
Dize: — A torrente inhospita que arranca
Do meu peito o meu bem assás não mostra...
Infeliz!... do meu fado quanto basta?...
Separada de mim!... acima d'agua...
Anciosa lutando, estende ainda,
Como quem me procura, os alvos braços!...
Então d'angustia o sangue se me gela:
Então, ah que desgraça! ao chão ligado,
Como se mil grilhões me encadeassem,
Me não posso bulir, para salvá-la!... »

« Isso foi sonho (Scherasmin responde).
Por que motivo vos estais matando,
Sem precisão, com mil agouros tristes?

Um sonho nunca deixa de si nada:
E o melhor é, no caso que lhe lembre,
Tirar d'elle um mais doce resultado:
Suppor que, pois que o Genio que vos guarda
Do vosso coração vos mostra em sonhos
A futura Rainha, isso é ventura:
Crêde-o assim; e tomai-o por verdade:
Mas a torrente, o turbilhão, os pregos
Nos pés e mãos, contai-os como sonho.

«Tambem, quando era moço, muitas vezes
Com qualquer pesadelo me affligia,
E ao pensamento sempre me voltava.
Por exemplo, ora via andar saltando
Algum urso felpudo, inda pequeno:
Eu d'aqui para alli, estremunhado,
Sabe Deos onde iria dar comigo;
Lançava a mão á espada, horrorisado,
E puchava, puchava... em vão, que logo,
Correndo o desalento em cada fibra,
Sem força os membros todos me deixava.
Visivelmente o urso ía crescendo,
E dez vezes maior me parecia;
C'uma guela aberta, tão raivosa
Qual supponho do inferno a horrenda bocca.
Eu queria fugir, angustiado,
Queria remexer-me, e não podia.

«Outras vezes sonhando que voltava
Para casa, depois de algum banquete,
Passando por o pé de uma choupana,
Trás!... um postigo mui pequeno se abre,
E sae d'elle um nariz muito comprido,

Como este braço!... O medo me enregela;
Em vão quero fugir para evitá-lo:
Mil espectros daqui, dalli me embargam,
Olhando para mim, e prolongando
Muito o pescoço, abrindo muito os olhos!
Cheia de fogo, a lingua deitam fóra:
O corpo, de mortaes angustias cheio,
Para o muro se chega, á parte opposta:
Eis que uma aspera mão sae com violencia
Pelo triste orificio de um buraco;
Fria, começa a agatanhar-me as costas,
A beliscar daqui, dalli, com força...
São Jorge! São Christov'o! almas bemditas!
O meu cabello vira a ponta acima:
Ficam fechados todos os caminhos;
Visivelmente a estrada mais se aperta,
A mão s'esfria mais, e o nariz cresce.

« Succedem cousas d'estas muitas vezes;
Mas em fim, tudo isto é pura farça.
Os spectros nasceram no miolo;
O nariz e as angustias se dissipam,
Sem mais do que acordar; e o sonho foge.

« Se eu fosse vós, em tal mais não pensava;
Nas promessas do Anão fiel só crêra.
Vamos, que o quer que seja cá presinto...
Será desgraça se em Bagdad não acha
A Dama que cubiça, e lhe mostraram. »

Co' estas palavras se levanta cheio
De valor renovado o Cavalleiro,
Como quem já no sonho não pensava.

Rinchando o seu rocim, sellado e prompto,
Se lhe presenta: monta affoito, e parte;
Põe-se em dois saltos já fóra do campo,
Da fresca madrugada ao encontro corre.
Quando quiz para traz voltar os olhos,
Tinham desappar'cido a tenda rica,
A molle relva, as fôfas almofadas;
Tudo n'um abrir d'olhos se apagara.

A torrente do Euphrates costeando,
Entre palmas e arbustos mui copados,
Que do sol os ardentes raios vedam,
Íam os dois; calados; nem palavra
Das mudas boccas escapar se ouvia:
Bem que materia vasta não faltava,
Cada qual ía immerso em seus cuidados.

O ar puro, a suave madrugada,
Das aves o gorgeio deleitoso,
Do regato a carreira murmurante,
D'este lethargo em fim aos dois acorda
A adormecida e frouxa phantasia.

No seu magico espelho nada via
O Cavalleiro, digno de ser visto,
Senão a imagem bella da que amava.
No lustroso broquel a vê pintada:
Trepando o outeiro do fragoso Tauro,
D'ella os vestigios segue, ella procura:
Busca-a na gruta de Merlin tremendo;
Luta contra dragões, contra gigantes,
Que em torno do castello onde suspira
Vigiam noite e dia: e, combatendo
Com valor, a disputa a todo o inferno.

Em quanto elle, em phantastico deleite,
Abraça a noiva, que alcançou tão cara,
Mansamente tambem o velho absorto
Se suppõe sobre as margens da Garonnia,
Longe da praia inhospita do Euphrates.
Vê-se lá onde alegre, inda menino,
Colheo viçosas as primeiras flores:
« Não, jámais como alli (pensa o saudoso)
Brilhou tão meigo o Sol, nunca se viram
Tão risonhos os prados, nem tão fresca
Outra alguma verdura sobre a terra.
Ó tu, pequena aldêa! onde os primeiros
Raios da luz provei; onde algum dia
Foi nova para mim a dor e o gosto;
Inda que ignota sejas e escondida,
Com preferencia a tudo te dedica
Meu coração saudoso eterno culto.
És meu centro, lá vou, de toda a parte,
Pela secreta inclinação chamado.
Oh! queira o Ceo que não possa enganar-me
O que presinto! Irei inda algum dia
Jazer junto dos meus no teu regaço. »

Em taes sonhos fugio, sem ser sentido,
Quanto vai d'elles a Bagdad que buscam.
Porêm n'um bosque espesso os insta a calma
A abrigar-se do ardor do meio dia.
De um tronco annoso á sombra se recostam,
Onde um musgo mui farto lhes fornece
Empolados assentos, frescos, brandos.
O sequioso paladar refrescam
No boccal d'Oberon, avidamente;
E ao ponto que á terceira vez o enchiam,
Nos ouvidos lhes muge um grito horrivel.

Põe-se em pé, toma a espada o Cavalleiro,
E á parte corre onde o clamor resoa.
Um Sarraceno vê logo, a cavallo,
Que, atacado por um leão suberbo,
Por desesperação inda combate
Com fraco punho, mas de força exhausto.
O rocim meio morto, que vacilla,
N'um mar de sangue o envolve, rebolando,
E o freio, angustiado, morde e quebra.

Dos olhos atirando ardentes brazas,
Bramindo enfurecido se arremessa
Contra o seu contendor o leão bravo:
Então lhe enterra Hugon por uma ilharga
Dentro da pança a espada toda inteira.

O comprimento enjoa o rei das feras;
E corresponde c'uma arranhadura
Tão profunda, que logo o sangue salta
Ao mancebo gentil, por mil esguichos.
D'uma vez o partira em dois a fera,
Se o annel d'Anguláfer que levava,
Operando o milagre, o não salvasse.
Então recolhe quantas forças tinha
Hugon, pois vê que a morte sua certa
Fusila do animal nos feros olhos;
E com mão firme enterra-lhe na nuca
Um punhal que em reserva inda trazia.
Em vão para bater-lhe inda levanta
A cauda enorme; (mas se atraz não salta
O cavalleiro, fica esmigalhado)
Em vão co' a ferrea pata o bruto o acossa:
C'uma paulada Scherasmin valente
Em fim prostra o leão desalentado.

O Sarraceno (o qual de ricas pedras
Traz ornado o turbante) parecia
Um homem d'importancia; meio morto,
O suor pelas faces lhe corria.
Sobre os braços o toma o Cavalleiro,
E mansamente o deita ao pé do tronco
Que elles tinham tomado para abrigo.
Por dar-lhe força, o copo d'ouro chega
Logo o velho, que em arabe lhe falla:
« Meu senhor, agradeça, d'estes riscos
Ao bom Deos dos Christãos o ficar salvo. »

Com vesgos olhos o pagão, attento,
Toma das mãos de Hugon o copo cheio:
Mas quando a borda ao pé dos beiços chega
(Vingador das internas impiedades)
Foge o vinho, e na mão o copo lhe arde.
Elle atira com elle, ardendo, ao longe;
Bate c'o pé no chão, brama, blasfema
De tal modo, que Hugon, que já lhe custa
Ouvir taes cousas, tira a benta espada
Contra o pagão, e quer... quer convertê-lo.
Mas o perverso, que se vê vencido,
Não lhe agrada entablar um tal duelo.
Corre como uma lebre perseguida
Para o campo visinho onde pastavam
A relva pingue livres os cavallos:
Monta sobre o rocim que a Hugon pertence,
Ás crinas se segura, e á solta redea
Vai correndo, com tal angustia e pressa
Qual iria se os ventos o levassem
Entre as azas horrisonas sentado.
Era forte a aventura, o ganho certo:
Mas que serve correr traz de um cobarde?

No proximo lugar, por pouca somma,
Por fortuna se achou certa figura
Que devia ser mula; mas, coitada,
Tão transparente que par'cia um vidro:
Tinha apenas a vida que bastava
Para ir té Bagdad a passo e passo.
Mas ao velho assim mesmo lhe convinha;
E era melhor montar-lhe sobre os lombos,
Que ir arquejando a pé traz de seu amo.
Isto supposto, ao porto desejado
Se encaminham os dois como é possivel.

Já do sol a carroça escorregava
Dos limites do Ceo, quando avistaram,
Pelo clarão da tarde allumiada,
Ao longe, lá n'um valle dilatado,
Coroada de torres numerosas,
A Rainha de todas as Cidades;
E d'entre um Paraiso de verdura,
Eternamente fresca, a larga enchente
Do veloz Tigre foge, e os prados corta.

Milagrosa mistura de receio,
D'encanto, d'interior presentimento,
De um alvoroço estranho, se apodera
Do coração do Heroe, vendo o theatro
Onde o fórça a cumprir uma proeza
Mais o valor que herdou, e a sua palavra,
Que a lei severa com que o vexa Carlos.
N'esta outro fim apenas póde ver-se
Que não seja horroroso, e a morte certa.
Sempre entendeo que fosse o risco grande;
Porêm nunca tão grande como ao perto.

Alli vê, semelhante ao sacro Olympo,
Com tremenda e magnifica opulencia,
Co' as amêas douradas levantar-se
Os altivos castellos dos Emires:
Do supremo Califa o throno avista,
Que assusta e faz tremer as terras d'Asia.

Então comsigo falla, e diz: «Que fazes?...
Que vais tu empr'ender, desacordado?...»
Vacilla, pára; mas conforta-lhe a alma
De novo esse valor da fé que o trouxe
Tão longe, e por tão asperos caminhos.
Promette-lhe este ver naquelles muros
O que elle adora «Vamos, ala! (grita
A Scherasmin, de gosto transportado)
Vamos depressa, larga as velas todas.
Vês a meta de meus longos trabalhos:
Cheguemos a Bagdad antes da noite.»

N'um trote tão esperto logo partem,
Que arquejam cavalleiros e cavallos;
E o pagem compassivo então derrama
Sobre a lingua da sua bestiaga
Do vinho de Oberon algumas gottas;
E diz: «Bebe, coitada, que este copo
Para os teus semelhantes não s'esgota.»
Tem razão; porque apenas chupa o succo,
O doce orvalho do encantado vaso,
A lingua em braza da cançada mula,
Com impeto lhe corre pelas vêas
Uma torrente d'ignea e viva força,
Que uma nova energia desenvolve,
E o coração e bocca lhe refresca.

Corre então como um galgo, até que chega
Antes do fim do dia a Babylonia.

Inda vagavam nas primeiras ruas
Ao romper do crepusculo, novatos,
Como estrangeiros que o acaso guia;
Quando uma velha d'engelhadas faces,
D'argenteas cans, de passos tremebundos,
A um bordão encostada, de repente
Ao seu encontro sae pelo caminho.

«Tenha a bondade, avó, (lhe diz o pagem)
De ensinar-nos aonde encontraremos
A primeira pousada, o han (*) primeiro.»
Co' a cabeça tremendo, como póde,
Sobre a sua moleta se endireita
A fada antiga, a ver os estrangeiros:
«Senhores peregrinos! (lhes diz ella)
D'aqui ao han primeiro é muito longe.
Porêm se estais cançados, e vos basta
O pouco que eu tiver, vinde comigo:
Tenho em minha cabana pão e leite,
E uma cama de palha muito fresca,
Tudo ao vosso dispor; e tambem tenho
Herva para pastar o vosso gado.
Descançai pois, e ámanhã segui caminho.»
Hugon segue-a, rendendo-lhe mil graças
Pelo doce agazalho a que o convida;
E julga não ser máo nenhum asylo
Ao qual a lealdade as portas guarda.

(*) Han, nome que aquelles povos dão ás estalagens.

Prepara a palha fresca a nova Baucis;
Munge o leite, que a espuma crespa eleva;
Deita n'elle serpão, flor de laranja,
Que ao quintal vai colher, e tambem colhe
Os pêcegos succosos, frescos figos,
Com pezar que os rapazes não deixassem
Amadurar amendoas, para dar-lh'as.

Comida tão gostosa em sua vida
O Principe julgou nunca provara;
E o que talvez faltasse na hospedagem,
Da boa velha suppre o fallatorio,
A confiança pura, a singelleza.

« Vós vindes para a festa, meus senhores? »
(Disse a velha) — « Que festa? » — « Pois não sabem?...
Casa ámanhã a filha do Califa. »
« A filha do Sultão!... Ceos! Como é isso? »
— « O seu esposo é o Principe dos Drusos,
Sobrinho do Sultão, mui rico e bello:
N'uma palavra, um Principe que as gentes
Todas julgam da bella Resia digno.
Mas ella antes queria uma serpente:
Ninguem nos ouça, isto entre nós só fique. »
« Caso pasmoso! (exclama o Paladino)
Crer tal é mui difficil, tal não creio. »
— « Pois torno a segurá-lo; antes quizera
A Princeza abraçar-se c'um adrago,
Que com elle; ficai n'isto que digo.
Ha muito tempo sei estes segredos:
Prometti, é verdade, não dizê-los;
Porêm se dais palavra direi tudo.

« É pasmoso que objectos tão sublimes
Me caíssem nas mãos, sendo eu tão pobre,
Quando os ignora mesmo o regio sangue,
Grandes e povo, todos curiosos.
Mas sabendo que sou mãe de Fatima,
Ama de Resia, que ella adora ainda,
Não obstante haver já dezeseis annos
Que a tenha desmamado a minha filha,
Facilmente crereis que eu saiba as cousas.

« Todos observam que ha tempos bastantes
Que o Califa, suberbo de tal filha,
Não poucas vezes nos festins á mesa
Lhe punha aquelles de gentil figura
Que agradar-lhe pudessem, e attrahi-la:
Mas a cidade e os campos todos sabem
Que a seus olhos nenhum graça encontrara;
E a repugnancia sempre n'este caso
Mais pareceo desprezo que modestia.

« Entretanto suppoz-se que podia
Tolerar a Babek: é este o nome
Do Principe escolhido para esposo
Da filha do Sultão; que ella tolera
Um pouco mais que os outros; mas não chega
A palpitar-lhe o coração se elle entra.
Não evitá-lo é só quanto se vence,
Eis-aqui quanto alcança de si mesma.
Como até 'gora Resia nunca amara,
Crê-se que amor virá depois das nupcias.

« Tudo mudou porêm ha pouco tempo.
Poucas semanas ha, que nem ver póde

O miseravel Principe, coitado!
No peito o coração se lhe revolta
Se alguem ousa fallar-lhe em matrimonio;
E o que pasma é que fosse um simples sonho
O culpado de tão estranho effeito. »

« Um sonho! » (exclama Hugon, todo inflammado)
« Um sonho! » (Scherasmin diz, com espanto
De tão rara aventura) — « Sonhou Resia
(Torna a velha) que n'um deserto sitio
N'uma cabra montez se transformava,
E que Babek na caça a perseguia,
De vinte cães de fila acompanhado.
Em angustias mortaes ella correndo,
Co' a esperança perdida, se despenha
Entre rochas por montes escabrosos,
Co' a vida por um fio; mas avista
Um anão, que mais Anjo lhe parece:
N'um elegante carro vem tirado
Por juvenis leões a toda a pressa,
E na carreira a fugitiva encontra.
Na mão mimosa o lindo anão trazia
Uma de lyrios hastea florecente:
Sentado junto d'elle um bello moço
Em traje cavalheiro, julgar-se-hia
Que era um Genio celeste, ou mais que humano.
Os seus olhos azues, cabellos d'ouro,
Revelavam não ser d'Asia oriundo:
Comtudo, como cá se manifesta,
Isso bastou; seus olhos triumpharam,
Assim que o vio, do coração de Resia.

« Pára o coche; o anão co' a hastea lhe toca;

Despe a pelle caprina de repente
A afflicta Resia; e attento lhe supplica
O seu libertador que suba ao carro.
Sóbe, senta-se, e córa envergonhada
Entre um e aquelle que a alma lhe arrebata;
E em quanto neste amor e pejo luta,
O carro pelo monte acima corre,
E vai bater n'um seixo; Resia acorda.
O sonho foi-se: não fugio a imagem
Do mancebo gentil, que lhe revoa
Ante os olhos, e n'alma se lhe grava.
Olhos da cor do Ceo, madeixas d'ouro,
Doce origem das mais suaves magoas,
A phantasia ardente lhe debuxa,
E lhe torna Babek insupportavel:
Sem odio, sem horror não póde vê-lo,
Nem que alguem se resolva a fallar n'elle.
Todos se cançam, procurando a causa
D'esta tão repentina antipathia.
Em vão, porque se cala, e fica immovel,
Irritada, e envolvida no mysterio.
A sua ama sómente (já vos disse
Que é minha filha) soube achar caminho
De extrahir-lhe do peito o tal segredo.

«O dia que mais teme ía chegando
Entretanto, e Babek presentia
O desdem da Princeza: para obstar-lhe,
E obter mais attenção da ingrata noiva,
Não poupou meio algum para agradar-lhe.

«D'alma grande, julgavam-na inclinada
Aos valentes: Babek n'este aspecto,

Tão seductor, não se mostrara ainda:
Façamos (diz comsigo) uma proeza,
E o pasmo vencerá essa insensivel.

«N'estes sitios, ha tempos, tinha em sustos
Uma fera medonha a todo o povo:
Nas aldêas entrava em dia claro,
E machucando tudo quanto achava,
Despedaçava ousada homens e gados.
Azas tem de dragão, segundo dizem,
Garras de gripho, espinhos como ouriço,
E é muito maior que um elephante:
Quando respira, um furacão parece
Com que se arraza aquella terra inteira.
Não ha memoria humana que alguem visse
Semelhante animal em priscos tempos;
E promette-se um premio consid'ravel
A quem delle cortar possa a cabeça.
Mas como todos mais a sua estimam,
Ninguem tem gosto de intentar o golpe:
Babek sómente se acha digno d'isso,
Para domar com tal façanha o genio
Desdenhoso e suberbo da Princeza.

«Foi-se em pompa ao Sultão, pedir licença
Para ir combater com o fero monstro.
Bem que o Sultão a seu pezar lha désse,
Apromptou-se Babek de madrugada,
E montou com presteza, ufano e alegre,
Antes do dia, o seu melhor cavallo.
Do que mais se seguio nada se sabe,
Senão que n'um cavallo alheio veio,
Mui devagar, (sem duvida magnifico);

Porêm não trouxe do animal a pelle.
Dizem comtudo que elle está de cama,
E tomou bezoartico de Curvo.

« Não obstante, os preparos para as nupcias
Co' a maior opulencia continuam,
E sem falta ámanhã hão de estar promptos:
Mas na proxima noite ver-se-ha Resia
Nos braços de Babek, que ella detesta. »

« Antes que isso succeda (Hugon exclama)
Ha de a ordem do mundo transtornar-se.
O cavalleiro, o anão serão da festa:
Crede o que digo, o fado assim o ordena. »

Pasmou a Velha, ouvindo estas palavras;
E reflectindo, reparou de novo
No que apenas já tinha reparado:
Nos olhos do estrangeiro, nas madeixas,
Seu nobre porte, estranha algaravia,
(Um arabe corrupto é que fallava).
Pensa tambem na phrase resoluta
Que proferio; e em tudo lhe parece
Semelhante ao sonhado cavalleiro.
— Quem é, de donde vem, por que motivo? —
Vinte perguntas pesam-lhe na lingua:
Porêm Hugon supprime-as, e declara
Que precisa descanço; e se accommoda
Como póde, cançado, sobre a palha.
Boas noites a velha lhe deseja,
E que agradaveis sonhos o recrêem.

Sae coxeando: a porta carunchosa

Tinha gretas, e com cuidado a fecha:
Mas da velha as orelhas curiosas
Em tal ensejo muito lhe comiam.
Pé ante pé caminha pensativa,
E á mais larga das gretas põe o ouvido:
Co' a bocca aberta escuta, supprimindo
O decrepito bafo, e a tosse usada.

Os dois homens fallavam muito alto,
Distinguia-lhe todas as palavras:
Mas, que pena! perdia-lhe o sentido,
Pois que a velha nascera em Babylonia;
E só a consolava ouvir ás vezes
O substantivo Resia, o mais lh' escapa.

« Como se desenvolve o meu destino!
(Diz Hugon) Que prodigios se avisinham!
Que bem disse Oberon, quando nos disse
Que são fracos e cegos os humanos
Para ver no futuro qualquer cousa!
Carlos cuidou de certo que o pescoço
Com seu decreto austero me quebrava;
De tal ordem a mira era matar-me:
E com cegueira fez unicamente
O que tinha ordenado a minha estrella.
O bello Anão c'o aceno de seus lyrios
N'um sonho me guiou suavemente
Á fonte da ventura que me toca. »

« É certo! (Scherasmin lhe diz) Não vejo
Muito claro, porêm, se isso é verdade;
Se a menina que em sonho a alma lhe rouba
Seja essa infanta filha do Califa,

Que para noiva Carlos lhe prescreve:
Que tudo venha a ponto, e que sonhando
Ella o seu coração logo lhe entregue,
Isto os olhos apenas tal crer podem.»
«Mas, (brada Hugon) a velha não podia
Inventar os effeitos de um tal sonho,
E o laço que formou o meu destino.»
—«O ponto é desatá-lo, e n'este ponto
Consiste o que é difficil e arriscado:
Não costumo com isso inquietar-me;
E se me dais licença, francamente
Vos direi meu humilde sentimento.
Eu partia esse laço pelo meio;
E d'esse modo logo o campo livre
Deixava ao mocetão da mão esquerda:
Ao Califa os seus dentes: não tomava
Para mim mais que a minha Dulcinea.

«Ora ponha esta scena no sentido:
Degolar na presença da menina
A cabeça do noivo que a corteja:
Depois, sem ser dentista, ir arrancando
Quatro dentes queixaes, e uma guedelha
Da barba do paesinho da senhora;
E nas ventas do dito arrebatar-lhe
A sua filha unica!... Devéras,
Não me tem muito geito esta manobra:
Não póde ser, o Fado não ordena
Que sejamos traidores de nós mesmos.
Felizmente Oberon proveo já d'antes
Ao mais essencial: levantou lebre;
E agora só convem soprar a dama
Ao insipido Druso que a namora.

Ha de ajudar-nos mesmo a linda Resia,
Quando lhe referir a astuta velha
Que o Heroe das madeixas é chegado.
Eu sem demora á porta do serralho
Aprompto dois cavallos primorosos,
E a fuga se executa n'um momento.»

«Dom Scherasmin, (replica o cavalleiro)
Parece-te que dei minha palavra
Para enganar, e não cumprir com ella?...
O que ponto por ponto Carlos manda,
Nem uma lettra só ha de escapar-me:
O que ordenou, amigo, ha de fazer-se,
Nem é preciso d'antemão dizê-lo.»
«Pois n'esse caso, (Scherasmin responde)
Tome conta Oberon, em tal naufragio,
De nos livrar das ondas empoladas.»

Entretanto que forma estes discursos
O fatigado velho cabecêa,
E por fins adormece; mas dos olhos
Do cavalleiro o somno degradado,
Toda a noite o deixou qual batel fragil
Sobre escarcéos dos mares combatido.
Seu coração presago fluctuando
Interroga o futuro avidamente,
Vendo-se já tão perto, e inda tão longe!
Valem momentos taes eternidades.

CANTO V.

Tuas palpebras humidas, ó Resia,
Tambem evita o somno, e ao longe foge.
Em labyrintho horrivel te vês presa,
Onde impossivel é pegar de um fio
Que a salvo te conduza, infeliz noiva!
A rubicunda e festival Aurora,
Que aponta já nos Ceos, é-te odiosa;
Temivel, odioso o dia nasce,
E do altar de Hymeneo te acena e chama.
Em voltas suspirando a longa noite
A triste passa, até que a alma emmudece,
Pelo interno tumulto fatigada;
E a cabeça lhe cae no peito anciado.

Adormece: Oberon vem reanimá-la;
E na forma de um sonho lhe revoa
Ante a testa a figura desejada.
Ao tepido clarão da baça lua
N'um berço dos jardins do harêm se julga
Sentada, a meditar scenas suaves.
Perdida em phantasias amorosas,
Um ai doce, um desejo angustiado
O peito lhe subleva; os olhos nadam
Em pranto enternecido quando pensa,
Sem esperanças, no gentil mancebo.

Com ancias agitada, corre e ganha
O terreno onde os passos accelera;
Olha anciosa, a ver se entre os arbustos,
Se no campo florido acha o que busca.
Anhelante procura as grutas todas;
As cabanas revolve avidamente;
E os seus olhos, que amor e pranto espantam,
Parecem supplicar a imagem cara
Aos sêres que a rodêam: pára... escuta...
Se uma sombra apercebe, ou se revôa
D'entre as flores alguma borboleta.
Em fim, voltando á parte onde rompia
Um raio do luar da noite a sombra,
Por entre arbustos julga ver... oh vista!
Se nenhuma illusão lhe engana os olhos,
Julga ver... oh delicia! o que deseja.
Vê, e é vista, cruzando-se inflammada
A reciproca acção de olhar amando.
Lança-se, e pára, em timido deleite,
Duvidosa entre amor, pejo, e ventura.
Abre os braços o amante, ao encontro corre:
Quer fugir ella; dos joelhos fracos
A força se dissipa; apenas póde
Esconder-se detraz d'um tronco annoso;
E expulsa, n'esta angustia deleitosa,
O bello sonho com que Amor a brinda.
Como quizera então sonhar de novo!
Como se enfada contra si e o tronco!
Quer em vão re-sonhar por força ou geito;
Tornar a apercebê-lo em vão procura:
Só lhe resta a lembrança, e o vão desejo.

O Sol do seu caminho a terça parte

Ía já completando; era inda noite
Na camara de Resia; e em tal recreio
A tinha submergida o sonho amavel,
Que a submissa memoria repetia.
Mas em fim, sendo tarde, ella não dando
Signal de vida, Fátima inquieta
Ao leito d'ouro chega, abre a cortina,
E observa, admirada, a dama esperta,
Mais alegre que nunca, mais ditosa.

— « Tornei a vê-lo, ó Fátima, que gosto!
Mil parabens me dá; tornei a vê-lo! »
Exclama Resia, e Fátima replica:
« Isso inda dura? » E prompta á roda observa,
Com susto que este passaro lhe fuja.
A dama ri-se, e diz: « Como estás louca,
Julgando que occultar-se aqui pudesse!
Eu certamente o vi, porêm sonhando.
D'estes sitios talvez não 'steja longe:
Parece-me que os Ceos m'o vem trazendo;
E se acaso me tens amor, não digas
Nada contra esta idéa, que me affliges. »
— « Pois calo-me. » « E porquê?... Que achas que seja
Contradictorio em fim ao bem que espero?
Quem m'embarga o nutrir esta esperança?
Que não vence de Amor a omnipotencia?
Ella domou leões, e protegeo-me;
Ella me salvará, bem qu' inda ignore
Como e quando obrará este prodigio.
Tu calas? Tu suspiras? Doce amiga...
Bem percebo o que esconde o teu silencio:
A favor d'esta chamma nada esperas;
E eu mesma, se é que espero, é que me falta

Melhor consolação, outro conforto.
Já chega a hora, já tine a cadêa,
E o infortunio meu ao certo surge.
Ó Fátima! um prodigio é só quem póde,
Um prodigio, salvar-me... Isto ha de obrá-lo.»

Co' estas palavras tira, ardendo em fogo,
Do seio um punhal fóra, e diz — «Vês este?
Elle me dá valor, elle me eleva,
Com elle desafio a morte e o fado.»
Fátima, descórada e vacillante,
Cae para traz nos braços da cadeira.
«Ai de nós! Protegei-a, Ceos benignos!
Não esperas mais que isso, triste Resia!»
Diz a infeliz, tremendo como varas,
E nos braços a aperta soluçando.
A Princeza co' a mão lhe tapa a bocca:
«Cala (lhe diz), contêm essa agonia.
(E recolhe outra vez no seio o ferro)
Tu bem sabes que o globo nada encerra,
Por terrivel que seja, que eu deteste
Como detesto o Principe dos Drusos.
Antes que elle de mim consiga a posse,
Vibora peçonhenta ha de cravar-me
Os lethaes dentes no sensivel peito.
Se o que adoro não chega, e não expulsa
O roubador que temo, que me resta
Mais que o soccorro do punhal que escondo?»

Apenas tinha ditto estas palavras,
Quando no reposteiro, ao pé, se sente
Que da alcova onde Fátima dormia
Vinha sahindo alguem com passos lentos.

Fátima sae sem dilação, e volta
Para traz n'um momento, e com tal pressa
Que apenas respirar póde a coitada,
De alvoroço, e delirio de alegria.
« Alviçaras! Triumpho! (exclama entrando)
Acabaram-se as penas, as miserias:
Triumpho, Resia! Achou-se o Cavalleiro. »

No seu nocturno traje, qual apenas
Envolve pura nevoa os bellos membros,
Salta d'entre os lençoes, e cae no peito
Da enternecida Fátima a Princeza.
— « Achou-se? Aonde? Quando? Onde está elle?
Oh sonho meu! e tu não foste sonho? »
De alvoroço tambem Fátima tonta,
Fóra de si, apenas toma tento
Em cobrir de umas roupas mui depressa
A semi-nua e bella sonhadora.

Foi chamada lá dentro logo a velha,
Para expor ella mesma as boas novas;
E narrou cuidadosa o conto todo,
Não deixando escapar das circunstancias
O mais pequeno ponto relativo.
Nem feições, nem palavras do hospedado
Omittio na pintura encantadora.
« É elle, certo, é elle! Temos homem,
(Fátima grita) tudo está corrente! »

Tornam de novo a questionar a velha;
Tres, quatro vezes conta a mesma historia:
O que fez, o que disse, e o que não disse
Exigem que repita: como é feito

Desde as pontas dos pés até á testa:
Que feição por feição outra vez pinte;
Se é bem loiro e annelado o seu cabello,
Se é grande e azul o bello par dos olhos:
E sempre escapa algum ponto importante
Que omittio, pela pressa com que falla.

Em quanto com vigor de vinte annos
A decrepita Fada tagarella,
A fabrica sublime dos canudos
Da bella noiva vai desenvolvendo
A destra mão de Fátima gostosa.
As perolas alvejam como o orvalho,
Nos escuros cabellos serpeando;
E entremêam com graça anneis e flores.
Cinta, collar e brincos tudo brilha,
De joias tão suberbas cravejado,
Que ao Sol soffrer-lhe a luz mal póde a vista.

Completo já o lindo arranjo estava.
Entre o tropel das suas nymphas marcha,
Com nupciaes adornos para a festa,
Qual mansa corça que entre rosas pasta,
Qual nasce o Sol, a filha do Califa.
Nenhuns olhos a veem que se não ceguem,
Bem que só olhos púdicos a vissem.
Só ella é que parece ignorar sempre
Que as estrellas eclipsa, o sol apaga.
O fogo que nos seus olhos scintilla,
A impaciencia, os avidos desejos
Que os labios coram, e a face pudibunda
Com desusada purpura tingiam,
Teem attonitas Damas e Açafatas;

E entre ellas um sussurro começava:
«É esta a noiva (dizem) desdenhosa,
Que inda hontem chorava o dia d'hoje?»

Entretanto opulentos se juntavam
No salão nupcial, para o festejo,
Os Emires altivos, e os Visires.
O banquete real 'stava servido;
E ao som de mil clarins altisonantes,
Por immensos escravos rodeado,
Entrava as aureas portas do palacio
O Califa, co' a sua argentea barba.
Atraz delle magnifico, mas pallido,
Em ar de noivo, o Principe dos Drusos
Com magestade e audacia vinha andando.
Abria-se defronte a eburnea porta
Do harem, donde saía, mais formosa
Que as do Ceo de Mafoma, a illustre noiva
Um veo, qual nuvem d'argentino orvalho,
Prohibia encarar c'os resplendores
Com que cega aos mortaes sua face d'Anjo;
Bem que a sala ficasse allumiada
D'um celeste clarão quando ella entrava.
Do Druso o coração incha e desmaia;
E os seus olhos, em taes encantos presos,
Buscam nos della ver quanto cubiça:
Um volver destes frio e desdenhoso,
Qual dos Alpes a neve, é quanto encontra.
A vaidade porêm, que a si se engana,
O 'stulto Druso affaga e lisongêa:
Este desdem reputa hypocrisia;
E suppõe que mais hora menos hora
Bem póde desgelar todo este gelo.

Já não fica em segredo o que elle esperava;
Nem convêm perder tempo em estar narrando
Como barbudo Imân as preces disse;
E que ao som de clarins e de timbales
Se poz á mesa, *primò*, a Magestade;
Á mão direita a noiva, o noivo á esquerda;
E outros factos assim, que bem s'entendem.
Vamos a Hugon, que é tempo de observá-lo.

Como quando sacode a tempestade
Quem no cesto da gávea vai sentado;
Instigado por terna impaciencia,
Rebolando, esquentado entre presagios,
Bem vos lembra que Hugon passara a noite
Muito mal, sem socego, sobre a palha.
Apenas rosea mão d'Aurora abria
Para o caminho d'ouro ao dia a porta,
Sobre seus olhos cae, igual á nevoa,
De sabugo e de lyrios um perfume,
Um vapor de narcoticas papoulas.
Adormeceo de veras, e de um somno
Salvou tão largo espaço, que já tinha
Partido em dois o Ceo do Sol o carro.
O velho em tanto foi pela cidade
Bater o campo, e preparar as cousas
Para o rapto, se fosse necessario;
Em quanto a hospitaleira cuidadosa
No seu pequeno lar prepara as sopas,
Grunhindo quasi contra o preguiçoso.

Roçou-se em fim á porta, e pelas gretas
Outra vez a espreitar tornou a velha,
Felizmente encontrando a curiosa

O primeiro abrir d'olhos com que o moço
Procura do aureo dia a luz serena;
Fresco, qual se levanta o mez de Maio,
Quando as Graças co' as Nymphas danças travam.
Meio corpo subleva o Cavalleiro,
E sobre uma cadeira abandonado
O quer que seja os olhos seus distinguem.
Um cafetan (*) tão rico qual só trazem
Os mais altos Emires n'esses dias
Em que ha na Corte festa, e que s'enfeitam,
Tudo bordado d'ouro e ricas pedras.
Mais um turbante havia, fabricado
De pura neve, ou renda preciosa;
E, para encher de Emir o traje inteiro,
Um boldrié composto de diamantes,
De que um adamascado alfange pende.
Nada falta no adorno, desde as botas
D'aureo couro, com borlas diamantinas,
Té o nó de brilhantes que suspende
De avestruz altas plumas no turbante.

Julgou o Heroe que estava inda sonhando:
D'onde lhe vinha pois tanta opulencia?
Pasmava a velha, e lá comsigo disse:
« Cheira-me isto de certo a encantamento;
Já pouco mais ou menos isto eu via. »
« Temos o Anão aqui » Scherasmin pensa,
E assim pensou tambem o Cavalleiro.
« Entre os pagãos (diz elle) me abre a estrada
Á sala nupcial, á corte, á festa. »
Ataca o cafetan, a cinta aperta;

(*) Vestido de distincção usado pelos Turcos.

Esmera-se em servi-lo a boa velha:
« E o que faremos (diz) co' este turbante?
Os seus bellos cabellos são compridos,
Necessita cortá-los » — « Não precisa. »
— « Pois espere, que ponho todos dentro. »
E supprime as madeixas, diligente.

Parecia um Sultão o Cavalleiro
No traje e aspecto, excepto a imberbe face,
Que a lizura das pétalas de um lyrio,
E a graça juvenil mal disfarçava.
Por um lado e por outro o mira a velha,
E não se farta em concertar o enfeite.
Mas Scherasmin fiel diz-lhe aos ouvidos
Um segredo que Hugon escuta; e parte,
Affavel compensando a hospitaleira
Com uma bolsa, ou sacco cheio d'ouro,
E um *passe muito bem, até que eu volte.*

É dos Genios sublimes a maneira
Nunca fazer de meias o que empr'endem;
E um cavallo mui bem ajaezado
Á porta estava da benigna velha:
Ao pé delle dois moços, destros, bellos,
Fardados com primor e pannos d'ouro,
Que as redeas preciosas seguravam.
Hugon monta d'um salto; elles ligeiros
Pelo caminho, ao lado, que costêa
A torrente, e florida matta corta,
O vão guiando, até que em fim descobre
Já defronte de si o altivo Paço.

No primeiro espaçoso pateo elle entra;

No segundo se apêa, e assim caminha,
Entrando sem demora no terceiro.
Todos julgam que seja um convidado
D'alto rango; e com este engano as guardas
Lhe franqueam o passo: livre e altivo
Caminha desenvolto, e se avisinha
Da porta de páo d'ébano sagrada.
Quaes gigantes, a guardam doze mouros,
Que prohibem a entrada aos temerarios,
Tendo sempre nas mãos nús os alfanges:
Mas de Hugon a opulencia, o regio aspecto,
Apenas se aproxima d'alta porta,
Fórça depressa as pontas das espadas
A voltar para traz, bem que de longe
A encontrá-lo pareçam destinar-se.
Patentêa-se a entrada; porêm bate
Com força o coração do Heroe no peito,
Sentindo que atraz d'elle a fecham logo.
Em longas columnatas, que guarnecem
Jardins encantadores, vai andando,
E de bronze dourado nova porta
Dá n'ante-sala, aonde residiam
Escravos de mil cores, prole triste
De Combabús, os quaes famintos vivem
Sempre ao pé dos banquetes da alegria.
Como engrossa a seus olhos este homem,
Que o resplendor d'Emir cerca e realça!
Param, cruzando sobre o peito os braços;
A interna escravidão no gesto pintam,
E apenas tem valor de olhar e vê-lo.

Os cymbalos, trombetas e tambores,
As citharas, violas e rabecas

Altamente resoam pela sala.
O Sultão cabecêa, que o surpr'ende
Dobre peso de vinho e de velhice;
E mais livre a alegria começava
A subtrahir-se ás leis da dignidade.
Sómente a Noiva, só, não participa
Do prazer que reluz na vista ao Noivo:
Seus olhos fixos só descáem no prato,
Quando o Heroe nobremente entra na sala.
Chega-se á mesa, e cada qual levanta
Com pasmo a sobrancelha para vê-lo.
A bella Resia, que em seus sonhos cuida,
Sustêm no prato a vista como d'antes:
E o Califa tambem, que se occupava
Em despejar um copo, não consente
Que ninguem lhe perturbe o sacrificio.
Babek sómente, ao qual Genio benigno
Do desastre futuro não adverte,
Estende, para ver, longo pescoço.

Reconhece o Heroe o homem d'hontem,
Qu' ingrato, contra o Deos do Christianismo
Tão impiamente tinha blasfemado.
— « Este é pois o que está sentado á esquerda?
E que estende o pescoço expressamente
Para encontrar o golpe que preparo?... »
Qual relampago brilha a espada, e salta
Do pagão a cabeça, os hombros larga,
E como chafariz o sangue rompe,
Alaga a mesa, e quem lhe fica ao lado.

Bem como rouba a força, e petrifica
Revoltada cohorte o feio aspecto

Da medonha cabeça de Medusa,
Do fero punho de Perseo pendente;
Ferve em vão o palacio, cresce a furia
Dos barbaros no peito, a morte brama;
Tudo em vão, que Perseo sacode apenas
A cabeça que tem por grenha serpes,
Nas mãos sanguineas os punhaes vacillam,
E convertem-se em rocha os vingadores:
Tão temerario feito tambem deixa
Suspenso tudo agora. Não circula
O sangue enregelado em vêa alguma.
Os convidados todos se alvoroçam
Como quem vê um spectro: em vão se lançam
Ás espadas, que o medo aleija todos;
O braço estendem, pucham; porêm ficam
Paralysadas todas nas bainhas.
Com impotente raiva e espantamento,
Cae sem falla o Califa na cadeira.

O motim que revolve a sala toda
Da sua distracção desperta Resia:
Busca á roda de si qual seja a causa;
E quando volta á parte onde Hugon 'stava,
Ah! como ficou elle, olhando e vendo-a!
« É ella, é ella! » (exclama extasiado)
Cae-lhe o turbante, perde a fera espada;
E quando o seu cabello solto ondêa,
É por ella tambem reconhecido.
« É elle! » principia a dizer, quando
Na rosea bocca o pejo o som suspende:
Mas como o coração lhe bate, logo
Que elle á mesa se chega, e na presença
De quantos convidados a rodêam,

Instigado de amor, afoito a abraça!
Ora desmaia qual marmoreo busto;
Ora em fogo accendendo o lindo rosto,
Luta entre amor e virginal angustia:
Porêm mal se defende, que na luta
Os labios de rubim Hugon lhe beija.
Duas vezes triumpha neste encanto;
Porêm falta-lhe o annel esponsalicio.
Por fortuna n'um dedo conservava
Esse magico annel, esse prodigio
Que ao Gigante usurpou na bronzea torre.
Na verdade inda então mal conhecia
O valor d'esta peça; mas no aperto,
Se elle fosse peor, tambem servia.
No dedo da Donzella o enfia logo,
E diz: «Recebo a vós, esposa amada.»
Co' estas palavras cumpre a lei que manda
Beijar terceira vez a bocca linda.
Então grita o Sultão, os dentes range;
Bate c'o pé no chão desesperado,
Que o cachorro do Franco assim o insulta:
—«Vacillar é traição... Prendei-o, guardas!
Seu sangue gotta a gotta se derrame,
E expie d'esta acção a atrocidade.»

Mais de uma vez fusilam, tinem ferros,
Ante os olhos de Hugon; e apenas póde
Na resistente espada pegar, antes
Que o cerque e aperte em torno a mais tremenda,
Mais violenta, mais fera tempestade.
Voleja entre o tumulto ameaçando;
E em tanto Resia bella, inanimada,
Entre angustias e amor, um braço passa

Em torno d'elle, e forma de seu peito
Um broquel que o defenda; c'o outro braço
Lhe prende a espada, e diz gritando: « Parem,
Temerarios! Não ha outro caminho
Para tal coração senão meu peito. »
Altamente exclamou; e esta, que apenas
De Amor a esposa iguala em suavidade,
Lhe empresta o susto de Medusa os olhos.
« Insolentes, atraz! (grita aos Emires)
Suspende, ó Pae! suspende: e tu que os fados
Por marido me deram, tu suspende:
O meu sangue poupai n'ambas as vidas. »

É tudo vão. A raiva, os ameaços
Do Sultão, os pagãos todos revolta,
Todos fervem na sêde da vingança;
E o Heroe inutilmente o alfange brande:
Resia ainda o sustinha por um braço,
E lhe traspassa o coração, gritando.
Mas para defendê-la que lhe resta
Mais que o magico som da eburnea trompa?
Á bocca a chega, e brandamente sopra,
Impellindo do seio enrodilhado
O som mais bello, o mais melodioso.
As erguidas espadas de repente
Por terra cáem das mãos desalentadas,
Que os Emires em furia alegre estendem,
E em pyrrhicas fileiras danças formam.
Um bacchantico *hussá* atroa a sala:
Velhos e moços, quem tem pés, que salte;
Da trompa a força escolha não permitte.
Só Resia, confundida c'o portento,
Confundida e contente, fica firme
Junto do bello Hugon, de Amor retrato.

Em circulos, em cruz o Divan dança:
Os Bachás velhos o compasso aleijam;
E mesmo o Iman se vê, qual sobre o gelo
Escorrega ligeiro o que patina.
Annos e dignidade nada servem:
Nem o altivo Sultão póde eximir-se
Da sêde de dançar; e sem demora
O Gran'-Visir apanha pelas barbas,
E ensina ao velho raras cabriolas.
A inaudita paixão da dança ganha
Com pressa Camaristas, Guarda-roupas,
O povo feminil, e em fim os guardas.
Todos surpr'ende o phrenesi dansante;
E o magico tumulto até franquêa
As portas ferreas do harêm vedado:
Mesmo em rustico traje os Jardineiros
Saltando vão co' as bellas Odaliscas.

Como quem mal se fia de seus olhos,
E respirar não ousa, Resia estava.
« Que prodigio! (diz ella) e em qual momento!
Outro meio salvar-nos não pudera. »
« Princeza! um Genio bom nos acompanha »
Lhe responde o Heroe; e n'este passo
Por entre a multidão Scherasmin rompe
Com Fátima, correndo entre os que dançam.
« Vamos, meu bom Senhor, depressa vamos;
Não é tempo de ver esta galhofa:
Os cavallos 'stão promptos; toda a villa
Enlouqueceo, e as portas deixa abertas:
Guardas não ha, Senhor: porque tardamos?
Comigo eu trouxe Fátima, provida,
Para a fuga, de quanto era preciso:

Uma azémola menos carga leva.»
«Socega, não é tempo: (o Heroe responde)
O mais difficil falta; ha de cumprir-se.»

Esmorece, isto ouvindo, a linda Resia;
E os ternos olhos volta angustiados,
Como quem quer saber porque se tarda?
Porque se torce este aspero caminho?
—«Ah! com passos aligeros fujamos,
Antes que esta vertigem se dissipe,
E cesse de suster á raiva o freio.»
Porêm Hugon, immovel, contentou-se
De olhar cheio de amor para o seu rosto,
E apertar contra o peito a mão mimosa.

Pelo podêr da trompa em tanto giram
As cabeças; e as pernas já fraquêam.
Enxuto um fio só não tem quem dança;
E no peito esfalfado, que incha, arqueja,
Começa o sangue espesso a coagular-se:
Tanto é martyrio o brinco involuntario!
O Califa escorrendo, e qual enfermo
Que de uma tina sae, e o leito busca,
Sobre a sua poltrona cáe sem fôlgo.
Um dançarino e outro, a cada instante,
Batendo co' as cabeças nas muralhas,
Sem tino, palpitando, se arremessam
Qual ruma de almofadas, uns sobre outros.
Os escravos esbarram c'os Emires,
Que trémulos esbarram c'os escravos;
As Deosas do Serralho, todas voam
Pelo acaso guiadas, ou qual sopra
Violento redemoinho na borrasca:

Dest'arte em canapés d'ouro bordados
Lacaios e Sultanas se estendiam.

Hugon tira partido d'este instante
Em que a sala se amaina: ao pé da porta
Ao fiel Scherasmin confia a guarda
Da divina Princeza, e por cautella
A trompa de marfim tambem lhe entrega.
E chegando-se ao sitio onde esfalfado,
Sobre um throno empolado d'almofadas,
Meio-morto o Califa rebolava,
Á tremenda proposta se prepara.
A Expectação, co' as azas estendidas,
Jaz ao pé do silencio mais profundo,
E, apenas respirando, tudo abarca.
Pelo somno e motim todos pesados,
As palpebras apenas abrir ousam
Para ver o Estrangeiro, que sem armas,
Depois de taes acções, em acto humilde
Do Sultão recostado se avisinha.
«Que será? (dizem todos) Que quer elle?»

Põe um joelho em terra ante o Monarcha,
E começa c'o tom brando, mas firme,
Que compete aos Heroes, este discurso:
«Carlos Imperador, de quem sou servo,
Faz saber ao Senhor da Oriental Terra,
Que o saúda, e lhe pede — assás me custa
A dizer — mas, senhor, braços e bocca,
Tudo devo prestar ao meu Sob'rano...
Quatro dentes queixaes é o que elle exige;
E um punhado da vossa argentea barba.»

Disse, e calou-se. Com modestia espera
Do Sultão a resposta competente.
Mas quem me dará fôlgo com que possa
Phrases achar, que ao vivo vos retratem
Do colerico Velho a furia, a raiva?
Como cada feição se lhe embravece!
Como crespo o nariz se alarga e funga!
Com qual impeto o throno altivo amassa!
Como os olhos ferozes arregala!
Como a colera as vêas lh' entumece!
Quer praguejar, suffoca-se, e co' a raiva,
Da rôxa bocca a espuma os termos trunca.
« Vamos, escravos! (grita) das costellas
Puxai-lhe o coração até que saia:
Em picado fazei membro por membro:
Com verrumas vasai-lhe o sangue abjecto;
E que os ventos a cinza sua espalhem;
E leve a breca o seu sob'rano Carlos!
A mim súpplica tal, no meu palacio?...
Quem é esse que contra mim conspira?...
E se tanto lh' importa a minha barba,
Se gosta dos meus dentes, quem lh' impede
Vir em pessoa a mim mesmo pedir-mos?...
Que se atreva a tirar-mos, venha Carlos. »
« Esse homem tem perdido o senso todo:
(Diz d'alli um dos Kans velhos á parte)
Melhor fôra em tal caso aprestar logo
Tres vezes cem mil homens co' a resposta. »

« Califa de Bagdad, (Hugon replica
Co' a mais nobre altivez) — calem-se todos;
Ouçam-me a mim sómente — assás me pésa
Minha palavra, e quanto m'impoz Carlos.

A força do destino é duro encargo:
Mas quem póde obviar a lei severa
Com que domina os miseros humanos?
Qual podêr sobre a terra o doma ou vence?
Que ha que fazer, se supportar é força,
E o que ha de ser será, soffrer-se deve?...
Eis-me aqui, como tu, Senhor, um homem:
Mas a minha palavra ha de cumprir-se,
Apesar de teus guardas e cohortes:
Co' a minha vida mesmo a farei boa.
Mas por honrar-me acceita uma proposta:
Resolve-te, e rejeita sem demora
A lei de Mahomet; a Cruz exalta,
Esse nobre signal do Christianismo:
Em Babylonia a crença verdadeira
Acceita com fervor; e tens cumprido
Muito mais do que exige de ti Carlos.
Então sobre mim tomo as consequencias,
E a nenhum sacrificio mais te forço.
Antes se quebram todos os meus ossos
Que pedir-te outro esforço, outro tributo.
Se aqui me vês tão só, tão tenro em annos,
Quanto posso altamente exp'rimentaste:
Comigo tenho alguem que tudo póde.
Escolhe, se és prudente, a melhor parte.»

Desprezador das lanças que o perseguem,
O juvenil Heroe se manifesta,
Em valor e belleza, semelhante
A um celeste Enviado: é tal seu gesto,
Tão varonís retinem seus discursos,
Tão firme e magestoso se apresenta.
Resia de longe o lindo collo estende;

Quer vê-lo, e teme; quer saber qual força
Ha de o nó desatar d'estes mysterios.

Apenas tinha Hugon pronunciado
As ultimas palavras, principia
O Velho irado a praguejar de novo:
Braceja, grita, bate o pé na casa,
Como um possesso, e perde a tramontana.
Com impio zelo os pagãos todos saltam
Fóra do assento; bramam, ameaçam;
Sabres, alfanges, lanças, tudo empunham
Contra o fero inimigo de Mafoma.
Porèm o Heroe, primeiro que lhe toquem,
Das mãos arranca aos homens uma barra,
Ou massa herculea, com que bate e vence:
Acoça, attrahe os Turcos, combatendo,
E mais forte se faz chegado ao muro.
Do bofete, que alcança, tira afoito
Uma bandeja d'ouro; esta lhe serve
D'armúrio e de broquel; e deste modo
Lança por terra quantos se avisinham,
E a propria furia exalta ao maior ponto.

O Pagem, que ficou de longe á porta
Para defeza da formosa Dama,
Cuida ver que das sombras aos combates
Torna seu amo antigo; e se descuida,
Immerso no prazer alguns momentos,
Do doce objecto (pasto de seus olhos).
D'esta agradavel distracção o acorda
Um grito angustiado da Princeza.
Vê da gente pagan a raiva, a furia;
Vê de seu amo o risco: embocca e sopra

Com tal força a trombeta milagrosa,
Que os mortos mesmo sublevar pudera.

A cidade retumba, um trovão soa;
Obscurece-se o dia, a noite nasce:
Entre horrisonas trevas apparecem,
Fusilando, phantasmas espantosos:
Subterraneos ruidos sobresaltam
Os alicerces em que pousa o Paço:
A rocha estala, tremem as paredes,
Os corações dos impios estremecem:
Vacillam, como embriacos, na casa,
E pallidos exclamam: «Ceos! que é isto?»
Enervam-se-lhe as mãos, perdem a espada;
Ficam immoveis, qual grupo de mortos...
O Sultão, mudo, pasma dos prodigios,
E parece acabar a luta extrema
Co' a morte que o surpr'ende, e a voz lh' embarga:
Caem-lhe os braços, já respira apenas;
O pulso bate lento... e em fim não bate.

Agora sim, que finda a tempestade.
Como um zephyro, um sopro embalsamado
Perfuma a sala de fragrantes lyrios;
E qual Genio celeste em nuvens d'ouro
Sae da gruta da morte, o trasgo lindo,
Oberon apparece: um grito agudo
De gosto e medo exhala a Persiana (*):
Involuntario horror triumpha ainda
Da confiança timida que sente:
Os braços cruza sobre o peito, e córa;

(*) Resia.

Mas não foge do Genio adolescente:
Fica suspensa, turba-se, suspira.
Para um tal protector apenas ousa
Os olhos levantar; porque bem sabe
Quão poucas forças tem o paganismo
Para impedir peccados agradaveis.

«Sou contente de ti, Hugon brioso:
(Diz o Genio) cumpriste co' a palavra.
Como premio a tão nobre Cavalleiro,
Esta Dama, que adoras, te destino.
Mas tu, ó Resia, diz; antes que partas,
Examina a razão deste partido:
Pelo futuro incerto alonga a vista,
Antes que arrependida inutilmente,
Precipitada escolha emendar queiras
Quando os olhos tiveres mais abertos.
Parte, ou fica: o teu fado livre deixa
Á tua decisão completa escolha.

«Tão diversas grandezas te prohibem
Deixar a Corte e o throno onde nasceste,
E fazer pelo largo mar do mundo
Incognita viagem, só c'um homem;
Viver com elle só, e só com elle
Soffrer a instabilidade da ventura,
Supportar do destino os golpes todos:
Ah! sim, que os golpes vem as mais das vezes
Da mais querida mão, e esses mais ardem,
Se, antes que o coração perceba, chegam.

«Então, Resia?... Se as ondas te intimidam,
Podes inda illudir de Amor instancias.

Todos dormem agora quaes na tumba,
E a minha vara só póde acordá-los.
Se o toco, o Sultão logo resuscita:
Mas ha de perdoar todo o passado,
Receber com prazer o que perdera;
E Resia, como d'antes adorada,
Ha de ver a seus pés o mundo inteiro.»

Calou-se o Genio... descórou o amante:
Immovel fica á espera da sentença.
Ah! cruel Oberon, como o atormentas!
De sua face o fogo em cinza tornas;
O coração lhe treme: mas altivo,
Nobre em todos seus actos, não se atreve
A corromper com phrases seductoras.
Firme qual rocha, com profunda angustia,
Nem sollicitos olhos voltar ousa
Para apressar a decisão de Resia.

Mas do primeiro beijo a chamma ardente,
Para augmentar o incendio, não precisa
Outra centelha mais, basta a primeira.
Resia em pouco avalia quanto deixa
Se possuisse Hugon, que tanto amava.
Cobre roseo pudor todo seu gesto,
Em quanto amor a instiga, e o rosto esconde,
Em torrentes de pranto, entre as mãos bellas;
E em quanto, soluçando de ternura,
D'encanto o coração bate assustado,
E a constrange a chegar-se a quem adora.

Sobre ella então sacode o Genio meigo
A florente varinha; e, confirmando

Dos corações a escolha, os une e os liga.
Em ambos uma lagrima derrama,
E lhes diz: «Apressai-vos, parti logo
Sobre as azas do Amor, oh par sublime!
O meu carro está prompto: antes que as sombras
Pela proxima luz sejam expulsas,
Elle vos leve, e ponha em segurança
Nas praias d'Askalon.» Apenas disse,
Antes que da palavra o som findasse,
Como um sonho Oberon se dissipára.
Ficou todo o ambiente perfumado
C'o suave vapor que diffundira;
E Hugon e a linda Noiva com deleite
Aspirando algum tempo o doce aroma.

Resia timida, então volvendo os olhos
A seu pae, que gelado em lethal somno,
Interiçado e morto parecia,
Suspirou, misturando co' a amargura
Da tristeza as delicias de sua alma.
Hugon, a quem amor punge os sentidos,
Apenas apercebe quanto ancêam
Da bella Resia o peito, como lutam
Saudade, amor, desejos, incertezas,
E quanto a agitação seus olhos turba;
Co' a mais doce violencia, n'um instante,
Passa-lhe um braço em torno da cintura,
E a põe fóra da sala: «Vamos (diz-lhe)
Depressa, antes que a noite nos surpr'enda,
E que a cada guerreiro o braço acorde,
Pois que o Genio os ligou com somno mago.
Vinde, fujamos, antes que pretenda
Algum novo inimigo inesperado

O caminho embargar para a fugida.
Anima-te, pois hoje é que nascemos;
E o nosso protector terá cuidado
Desses pobres dormentes que aqui deixas.»
Com juvenil presteza a desce em braços
Pela marmorea escada, e n'um momento
A faz subir ao carro, preparado
Por Oberon para a ditosa fuga.
Nunca algum dos humanos levou peso
Que tão suave e doce avaliasse.

Todo o Paço assustado inda jazia
Como um calado tumulo deserto;
E os moradores bem como cadav'res
Em lethargo profundo alli dispersos.
Nada obstava á partida... o carro prompto...
Mas a Donzella timida receia
Só por só confiar-se ao Cavalleiro.
Com Scherasmin subio depressa a Ama;
Essa que sempre vio prodigios tantos
Desde o principio, e pouco entende agora
Isso mesmo que observa. Mas quem póde
Dizer como ficou, assim que os olhos
Volvendo á parte que lhe indica o rumo,
Vio, em lugar de uns urcos magestosos,
Quatro cysnes jungidos ao phaetonte,
E um menino mui lindo por cocheiro!
Arripiou-se a triste, presentindo
Que pelos ares vai arrebatada:
Bate-lhe o coração; respira apenas;
E não póde entender como um tal carro
Com tão pesada carga se não quebre;
Antes por entre nuvens transparentes

Navegue como um ganço resoluto,
Ou corra como um bote sobre as aguas.

Em fim a noite chega, e não é pasmo
Que do pejo triumphe um medo forte,
E constrangida Fátima se humilhe
Perante Scherasmin, como se fosse
Para dormir preciso que ella usasse
Ao menos d'esse amavel travesseiro.
Prestou-se a tal officio boamente
O docil Velho, pois que n'estes casos
Tambem o coração entra no jogo.
Mas comtudo, por honra do Escudeiro,
Devemos confessar que deste lance
Sahio qual ouro puro sae do fogo.

Com o par juvenil era outra cousa;
Pois Amor, com os cysnes da Mãe linda,
É que o conduz. Se por trilhada via,
Ou por barrancos, no encantado coche;
Se os leva pelo ar, ou corta as ondas,
Devagar ou depressa, elles não sentem;
Nem dão tino se são mulas ou cysnes,
Se com risco ou sem elle os arrebata.

O seu presente estado lhes parece
Um sonho deleitoso, um Ceo d'encantos:
Não podem, sem pasmar, cruzar as vistas,
Dar-se as mãos, que de amor o fogo aquece;
Sentir de doce angustia o peito acceso,
Avisinhar os corações que apertam;
E em quanto terra e ceo seus olhos enche,
Isolados e attonitos duvidam

Se estão n'um carro, ou s'inda estão sonhando.
« Não era sonho pois o que eu sonhava! »
(Cada qual diz) — « Eras tu, formosa Resia?... »
— « Eras tu, caro Hugon?... » — « Um Deos propicio
Consentio finalmente que eu te achasse!... »
— « Sou tua, tu és meu — quem tal dissera!
Unidos por milagre, e de tal modo
Que separar-nos é impraticavel!
Póde o peito abranger tanta delicia! »
E então de novo os olhos se confundem,
As mãos, a bocca, os corações se apertam.

Seus olhos dardam uma luz celeste,
Onde as almas reveem uma na outra:
A noite para elles não é noite,
Inteiramente os cerca um Paraiso;
De cada qual se solta o sol que encerra,
E a cada instante um novo sol dimana:
Um magico lethargo totalmente
Dos corações se apossa, os olhos fecha;
Os seus sentidos emmudecem; cuidam
Ser do corpo já o espirito liberto,
N'um unico sentir reconcentrados:
É tão doce a união, que não parece
Respirar mais que um só; este *um-só* vale
Quanto vale o infinito e a eternidade.

CANTO VI.

A Aurora apenas expulsava as sombras,
Com roseas mãos abrindo a porta ao dia,
Quando o carro dos cysnes abordava
Já nas humidas praias d'Askalona,
Por mui altas palmeiras amparado.
O dobre par n'um doce toque acorda:
Do regaço do somno um se desperta;
Outro d'entre as visões de amor suave.

A filha do Sultão, c'um leve susto,
Estremece, e vê pela vez primeira
Esse globo do mar illimitavel.
A prolongada vista, entre prodigios,
Na difficil carreira bordejando,
Sobre os montes das aguas apercebe
Abrir-se a immensidade ante seus olhos:
Nasce d'entre o deleite algum receio,
Sentindo-se a si propria tão pequena,
Entre cousas tão grandes collocada.

Um pardo chão seus olhos ennevôa:
«Onde estou eu?» (exclama) Hugon prestante,
Que em pé no carro, abrindo alegre os braços,
Pertendia trazê-la ao verde prado,
O frouxo alento logo lhe restaura:

« Não te assustes, meu bem! » e contra o peito
(Que em fogo ardia de amoroso lume)
A aperta com ternura, e diz contente:
« Não tenhas medo, não; 'stás nos meus braços. »

De delicia outra vez se vê cercada,
E deixa-se cair sem resistencia,
Pelo amor impellida. Não aperta
Mais fortemente uma hera um tronco altivo,
Do que apertavam della os alvos braços
O extremoso e nobre Cavalleiro,
Que depressa depõe o doce feixe
Á sombra das palmeiras. Junto della
Fica sentado; e não trocára o posto
Pela sorte de algum Sultão ditoso.

Tambem ao pé de si Fátima logo
Acha o seu velho, resolutos ambos
A servir té ao ultimo suspiro
O amavel par; e Scherasmin apenas
De joelhos com Fátima se prostra
Sobre a verde alcatifa ante seu amo,
Ella o seu lugar toma junto á Dama:
Qual relampago vê-se de repente
Vir pelo ar nadando o Genio bello.
D'entre uma nuvem de tristez rompia
A branda luz de candida amizade;
E ao chegar perto, distinguiram logo
Um breve cofre, todo guarnecido
De pedras preciosas, que pendia
Do braço esquerdo, e como o sol luzente.

« Amigo Hugon: (lhe diz o amavel Genio)

Toma este cofre; e quando Carlos vires,
E elle mesmo de ti nada requeira,
Apressa-te a off'recer-lh'o com respeito,
Como penhor de haveres já cumprido
Ponto por ponto o que elle desejava.
(Notai bem, que não era mui polido
Na presença de Resia, sem rebuço,
Explicar claramente o tal mysterio;
Pois o cofre brilhante e precioso
Continha os dentes do Califa e a barba;
Os quaes, quando o Sultão interiçado
Jazia na poltrona, os invisiveis
Sequazes d'Oberon, sem perder tempo,
Puzeram mãos á obra, e lhos tiraram,
Sem boticão, sem ferro, sem tesoura)
Apressa-te a partir, antes que o Turco
Ganhe tempo, e no encalço vos persiga.
Um navio alli 'stá naquelle porto,
O qual bem póde em seis ou sette dias
Conduzir-vos seguros a Lepanto:
Logo á sua chegada achareis outro
Que está prompto a partir para Salerno;
E depois, como Amor vôa e Saudade,
Achareis o caminho para Roma.
Mas ah! profundamente no sentido
Fixa, Hugon, o que digo; não te esqueça:
Té que Silvestre, o piedoso Papa,
Dedique ao Ceo os vinculos sagrados
Dos vossos corações, fraternalmente
Como irmão com irmã vive com Resia;
E não proves do fructo prohibido
Antes de tempo; pois se infelizmente
A tentação vencer, desde esse instante
Para sempre Oberon de ti se aparta.»

Disse isto, e suspirou; mas, disfarçando
A mansa dor que os olhos lh' entumece,
Chamou o par, e aos dois beijou na testa.
Mas quando os olhos para elle alçavam,
Como uma nuvem dissipou-se o Genio;
A face lh' encobrio o Sol luzente.
Por entre as altas palmas remurmura
Um rouco sopro, qual um ai saudoso:
O mar se acalma, e a terra lhes parece
Fumaça espessa, escura, que sem forma
Se converte em vapor, e se dissipa.

Surda consternação aos dois opprime:
Affogueados olham-se um e outro;
Na bocca lhes burbulham as palavras,
Sem poder expressar o que a alma sente:
Queriam abraçar-se; os frouxos braços,
Um interno temor lh'os paralysa.
Mas n'uma pulsação se extingue a nevoa,
Torna o ouro do sol a derramar-se,
Tudo surri; e os animos recobram.

Apressam-se a embarcar. Com que surpresa
Todos acham contentes, tudo ornado,
Com magico primor tudo provido
Pelo favor do seu tutelar Genio!
Soprava o vento fresco: alegres gritam,
A amarra levantando, os marinheiros:
A barca voa como voa um passaro;
Co' as enfunadas vellas rompe o seio
Da lhama extensa do azulado pego:
Era o ar puro e claro, o mar tranquillo,
Lizo como um espelho, que vaidoso
De Resia a linda imagem reflectia.

Vogava arfando como altivo cysne
O navio; e tão prospera derrota
Os filhos do Oceano surpr'endia:
«Outra igual nunca vimos» (exclamavam),
Braço e braço enlaçado o par ditoso
Sobre o convez passava largas horas,
Observando incidentes variados;
E cada nova scena era calmante
Ás angustias de amor que ás vezes tinham.

Quando as avidas vistas alongavam
Por cima da planicie interminavel,
No ponto em que intercepta o ar as ondas,
Hugon se recordou da patria sua:
Começou a dizer quanto era bella,
Quanto a gente era alegre! — e não podia
Brilhar o sol mais puro e carinhoso,
D'Oriente a Occidente, em parte alguma,
Como brilhava nas Garonnias praias.
Tudo isto attesta o velho feudatario,
A quem o coração salta de gosto,
Quando á sua Gasconia, tão amada,
Póde hymnos levantar, que os Ceos atroam.
A linda Resia, bem que lhe ficavam
De quando em quando sem sentido os termos,
E pouco ou nada entende do que dizem,
Escuta immovel, e os ouve muito alegre:
Tão simples era, e tanto se recrêa
Se alguns lhe não escapam! Só percebe
Com prazer ineffavel o que dizem
Do Cavalleiro os olhos expressivos.

Um aperto de mão calido e doce;

Um suspiro que sae como um repucho,
E o coração inteiro descarrega:
Um osculo furtado, um volver d'olhos,
Que lhe tingisse a face purpurina:
Que ha de mais convincente, mais tocante,
Que mais prove? e mais rapido que a frecha,
Por caminho mais curto attinja ao alvo,
Traspasse o peito, e menos enfastie?

Dest' arte, usando só linguagem d'alma,
Sem falla ambos ficavam muitas vezes.
Outras, para evitar as testemunhas,
Eclipsavam-se; ou logo com disfarce,
Emparelhados, punham-se á janella,
Ou no sofá sentados, a seu gosto:
Mas nunca sós por sós; ao menos Fátima
Devia estar presente; o proprio amante
Lhe rogou que jámais sós os deixasse.

Com som tremendo n'alma lhe retine
Aquella voz: — « Á tentação não cedas;
Não proves, não, do fructo prohibido
Antes de tempo: e quando isto esqueceres,
Para sempre Oberon de ti se aparta. »
Assim lhe disse o Genio. E que mysterio
Encerram taes palavras? Que sentido
Tão profundo contêm?... O seu aspecto
Mais serio, mais nublado parecia...
Que lagrimas nos olhos lhe luziam!
Como perdeo seu rosto o lustre antigo!...
Tão funestas lembranças anceavam
O coração do triste Cavalleiro.
Timorato, de si nada confia:

Qualquer brinco amoroso o transtornava:
Dobrava-se-lhe o susto, receando
Que o severo Oberon o castigasse.
Entretanto, em seu peito a interna chamma,
Profundamente accesa em labaredas,
Tanto mais cala quanto mais recêa.

O ar em que vivia era um encanto,
Porque Resia tambem o respirava,
E o halito por elle diffundia.
A amavel sombra della a cada passo
Lh'a pinta a creadora phantasia:
Ora brilha na luz que a manhã ráia;
No crepusculo á tarde; ora no aspecto
Em que envolve o luar apavonado
As flores, os jardins, a terra toda.
Em qual posição linda não avista
D'ella a forma nymphatica e celeste!
O véo, que a encobre a toda a vista estranha,
Escorrega, e permitte aos olhos d'elle
Que furtivos procurem, como abelhas,
Na garganta, no peito alabastrino,
Flores mais lindas com que se alimentem.

Hugon pre-sente o risco, e diz tremendo:
« É possivel que tu sendo tão bella,
Deva eu esperar-te até chegar a Roma?
Tu, mais linda entre as lindas, tu me acode!
Occulta-me essas graças que te endeosam,
Em sette véos te envolve; esconde, esconde
Teus attractivos dentro de mil pregas.
No animado marfim d'esses teus braços
Deixa cair as largas mangas, cheguem

Té ás pontas dos dedos, tudo encubram.
Mas, amigo Oberon! té Roma ao menos
Troca-me o coração em fria pedra.»

Comtudo, inda que as forças quasi extinctas
O poder de fugir lhe recusassem,
Seu proposito firme e cavalheiro
Foi sempre o triumphar n'esta batalha.
Empr'ender a aventura mais difficil
Julgava grande e bello; mas dez vezes
Era maior, mais bello, sustentar-se
No galarim da tagarella Fama;
Bem que custe a vencer um inimigo
Que tanto luta quanto em forças dobra.
Nem é tão pouco aquillo que elle alcança,
Quando a belleza que ama lhe concede
O que móra no interno sentimento!

Felizmente lembrou-se o Paladino
Do seu devêr, de quanto lhe ordenavam
De cavalleiro as regras; e devia
Entremetter-se co' a instrucção e ensino
Da filha do Sultão: mas, oh desgraça!...
Esta pobre menina inda jazia
Nas trevas do mais denso paganismo,
E, sem saber porquê, cria em Mafoma.

Impellido do amor mais extremoso,
Quanto poude empenhou-se o Cavalleiro
Em curar-lhe esta peste; e co' a Mourisca
Um naco repartio de Christandade.
Robusto em fé quão fraco na sciencia,
Não lhe dava o seu zelo algum martyrio;

O seu forte não era a Theologia:
Sabia bem o *Credo*, o *Padre-nosso*;
Benzia-se; e eis-aqui quanto sabia.
O que faltava em luz e fundamentos,
Suppria bellamente o ardor do mestre.
Era Hugon inimigo de disputas;
E, como aventureiro, o que acredita
Por legitimo o tem, palpavel, certo;
E está prompto a prová-lo ao paganismo,
Por mar, por terra, co' a luzente espada.

A verdade tem força irresistivel
Na bocca da pessoa que se adora.
O coração que a outro está ligado,
Em silencio, com ancia curiosa
Escuta, e quer saber o que lh' ensinam.
Que ha de mais convincente que a ternura?...
Um olhar, um sorriso de quem se ama
Uma evidente prova é da doutrina;
Dois padres prégadores são os olhos;
E a bella, sem cançar-se com perguntas,
Cria no seu Hugon; e em pouco tempo
Fez uma cruz na testa, outra no peito,
Com promptidão soffrivel e com graça.

Para obter dos christãos o sacro banho,
Em seu simples pensar Hugon julgava
Que isso não tinha já impedimento.
Em desejos arder por consegui-lo,
Aborrecer instantes que o demoram,
Bastava, sim, bastava... mãos á obra.
Então no barco achando um Franciscano,
Que aos pagãos odio acerrimo jurava,

Pensou que o seu officio exercitando
Lhe faria o serviço desejado:
Não se enganou, que o premio sempre tenta.

Assim que dos christãos entrou na ordem,
Purificada Resia, muda o nome:
Amanda se chamou; e o Paraiso
Não só ganhou, mas fez-se mais bonita,
E pertenceo a Hugon completamente.
Porêm deste visivelmente foge
O seu tutelar anjo; e no tumulto
Em que seu coração em braza ardia,
Os apertos de mão se repetiam,
De balde o fiel velho lhe acenava,
Em vão se punha Fátima defronte:
Na febre de sua alma o Paladino
Esquece o Anão, o risco, a advertencia.
Póde o velho acenar até que morra:
No deleite em que estava submergido,
Qualquer gesto de Amanda o enlouquece:
Chama-lhe sua, aperta-a contra o peito:
Augmenta a embriaguez, turva-lhe a vista.

Resia tambem cuidava que tomando
De Amanda o nome, solta já ficava
De todas as prisões e antigos laços;
E com mais rapidez de vista perde
O decoro real, a corte, a patria:
Se lhe lembra, recorda-se de um sonho,
De um jugo que no collo lhe pesara;
E sentia-se livre, despojando
De Resia o nome, n'outro transformado.
De novo para Hugon tinha nascido;

Quanto n'ella existia era seu d'elle:
Trocava por amor o throno inteiro;
E em seus braços achava que não tinha,
No que perdeo, perdido cousa alguma.
Renunciara-se a si; e agora Amanda
Só por amor e para amor vivia:
Nem tinha que fazer mais n'este mundo
Senão colher e dar o que amor cria.

O bravo Scherasmin, vendo a harmonia
D'aquelle amavel par, treme de susto:
Em que viria a dar isto? Não sabe.
« Apanhar e provar fructo vedado!...
Eu testemunha expressa d'este facto!... »
Claramente percebe que se affagam,
Quando as costas lhes volta por um pouco:
Mas, se torna a encarar com elles, coram,
Logo o sedento amor lhe accende o rosto...
A propria mocidade recordando,
Como quem vê no espelho, encontra o velho
Prova cabal de quanto receava,
E quanto o enlevo dois amantes cega.
Vê que a virtude juvenil e incauta
É bem como inexperta borboleta
Que a chamma attrahe, com seu calor suave,
Cujo esplendor convida-a a visinhar-se,
Que em circulos se volve em torno della,
Ignara cada vez mais os estreita,
E subito na triste o fogo pega.

Nesta consternação, muito em segredo,
Com Fátima concorda em resgatá-los;
Não omittir esforço que até Roma

De Hugon sustente ao menos a prudencia.
Ora uma traça ou outra lhe lembrava
Para entreter os dois, interrompê-los,
Separá-los; mas tudo era escusado.
Para encurtar a tarde, outra descobre:
Era contar-lhe um conto. — « Mas que digo!...
O que vou a narrar-lhes não é conto;
É verdade; que quando eu vagueava,
Depois que a Seguewin perdi no Oriente,
Em Basta me contou um Kalendario,
Antes que eu no ermo Libano buscasse,
Contra as borrascas d'este mundo ingrato,
Asylo nas cavernas de um penhasco:
Agora bem me occorre, e vem de molde. »

« Era uma vez, (começa o Escudeiro),
No principio do seculo passado,
Nas margens do Tessin vivia um Nobre,
Em prudencia passavelmente verde,
Bem que canuto em barba e no cabello:
Rico em gotta, quão pobre de juizo:
Em gotta e rheumatismo, tardo fructo
De levezas da prisca mocidade,
Que um cortezão sobejamente logra
Se é bem destro, polido e disfarçado,
E nas guerras de Amor sabio engenheiro.
Depois dos criminosos passatempos
Com que ás soltas fartou o celibato,
(Que por montes e valles o attrahiam)
Jazia aos pés das nymphas que encontrava,
Incensos consagrando a quantas via.
Por fins veio a domá-lo uma incidencia;
E consentio nas margens do sepulchro

Em submetter o collo resistente
Do matrimonio ao jugo sacro-santo.

Com bem gosto, mas sangue enregelado,
Começou a buscar uma menina
Que na mesa e no thoro o acompanhasse;
Que o divertisse, e nas caseiras lidas
Fosse esperta, poupada, qual precisa:
Moça modesta, de costumes puros,
Tão casta como a Lua; sem vaidade,
Nem avidez de lances divertidos.
Queria-lhe madeixas de azeviche,
Olhos da mesma cor; jasmins e rosas
O matiz do alvo rosto ser deviam.
Das trinta e tres feições que se requerem
Na completa belleza, como dizem,
Excluir uma só na sua noiva
Por caso algum o velho consentia.
Precisava que os olhos scintillantes
Só um doce langor anuviasse;
Que a torneada mão fosse mimosa;
E as demais circunstancias quaes Apelles,
Para pintar Helena, n'outro tempo,
Mendigou entre as Gregas formosuras.

É certo que Gondolfo, acautelado
Por um presentimento indefinivel,
Fixou por condição do seu contracto
Que para elle só encantadora,
Ardente, e tudo o mais ella seria;
E para qualquer outro, como neve.
Que forte logração! Quem se arriscára
A ficar fiador d'essa escriptura?

Rosetta prometteo como criança:
Educada nos campos, recolhida,
Como cresce nas sombras a viola
Encoberta entre folhas, florecia.
Dotada d'alegria e ligeireza,
No seu futuro esposo mais não via
Senão que era fidalgo, generoso,
Que talvez a fizesse Viscondessa;
Droga da moda, que hoje muito vale,
E frisa grande Dama, sem que o seja.

Fez-se com pompa, em fim, o desposorio.
O nobre noivo (é certo) mui pesado,
E um pouco teso, mas com ar festeiro,
Deo a Rosetta a mão; imaginando
Que a certidão de idade que lhe deram
Por peça lhe augmentou mais vinte annos.

Pasmava a multidão da comitiva
Que o magnifico par seguio á Igreja;
E rosnando diziam-se uns aos outros,
Olhando para a copia discordante,
Que Janeiro com Maio se casavam.

Como em taes casos são, era Rosetta
Inexperta, singela; e o noivo altivo
No outro dia inchado apresentou-se
Como uma estaca, tão direito e firme,
Andando d'uma sala para a outra,
Ultimo impulso de um madeiro antigo.
Mas caducas finezas lhe fizeram
Tão grande mal, que o pobre derreado
Começou a abrandar tanta folgança;

E quanto mais Rosetta se animava,
Tanto mais o jarreta amortecia.

Entretanto o decrepito dobrava
Por outro modo as provas de ternura.
Quasi todos os dias a entretinha
Com trastes lindos, rendas e vestidos,
Em que as modistas sécias mais se apuram:
Joias ricas, e em breve, quanto encanta
Os olhos de meninas presumidas.
Custe o que custe, o ponto é que lhe agrade;
Para o jarreta é gloria dar-lhe gosto:
Nem por isso mais pede que um beijinho,
E faz em perfeição papel de velho.

Como quem sabe pouco inda do mundo,
Satisfeita Rosetta com seu fado,
Cuidava em contentar sempre o seu velho.
A seu modo permitte-lhe meiguices,
Bem que nojentas; mas o santo laço
Tudo desculpa, tudo purifica.
O que é certo é que toda a visinhança
N'esta paz conjugal acha o modelo.

Em domestica e doce convivencia,
Bem como duas rolas vivem juntas,
Viveram taes esposos varios annos:
Ella casta e fiel, elle bem certo
Do thesouro que tinha, o qual brincando
Lhe fazia esquecer gotta e mazelas.
Ella ás vezes reflecte, e um sobresalto
A punge, quando vê que seu marido

Ao menos por dez vezes já teria
Do anno clymaterico escapado.

Mas, que desgraça! Um dia, de repente,
Com incrivel tormento, a vista perde:
Gotta serena ataca o pobre velho;
Um crepe negro encobre-lhe o deleite
Que seus olhos fartava a cada instante.
Apagou-se-lhe o Sol para que olhava:
Nunca mais ha de ver esse oval lindo,
Que os Pintores a furto debuxavam
Quando pintavam Anjos e Madonnas!

Então chorando exclama o triste cego:
«Quem póde agora as horas encurtar-me?...
Falta-me tudo! falta-me Rosetta!...
Quem me ha de cumprir mais essa tarefa
De estar comigo unida noite e dia?
Como hei de vê-la?... para dar-lhe o braço,
Que meiga (se m'o acceita) bem me paga!
Quem sabe se, enjoada, o que me doe
Indagará piedosa?... e quando a gotta
Me aperte mais, virá co' a mão suave
Acalentar-me os pés e as mãos doridas?»

Rosetta, paciente e compassiva,
Disfarçando o menor constrangimento,
Paga, sem murmurar, esses tributos
Que severo lhe impõe o seu consorcio.
Não repara no nojo, ou na rabuge;
Nem se o excesso da bile um pouco sobe
Nas minudencias usuaes da casa.
Mas o infeliz, sentado na poltrona,

Não tendo que fazer, reflecte ao menos;
E bem a seu pesar vai presentindo
Que lhe lavra na idéa, e dentro n'alma
A que é peor de todas as chymeras.

Atro ciume, que sahio do inferno
Para zombar e dar martyrio ás gentes,
Do miseravel cego se apodera,
Procura atanazá-lo a toda a hora.
Velho, fraco, já trôpego, não póde
Fugir d'elle, occultar-se, e no descanço
Refugiar-se ao menos! Diz comsigo:
«Rosetta é um Anjo, duvidar não devo:
Porêm, sempre é mulher... Que impedimento
Tem ella de fazer experiencias?
O mundo a cérca, o circulo é espaçoso,
Tem mil olhos abertos, eu 'stou cego:
Ai de mim! cego! quando velar devo!...
Tão moça, tão tecida de attractivos,
Quem póde vê-la sem morrer por ella?...
Onde se viram faces tão florentes?
Olhos de que as faiscas a alma abrazam,
Braços que ao lyrio a candidez disputam!...
É muito honesta, ha de fugir dos laços:
Porêm, se for o chão como um espelho,
E lhe resvale o pé!... Não é milagre
Dar comsigo por terra... Fatal queda!
Quem assim cáe, não torna a levantar-se.»

A aprazivel essencia de Rosetta,
Suas proprias virtudes e viveza,
Satisfação constante, suas graças:
Té quando mais amavel cair deixa

Com suave pudor o véo que esconde
Belleza encantadora, e mais a augmenta;
Tudo accrescenta n'elle agro ciume,
Que o coração lhe morde, já ferido,
E mais profundamente o vai rasgando.

A escravidão na qual vivia ha tempos
Emprazada esta pobre rapariga
Não póde comparar-se a qualquer outra.
Afivellada áquelle corpo enfermo
Noite e dia, a affastar-se não se atreve.
Elle desconfiado, sempre em sustos,
Se a mais leve palavra não percebe,
Sempre aleives temendo, parecia
Nas pontinhas dos dedos trazer olhos.
Com a trémula mão, secca e nodosa,
Mesmo de noite o misero apalpava
Daqui, dalli, com ancia; receando
Que talvez lh' escorregue a doce prenda.

Tanto é Rosetta branda, quanto pesam
Sobre seu coração estas maneiras:
Elle, é verdade, chama-lhe amor fino;
Ella sabe o que é na realidade.
E em lugar de formar inuteis queixas,
Escolhe reflectir, e diz comsigo:
« A um septuagenario encadeada,
Que tem gotta e mazelas a milhares,
N'um pego me supponho submergida,
Atormentada ahi mesmo, e sem conforto!... »
Muito enfadonho julga o seu destino:
É peor que o degredo mais severo;
É tão fastidioso e insupportavel

Que o limite excedeo da paciencia.
A ternura do velho converteo-se
Na impertinencia mais enjoativa:
Seus brincos, seus gracejos, insoffriveis;
Seus affagos, nojentos, asquerosos.
Ella mesma... (oh desastre!) moça e bella,
Propria a flores colher na Primavera,
Junta a um pinheiro secco e já cardido!...

Que partido em tal caso tomar deve?
São-lhe os recreios sociaes defesos:
Danças, theatros, tudo é prohibido:
Ninguem frequenta o seu palacio antigo,
Como se cousas-más o povoassem;
Antes, como aposento de tristeza,
Todos o evitam: um jardim, cercado
D'altos muros, é quanto lhe pertence.
Póde cruzá-lo, póde, passeando
Ir sentar-se a scismar junto d'um freixo,
Fartar-se de fastio; ou compassiva
Acarretar c'o velho ao sitio umbroso.

No Castello educado, um nobre pagem
Gondolfo nomeou para Estribeiro,
O qual, sem reparar n'elle, Rosetta
Por muito tempo vio; porêm agora
Pela primeira vez o julgou digno
De algum apreço mais. Elle já d'antes
Bem tinha calculado o que valia;
E com desejo ancioso contemplava
Nas perfeições da Dama: bem quizera
Vocalmente expressar-lhe o que sentia.
Ensayou varias vezes; porêm ella
O repellio, impondo-lhe respeito.

Mas hoje, que o enojo e a magoa aperta,
Que enfastiada e triste passa o dia,
E mais enfastiada a noite vela,
Carece distrahir-se; e não é pasmo
Que as cousas veja em luz muito diversa.
Acha duro que em seus mais claros dias
Deva negar á vida algum conforto,
Quando os olhos de Walter lhe affirmavam
Que era o consolador proprio, e se presta
Com incansavel zelo a soccorrê-la.
Cresce este zelo, e tem lugar encontros:
Elle supplíca, ella se recusa;
Mas, sem que se presuma, entre elles ambos
Se trava intelligencia encantadora,
Na qual sómente os olhos é que fallam.
Não era o velho cego dos ouvidos;
Serve um ouvido ás vezes de cem olhos:
Aguça o seu Gondolfo; e até distingue
Mesmo o roçar das saias de Rosetta.

Muito abrevia um tal constrangimento
Duvidas, comprimentos, resistencias;
E em pouco tempo Walter e Rosetta
Foram tão longe que indagar podemos
Só de que modo se estará mais perto!
O seu dragão, afflicto pela tosse,
Não lhe deixa socego noite e dia,
E a persegue e vigia a toda a hora.
Que havia excogitar a pobre dama
Para Walter ganhar lugar e tempo?

Necessidade aguça muito o ingenho:
Ora um alvitre, ora outro, no caminho

Lhe vinha ao pensamento; porêm ella
Rejeita, escolhe, e sempre vacillante
Vê no melhor dez mil difficuldades.
Por acaso lhe cae a vista em cima
D'um pereiro, que d'hasteas mui folhudas
Cobre o banco de relva em que se assenta,
E d'alto no jardim pende gracioso
Sobre a fonte marmorea que rodêa
De murta uma aromatica latada,
Suave abrigo contra o sol ardente.

N'este sitio aprazivel brando zephyro,
Sem cessar revoando, a calma applaca.
Refugiar-se o cego costumava
Co' a doce esposa, quando o sol fulgente
Desseca, murcha as plantas circundantes,
Para nas bordas d'essa fonte fria
Repousar no seu collo uma hora ou duas:
A chave do jardim, porêm, guardada;
E excepto o velho ou ella, nem viv' alma
Lá podia pôr pé, ir tomar fresco.

Que se ha de então fazer? Como pilhá-la,
Se pendurada a chave na cintura
Por debaixo do chambre ao velho pende?...
Appellar para a noite, quando despe,
Para melhor dormir, o fato todo;
E em quanto, psalmeando orações varias,
O velho se acalenta, cautamente
Imprimir sobre cera o ferreo molde,
E de manhã a Walter entregá-lo,
Com bilhete que explique o plano todo;
E deixar tudo o mais a seu cuidado.

Que succedeo depois? Um lindo dia,
Era o seguinte pelos fins de Agosto,
Quando cubiça o cego Velho afflicto
Ir ao sitio das murtas refrescar-se;
(Assim fazia ás vezes, se apertava
Muito o calor com elle) e com ternura
Disse á sua metade: « Vem, pombinha,
Vem, minha flor, conduz-me sem demora
Ao lugar socegado, onde contente,
Desde que nos ligou, o Deos das Nupcias
Nos achou tantas vezes enlaçados. »

Deo Rosetta um aceno, e Walter logo
Partio diante, abrio depressa a porta
Do jardim, que fechou; e sem demora
Sobe á fonte, e de lá, como quem vôa,
Trepa ao pereiro, e o ramo mais flexivel,
Da mais densa folhage' e mais seguro,
Forma um throno, á menina destinado.
Com passo lento o Velho vem chegando;
E da sua Rosetta no alvo braço
Encostado o basbaque, se avisinha.

Como bocca só tem para empregar-se
Nas precisões diversas d'esta vida,
Para as do seu amor d'essa faz uso;
E de Amor lhe descreve o Paraiso,
Do estado conjugal pinta as delicias:
E aproveitando o tempo de agradar-lhe,
Sobre os seus attractivos coplas mescla,
Fechando as trovas com moraes sentenças,
E um naco de sermão para proveito.

N'este tom se entreteve de caminho,
E aportou felizmente á fonte o velho,
Onde o bello pereiro em que fallámos
Suas copadas hasteas ostentava.
Gondolfo respirou, e carinhoso
Poz a mão pela face da consorte:
Bem que em termos mui doces e mui ternos,
Por uma tosse afflicta interrompido,
Foi no sermão que tinha preparado
Progredindo: mas este ante o pereiro
Pouco effeito fazia, e muito enjôo.

Encostando a cabeça ao niveo peito,
« Ah! (diz elle) não ha maior ventura
Que estar ao pé de ti, sentado á sombra!
(E co' a mirrada mão lhe aperta o braço,
Que de um setim roliço fez Natura)
Não ha dita que iguale este descanço,
A delicia innocente que nos farta;
Consolador deleite, a que não chega
Quantos prazeres cria o mundo alegre!
Ser feliz em amor, e crer-se digno
De ser amado; amar como te amo;
Convencer-me que sentes o que sinto:
Póde haver sobre a terra igual conforto?
Dize, minha Rosetta? (e já começa
O velho cavalheiro a enternecer-se,
E a multiplicar mimos enfadonhos)
Falla, meu bem, e sem hypocrisia:
Quem nos ouve, ninguem póde enganá-lo...
Dize, o teu pobre cego, que te adora,
Póde lisongear-se que lhe queres
Tanto quanto te quer? E que elle é tudo

Que o teu coração farta, como fartas
O meu coração todo, e és meu tudo?

«Devemos attender sabios antigos:
Não tem desculpa um homem quando entrega
Todo o seu coração a femea alguma,
Se no que vê sómente é que se funda,
E se é fiel ou não pouco lh' importa.
Ha muito que aprendemos a doutrina
Que sahio de um tonel, como de um throno:
Diogenes o louco, o sabio Filho
De David, igualmente nos avisam
De não fiar de peito feminino,
Cuja malicia só tem semelhança
Com a propria inconstancia e ligeireza.

«Nada mais digo do que está na historia:
Porêm lições iguaes nos Livros Santos
Não achamos tambem?... Creado apenas
O Mundo foi, a fama das mulheres
Em lealdade aniquilou-se logo:
Caío a maldição sobre nós todos
Por golosina da mulher primeira,
Que vendeo por um pommo a especie humana.

«Por suas filhas foi Loth enganado:
Já antes do Diluvio os Anjos mesmos,
Em fogos criminosos abrazados,
Não foram por humanas formosuras
Queimar as azas, produzir gigantes?

«Quanto são detestados esses nomes
De Jesabel, de Dálila! e não cito

Bethsabéa, por ser legitimado
Pelo tempo adiante o sabio filho:
Comtudo, não lhe abono o seu recato.
D'outras mais falla a Biblia, que não cito:
Mas quem póde esquecer essa tyranna
Judith, que degolou tão sem piedade
O Mar'chal Holophernes, coitadinho!
Primeiro o embriagou com seus affagos,
Depois tirou-lhe a vida iniquamente!...
Sem derreter-se em pranto quem tal ouve?...

« De imprudentes mulheres maior fosse
O numero, e menor o das honradas;
Tu, meu bem, entre todas a escolhida,
Tu, da minha velhice doce allivio,
Recreio de minha alma, e meu conforto,
Em ti confio, sei quanto és constante,
Quanto és sempre fiel a teus deveres:
Nem escorregas, se a melhor tropeça.
O teu Gondolfo, que tão fino te ama,
Não has de cruelmente desamá-lo,
Nem elle perturbar-te com suspeitas. »

Tirando-lhe da mão o niveo braço,
Que Gondolfo apertava como aperta
Uma pulseira justa e bem fechada,
Agastada c'o velho, embravecida,
Em réo pudor ardendo, o empurra, e diz-lhe:
« Mas que vem cá fazer tal ladainha?...
Dei motivo a sermão tão importuno?...
Como pois posso crer que n'esse peito
Nasça a suspeita por um só momento
Da minha inalteravel lealdade?
Infeliz!... assim pagas o abandono

Com que a ti me entreguei? Dize, tyranno?
Quem foi que triumphou do meu recato?
Da juvenil paixão que te fartava,
Da nata dos meus osculos, ingrato?...
Triste de mim! que cheia de ternura
Julguei bem empregado o amor que tinha!
Meu crime foi amar a quem duvida
De um coração ardente que por elle
Só palpita. Cruel! esta victoria
Não te basta? inda vens atormentar-me
Com suspeitas, verdugo insupportavel?»

Aqui parou: a voz desfalleceo-lhe,
Como se dor tão forte a suffocasse;
E caío soluçando sem sentidos
Nos braços do assustado e illuso velho,
Que aperta com ternura, consternado,
A esposa tão fiel como sincera.
«Não chores, (diz) amada; mas desculpa
Um effeito de amor. O Ceo me guarde
De te causar desgosto. Ah! sim, perdoa!
Dá-me um abraço, certa que do brio
Da querida Rosetta não duvido.»

«Assim dizes, e assim são os mais homens,
(Lhe responde Rosetta com enfado;
Porêm arripiada e repugnante
Consente que lhe roube insulso beijo)
Os homens assim são, todos se empenham
(Continúa a dizer muito agastada)
Em trazer-nos ao laço com lisonjas,
E assim que nos apanham, tomam posse,
Longe de refrescar o nosso sangue,
Injectam atra bile em nossas vêas.

Pobres mulheres! inda em cima devem
Mostrar satisfação co' a mesma chamma
Que elles sopram e apagam sem piedade!
Bagatellas provocam seus ciumes,
Com que em particular nos desesperam.»

O pobre cego, ha tempos assaltado
De um ataque de gotta, mal podia
Dar ao corpo dorido algum socego.
Mas para disfarçar esta miseria,
E contentar a esposa immaculada,
Os protestos renova de ternura,
E assevera que sombras de suspeita
Tão longe como o Ceo 'stão de su' alma.
Firmou assim de novo este trattado
De ambas as partes ósculo sediço.

O nobre par, por falta de occorrencia,
Ou porque o coração já 'stava cheio,
Ou já muito cançado, ambos ficaram
Em profundo silencio; mas Rosetta
Exhalou um suspiro. — «Porque gemes?»
(Gondolfo lhe pergunta). «Não é nada»
(Lhe diz ella, e se cala: mas de novo
O suspiro repete, e logo o abafa)
— «Não te inquietes, não, meu doce amigo:
Isto não vai alem de algum desejo,
Que talvez brevemente se dissipe.»
— «Um desejo, meu bem! Já te percebo...
Como fazes feliz minha velhice!»
Calou-se ella... mas suspirou de novo.

— «Temos dos banhos frios certo o fructo!
Faze ditoso o teu Gondolfo, dize...

Tua reserva póde ser nociva
A ti mesma, e tambem á joia occulta
Que no seio contens: sem pejo falla.»
«Ah! se visses (diz ella) este pereiro
De tão copada rama, e os tão córados
Como maduros pommos que apresenta,
Cujas hasteas c'o peso se debruçam!...
Por medo que te enfades mais não digo.
Vão-se-me os olhos n'um! tens entendido?»
«Essa arvore conheço: não encontras
Por essas quintas todas igual fructa;
(Lhe replica o bom velho) porêm como
Havemos apanhá-la? Nem viva alma
Temos agora em casa: toda a gente
Para a ceifa se foi; e pelo campo
Está toda dispersa... É muito alto
O pereiro, e eu 'stou, alem de cego,
Bastantemente fraco: se a bengala
Tivessemos ao menos do escudeiro!...
Quanto eu tinha, meu anjo, em outro tempo,
Tudo se me acabou.» — «Não precisamos
Ninguem mais que nós dois, nada nos falta.
Se tu fosses tão bom que me prestasses
Os teus hombros por um instante ao menos,
E firme te abraçasses co' esse tronco,
Subo depressa, e logo um pé ligeiro
Ponho no ramo, e trepo facilmente
Pelas frondosas hasteas que guarnecem
O pereiro robusto de que nascem;
E então duas sómente me separam
Da fructa, e não m'impedem apanhá-la.
Costumei-me a trepar desde criança,
Estou destra, e consigo o que desejo.»
«Com todo o coração: (o bom do velho

Responde-lhe) porêm, minha menina,
Receio que te arranhes ou escorregues,
E que te faça mal se escorregares.
Se algum ramo se quebra, eu pobre cego
Que poderei fazer para acudir-te?
Se isso me é facil n'este triste estado?
— « Bem vejo que tens pejo de render-me
Tão pequeno serviço; mas repara
No que eu faria só por contentar-te.
Por difficil que fosse sempre facil
O que tu desejasses julgaria.
Alêm disso, quem póde agora ver-nos?
De todo estamos sós. » « Não ha remedio;
(Diz comsigo, nadando em gosto, o orate)
Minha menina, temo que se góre
O successor que anhelo ha tantos annos.
Meu anjo, fará mal soffrer um pouco
Até que venha alguem? » — « Eu já te disse
Que demoras me são insupportaveis.
Bem vejo que tens pejo de obrigar-me
C'um pequeno serviço: qual seria
Que eu por ti não fizesse a todo o custo?
Não vês que estamos sós? O que receias?...
A minha idéa é boa: se quizesses
Abraçar-te c'o tronco com firmeza,
Emprestar-me os teus hombros um momento,
Salto-lhe em cima, e logo alcanço os peros. »
« Que remedio? Se nego o que appetece
Corre a vida do herdeiro maior risco.
Hei de cumprir por força ou por vontade
O que o meu bem deseja. » O mentecapto
Então se agacha, agarra o tronco; sobe
A esposa, como um passaro voleja,
E trepa ao ramo em que o amante a espera.

Em quanto isto acontece, o bom do cego
Descançado se senta sobre um banco
De flores e de musgo alcatifado.
E por cima Oberon, junto a Titania,
A Rainha das Fadas, docemente
Pelas horas da sésta repousavam;
Deixando a sua bella comitiva,
Como um tropel de Genios, espalhar-se
No jardim, entre arbustos florecidos;
E os mais delles quietos, dormitando,
Á espera de que a Lua se levante.
Invisiveis os dois ouviram tudo
O que entre o cego e a esposa se passava:
Viram tambem a scena, infelizmente,
Relativa ao pereiro. O Rei dos Genios
Muito desapprovou tal desacerto;
E então disse a Titania: «Hoje repara
Como é verdade quanto os sabios dizem
—Que a feminil malicia tudo vence
Para satisfazer seus appetites.—
Amigo Salomão! com razão dizes
Que *um homem probo póde achar-se ainda,*
Se bem se procurar por todo o mundo;
Uma mulher honrada é vão buscá-la. (*)
Vês, Titania, o que vai n'esse pereiro?
Como infiel mulher zomba d'um cego;

(*) Se o que fez Salomão ellas fizessem,
E houvesse entre mulheres Salomonias,
Que dos homens julgassem francamente,
D'esses diriam o que elle d'ellas disse.
As ferozes asneiras do seu sexo
Peores são que as mansas parvoices
Que embaciam das femeas a candura.
(Nota da auctora.)

Julga que a nevoa que seus olhos cobre
Tambem a esconde, como se estivesse
Já sepultada nas Plutonias grutas?...
Por meu throno, e por esta hastea de lyrios;
Pelo podêr terrivel com que rege
Todo o Imperio dos Genios o meu sceptro;
Nem a malicia della, ou a cegueira
Do marido enganado, ha de servir-lhe,
Nem vedar o castigo que merece,
Pois profanou minha real presença:
Não ha de triumphar essa immodesta,
Da sua archi-traição gozar não hade.
Vou desfazer a nevoa que obscurece
Os olhos de Gondolfo; ha de apanhá-la
Na força do delicto o offeso esposo. —

«Sim!... assim determinas?... (e se tingem
De um fogo vivo as faces cor de rosa
Da Rainha das Fadas) Tambem juro:
(Diz c'um sorriso amargo e desdenhoso)
Meu juramento ao teu ha de casar-se.
Juro pois, que tão certo é ser Rainha
Eu do Imperio das Fadas, tua esposa,
Como ha de ser inutil a Rosetta
O teu influxo n'este afflicto lance.
A liberdade é vossa; e só ás femeas
Lhes pertence aturar com paciencia!»

Mas Oberon, na colera inflexivel,
Subito executou o que jurára:
Tocou co' a vara os olhos de Gondolfo,
E a catarata dissipou-se logo.

Pasmado começou a olhar em torno,
Alegre c'o milagre: de repente
Vê... Perturba-se... Sente-se bem como
Se um enxame de vespas o picassem.
Contra os seus olhos diz: «Será possivel?
A tão fiel Rosetta ao pé d'um homem!...
Não póde ser... (repete) Isto é effeito
Do descostume á luz que os olhos fracos
Inda conserva: porêm eu não creio
Que a melhor das mulheres me atraiçoe...»
Torna a olhar: e então vê distinctamente
Que os dois 'stão no pereiro alapardados,
E com pommos vedados merendando.
O coração ao vê-los se lhe parte,
E começa a gritar como um possesso:
«Traidora, infame producção do inferno!
Serêa enganadora, ingrata serpe!
Não te envergonhas, quando á minha vista
Tão descarada esqueces o que deves
Á honra, á lealdade que juraste?»

Como se o ar rasgasse um trovão forte,
Estremece Rosetta; porêm logo
Um improviso véo se espalha, e envolve
Uma invisivel mão com podêr mago
O complice da bella invencioneira.
Reflecte na visão intempestiva
Que na bochecha do marido a accusa:
«Que pasmosa aventura (diz contente)
O meu crime desfaz d'esta maneira
Á face do irritado velho!» E logo
Rosetta atina, e vai aproveitando
Da Rainha das Fadas o decreto;

E muito esperta, cuida em libertar-se
Da entrosga em que se vê. Do alto grita:
«Que tens tu, meu amor? o que te afflige?»
— «Ainda me perguntas o que tenho?
Desaforada!» — Sim!... pois que me dizes?
Tornas a dar lugar a mais suspeitas?
Assim pagas a dor com que te vejo
Nas trevas d'essa misera cegueira?
Sem ter outro recurso, resolvi-me
A procurar até na nigromancia
Combater o teu mal, e fui ditosa.
C'um bello Genio, que em figura humana
Ás vezes me visita, ante os teus olhos
Um sortilegio commodo compunha
Que mais aproveitasse; e tu, ingrato,
O meu braço direito me estropêas,
Neutralisando o amor que assim te provo!
Deves-me gratidão, e achas-me culpas!...
Não te envergonhas tu de regalar-me
Com tão desentoada cantilena?»

«O santo Job, (exclama o miseravel)
O santo Job perdera a paciencia!
Sortilegio, o que eu vi com estes olhos?...
Antes quero que a mão do Ceo potente
O dom da luz me negue para sempre,
Que dever-te, infiel mulher, a vista.
Vai morar nos infernos, embusteira:
Não esperes que eu honre actos malignos,
Nem approve o que é fructo de teus vicios.»
— «Póde Gondolfo assim trattar Rosetta!...
Ai de mim! que talvez o sortilegio
Não completou a obra interrompida.

Teus olhos 'stão abertos; mas as nevoas
Inda n'elles subsistem: como pódes
Outra vez maltrattar-me com injurias?
Intimidar com termos matadores
Tua esposa fiel?... Crê no que digo:
Tua vista não é perfeita vista;
Consiste só em raios de apparencias.»
«Será possivel pois que me enganasse?...
(Diz Gondolfo) Feliz aquelle homem
Ao qual suspeitas só atormentaram!
Mas eu vi o que vi infelizmente:
O que aconteceo vi; e vendo-o, creio
Que fui (pobre de mim!) atraiçoado!»
«Bradam ao Ceo teus dittos! — Desgraçada
Mais do que eu sou ninguem nasceo no mundo!
(A perfida exclamou, lavada em pranto)
Devo superviver a um tal desastre?...
Quem com maior ternura foi amado!...
Enlouqueceo o meu pobre marido!
Perdeo completamente os seus sentidos!...»

Quem não enlouquecera neste caso,
Se a torrente de lagrimas amargas
Vertem tão lindos olhos, e se avista
Um seio tal, tumente de suspiros?
A tanto, resistir não póde o Velho.

«Socega-te, menina, não te afflijas.
(Com susto diz) Senti-me perturbado;
Excedi-me no ardor com que fallava:
Perdoa; e te repousa nos meus braços:
Agora o sol luz claro, eu via errado.»

«Tudo ouviste, Titania: (diz raivoso
O Principe dos Genios) tuas obras
Alcançaram um termo; triumphaste.
O que vio com seus olhos o demente
Lhe desfez c'uma lagrima a traidora:
A mais clara verdade julgou sonho.

«Eu julgava-me amado; e n'isto achava
Toda a minha ventura confirmada:
Mas talvez que tambem fosse isto sonho.
Ter-me desencantado te agradeço.
Porêm ouve o mais sacro juramento,
Sem esperar que lagrimas o annullem.

«Desde agora devemos separar-nos.
Nem sobre as aguas mais, nem pelos ares,
Ajudados de ventos compassivos;
Nem sobre outeiro flórido onde aromas
Dos movediços ramos se diffundem;
Nem nos bosques, ou bem nas frescas grutas,
Onde amorosa distracção convida
A aproveitar um social descanço;
Nunca me has de encontrar; nem por ventura
Em feiticeiros jogos occupado.
Nem onde geme o taciturno môcho
Ouvirás o lamento da saudade.
O ar que tu respiras me aborrece...
Ai do sexo infiel a que pertences!
Ai do fraco amador que idolatrando
Arrastará de amor os duros ferros!...
Igualmente detesto o amante e a amada...
Infeliz quem apanham vossas redes,
Como qualquer embriaca avesinha

Que piando lamenta o ver-se presa!
Quem chupa o falso mel envenenado
Que dimana dos olhos das mais lindas:
Cuida que mora em viperino peito
Amor suave; e attende estonteado
O que lhe diz serêa zombadora!...
Fia-se em juramentos, [crê nas petas
Que lhe pregam com lagrimas fingidas,
E o condemnam a magoas sem remedio!...

«Pelos terriveis nomes desses Numes
Que os mesmos Genios nomear não ousam,
Juro que o meu proposito severo
Nada o possa alterar; nem mudar possa
Minha resolução irrevogavel:
Até que um par fiel extreme o fado:
Que em casto amor as almas se confundam,
E provem nas venturas, nos desastres,
Que, quando os corpos separados vivam
São os seus corações inseparaveis.
Mesmo quando seus membros despedace
Odio, calumnia, sedição, tormento:
Se amor resiste a tudo, e até supporta
Os golpes da inconstancia e do descuido;
E que a constancia de um repara a culpa
Do que fosse infiel: então, Titania,
Então a congraçar-nos tornaremos!

«Se deste nobre par as puras almas
Dão tudo a amor, e se submettem firmes
Aos golpes do destino mais severo:
Se o abysmo do mar os sorve unidos
(Porque o primeiro amor nunca desmentem);

E animosos a morte preferirem
Ás delicias de um throno que lhe alcance
Uma infidelidade; antes escolham
Perecer entre as chammas devorantes:
Quando isto assim succeda; então, Titania,
E só então, de novo nos veremos. »

Assim fallou; e subito sumio-se
Ante seus olhos o irritado Genio.
Em vão ella reclama docemente
O fugitivo esposo: em vão lhe roga
Que desculpe, e a seus braços se restaure:
Nada póde quebrar essa promessa
Que proferio em colera accendido.
Nem seu proprio pezar e dor podiam
Desatar um tão fixo juramento,
Antes que a condição (bem que difficil)
De achar Amantes taes, se satisfaça.

Desde esse tempo até o dia d'hoje,
Nunca mais Oberon na propria forma,
Nunca mais, se mostrou; e, (como dizem)
Ora n'um monte, ora n'um bosque denso,
Ora n'um valle obscuro mora, e gosta
De perturbar e atormentar quem ama:
Se o contrario fizer, será milagre. »

Aqui poz termo o Velho á sua historia.
Hugo então, pela mão tomando Amanda,
Enternecido disse: « Se só falta
Para a paz de Oberon e de Titania
Achar um par fiel de almas amantes,
Perto está já pendendo do Destino

O complemento desta amavel obra.
Não foi Oberon mesmo quem, benigno,
Quem teceo com prodigios nosso laço?
Quem, de Amor inimigo, apesar disso,
Protegeo compassivo a nossa estrella?...
A provar o que digo Amor m'impelle:
Valor e confiança isto afiançam.

Em lugar de resposta, Amanda aperta
Junto ao seu coração a mão do amante,
C'um meigo olhar, que diz mais que palavras.
Quem tanto deo por elle, que lhe resta
Para expressar-se em vozes carinhosas?...
O que se segue é scena encantadora,
Que no bom Scherasmin mil sustos cria,
De que se perca o fructo do seu conto.

Na verdade, o veo casto da innocencia
Inda esconde aos Amantes seu perigo;
E nelles a ternura mais recresce
Quanto é mais pura a origem de que nasce.
Nunca um mais novo par se achou amando
Que menos saiba do que a Amor pertence.
Porêm de um fio pende a sua sorte:
E para destruir-lhe a dita inteira
Basta um momento só, no qual se perdem.

DARTHULA,

POEMA TRADUZIDO OU IMITADO

DE

OSSIANO.

DARTHULA.

POEMA

TRADUZIDO OU IMITADO

DE

OSSIANO.

ARGUMENTO.

Usnoth, soberano *d'Etha*, (que é provavelmente aquella porção do Condado d'Argile que fica perto do braço de mar de Lock-Etha), sendo casado com *Slisama*, filha de *Semo*, e irmã do celebrado *Cuchullin*, houve della tres filhos, *Nathos*, *Althos*, e *Ardano*.

Logo que estes sahiram da infancia, mandou-os seu pae para Irlanda, a fim de aprenderem a arte militar na companhia de seu tio Cuchullin, que a esse tempo se assignalava nas guerras daquelle Reino. Apenas desembarcaram em *Ulster*, ahi tiveram noticia de que seu tio era morto. *Nathos*, ainda que mui joven, assumio o commando do exercito, e acommettendo *Cairbar*, desbaratou-o em varios combates. Tendo porêm o vencido achado o meio de assassinar *Cormac*, legitimo Rei de toda a Irlanda, o exercito de *Nathos* declarou-se pelo usurpador, e o seu joven commandante vio-se obrigado a voltar para Ulster com seus irmãos, a fim de passar de novo á Escocia.

Darthula, filha de *Colá*, e amada de *Cairbar*, residia então n'um castello do Ulster chamado *Sélama;* e como visse

Nathos, namorou-se delle, e com elle fugio, embarcando-se no mesmo navio. Infelizmente porêm contrarios ventos os lançaram sobre a costa do paiz onde se achava acampado o exercito de *Cairbar*. Sendo atacados por este, defenderam-se valorosamente os tres irmãos por algum tempo: mas a final tiveram de ceder ao numero, e caíram mortos. A infeliz *Darthula* cravou em si uma frecha, e morreo sobre o cadaver do seu heroico defensor.

DARTHULA.

Como, ó filha do Ceo, ó Lua, és bella!
Como teu rosto manso e doce agrada!
Cercada de attractivos te levantas,
E o trilho de teus passos desde o Oriente
As lúcidas estrellas vão seguindo.
Teu gesto alegra as nuvens; e os teus raios
Lhes pratêam os frisos tenebrosos.

Filha da Noite placida! Quem póde
Igual a ti rodar no firmamento?
Do teu aspecto os Astros vergonhosos
Desviam os seus olhos scintillantes.
Quando as sombras se engrossam sobre a terra,
Onde escondes em fim tua carreira?
Nas moradas da noite e da tristeza,
Como Ossiano afflicto, acaso habitas?
Cahiram já do Ceo tuas socias bellas?
As que em coro comtigo se alegravam,
De noite, pelos Ceos, já não existem?...
Sem duvida cahiram, Luz celeste!
E só para chorá-las te retiras.
Mas virá uma noite em que tu caias,
Em que deixes do Ceo a azul estrada.
Então essas, que humilha teu semblante,
Levantarão brilhantes as cabeças,
Tua queda applaudindo e seu triumpho.

Sae agora, que estás cheia de luzes;
Do teu palacio sae, e os Ceos enfeita.
Rompei, Ventos, a nuvem qu' inda encobre
Essa filha da Noite aos nossos olhos.
Venha mostrar dos montes a verdura:
E as ondas verdes do agitado Oceano
Ao clarão de seus raios se revolvam.

Sobre o abysmo dos mares Nathos (1) mora:
Seguem-no seus irmãos Althos (2) e Ardano. (3)
Por entre as trevas vão rasgando as ondas
Os tres filhos de Usnoth: fogem de noite,
Para escapar de Cairbár (4) ás furias.

Mas qual é, junto delles, esse objecto
Cuja belleza graça e mocidade
De um veo lugubre envolve a noite densa?...
Levanta-lhe o cabello o vento irado;
E as longas pregas de um vestido airoso
Na escuridão fluctuam levemente.
Como um vapor que dos Ceos descendo,
Phantastica beldade nos parece...
É Darthula (5) gentil, de Erin (6) a filha,
Que o fero amor de Cairbár evita,
E de Nathos a audacia e fuga segue.

Mas os ventos, ó Darthula, te enganam!
Ao teu navio a praia desejada,
A praia d'Etha, ingratos te recusam.
Essas montanhas, Nathos, que hoje avistas,
As que buscas não são, não são as tuas:
As ondas bramidoras de teus mares
Não são essas que atroam teus ouvidos.

De Cairbar aos paços te avisinhas:
Do teu rival os muros sumptuosos,
Alli perto, a teus olhos se agigantam;
Alli reside ufano quem detestas.
Esse outeiro que vês, que a frente verde
Levanta para o mar, é de Ullin (7) terra:
Na bahia de Tura (8) desembarcas.

Ventos meridionaes, onde dormieis
Quando objectos tão caros se enganavam?...
Brincaveis na planicie, perseguindo
Do cardo a fêlpa, ou sacudindo as flores?...
Por que não ieis empolar as velas
De Nathos, impelli-lo, té que ás nuvens
As alturas do Etha deleitosas
Á vista do seu Rei se levantassem?...

Já dura muito, ó Nathos, essa ausencia:
Passou o prazo: o dia assignalado (9)
Em que havias voltar, fugio... não torna...

Como os olhos de Darthula encantaste,
Quando vistes, Heroe, a terra estranha!...
Teu rosto amavel tinha o doce agrado
Que teem da Aurora os raios primitivos:
A côr das aguias tinham teus cabellos:
Tua alma era serena como as horas
Em que desapparece o Sol nas ondas:
Dos regatos de Lora (10) o murmurío,
O sussurro do Zephyro entre as canas
Menos doce é que o som da tua falla:
Mas, qual mar agitado, uma borrasca
No furor dos combates parecias,

Das armas tuas sendo a bulha horrivel:
Teu inimigo audaz se assusta e pára
Se a marcha te apercebe estrepitosa...
Tal Darthula te vio: assim do alto
Te vio das torres do paterno paço.
Então á tua vista sentio logo
O coração no peito palpitar-lhe.

«Como és amavel, estrangeiro! (disse)
Amigo de Cormac (11) o desgraçado!
Como és bello na furia dos combates!...
Por que assim te abandonas sem piedade
Ao fervoroso ardor que a gloria alcança?...
Mancebo, os teus guerreiros não são muitos
Para atacar um Rei de forças tantas.
Ah! se eu pudesse ao menos libertar-me
Desse importuno amor com que me afflige!
Só pudera alegrar-me o teu semblante.
Quão ditosos sereis, rochedos d'Etha,
Se haveis de ouvir do meu amante os passos!
Se virdes o seu peito de alabastro,
Quando os ventos travessos levantarem
As sombrias madeixas que traz soltas!»

Tuas vozes, ó Darthula, taes foram
Lá nas torres musgosas que habitavas.
Agora só te cerca a noite espessa:
E os ventos tuas velas enganaram.
Darthula bella! os ventos te atraiçoam!
Cessa, ó vento do norte, cessa um pouco:
Da filha de Colá deixa que escute
A doce voz que tanto me recrêa...
Por entre o estrondo, com que sopra o vento,
Amo tua voz, ó Darthula serena...

Darthula.

«Serão de Nathos estas rochas toscas?
Esta bulha será dos seus regatos?
Do palacio de Usnoth vem estas luzes
Que mal rompem as trevas que me cercam?...
Mas a luz que esclarece hoje a minha alma
Ráia do gesto do valente Nathos.
Nobre filho de Usnoth, dize o que sentes;
Declara por que os ais assim supprimes:
Acaso em terra estranha nos achamos?»

«Não são estes, ó cara, os meus rochedos;
(Nathos lhe diz) differe muito deste
O estrondo dos meus rios e torrentes.
O meu palacio d'Etha fica longe,
Não vencem delle as luzes tal distancia.
Terra estranha pisamos, terra ingrata,
Que o feroz Cairbar profana e rege.
Darthula, os ventos todos nos trahiram:
Este é paiz de Ullin, onde os outeiros
Té ás nuvens se elevam, verdejando.

«Para o norte marchai, Althos e Ardano;
Costeai esses sitios, pois receio
As surprezas nocturnas do inimigo:
Temo se apague aqui toda a esperança
De tornar a ver d'Etha os caros muros.
Essa torre musgosa que avistamos
Irei examinar; desse palacio,
De que partem as luzes, saber quero
Qual gente o habita, e quanto risco encerra.

E tu, Darthula bella, sobre a arêa
Descança em paz um pouco; toma alento,
Pois que a espada de Nathos te protege.»

Parte; e Darthula só na praia espera.
Senta-se; escuta o surdo som das ondas: (*)
Cercam-lhe grossas lagrimas os olhos;
E quando principia a tardar Nathos,
Alonga a vista, e busca em vão o amante.
Qualquer sopro do vento a alma lhe abala:
Passos pre-sente; cuida são do amante...
Presta ouvidos, até que a illusão cessa;
E d'angustia opprimida, assim prorompe:

«Em torno a mim resoa aspero vento;
Redobra a Noite os véos em que m'envolve:
Porêm Nathos não chega!... Onde te escondes,
Do meu amor emprego, meu conforto?
Quem te demora, amavel Chef' d'Etha?
Surpr'enderam-te acaso os inimigos?...»

Nathos chega; mas traz pesado o rosto,
Que obscurece a tristez. A sombra cara
Do amigo Cuchullin (12) tinha avistado,
Qu' ía de Tura os muros procurando.
Este Heroe mil suspiros exhalava;
E seus olhos, que a morte tinha extinctos,
Inda lançavam fogos formidaveis.
Era de nevoa a lança alta columna,
E as estrellas por entre o corpo aereo
Com frouxa luz ao longe reluziam.

(*) Verso imitativo.

Sua voz, semelhante ao vento surdo
Que murmura no fundo das cavernas,
Desgraças co' as palavras predizia.

Nathos triste, opprimido, em dor immerso,
Trazia a frente baça, como é baço
O Sol quando mergulha em nevoa densa.
« Tu, de Darthula o mais constante apoio,
(Lhe diz ella) que tens? por que estás triste?
Só em ver-te consiste o meu deleite;
Já não tenho ninguem, tu só me animas:
Meu pae dorme, no tumulo descança;
Nathos, unico amigo, só me resta:
Reina o silencio em Sélama (13), domina
O luto a minha patria; os meus amigos
De Ullin na guerra bravos pereceram;
Com Cormac infeliz cahiram todos. »

Darthula conta a morte de Collá seu pae.

« Escuro já fazia na planicie:
Ante meus olhos ía-se apagando
O azulado reflexo das torrentes:
Perto dos muros paternaes, tranquilla,
Me achava ao pé de uma arvore copada;
E dos bosques de Sélama frondosos
Alternos sopros vagarosos vinham.
Truthil, meu caro irmão, Truthil vagando
Ante minha alma então julguei que via;
Bem que ausente, seguindo as hostes feras
Que contra Cairbar tinham partido.

« Visão, presentimento desgraçado!

Era meu pae quem vinha taciturno,
O canuto Collá, com triste aspecto
Encostado na lança; pensativo,
O serio rosto para a terra inclina,
E vê-se que o pesar a alma lhe parte.
Traz ao lado pendente a heroica espada,
E o casco de seus paes sobre a cabeça.
O peito anhela, e lutas só respira:
Uma lagrima só lhe aponta aos olhos,
Que se esforça a esconder, porêm não póde.
Suspirando me diz: — Darthula! filha!
Da raça de Collá quanto possuo!
Truthil morreo na força do combate;
Já de Sélama o Rei (14) finou seus dias.
Co' as suas multidões Cairbar marcha,
Vem feroz atacar os nossos muros:
Collá castigará tanta suberba,
E ha de vingar o sangue de seu filho.
Mas tu, Darthula cara, a qual asylo
Poderei confiar essa belleza?
Que sitio ha de prestar-te segurança?

« Morreo! (exclamo então, soltando um grito)
Entre os combates já luzir não póde
De Thrutil generoso o valor nobre!...
Mas este arco me basta: nada temas.
Aprendi a ferir a montez cabra:
Matar bem poderei, como outras feras,
Cairbar, que a Truthil privou da vida.

« Na face de Collá o prazer brilha
Com taes palavras; lagrimas se apinham
Em seus olhos, e correm sobre o rosto:

Um subito tremor lhe agita os labios;
Treme ao sopro do vento a branca barba.

«Tu de Truthil (exclama) és irmã digna!
O fogo de sua alma abraza a tua.
Toma esta lança, Darthula, esta lança,
Este broquel de bronze, e casco d'aço,
Despojos de um irmão guerreiro illustre,
Morto na flor dos annos mais viçosos. (15)
Sobre Sélama apenas o sol raie
Iremos encontrar Cairbar fero.
Do braço de teu pae não te separes:
Do meu broquel á sombra fica, ó filha!
Em outro tempo, Darthula, pudéra
Defender-te teu pae: hoje já pesam
Sobre suas mãos tremulas os annos:
Foge a força de seu braço cançado,
E a dor toda sua alma hoje escurece.

«A noite na tristeza assim passámos.
Rompeo o dia; e no guerreiro armúrio
Brilhei ante meu pae que me seguia.
Em torno ao seu broquel os seus guerreiros,
Todos canutos velhos, se juntaram,
Em numero pequeno, na planicie.
Os mancebos heroes tinham cahido
Com meu irmão no campo, combatendo
Por Cormac infeliz, e pela gloria.

«Não era assim, guerreiros, que me vistes
Já debaixo das armas n'outro tempo:
(Lhes diz Collá) illustres companheiros
Das emprezas da minha mocidade!

Quando a meus golpes Confadano heroico
Cedeo a vida e gloria, assim não era
Que aos combates intrepido marchava.
De annos e dores vamos carregados;
A sombria velhice nos opprime;
Meu broquel está gasto pelo tempo,
E a minha espada aos muros pendurada (16).
Sempre julguei que a noite de meus annos
Tranquilla fosse, e que meu fim seria
O de uma luz que pouco a pouco morre.
Mas voltou furiosa a tempestade,
E assim me abate, qual antiga faia,
Que açoitada dos ventos, se desfolha.
Já declino, vacillo... Onde estás, filho,
Co' as sombras dos heroes teus companheiros?...
Do turbilhão que habitas não respondes.
A dor abate o animo paterno...
Mas cedo ha de acabar esta tristeza,
Cairbar ou Collá acabar devem.
Já sinto restaurar no braço a força;
Salta meu coração, apenas sente
O lethal alarido da batalha.

«Empunha a espada; então o ferro brilha
Nas mãos de seus guerreiros; marcham todos
Para a planicie: o vento irado agita
Na calva testa os raros seus cabellos.

«Na campina de Lona (17) solitaria
Sentado Cairbar preside altivo
A um pomposo festim, quando em distancia
Apercebe os heroes; e sem demora
Ordena aos chefes que ao combate corram.

Já... Mas que digo a Nathos? que descrevo? (18)
Eu não te vi no centro da batalha,
Qual raio que no Ceo serpêa irado,
Romper sempre por entre os inimigos?
Seu vestigio inflammado quanto é bello!
Derrubando os mortaes, quanto é terrivel!

« A lança de Collá dirige a morte
Por toda a parte; e os juvenis combates
Inda recorda, com vigor extremo.
Mas ai! parte uma frecha; o heroe derriba;
Fere-lhe o lado: o susto, a dor abrange
Toda minha alma, e quero em vão salvá-lo.
Cae sobre o seu broquel... o meu estendo
Sobre elle, descobrindo o proprio peito:
Enrista a lança Cairbar, correndo;
Mas a filha de Sélama conhece.
Brilha o prazer no seu sombrio rosto,
E o ferro affasta que ía dar-me a morte.
Um tumulo a meu pae, comtudo, erige,
E a Sélama me leva, envolta em pranto.
Quer com phrases de amor calmar-me as penas;
Mas eu só dor escuto, só dor sinto.
Os paternos broqueis vejo quebrados,
De meus amigos mortos vejo as armas;
Do meu caro Truthil conheço a espada,
E as lagrimas meu rosto afflicto inundam.

« Chegas, Nathos, então; Cairbar foge,
Como foge uma sombra no deserto
Ante os raios do Sol que vem nascendo.
Contra ti o seu braço era mui fraco,
E a tropa sua tinha-se affastado.

« Mas dize, ó Nathos, dize, essa tristeza (19)
Donde te vem agora? de que nascem
Essas sombras que envolvem teu semblante? »
Pergunta sem cessar Darthula afflicta.

« Eu desde a infancia vi sempre combates.
(Nathos responde a Darthula) Meu braço
Podia apenas sustentar a lança,
Quando o perigo pela vez primeira
Se me off'receo, ó cara. Mas a guerra
Era para minha alma tão brilhante
Como o Sol, quando entorna as luzes n'agua,
Nos verdes valles, antes que lhe esconda
O seu disco inflammado a trovoada.
Foi meu valor nos riscos celebrado
Antes de ver-te, ó bella; era soldado
Muito antes que meus olhos te observassem
Qual estrella que brilha sobre o outeiro,
E rasga as trevas de uma noite densa...
Mas uma nuvem vagarosa chega,
E dessa estrella a luz clara ameaça.
Em terra ingrata estamos: falso vento
Nos enganou, servindo os inimigos.
Das montanhas do Etha longe estamos.

« Ó Darthula! que asylo dar-te posso?
São os irmãos de Nathos valorosos:
Minha lança em batalhas tem brilhado:
Mas que podem de Usnoth os filhos hoje,
Contra exercitos taes, que oppoem tal força?

« Oscar (20), chefe d'heroes, por qual decreto
Os ventos estas praias te não mostram?

Por Cormac infeliz tu prometteste
Vir combater tambem, e então seria
Meu braço a fouce da implacavel morte:
Em seu palacio Cairbar tremera,
E a paz em torno a Darthula reinara.
Mas por que desalentas, ó minha alma?
De Usnoth os filhos triumphar bem podem.

Darthula.

«Sim, hão de triumphar, Nathos! (exclama
De Sélama a belleza transportada,)
Darthula jámais hade (Amor t'o jura)
Habitar com desdouro, aprisionada,
Do taciturno Cairbar os paços.
Dá-me essas bronzeas armas que me mostra
A exhalação que passa, e que apercebo
No fundo desse teu navio; dá-mas;
Eu quero combater... Sombra magnanima
De Collá, de meu pae, sombra adorada!...
Mas que objecto sombrio te acompanha?
É Truthil generoso!... E eu ver pudéra
Os palacios do monstro que deo morte
Ao Chefe, ao Rei de Sélama brioso?
Nunca, ó sombras queridas, tal desdouro.»

Sobre a face de Nathos brilha o gosto
Que lhe inspira esta phrase; e diz-lhe: «Ó filha
De Sélama ditosa, tu desparges
O sereno descanço na minha alma:
Em mim se dobra a força: vir já pódes,
Ó Cairbar, com todos teus guerreiros.
Lá onde anhelas gloria á raça tua,

Usnoth venerando! não receies
Ouvir dizer que o filho teu fugisse.
Inda me soam n'alma essas palavras
Que sobre a praia d'Etha me disseste,
Quando já minhas velas se empolavam,
E em demanda de Tura a costa largam.
Nathos! (disse meu pae) tu te diriges
A encontrar Cuchullin, prole de Sêmo,
Esse heroe, que jámais fugio do risco.
Seja teu braço forte, como o delle,
No dia da batalha; não fraquejes;
Nunca te lembre a fuga; com receio
Que esse heroe, que teu sangue accusar possa
De cobardia ou susto os filhos d'Etha.
Cá virão ter taes vozes ultrajantes,
E a dor, que hei de sentir, ha de esmagar-me
No solitario paço em que resido.

«Assim meu pae fallou; e o pranto em gottas
Sobre as faces augustas lhe descia.
Deo-me esta espada luzidia e forte.
Fui a Tura; o silencio alli reinava,
E em vão buscam meus olhos um guerreiro
Que do Chefe de Dunscar (21) me dê novas.

«Á sala fui das festas, onde as armas
De seus avós se suspendiam d'antes:
Não estavam já lá; porêm sentado
Vi o velho Lamor banhado em pranto.

«D'onde vem essas armas? (disse o velho)
Ha muito (levantando-se, accrescenta)
Que nos muros de Tura taciturnos

Não brilha escudo ou lança de guerreiro.
Vindes vós das planicies do Oceano,
Ou do triste palacio de Temóra? (22)
— Nós rompemos as plagas do Oceano;
Do palacio de Usnoth chegamos hoje.
Slisama (23) é nossa mãe, a filha bella
Do illustre Sêmo; e Cuchullin buscâmos.
Mas que vejo? De lagrimas banhado
Teu rosto venerando!... É morto acaso
Aquelle heroe?... Responde, solitario
Habitante de Tura; explica o caso;
É Nathos quem afflicto te conjura.

— « Cuchullin não caío (Lamor responde)
Como cae sem ruido alguma estrella
Que a noite rompe, brilha, e logo cessa;
Mas sim como um terrivel meteoro
Que em paizes distantes arrebenta,
E a morte arrasta em seu igneo caminho;
Cometa que produz guerras cruentas.
Sobre as praias do Lego (24) afflicção mora;
É lugubre e queixoso o murmurío
Da torrente de Lara estrepitosa.
Nas margens della o heroe findou a vida.
Dignos filhos de Usnoth, chorai comigo! »
— « No combate morreo!... Brado, suspiro
Por elle, cujo braço era terrivel,
Cujo furor tremendo nos combates;
E a morte lhe seguia sempre a espada. »

« Para as margens do Lego desoladas
Marchámos logo, e o tumulo encontrámos.
Com lugubre apparato o redeavam

Os nobres companheiros de seus feitos,
E os Bardos inspirados, que cantaram
Suas grandes victorias tantas vezes.
Tres dias sobre o heroe aqui chorámos:
E no quarto bati com furia ingente
Sobre o broquel de Cairbar, sem susto.
De Cuchullin os bravos me cercaram,
Alegremente as lanças agitando.

« Á frente de um exercito tremendo,
Corlath, de Cairbar amigo, estava:
De noite, pelas sombras, o atacámos,
E todos seus guerreiros pereceram.
Do valle os habitantes, acordando
Com os raios da Aurora, distinguiram
A terra avermelhada com seu sangue.

« Aos paços de Cormac depois marchámos,
Para o Rei defender, para salvá-lo.
Inutilmente as lanças levantámos:
De Témora o palacio era deserto;
Cormac tinha acabado em tenros annos;
D'Erin o infeliz Rei não existia.

« Com passo lento os filhos de Ullin partem,
E da tristeza o véo todos envolve:
Partem sombrios, como as nuvens densas
Que vão detraz de outeiros esconder-se,
Depois de ter mostrado largas horas
Ameaços e aspecto de borrasca.

« Em dor immersos vão de Usnoth os filhos
Á bahia de Tura, e consternados

Por Sélama passámos: foge logo
Cairbar ante nós, bem como fogem
Ante os ventos irados do deserto
As nevoas que do Lano torvo expulsam.

« Então é que eu te vi, donzella amavel,
Tão bella como a luz que o Sol espalha.
— Que raio juvenil! raio brilhante! —
Exclamei; e os suspiros apinhados
Pareciam romper-me o peito estreito.
O triste Chefe d'Etha então seguiste...
Mas os ventos crueis nos enganaram,
Ó Darthula! estás perto do inimigo. »

« Sim, perto está de nós; (Althos responde (25)
Ouço o estrondo, o tinnir da marcha e armas...
Vi fluctuar o lugubre estandarte,
E a voz de Cairbar (26) distinguir pude.
Antes que a Noite os mares abafasse
Nosso navio apercebeo de longe:
Na planicie de Lena vigiando
Os seus guerreiros mil espadas alçam. »

« Que alcem dez mil espadas: (Nathos grita)
Á vista do perigo jámais tremem
Do valoroso Usnoth os dignos filhos.
Ó mar de Ullin, por que motivo rólas
Com tanta bulha as ondas espumantes?
Tempestades do Ceo atroadoras,
Por que as azas assim abrís ruidosas?
Crês, borrasca, prender Nathos á praia?
Não: seu valor é só quem o demora,
Filhos da Noite! em vão convocais medos.

Traze-me, Althos, de meus avós as armas:
Ao clarão das estrellas alli brilham;
No fundo está da náo de Sêmo a lança. (27) »

Althos as armas traz, e n'um instante
Seus membros d'aço duro Nathos veste.
Seu gesto é nobre, altivo, o passo firme;
Ameaço e prazer luz em seus olhos;
Arde em desejos de que chegue a luta.
Darthula muda e quêda junto delle,
C'os olhos fixos sobre o terno amante,
S'esforça em suffocar crebros suspiros
Que em seu peito subleva a dor e o susto;
E mal disfarça o pranto que obscurece
A luz que amor accende nos seus olhos.

« Neste rochedo vejo uma caverna,
(Diz o Rei d'Etha) abrigo da belleza:
Althos caro, teu braço armipotente
Deposite alli Darthula, e a defenda.
Ardano e eu marchemos ao in'migo;
Cairbar ao combate provoquemos.
Ah! se o sombrio Cairbar pudesse
Vir coberto das armas estrondosas
Para atacar de Usnoth valente o filho!...

« Darthula, se escapares do perigo,
Não te importe o adeos ultimo e triste:
Foge; não te dilate uma esperança
De tornar a ver Nathos desditoso:
Larga as velas, e as praias d'Etha ganha.
Althos, dize a meu pae que é morto Nathos;
Mas coberto de gloria; e que não soube

Sua espada evitar nunca os combates:
Que caío sobre montes d'inimigos,
Para que a dor com gosto se misture.

« Tu, Darthula querida, no palacio
Convoca as filhas d'Etha, e todas juntas,
Quando voltar o Outono taciturno,
Cantando confiai de sacros hymnos
Os louvores de Nathos e as saudades.
Se o Cantor de Colná (28) a minha gloria
Sobre as cordas celestes celebrasse,
A minha mesma sombra se alegrara
Entre os ventos ferozes das montanhas. »

— Minha voz cantará os teus louvores:
Ossiano to jura: a tua gloria
Em meus cantos será de Usnoth conforto.
Ah! se em Lena eu lutasse na batalha,
Minha espada teus dias defendera,
Ou a vida Ossiano perderia.

Á festa de Fingal naquella noite
Com pompa em Selma todos assistimos,
Mas de agouros e sustos penetrados.
Os ventos contra as arvores bramavam:
Dos phantasmas do monte (29) os ais se ouviam:
Nisto, do vento um turbilhão enfia
A sala toda, e na minha harpa freme:
Um som, qual canto lugubre, resoa.
Fingal ouve-o primeiro, e no seu peito
Os frequentes suspiros o angustiam.
« Algum dos meus heroes de certo é morto!
(Diz o Rei de Morven) Os sons da morte

Na harpa escuto d'Ossiano. Amado filho,
Fere essa corda, fere, que resoa:
Faze-me ouvir teus lugubres accordes,
Para que as sombras desses meus tão caros
Em paz e com prazer neste momento
Para os outeiros de Morven revoem.»
Eu feri ante o Rei as cordas da harpa;
Mas os sons eram lugubres, queixosos.

Inclinai-vos do seio dessas nuvens,
Sombras de meus maiores; lançai fóra
Os fogos e o terror que vos rodêam,
E recebei o heroe que expira agora.
Preparai-lhe de nevoa a lethal roupa,
Com a lança de nuvem; como espada
Cingi-lhe meio extincto algum meteoro:
Que se nos mostre em trajes agradaveis,
A fim que o vê-lo alegre seus amigos.
Inclinai-vos do seio dessas nuvens,
Sombras de meus maiores, inclinai-vos. —

Taes d'Ossiano em Selma os cantos foram,
Acompanhados da harpa condoida.

Pelas trevas da noite rodeado,
Nathos porêm, na costa de Ullin, firme,
Escutava em silencio sobre as armas;
E ouvio a voz pungente do inimigo,
Que excedia o rumor das ondas bravas.

A manhã levantou-se radiante;
E viram-se de Erin os bronzeos filhos
Quaes ao longo da costa se veem rochas

Que antigos troncos verdenegros vestem.
Caírbar logo á vista do inimigo
Sorrio com ar feroz para os seus socios.

Nathos parte: mas Darthula, inquieta,
Longe do seu amante não socega.
Acompanhada pelos seus guerreiros,
Voa após elle, de uma lança armada.

—Quem são estes heroes, de armas cobertos,
Na flor da mocidade?... Quem são elles?...
São os filhos de Usnoth, Althos e Ardano.

« Vem, (disse Nathos) Chefe de Temóra!
Pela mais bella das donzellas hoje
Afoutos sobre a praia combatamos.
Nathos não tem comsigo os seus guerreiros;
Moram alem do mar tempestuoso.
Cobarde Cairbar, cercado d'hostes,
Como vens atacar o Chefe d'Etha?...
Delle fugiste em tempo mais propicio, (30)
Quando os amigos seus o rodeavam. »

« Contra ti, moço audaz e presumido,
Crês que o Chefe d'Erin combater possa?...
(Replicou Cairbár) Os teus maiores
Não os conto entre os celebres guerreiros;
Nem na lista dos Reis foram contados.
Teem nos seus lares do inimigo as armas?...
Teem os broqueis de seus antepassados?...
Caírbar reina em Témora com gloria;
E não se mede com vulgar guerreiro. »

Nathos freme de colera, em silencio:
Uma lagrima os olhos lhe humedece:
Olha para os irmãos; e a um tempo as settas
Voam e prostram tres heroes por terra:
Logo nas mãos fusilam as espadas.
Como cede um montão de nuvens negras
Do vento impetuoso ao sopro irado,
D'Erin os batalhões se desvanecem.

Caírbar seu exercito convoca:
Mil arcos tendem, crebras frechas voam;
E caem de Usnoth os filhos, como caem
Tres altivos carvalhos sobre o monte,
Onde, com vasta rama, sós florecem.
Pasmava o passageiro ao ver chegados
Seus troncos, sem abrigo, a tanta altura:
Mal do sul veio á noite o rijo vento,
E por terra prostrou-lhe as verdes comas.
Voltando na seguinte madrugada,
Achou seccas as arvores suberbas;
E o monte despojado de verdura.

Darthula vê cair heroes tão caros.
Immovel pela dor, não verte pranto:
Seus olhos se enchem de um pezar severo,
A pallidez lhe murcha as faces bellas:
Palavras syncopadas articulam
Apenas os seus labios, tremulando:
E das negras madeixas sem alinho
Lhe açoita a face revoltoso o vento.

Caírbar, sem piedade, exulta, e chega,
Perguntando: «Onde existe o caro objecto

Do teu amor, ó Darthula?... Procura
D'Etha o Dominador, que tanto amavas.
Viste os paços de Usnoth?... De Fingal viste
Os sombrios outeiros que domina?...
Se os ventos irritados não te houvessem,
Ó Darthula, arrojado a estas praias,
Eu fôra trovejar co' a guerra em Morven:
Fingal mesmo a meus golpes cederia;
Estrago e morte reinaria em Selma.»

Deixa Darthula debil de seu braço
Escapar o broquel, e o peito mostra;
O seio de alabastro ensanguentado,
Que uma frecha cruel tinha ferido.
Sobre o seu doce Nathos cae, bem como
Da região das nuvens desce a neve.
Co' as madeixas o rosto amado encobre,
E o sangue de um e d'outro a terra bebe.
Os Bardos o seu fado assim deploram:

Cantico dos Bardos.

Apagou-se a luz das selvas:
Darthula é morta, é morta!...
Na florente Primavera
Assim uma flor se corta.

De Collá a illustre filha
A Caírbar não pertence:
Amor e a Morte venceram;
E Nathos morto é que vence.

De Truthil a estirpe extincta,
De Selma a praia deserta
Envolve um silencio austero,
Que aos mortos é digna offerta.

Quando voltarás ao mundo,
D'Erin a melhor das bellas?...
Muito dormirás na tumba
Antes que tornes a vê-las.

Inda está longe a manhã
Em que tu has de acordar:
O Sol não virá tão cêdo
O teu leito allumiar.

Não virá dizer-te — Acorda,
Vem calmar crueis pezares;
O bafo da Primavera
Começa a aquentar os ares.

Das mulheres a mais linda!
Desperta, que as flores nascem:
Já balançam na campina:
Ah! desperta antes que passem.

Darthula dorme. Não venhas,
Não venhas, Sol, despertá-la:
A filha de Collá dorme,
E ninguem póde acordá-la.

Nunca mais na manhã cêdo,
Radiante de belleza,
Virá contemplar nas selvas
A pompa da Natureza.

Nunca mais no prado, airosa,
Ha de mostrar-se, correndo;
Vencendo na caça as feras,
Ou corações surpr'endendo.

Em quanto alli compunham compassivos
De Darthula o sombrio monumento,
Os Bardos junto delle assim cantavam.
Ía a voz levantar, chorar com elles
A sorte da infeliz; quando chegava
Fingal a Ullin, a combater brioso
Caírbar, fatal causa destes prantos.

ILIADA DE HOMERO.

(FRAGMENTO.)

ILIADA DE HOMERO.

CANTO I.

1.

A COLERA d'Achilles, causa horrivel
Dos desastres da Grecia innumeraveis,
Canta, Musa divina! e quão temivel
Esta colera foi: que lamentaveis
Destroços fez n'aquelles que invencivel
Amor da gloria tinham: que notaveis
Chefes mandou, com furia, ao reino escuro,
De um golpe inopinado e prematuro.

2.

Dize como insepultos sobre a arêa,
Dos cães e dos abutres devorados,
Ficam, em quanto a raiva não refreia
Achilles, nem Atrides irritados. (1)
Jove assim decretou na immensa idéa,
Assim sem compaixão quizeram Fados.
Declara, ó Musa! em que hora tão tremenda
Rompe está luta; e qual Numen offenda.

3.

O filho de Latona peste envia, (2)
E os campos com montões de corpos cobre.
Ufano o Rei dos homens injuría (3)
Chryseo, de Apollo o sacerdote nobre:
E pela affronta ao Ceo que o Rei fazia
A mais fera vingança se descobre.
O povo morre. Os povos sempre expiam
Os defeitos que os Reis coarctar deviam.

4.

Com ricos dons Chryseo, com magoa viva,
Aos pés do vencedor vem, supplicante,
A filha resgatar, que era captiva.
Nas mãos insignias traz do Deos radiante;
Por ellas pede aquella de que o priva
Do vencedor a espada fulminante.
Todos implora: e mais que a todos graça
Dos Reis irmãos, de Atreo suprema raça. (4)

5.

«Reis, e Guerreiros! (diz) Os vossos votos
Sejam do Ceo benigno abençoados:
De Troya os sacros muros fiquem rotos,
E a vossos pés por terra derrubados:
Salvos, aos vossos lares mais remotos
Jove vos leve em bem e afortunados;
Quando as vossas fadigas acabarem,
E a ruina d'Ilion completarem. (5)

6.

«Mas ah!... De um pae afflicto, compassivos,
Restitui Chryseis inda a meus braços:
Se as magoas minhas são fracos motivos,
Commovam-vos de Apollo os ameaços.
São do filho de Jove os raios vivos,
E em mim seus privilegios pouco escassos...»
De acordo grita a tropa: «É bom cedê-la:
Honre-se o Padre, solte-se a Donzella.»

7.

Atrides não. Com regia prepotencia,
O sacro pae repulsa, e os gritos doma;
Replicando-lhe assim, sem reverencia:
«Não peças, presumido, o que um Rei toma.
Vai-te; ou teme mais longa residencia
Nestes campos hostís. Em vão assoma
Na tua mão sagrada o sceptro d'ouro:
Não m'impõe o teu Deos, nem esse louro.

8.

«A tua filha é minha: Reis não cedem.
Em quanto as graças juvenis durarem,
Lagrimas, preces, dons, em vão m'a pedem.
Quando os meus frios braços a largarem,
E que os annos, que affagos sempre excedem,
A mais servil officio a destinarem,
Para Argos irá, de ti saudosa,
Cobrir e ornar o leito que hoje gosa.»

9.

Trémulo o Sacerdote á praia volta,
Cheio d'angustia e paternal cuidado.
Uma queixa, um gemido só não solta:
Tanto, em silencio, a magoa o tem cortado!
Ao pé do rouco mar, sem outra escolta
Que a das preces que forma retirado,
Busca, para as mandar, lugar jucundo
Ao Deos que darda as luzes sobre o mundo.

10.

«Ó Sminthêo! de Latona creadora
Prole Real! pimpolho peregrino!
Que diffundes em Chrysa, que t'implora, (6)
Sobre as devotas praias, ouro fino!
Fonte de luz, que Ténedos adora;
De Cilla tutelar podêr divino!
Vê com que penas luto, aqui vagando;
E acolhe as preces que de cá te mando.

11.

«Se os teus altares tenho engrinaldado,
E com banha nutrido o santo lume,
Depois de ter o Boi sacrificado;
Nasça em teu coração justo ciume,
Vendo em mim teu decoro injuriado.
Toca do crime Atrides o alto cume:
Audacia argiva tem a todos cegos: (7)
Vinga o teu servo, e arraza os impios Gregos!»

12.

Assim roga Chryseo: os Ceos o ouviam.
Das alturas do Olympo o Numen desce:
No ar as aureas frechas lhe tinniam:
Seu arco atésa, a furia nelle cresce.
Para os Gregos o aponta, que o não viam;
Mas de repente tudo s'escurece:
O Deos s'envolve em ténebras opacas;
O medo as almas fortes torna em fracas.

13.

Co' a frota á vista, estoura do arco a bomba:
As farpas venenosas vem zunindo:
O cavallo alli cae, o cão lá tomba,
Que os animaes primeiro foi ferindo.
Mas a Morte, ao depois, dos homens zomba,
E todos pouco a pouco vão cahindo:
As pyras funeraes tristeza espalham;
Nove noites os homens amortalham.

14.

Porêm antes que a decima, passando,
No contagio mais victimas fizesse,
Juno, o filho de Thetis inspirando, (8)
Lhe mandou que ao Conselho recorresse.
Logo, os Chefes da Grecia convocando,
Lhes mostra quanto a Deosa se enternece.
Conspicuo na assembléa, em larga sala,
Ao Rei dos Reis assim dirige a falla: (9)

15.

« Por que razão de Troya nos não vamos?...
Praia fatal, dos Ceos abandonada!...
Por que ao mar que nos trouxe não tornamos?...
Destroe a peste o que poupara a espada.
Salvemos pois os poucos que ficamos
Restos da guerra e peste desastrada.
Mas um Propheta ou Sabio consultemos,
E a causa destes males exploremos.

16.

« Se o grande Apollo contra nós conspira,
Sacro Ministro explique qual peccado
Attrahio sobre nós tão fatal ira:
Ou nos ensine um methodo adequado
De fazer que a vingança nos não fira.
Se por Jove o castigo vem mandado,
Mysticos sonhos o dirão; pois Jove
Tambem por sonhos muitas cousas move.

17.

« Se esta praga infeliz sobre nós pende,
Por crimes, ou por votos quebrantados;
Se expiações o Ceo de nós pertende,
Fumeguem os altares levantados,
Com hecatombas, pois tardança offende. (10)
Propicios são os Ceos, quando applacados.
Phebo então, igneas frechas reprimindo,
Os Gregos do Orco escuro irá remindo. »

18.

Disse, e sentou-se. Calchas lhe responde,
(Calchas, dos Gregos Padre, Sabio e Guia)
A cuja mente aguda nada esconde
O passado, o futuro, e actual dia:
Devagar se levanta; e corresponde
Este vagar aos annos que trazia:
Á cautela que nasce da prudencia
Quando instrue o Podêr e adolescencia:

19.

«Tu, valido de Jove, saber queres,
Achilles, por que Phebo hoje s'enfada,
E o arco atésa?... Principe! os poderes
Que tens; palavra, fé, potente espada,
Primeiro empenha: pois são meus deveres,
Obtendo protecção mui bem fundada,
Dizer verdades que a prudencia cala,
E offendem Grandes, quando se lhes falla.

20.

«É difficil empreza... Se um vassallo
Cresce em sabêr, e ao seu Monarcha ensina
Os erros, onde os tem, para salvá-lo,
Pouco aproveita, e muito se amofina.
Não consegue senão estimulá-lo:
E se o resentimento que examina
Lhe parece acabado, pouco alcança;
Pois tarde ou cêdo um Rei toma vingança.»

21.

«O intimo d'alma afouto nos descobre:
(Pélides lhe replica) quanto sentes,
Quanto sabes: e nada te sossobre.
Por esse mesmo Deos, que reluzentes
Dias regra e dispensa ao rico, ao pobre;
E a quem por tuas mãos votos ardentes
A Grecia manda, e oraculo seguro
Recebe de teus labios; sim, eu juro:

22.

«Em quanto Achilles o ar vital respira,
Nenhum Grego atrevido, ou valoroso,
De quantos entre nós a terra admira,
E compoem este corpo numeroso,
Ha de impia mão alçar, ou mostrar ira
Contra o seu Sacerdote virtuoso.
Nem mesmo o Chefe que as cohortes guia,
O Rei dos Reis, a tal se atreveria.»

23.

«Isso me basta (diz o homem preclaro).
Não provocaram colera celeste
Quebrados votos, sacrificio avaro:
Mas esse, o nosso Chefe, causa a peste.
Pois insultou do Ceo um objecto caro,
Apollo o vinga: e o motivo é este.
Do Deos a accesa furia irá crescendo,
E a praga funeral fogo accendendo.

24.

« Porêm se o grande Rei em fim desata
A moça d'olhos pretos, e consente (11)
Que á patria Chrysia torne, e a não dilata:
Se sem preço entregar ao pae ausente
A piedosa donzella que resgata:
Talvez com preces calme o Deos clemente;
O pae a perdoar em fim resolva;
E Apollo a gente condemnada absolva. »

25.

Disse o Propheta; e logo carrancudo
O Monarcha saltou do throno altivo:
Ferve-lhe em negra raiva o peito rudo,
E em seus olhos lampeja um lume vivo.
« Maldito Auguro! (diz) tua teima e estudo,
É sempre predizer damno excessivo.
Propheta d'infortunio! Que recado
Teu clerical orgulho tem forjado?

26.

« Só queres o teu Rei ir provocando;
Por isso o punge a lingua viperina:
Consultam Phebo, e os Gregos irritando,
A murmurar de seu Senhor se ensina!
Por isso, a minha honra maculando
Com insinuações falsas, se imagina
Que escandaliso o Ceo e a raça humana,
E que um sacro Ministro se profana.

27.

« E por quê? Por que guardo a minha preza,
E os dons celestes de Chryseis prefiro
Ao ouro que me off'recem e despreza
Minha alma delicada!... Se suspiro,
Em maneiras, assim como em belleza,
Igual não tem a moça; a ella aspiro:
Nem me foi Clytemnestra tão querida,
Vindo a meus braços, no primor da vida.

28.

« Mas se os Deoses a pedem, parta a moça;
O bem publico é quanto considero:
Julguem-me causa, ou não, do mal... e possa
Salvar, soffrendo, o Povo; isso só quero.
A pena é minha, seja a gloria vossa:
E pois cedo, com animo sincero,
Preza que foi tão cara e bem ganhada,
Não fique tal fineza em fim baldada.

29.

« Pois que ao bem commum cedo a linda Dama,
A minha perda a Grecia grata emende:
Não se diga que só seu Rei derrama
Sangue sem fructo; luta, e não lhe rende... »
« Insaciavel Rei! (Achilles brama)
Que ama o podêr, e premios só pertende!
Queres te cedam Gregos legaes prezas,
Premio nosso nas mais arduas emprezas?...

30.

« Dos despojos das villas que arrazamos,
(Por tão grandes trabalhos alcançados)
Com justiça tambem participamos:
Se por tua avareza cubiçados
Outra vez os reclamas, não tos damos;
Só tal soffrem escravos aviltados.
Se o saque é que te agrada quando brigas,
O que hoje perdes paguem mais fadigas.

31.

« As prezas d'Iliôn te recompensem,
Se jámais, por decreto omnipotente
Do summo Jove, os muros seus perecem. »
Irado o Rei lhe diz: « Será decente
Que outros e tu, que menos que eu merecem,
Gozem suas Damas, e eu ceda contente?...
Não presumas que a tua voz me aterra,
Grande qual és, e igual a um Deos na guerra.

32.

« Não creias ter podêr para roubar-me
O que é meu, e os direitos de um soldado.
Por que mandas, da Dama heide privar-me?...
Primeiro seja pago, e calculado
O que por ella póde contentar-me:
Thesouro equivalente, apropriado;
Digno de mim, de um Rei, e da Belleza
Que era do meu valor condigna preza.

33.

« Concedam-me isto; ou quando não, pertendo,
Como pertende um Rei, outra captiva:
Ceda-me Ulysses, ceda Ajáx tremendo;
Ou tu mesmo da tua em fim te priva.
Quem soffre ou geme, soffra, ou vá gemendo:
Pouco importa que a dor seja excessiva;
Hade ser vã. Mas isto quer socego.
Barco se aprompte, e rompa o vitreo pego.

34.

« Destro Piloto e trabalhosos remos
Se aprestem para o nautico exercicio:
Suba a moça ao navio que alli temos,
Leve ás praias de Chrysa o sacrificio.
Como todos pendeis para os extremos,
Qualquer Principe empr'enda o nobre officio
De Deputado; Ajáx o athleta,
O sabio Ulysses parta, ou o Rei de Creta.

35.

« Ou, se o nosso real prazer é este,
Sulque Achilles com ella o mar instavel:
Propicio faça o Deos, acalme a peste
Achilles fero, em raiva formidavel,
Pois tanto o assusta a colera celeste... »
« Insolente! Tyranno detestavel!
(Pélides carrancudo lhe replica,
E deste modo quanto sente explica).

36.

«Tu, armado de orgulho e d'insolencia,
A fraude unida, impropria de Reinantes,
Não esperes heroica obediencia,
Quando formas embustes revoltantes:
Qual generoso Grego, com decencia
Seguirá teus preceitos insultantes?...
Não tirarei a espada da bainha
Em causa toda tua, e em nada minha.

37.

«Em que me toca a guerra em que tu mandas?
Nunca os Troyanos, nunca me offenderam:
O lar de Phtia, as serras venerandas, (12)
Jámais com força hostil acommetteram.
Meus ginetes fogosos, relvas brandas
Pastam em paz, no valle onde nasceram:
Muros de rocha, o reino meu cingindo,
O teem seguro, e o rouco mar bramindo.

38.

«Lá fructifero chão com luxo enfeita
A leiva, que sem custo o ferro traça,
E off'rece aos homens prodiga colheita:
Rico em seus fructos, e mavorcia raça,
Não conhece miserias nem suspeita.
Só por vingar particular desgraça,
E não publica affronta temeraria,
Aqui viemos, turba voluntaria.

39.

«Que outro motivo, ingrato! as nações liga
Contra Pergamo agora, excepto a injuria (13)
Tua, e de teu irmão? Quem nos obriga
A supportar quietos tua furia?...
De proezas pertendes se nos siga
Ameaço, desgraças, e penuria?...
Nosso sangue e trabalho assim nos paga!
Quem servimos, de affrontas nos esmaga!

40.

«Ousas tu prometter tirar-me a preza
Devida a acções de tão famosos dias?
Tenue premio, tyranno! que não pésa
O que o teu pésa, e tu não merecias.
Meu, o suor e o risco só da empreza,
E tuas, em qualquer, as regalias!
As minhas, poucas. Como são coarctadas
Tuas acções, ás minhas comparadas!

41.

«Se um trivial presente á minha armada
Levo; que são, por premio de feridos,
Louvores vãos, e dons que valem nada,
Quando os excedem muito os merecidos?...
Sabe, monarcha altivo, que me agrada
Despedaçar teus ferros fementidos:
Teu escravo não sou; e desde agora
Para a Thessalia volto sem demora.

42.

«Na planicie Troyana abandonado
Quaes despojos, Atrides, quaes conquistas
Has de ganhar? e qual será teu fado?...»
«Foge: (responde o Rei) não mais resistas
Á guerra dura: foge, que escusado
O teu soccorro julgo: não insistas
Em loucas expressões que me ameacem:
Não faltam Capitães que a causa abracem.

43.

«Vai-te; apresta os navios; foge á pressa:
Despotico governa teus estados:
Nada m'importa, não; nem m'interessa
Mais teu furor, e os odios mal fundados,
Que tua breve amizade, que hoje cessa.
Vai assustar teus Myrmidões cançados:
Aqui só te compete obedecer;
Toca-me ameaçar; e a ti, tremer.

44.

«Sabe que se o Deos pede a Dama bella,
Irá na minha náo á patria cara;
E nada tardarei em remettê-la.
Mas prepara-te, Principe, prepara
Tudo a ceder-me a tua; e hasde cedê-la.
Por mais feroz que sejas, por mais rara
Que Briseis te pareça, has de largá-la; (14)
Da tua propria tenda heide arrancá-la.

45.

« Do que posso verás a realidade:
E o funesto momento praguejando
Em que foste rival da Magestade,
Irás tua demencia lamentando.
As cohortes verão com evidencia
As vantagens que tem quem tem o mando:
E que é futil aos Reis achar defeitos,
Pois elles só aos Deoses 'stão sujeitos. »

46.

Ouve Achilles, com raiva e dor oppresso:
Seu coração no peito lh' incha e luta;
Fervem-lhe n'alma idéas com excesso;
Pela raiva inflammado a raiva escuta.
Já, co' a fria razão, fica perplexo;
Já, cego de furor, braveja e nuta:
A raiva impelle a mão que tire a espada,
E pelos Gregos rompa hostil estrada.

47.

A razão com suave sopro amansa,
E reprime em sua alma a tempestade
Que accendem nella a colera e a vingança.
Ía já insultar a Magestade,
Meia espada despida; mas balança
Entre angustias: e nisto lhe apparece
Minerva, que dos Ceos ligeira desce. (*)

(*) Bem se vê que nesta estancia falta um verso, assim como sobeja outro

48.

De Jove a esposa irmã é quem a envia,
(Que os dois Principes são do Ceo cuidado)
E por detraz o moço suspendia,
Pelas madeixas d'ouro aprisionado.
Densa nuve' aos mais olhos a encobria,
Só manifesta a Achilles, que assustado
Grita-lhe: «Ó Deosa! (pois a reconhece
Por a luz que em seu rosto resplandece)

49.

«Desce, ó Miverva! Outorga-me defensa,
Testemunha celeste do que aturo
Hoje ao filho de Atreo! Sem mais detença,
Por teus olhos, que o crime veem, eu juro
Que vingada hão-de ver a minha offensa,
Pois impelle meu braço o brio puro.»
«O ceo te guarde, Achilles, de tal erro:
Embainha submisso o mortal ferro.

nas 85.ª, 92.ª, e 101.ª; mas sem embargo destas e outras imperfeições, entendemos que não deviamos omittir o presente opusculo, em que achamos taes bellezas, que nos faz pensar que se por ventura Alcippe levasse ao cabo esta empreza, talvez seria a mais bella e original de todas as versões ou paraphrases da Iliada de Homero.

50.

(Diz-lhe de Jove a filha sapiente)
« Larguei o Ceo, por vir calmar-te a furia.
Seja Achilles aos Deoses ob'diente;
E um animo, que mal supporta injuria,
Ceda á razão, e seu imperio augmente;
Não se deixe vencer de raiva espuria:
Juno augusta te envia este decreto,
Que o Rei é, como tu, do Ceo dilecto.

51.

« Deixa pois dos remorsos vingativos
Que a pungente picada Atrides sinta:
Os impetos modera, que excessivos
Fazem que em ti virtude se desminta.
Põe teus furores co' a razão captivos:
Teu animo na paz emfim consinta,
Pois que é chegado o ponto; e Deosa o juro,
Em que teu brio fique intacto e puro.

52.

« Ha de cêdo chegar aquella hora
Em que has de ver que, de armas precisando,
Esse altivo Monarcha, é quem te implora,
Com esforços e dons sollicitando
Tua amizade, que rejeita agora.
Quando o porvir se vai avisinhando,
Deixa pois da vingança o vão designio;
Cala as paixões, do Ceo cede ao dominio. »

53.

A Deosa para o Olympo foi correndo,
Ao celeste Senado indo juntar-se;
Mas a raiva, no peito inda fervendo,
Forçava o fero Achilles a queixar-se.
Do coração tumente foi rompendo,
Outra vez contra Atrides a exhalar-se;
E redobrando a furia da alma, estala,
E deste modo ao Rei outra vez falla:

54.

« Monstro composto d'insolencia e medo!
Mastim na frente, corça em coração!
Melhor sabes das guerras o arremedo,
Que encarar d'ellas horrida explosão.
Nos embustes consiste o teu segredo;
Nosso o risco e os sanguineos campos são:
A ti só toca vê-los com pachorra,
E mandar ao valente que alli morra.

55.

« Atravessar as terras e roubá-las,
Aos vassallos privar de seus thesouros,
É mais seguro, sim, que conquistá-las,
Colhendo entre inimigos nobres louros.
C'os damnos do teu povo não te abalas,
Flagello delle, fonte de desdouros:
Violento e vil, que irado, em fatal dia,
Contra uma raça escrava, Jove envia!

56.

« Da generosa e prisca liberdade
Perdeste o nobre instincto, acostumado
A affrontas só; mas desta a iniquidade,
Que ultima seja, fica a meu cuidado.
Por este sacro sceptro, que não hade
Mais folhas produzir; que separado
Foi, como eu sou de ti, do patrio tronco,
Que no monte ficou despido e bronco:

57.

« Por este sceptro, que aço puro esmalta,
(Dos legados de Jove insignia augusta)
Que a justiça e podêr das leis exalta,
E que o peito dos perfidos assusta:
Por este juro; e tal promessa justa
Inviolavel será; um Rei não falta:
Quando a Grecia outra vez, em sangue e flamma
Por Achilles chamar, em vão me chama.

58.

« Quando Heytor cobrir venha de matança
O chão purpureo de montões de mortos,
Da affronta, que me fazes, a lembrança
Negará ao teu animo confortos.
Então lamentarás, mas sem esperança,
A loucura de teus designios tortos:
Verás que assim fizeste, em tal perigo,
Do mais valente Grego um inimigo. »

59.

Disse; e atira c'o sceptro, que d'estrellas
D'ouro, em roda, era todo marchetado:
Fez-lhe a colera as faces amarellas,
E de arremêsso senta-se calado.
Raivoso o Rei, não farto de querellas,
A carranca lhe vira, sossobrado:
Mas nisto, vagaroso, o Rei de Pilos
A sabia voz alçou, por cohibi-los.

60.

Com idosas palavras e prudencia,
Perito, em persuasão exp'rimentado;
Nestor, cuja suavissima eloquencia
Nos labios flavo mel põe distillado;
Já duas gerações na obediencia,
Em seus dominios, tinha governado;
E da terceira exemplo era e conselho,
De todos estimado, o augusto Velho.

61.

« Que vergonha! da Grecia que tormento!
E que alegria para o Rei altivo
Que no throno de Troya toma assento!
(Lhes diz Nestor, com tom meigo, expressivo)
Algum Numen adverso e fraudulento
A disputas ferozes deo motivo
Entre o melhor e contra o mais valente
Dos fortes que compoem a Grega gente!

62.

« Reprimi essa audacia prematura,
E do vosso Nestor honrai o aviso:
Minha prudencia a regra é mais segura
Que hoje deve adoptar o vosso siso.
Calor de poucos annos pouco dura:
O homem feito sente que é preciso
Para exceder dos outros a medida
Governar co' a razão tudo na vida.

63.

« Prudencia e siso abrangem largos annos.
Eu conheci de Heroes divina raça,
Qual se não vê agora entre os humanos,
Nem veem meus olhos velhos, por desgraça.
Quem com Perithoo em dotes soberanos
Comparar-se ousará? Não ha quem faça
Proezas como Dryas o atrevido,
Como Ceneo, que nunca foi vencido.

64.

« Theseo, acima dos mortaes dotado!
Polyphemo, qual Numen nos combates!... (15)
Com elles em batalhas educado,
Arduos dias passei nos seus debates,
Co' a sêde das virtudes inflammado.
Juvenis, bem que honrosos, disparates
Moviam alta inveja em nossos peitos,
Penetrados do amor de illustres feitos.

65.

« Esses homens tão fortes, nas montanhas
O javali feroz despedaçavam;
E os selvaticos mattos, co' as entranhas
E c'o sangue dos monstros, alagavam.
O felpudo Centauro pelas brenhas
Íam caçar, prendiam-no e amarravam:
Estes mesmos leis mansas attendiam;
Quando Nestor fallava obedeciam.

66.

« Se em minha mocidade taes guerreiros
Em boa conta meu bom-senso tinham;
Se, doceis aos dictames meus inteiros,
Só na estrada da gloria se sustinham:
Com sentimentos de honra, verdadeiros,
Vinde escutar-me vós, como elles vinham:
Vós, mancebos illustres, escutai-me,
E as veneraveis cans com isso honrai-me.

67.

« Não tome Atrides, não, a escrava bella
Que os suffragios communs dos Gregos deram:
Nem tu, suberbo Achilles, por obtê-la
Insultes Rei, que tantos escolheram.
Sejam justos os Reis, submissa aquella
Gente que ás sob'ranias concederam.
Da guerra excelsas prendas te pertencem,
Filho de Deosa; e nem Deoses te vencem.

68.

«Do Rei a respeitavel magestade
O exalta sobre os mais filhos de Jove
Que possuem do Sceptro a dignidade,
Cujo podêr na terra as cousas move.
Terá vigor maior a authoridade
Quando Achilles se lhe una, estime e approve.
Este a colera ceda ao meu conselho:
Tu manda sobre ti, pois que és mais velho.

69.

«Não permittam os Deoses que percamos
O grande Achilles, que é da Grecia a joia;
Barreira, com que altivos assustamos
Inimigos fataes que encerra Troya.
Inda agora o trabalho começamos,
E muito falta á perfida tramoia!...»
Disse, e parou. O Rei dos Reis replica,
E com acatamento assim se explica:

70.

«É digna de attenção, é respeitavel
Tua idade, e teus dittos sabios são.
Mas essa imperiosa alma indomavel,
Respeito nem cuidado as leis lhe dão.
Ante a sua altivez não é provavel
Que possa triumphar nunca a razão:
Sua palavra é lei; hão de ceder-lhe
Danaos, Chefes; e eu hei de obedecer-lhe.

71.

«Qual Rei supportará rivaes no mando?...
De força incomparavel, eu convenho,
Que o dotaram os Deoses: porêm quando
Privilegio lhe dão elles tamanho,
Que com dicterios torpes annullando
Vá, sem pudor, direitos que só tenho?...»
Achilles nisto ao Rei a falla corta,
Interrompe-o, e lhe diz: «Nada m'importa!...

72.

«Bem mereço teus ferros ferrugentos,
Tyranno, se inda teu escravo fico;
Se tomo injurias por emolumentos,
E a teu serviço injusto me dedico.
Victima não sou mais de fingimentos,
A teus caprichos não me sacrifico.
Não é, não, para affrontas que aqui vim:
Commanda teus vassallos, não a mim.

73.

«Toma Briseis, que os Gregos me julgaram
Justa preza de guerra; e que tão cêdo,
Sem respeito, sem fé, me arrebataram!
Segura-a bem; porêm não tenhas medo
Que as forças com que os Ceos me abençoaram,
A espada, que é dos raios o arremêdo,
Eu tire mais, em causa de mulheres.
Outros são, fero Atrides, meus devêres.

74.

« Mandam-me os Deoses que o passado esqueça.
Mas esta seja a derradeira offensa:
Quando não, o teu sangue adusto aqueça
Este fumante ferro, sem detença.
Farei que o mundo o meu podêr conheça,
Vingando por tal modo affronta immensa. »
O argumento findou assim. Calou-se:
E a comitiva augusta retirou-se.

75.

Achilles com Patrocles foi andando
Para a parte onde perto estão das tendas
Seus concavos navios descançando.
Em tanto Atrides, findas as contendas,
Lança ao mar uma náo, a qual, ornando
De rica enxarcia e preciosas prendas,
Põe no convez sentada Chryseis bella;
E á patria Chrysa Ulysses vai com ella.

76.

A hecatomba ao pé delles arrumaram:
E ligeiros cortando o salso argento,
No liquido caminho navegaram.
O trem piedoso, as velas dando ao vento,
Junto do Rei a victima preparam
Que hade expiar o fero atrevimento:
Lavados nas salinas aguas, puros,
Lançam no mar as abluções, seguros.

77.

Pela espaçosa praia ao longo estavam
Mais hecatombas postas: nos altares
Do luminoso Apollo fumegavam
Bois, cabras, victimadas a milhares:
De crespo e negro fumo tremulavam
Altas columnas, invadindo os ares:
E á medida que aos Ceos assim subiam
O mais suave cheiro diffundiam.

78.

A tropa se occupava em sacros ritos.
Mas Atrides, raivoso e resentido,
Inda ceva a tenção em mais delictos.
A par delle, com gesto submettido,
Dois sagrados Heraltos 'stão afflictos, (16)
Esperando o que o Rei tem decidido:
Eurybates o bom, Talthybio o justo,
Que as ordens cumprirão a todo o custo.

79.

—« De Achilles fero á tenda ide depressa,
E trazei-me Briseis sem mais demora:
A nossa real preza seja essa.
Submetter-se ao que mando deve agora;
Nem ha podêr no mundo que isto impessa.
Se com essa suberba que o devora
Se atrever a negá-la, a dizer — não —
Eu lha irei arrancar do coração. »

80.

Disse o Rei; e os Heraltos repugnantes
Ao severo decreto obedeceram:
Ao longo das arêas vacillantes
Pensativos, os passos seus moveram.
Chegam á tenda, quaes dois naufragantes,
E logo nella Achilles conheceram.
Estava com semblante carregado:
Quieto; e sobre o braço recostado.

81.

Pararam: em distancia respeitosa
Duvidavam entrar. Nenhum rompera
O silencio, a não ser a lei forçosa
Que os obriga a intimar outra severa.
Decente confusão! modestia honrosa,
Que o divino Monarcha percebera!
E começa, occultando o seu tormento,
Deste modo suave, a dar-lhe alento:

82.

« Vinde, sacros ministros, empregados
Pelos Deoses, e os homens: sem receio,
Com honra entrai, e sede agazalhados.
Sei o vosso recado; e que vem cheio
Vosso peito de dor: que violentados
Chegais; e não é vosso o crime feio.
Não a vós: vosso altivo Rei accuso,
Que faz do seu podêr tão grande abuso.

83.

« Corre, Patrocles; traze Briseis bella.
Minha escrava levai ao Rei altivo,
Que sem fé e sem lei pertende obtê-la.
Mas, pois se de um bem tal em fim me privo,
Os meus votos levai tambem com ella,
Heraltos! Proclamai-os; e o motivo
Ceos e terra informai: e sobretudo
Declarai ao Tyranno que não mudo.

84.

« Achilles ficaria como a morte,
Inflexivel, immovel, quando visse
A Grecia destroçada de tal sorte
Que das vêas seu sangue se exhaurisse.
Se o phrenetico Chefe, em lance forte,
Fóra de si, soccorro me pedisse,
Esperara, antes que lh'o concedesse,
Que elle, entre estrago e dor, se arrependesse.

85.

« Incapaz de julgar pelo passado
Os males que encerrar póde o futuro:
Tão cego com si mesmo e apaixonado,
Quanto aos hospedes falso, e até perjuro... »
Nisto Patrocles traz, desconsolado,
A constrangida Dama. Fado escuro
Impresso tem no aspecto magoado:
Vem calada, aos heraltos as mãos dando;
Devagar, para traz, da praia olhando.

86.

Não soffre a perda assim o amante irado:
Mas, triste, á praia echoante se retira.
Sobre a deserta margem debruçado,
Pende no abysmo de que a mãe surgira. (17)
Em raiva ardendo, em lagrimas banhado,
Alto lamenta o bem por que suspira:
E dest' arte ao paterno mar explica
A dor que sente, o mal que o mortifica:

87.

«Ó materna Deidade! Se tão cêdo
Teu filho ha de acabar, por lei do Fado:
Se em tão curta carreira em gloria excedo
Quantos da vida tem fio alongado:
Jove me deve mais que um arremêdo
De ventura e de fama, abreviado.
Porêm, se um Rei feroz a paz me estraga,
Meus feitos o Tonante mui mal paga.»

88.

Lá nas profundas grutas do mar largo,
No aquario imperio do Oceano antigo,
Ouvio a Deosa mãe o grito amargo.
Ondas divide; e qual nevoeiro amigo
Sobre a maré s'eleva: o triste encargo
Toma, de ir explorar do filho o p'rigo:
Vê-o na praia nua, lamentando;
Homens, Deoses, e mares accusando.

89.

— « Dize que magoas tens, filho adorado:
Revela a causa dellas: teu conforto
Fia, seguro, ao maternal cuidado.
Não se naufraga assim ao pé do porto:
Nem por lethal angustia quebrantado
Deves ficar petrificado e morto.
Com tua mãe teu mal todo reparte;
E verás como sabe consolar-te. »

90.

Com profundo suspiro elle responde:
« Revelar-te meus damnos mais não fôra
Que dizer-te o que sabes: nada esconde
O mortal á Deidade sabedora.
Dos dominios d'Aecio, de lá donde
Thebas a Phebo foi sagrada outr'ora,
Chegou conquistadora a nossa armada,
De thesouros e prezas carregada.

91.

« Por justa divisão quer o soldado
Nos despojos, thesouros e riquezas,
Ter parte, como teve, trabalhado,
Nos riscos e na lida das emprezas.
Mas a linda Chryseis, premio extremado,
Por graças, nascimento e gentileza,
Foi por voto de todos escolhida,
E ao leito de Agamemno, attribuida.

92.

« De Phebo o Sacerdote com presentes
Procurou desatar á linda filha
Do vencedor as asperas correntes.
Á frota chega, consternado humilha
Ante elle os predicados eminentes:
Mostra-lhe o sceptro, que na mão lhe brilha,
E da coroa os louros florecentes:
Todos implora; e mais que a todos graça
Dos Reis irmãos, de Atreo augusta raça.

93.

« De acordo os generosos Gregos gritam
Que ao Sacerdote com respeito acolham:
E, pois que ambos soccorro necessitam,
Que á filha a liberdade lhe não tolham.
Atrides não: co' as furias que o excitam
Insulta o Pae: recusa que lhe escolham
Dos dons nenhum: e o Padre, que injuría,
Vingança obtem, pedindo-a ao Deos do dia.

94.

« Ao valido de Phebo os Ceos vingaram:
Tremenda praga, dardos aggressores
Os corações dos Gregos traspassaram,
Entregando-os á morte e seus horrores.
Nisto um propheta os Ceos tambem mandaram,
Que aponta o crime, digno de taes dores:
Eu mesmo junto os Chefes, e m'inclino
Com votos a calmar podêr divino.

95.

«Inflammado com raiva, o Rei troveja;
Agastado ameaça, e os ameaços
Cumpre, já por furor, já por inveja.
Da bella Chryseis rompe os doces laços:
Ao Pae a manda; e finge que deseja
Que os dons que offerta a Apollo, pouco escassos,
Satisfaçam o Deos, e que elle mande
Que o flagello mortifero se abrande.

96.

«Mas então dos celestes attractivos
De Briseis se apodera, e me maltratta:
O premio do valor e de excessivos
Esforços, d'entre os braços me arrebata.
Da Grecia frustra votos expressivos;
Serviços, fé, justiça desbarata.
Tu, Deosa, o supplicante filho attende,
Contra injustas affrontas me defende.

97.

«Sobe á Corte do Olympo alto e luzente;
Allega o jus que tens, por teus serviços,
A que te vingue Jove omnipotente.
Não foram teus esforços, não, remissos,
Quando a armada dos Deoses, negligente,
Inerte vio rebeldes reboliços,
Que abalaram os Ceos; e só venceram
Os fieis, como tu, que não temeram.

98.

«Quando a Consorte de seu alto imperio,
Quando a Virgem guerreira e o Deos dos mares,
Traidores, do Ceo foram vituperio,
Com louca audacia, arrojos singulares;
Pôr ferros intentaram, sem mysterio,
Ao Tonante, e expulsá-lo de seus lares;
Chamaste, e veio, o monstro que no Ceo
Briareo chamam, e na terra Egeo. (18)

99.

«Co' a corpulenta forma o Olympo assusta,
(Excepto áquelle do tridente ousado
Que a terra abala solida e robusta):
Ante o throno de Jove, alcantilado,
Arrogante se planta: e não lhe custa
Soltar de polo a polo horrivel brado;
Brandir cem braços, defendendo Jove,
Que grande medo entre os mais Deoses move.

100.

«Todos se humilham, todos Jove adoram:
Compõe-se a luta; e os Deoses aterrados
Os ferros largam, e o perdão imploram.
Estes feitos, ó Deosa, transcurados
Não fiquem, quando as magoas me devoram.
Por ti ao Tribunal sacro levados
De Jupiter, seus pés prostrada abraça:
Conjura-o que disperse a Grega raça.

101.

«Que os arroje sem dó da frota aos mares,
E que de mortos accumule a praia,
Submergindo-os nas ondas a milhares:
A fim que reconheçam de que laia
É um Rei que os expõe a taes desares.
Erga a frente suberba, e sobresaia
Agamemno, entre mortes e pezares:
Sinta o ter ultrajado tão ligeiro
Da raça Grega o mais audaz guerreiro.»

102.

«Filho infeliz! (lhe diz Thetis formosa,
E de celeste pranto as faces lava)
Era pois para lida tão custosa
Que eu com tanto carinho te criava?...
Dar-te vida tão curta e tão penosa,
Com tantas dores, penso que bastava!...
Proteja o Ceo meu maternal cuidado;
E longe d'Iliôn te ponha o Fado.

103.

«Vai-te a remoto campo, o risco evita,
Que de tão perto, ó filho, te ameaça:
Em tanto, quanto posso, e sollicita
Materno amor, e queres que se faça,
Irei pedir, com terno rogo afflicta,
Do alto e nevado Olympo alcançar graça.
Recluso em tuas náos, em tanto, á parte,
O campo vê de longe, e assim vê Marte. (19)

104.

«O Pae dos Deoses, toda a etherea Corte,
Nos calidos confins do mar distante,
Entre aquelles que não isenta a morte,
Se dignam celebrar festa brilhante:
Acceitam sacrificios; de tal sorte
Recompensam a fé e amor constante,
Serviços pagam, quando lhos tributa
A Ethiope raça não corrupta.

105.

«Doze dias os Deoses se divertem (20)
No rito festival: e quando aponta
Do duodecimo a luz, então revertem,
E a caterva celeste aos Ceos remonta.
Irei, para que as supplicas acertem,
Ao cume do abrazado Olympo, prompta,
Obter com ternos rogos a piedade
Do summo tribunal da Divindade.»

106.

Disse a Deosa: e nos rolos d'agua abertos
Ao fundo mergulhou donde sahira;
Deixando o filho, em ternos desconcertos,
Na praia a soluçar de amor e d'ira:
Ora movendo os passos seus incertos
Após aquella por que em vão suspira:
Ora mudo, e em cuidados todo absorto,
Pois perda tal o tinha meio morto.

107.

Junto ao porto de Chrysa já chegava
Ulysses: e entretanto as destinadas
Victimas no convez, lesto arrumava.
Mastro abate, co' as velas já ferradas:
Ancora deita: e emfim desembarcava
A hecatomba nas praias consagradas.
Chryseis o mar cavado deixa, e desce
Sobre as caras arêas, que conhece.

108.

Guia Ulysses de Apollo ao templo santo:
Este a Donzella a Chryseo sacro entrega,
E reverente assim lhe falla em tanto:
«Salve, ó supremo Padre, a quem não nega
Phebo tremendo auxilio: dor e espanto
Por Atrides me traz, que não socega
Sem que acceites sem preço a virgem bella,
E as hecatombas que alli vem com ella.

109.

«Os Gregos as preparam, e devotos,
O Deos que espalha frechas invocando,
Te pedem lhe presentes os seus votos.
Talvez que os sacrificios acceitando
Cesse já de ferir: talvez que ignotos,
Ou conhecidos erros, perdoando,
Por tua intervenção nossos peccados
D'agora em diante fiquem expiados.»

110.

Nisto o pae outra vez a filha abraça,
Com dor perdida, e em vão com dor buscada:
Os Gregos ante o altar pedem por graça
Que se applaque a Deidade pharetrada, (21)
E que a hecatomba tudo satisfaça.
Trazem-na por fileiras ordenada:
Mãos purificam, pães com sal tomando;
Alçam os braços, em voz alta orando.

111.

« Ó Deos do arco argenteo, presta ouvidos! (22)
Cujo poder 'stá Cilla rodeando,
E os outeiros de Ténedos erguidos,
Que os teus olhos vão sempre vigiando:
Tu, que adornas com raios mais luzidos
Da bella Chrysa o sitio venerando:
Potente Numen! tu, que em fim vingaste
Teu Sacerdote, e os Gregos castigaste:

112.

« Se as supplicas severas escutando,
Com teus dardos terriveis accendeste
O contagio que os ía devorando:
Ouve, e serena esse furor celeste:
Vai teu arco implacavel afrouxando;
Sorri propicio, e cesse emfim a peste.
Suspende, ó Deos, o gastador flagello:
Assaz o teu rigor lhes fez soffrê-lo. »

113.

Orou Chryseo assim; e Apollo attento
A prece ouvio. Os Gregos pressurosos
Preparam a hecatomba n'um momento.
Virados para os Ceos, e fervorosos,
Entre os cornos da victima poem, bento,
O sal e avêa; cumprem piedosos
Os ritos todos: matam-na; separam
Do couro os membros, e o melhor que acharam.

114.

Para os Deoses as peças escolhidas
Se dividem: sobre estas poem com arte,
Em dobrados redenhos envolvidas,
As melhores porções de cada parte.
Devoto o povo está co' as mãos erguidas,
Em quanto assim a victima se parte:
Junto do altar em pé, certo da emenda,
O summo Sacerdote queima a offrenda.

115.

Derrama o vinho tinto; e como aspira
A chamma vê: mancebos adestrados
Cercam, gostosos, a incendida pyra
D'instrumentos sonoros, e afinados.
Mais do que lhe compete ninguem tira:
Dos lombos e miudos temperados
Teem seu quinhão á mesa os assistentes,
Cada qual nos lugares competentes.

116.

Logo que a fome apaziguada fica,
Com puras libações se acaba a festa:
Com vinho copioso em taça rica
A juvenil caterva manifesta
Transportes, que a esperança multiplica.
O banquete dá fim: supprem a sésta
Os hymnos prolongados, que com gosto
Os Gregos, fartos, cantam té sol posto.

117.

Á noite alem das náos os Chefes jazem,
Té que a rosea manhã os Ceos purpure.
Levantam-se, içam mastro, ao convez trazem
A gente alegre, que a manobra ature.
Os ventos brandos a viagem fazem
Que, por ordem de Phebo, pouco dure.
Velas incham, empola o lacteo panno;
O batel corta o mar, que espuma ufano.

118.

Sobre as ondas, que saltam, passa á pressa,
Té que o campo dos Gregos desejado
Outra vez ante os olhos appareça.
O batel, que por elles vem puxado,
Longe, na praia, á terra se arremessa:
Divide a quilha o chão amarellado;
Pára; e um bello prospecto alli fazia
A mistura de objectos na bahia.

119.

Mas no meio da frota está sentado
O serio Achilles, em rancor constante:
No combate o não viram misturado,
E do Conselho o viram mui distante.
No seu animo afflicto, atribulado,
Pesava sempre a injuria petulante;
Sanguineas scenas n'alma alevantava,
E só vingança e estragos lhe inspirava.

120.

Doze dias correram. Nova aurora
Vinha rompendo: os Deoses caminharam
Para o subido Olympo sem demora.
Jove precede a Corte que formaram
As Potencias, que a terra humilde adora,
No liquido caminho que tomaram.
Qual nevoa matinal, sahio das aguas
A filha de Nereo, cheia de magoas. (23)

121.

Para os sitios divinos se encaminha.
Lá muito longe, acima dos mais Numes,
Onde escondidas cem cabeças tinha
O magestoso Olympo; lá nos cumes
Que amparam nuvens; Jove se sustinha,
Cercado do esplendor de eternos lumes.
Supplice e terna a Deosa se apresenta,
E com mimos vencer a Jove intenta.

122.

As alvas mãos estende; uma lhe afaga
A barba augusta; abraça-lhe os joelhos
Com outra, que de lagrimas alaga:
«Se foram, Pae dos Deoses, meus conselhos,
Ou minhas obras, (diz) dignos de paga,
E te aprazem serviços, bem que velhos;
De honra em meu filho alguns signaes emprega,
Dá-lhe em gloria o que em vida se lhe nega.

123.

«Por celeste promessa lhe é devida
Ao menos fama. . . . . .
. . . . . .

NOTAS.

NOTAS DA AUCTORA.

Á

PRIMAVERA.

NOTA A.

Princeza, cujas graças singulares,... pag. 3.

Este verso e os immediatos seguintes são dirigidos á Serenissima Princeza D. Maria Francisca Benedicta, Viuva do Principe D. José.

NOTA B.

Mas basta, Musa, basta que atrevida
Nesta idade tocasses levemente
Os numeros do sabio Samiano... pag. 19.

Allusão á doutrina do philosopho Pythagoras, natural da ilha de Samos, o qual reprovava o uso de carnes para alimento do homem.

NOTA C.

Vem tu, querido adorno de meus versos,... pag. 23.

Allocução dirigida ao Conde d'Oeynhausen, Carlos Augusto.

NOTA D.

No doce e tenro Silvio... pag. 23.

Allusão ao meu primeiro filho, Carlos Maria, que morreo de 4 annos.

NOTA E.

Oh Schombrun! Oh lembrança deleitosa!... pag. 24.

Schombrun é uma fonte lindissima, que a Imperatriz de Austria, Maria Thereza, mandou ornar, dizem que em memoria da primeira vez que fallára a Francisco, Duque de Lorena, com quem casou. Dizem mais que no lugar da ditta fonte se encontraram a primeira vez. O jardim é magnifico, e tem o caracter da sensibilidade que dictou a sua construcção.

NOTA F.

Tu vivias então, Marcia suave;... pag. 24.

Recordação de minha irmã D. Maria d'Almeida, que foi Condessa da Ribeira.

NOTA G.

Eis os Deoses semicapros de marmore... pag. 25.

Este e os seguintes versos alludem aos magnificos jardins de Santo Ildefonso, pertencentes a S. M. Catholica.

NOTA H.

E os narcisos parecem reclinados
Ainda sobre a fonte fabulosa... pag. 26.

Allusão á fabula de Narciso, metamorphoseado na flor que tem seu nome.

NOTA I.

No tranquillo Almeirim as Musas honras;
Ou nas rochas d'Almada os Ceos estudas... pag. 31.

Na sua quinta d'Almeirim costumava meu pae residir uma grande parte do anno, especialmente no inverno, recreando-se com a Musica e a Poesia, a que era muito affeiçoado; e quando se aproximavam os calores do Estio, passava á outra quinta d'Almada, onde se entretinha com a Astronomia, sciencia de que possuia não vulgares conhecimentos. Alli fez elle uma dissertação sobre o invento de novos caracteres para o calculo, e quaes estes deviam ser; obra de raro ingenho, e admiravel trabalho; assim como outra dissertação ácerca da distancia dos planetas, na qual appareciam cousas nunca dittas, verdades nunca d'antes descobertas, mas de um caracter simples e sublime que as acreditava. A modestia de seu auctor foi causa de que a republica das lettras não tivesse conhecimento deste phenomeno, que talvez pudesse contribuir para a resolução de alguns problemas com que debalde até hoje se teem cançado muitos sabios. Estas dissertações foram entregues á Academia Real das Sciencias depois da morte de meu pae; e nunca mais tive noticia do destino que lhes deram.

NOTA L.

Esse objecto, que as Graças prepararam... pag. 32.

Allusão a minha Mãe.

NOTA M.

Para pôr neste grupo um novo objecto... pag. 32.

Minha filha Leonor, depois Marqueza de Fronteira.

NOTAS

A

DARTHULA.

(1) *Nathos*, vocabulo da lingua dos antigos Celtas das Gallias, que significa *mancebo*.

Os Celtas, que foram senhores da Europa desde a foz do Oby na Russia até ao cabo Finisterre na Hespanha, são apenas conhecidos na Historia. A sua lingua, que ainda hoje se falla entre nações separadas por territorios immensos, é o unico monumento que nos resta delles; e que attesta ainda a extensão dos seus dominios, posto que nenhuma luz empreste á sua historia.

De todos os povos conhecidos com o nome de Celtas, os mais afamados são aquelles que habitavam as Gallias; e esta celebridade a devem elles sómente aos historiadores das nações contra quem tiveram frequentes guerras. Pelo testemunho dos melhores auctores, a Gran' Bretanha foi o primeiro paiz que povoaram os Celtas das Gallias. A situação respectiva dos lugares torna provavel esta opinião; e a conformidade de linguagem e costumes que no tempo de Cesar existia entre os Gallos e os Bretões, parece não consentir duvida ácerca desta origem. A colonia Gauleza estabeleceo-se primeiramente naquella parte da Gran' Bretanha que está fronteira ás Gallias: pouco a pouco foi-se estendendo para o norte, e povoando gradualmente a ilha inteira. Tacito acredita que os Caledonios, que habita-

vam as montanhas septentrionaes da Escossia, provinham dos Germanos; mas a unica razão que aponta desta opinião é a cor dos seus cabellos, e a grandeza do seu talhe. A lingua porêm, e os usos dos antigos Celtas, sempre conservados naquella parte da Gran' Bretanha, parecem contradizer o sentimento do grande Escriptor Latino.

Seja porêm qual for a origem dos Caledonios, parece que já em tempo de Julio Agricola eram bastante numerosos para resistir aos Romanos, senhores do resto do mundo conhecido; o que suppõe que desde muito se achavam estabelecidos no paiz. O seu governo era uma mistura de Aristocracia e Monarchia, como o era entre os mais povos em que os Druidas se achavam assenhoreados do podêr soberano. Estes homens destros e ambiciosos souberam aproveitar-se tão bem da veneração que inspiravam, que insensivelmeute se collocaram á testa de todos os negocios religiosos e civis. Os Chefes vigiavam na execução das leis; mas o podêr legislativo estava nas mãos dos Druidas. Por sua ordem se reuniam as tribus sob o commando de um só chefe, quando a nação era ameaçada por alguma guerra domestica ou estrangeira: eram elles quem nomeava o Magistrado ou *Vergobret*, cuja dignidade só durava, como a dictadura dos Romanos, o tempo que durava o risco.

Os Druidas conservaram por muitos annos esta authoridade extraordinaria entre as nações Celtas que não estavam subordinadas ao imperio dos Romanos. Mas desde o começo do 2.° seculo foi declinando o seu podêr entre os Caledonios. As continuas guerras que estes povos tiveram de sustentar impediram a Nobreza de entrar, como d'antes, naquella ordem dos Druidas: o numero destes foi diminuindo; e os preceitos da sua religião foram sendo menosprezados e esquecidos no tumulto das campanhas. Não mais trattaram de nomear *Vergobret;* ou, para melhor dizer, foi este eleito e conservado sem sua participação delles.

Os Caledonios eram no principio divididos em Tribus ou *Clans*. Cada Clan tinha o seu Chefe, e cada um dos Chefes era livre e independente. Como estavam sempre em guerra contra *o Rei do mundo*, (emphatico nome que os Poetas desse tempo davam aos Imperadores Romanos) o perigo commum reunia todas as tribus; mas como nenhum dos Chefes queria obedecer ao seu igual, como todos queriam commandar, foram as guerras mal dirigidas, e por conseguinte desastradas. *Trenmor*, bisavô do celebre *Fingal*, foi o primeiro que representou aos Chefes quanto eram funestas as consequencias de uma tal desunião: propoz-lhes que commandassem cada um por seu turno; e com effeito foi adoptada esta sua proposição. Mas todos elles foram vencidos. Então assumio Trenmor o commando do exercito, e desbaratou completamente os inimigos. As tribus victoriosas o proclamaram *Vergobret* d'uma voz unanime. Os Druidas então quizeram reclamar os privilegios da sua ordem: deputaram *Garmal*, filho de *Tarno*, para ir dizer a Trenmor que se demittisse da sua dignidade. Este porêm recusou; e esta recusa deo motivo a uma guerra civil, que veio por fins a terminar na destruição total dos Druidas. Os que escaparam da mortandade foram occultar-se nas florestas e nas cavernas, que n'outro tempo lhes serviam de retiro para meditar.

Á extincção do Sacerdocio seguio-se um desprezo geral á crença religiosa. A authoridade que o *Vergobret* recebia por eleição, e por tempo determinado, tornou-se perpetua e hereditaria; e o nome de *Vergobret* foi mudado no de Rei.

A authoridade real, excepto em tempo de guerra, era muito circunscripta: cada um dos Chefes continuou a ser soberano em sua tribu; mas ahi o seu podêr não era illimitado. Quando a gloria ou a segurança de uma tribu era ameaçada, as ordens do chefe eram sagradas, e obedecidas sem restricção; mas se um particular se sentia opprimido na sua tribu, passava para outra, e achava nesse asylo as vantagens que a sua patria

lhe havia recusado: o receio porêm desta deserção tornava os Chefes mui circunspectos no exercicio da sua authoridade. Como o gráo do seu podêr dependia do numero dos seus subditos, tinham muito cuidado em evitar quanto pudesse diminui-lo.

O que mais contribuio para firmar a authoridade dos Chefes nas suas tribus, e o podêr dos Reis sobre os Chefes, foram os canticos dos Bardos. Estes eram Druidas d'uma classe inferior, cujo emprego era cantar os feitos dos Heroes, e os Deoses. Escapados das ruinas da sua ordem, foram acolhidos pelo Vencedor, que desejoso de immortalisar seu nome, trattou com benignidade os dispensadores da gloria. Mostraram-lhe elles o seu reconhecimento, pintando-o nas suas cantigas como um heroe dotado de todas as virtudes. O vulgo, que não podia examinar de perto o caracter do Rei, ficou deslumbrado pelas brilhantes qualidades que os Bardos lhe attribuiam. Estes, discipulos dos Druidas, formaram a idéa de um heroe completo, e deram a seu Rei o caracter que existia apenas na sua imaginação. Os Chefes tomaram este heroe ideal para seu modelo; e os esforços que fizeram para o imitar, crearam em suas almas os sentimentos heroicos que se encontram nas poesias daquelles tempos remotos. O Principe, excitado pelos louvores e pela rivalidade de seus Chefes, quiz distinguir-se pelas suas virtudes, como já o era pela sua dignidade. Esta emulação formou por fim o caracter geral de toda a nação, feliz ajuntamento do valor altivo de um povo sylvestre, e das mais bellas virtudes de uma gente civilisada. A este respeito podem ver-se as Dissertações Inglezas de Macpherson.

(2) *Althos* quer dizer *belleza perfeita.*

(3) *Ardano* significa *orgulho.*

(4) *Cairbar, homem forte.*

(5) *Darthula, mulher d'olhos bellos.*

(6) *Erin,* antigo nome da Irlanda, composto de duas palavras: *ear,* oeste, e *in,* ilha; *ilha d'oeste.*

(7) *Ullin,* antigo nome da Ultonia ou do Ulster, parte da Irlanda.

(8) *Tura,* fortaleza do Ulster.

(9) *O dia assignalado* pelo Destino. O Destino é a unica Divindade de que falla Ossiano em seus poemas.

(10) *Lora* quer dizer *murmurante:* era um pequeno rio que banhava os contornos de *Selma,* palacio de *Fingal,* Rei de Morven, antigo nome da parte da Escossia que está visinha ao mar da banda do noroeste.

(11) *Cormac*, o Soberano d'Irlanda, assassinado por Cairbar.

(12) *Cuchullin,* quer dizer *Voz de Ullin.*

(13) *Sélama* significa *bella-vista, vista extensa.* Naquelle tempo edificavam-se as casas nas alturas, para dominar sobre o paiz, e precaver as surprezas do inimigo; e por isso muitos castellos se chamavam então *Sélama.* Dahi procede tambem o nome do famoso palacio de *Selma,* residencia de Fingal, e dos mais Reis da Escocia.

(14) *Já de Sélama o Rei,* etc. — Ossiano dá o titulo de Rei a todos os guerreiros distinctos por seu valor.

(15) O Poeta, para fazer a historia de Darthula verosimil, tem cuidado de dizer que o seu armúrio era o de um guerreiro mui joven.

(16) Quando um guerreiro envelhecia, ou se tornava incapaz de combater, suspendia as armas na sala onde toda a familia se reunia nos dias de festa; não apparecia mais nos combates; e o periodo da vida que desde então decorria chamava-se *o tempo de suspender as armas.*

(17) Lona, planicie pantanosa, onde Cairbar dava, segundo o costume, uma festa ao seu exercito, para celebrar a derrota de Truthil, e do resto do partido de Cormac, quando Collá veio atacá-lo.

(18) Aqui o Poeta evita com destreza a descripção do combate de Lona, que seria impropria na bocca de uma mulher, e nada teria de novo depois das numerosas descripções deste genero que se encontram nos seus poemas; e ao mesmo tempo depara occasião a Darthula para dizer uma fineza ao seu amante.

(19) Ossiano costumava repetir no fim de um episodio a phrase com que o começara, talvez para melhor reconduzir a memoria do leitor ao assumpto principal.

(20) Oscar tinha resolvido desde muito tempo fazer uma descida á Irlanda para hostilisar Cairbar, que tinha morto seu amigo Cathol, do partido de Cormac.

(21) O *Chefe de Dunscar*, era o mesmo Cuchullin.

(22) *Temora* ou *Ti-mor-rath, casa de felicidade,* era o

nome do palacio dos antigos Reis d'Irlanda. Ossiano chama-lhe triste, por causa da morte de Cormac, a quem Cairbar assassinara para lhe usurpar o throno.

(23) *Slisama*, nome composto de duas palavras, *slis*, macio, e *seamha*, seio.

(24) *Lego, lago das doenças*, era o antigo nome de um lago do Connaught, onde desaguava a ribeira de Lara.

(25) Althos voltava da costa de Lona, aonde Nathos o tinha mandado para descobrir campo.

(26) Cairbar tinha acampado o seu exercito na costa do Ulster, a fim de oppor-se ao desembarque de Fingal, que projectava restabelecer no throno a familia de Cormac. A bahia de Tura, para onde o navio de Nathos foi arrojado pela tormenta, achava-se entre as duas alas do exercito de Cairbar, e por isso os filhos de Usnoth não podiam escapar a seus inimigos.

(27) *Sémo* era avô de Nathos pela parte materna; e a lança de que se falla neste lugar já tinha sido dada a Usnoth quando casou: era uso dar o sogro as suas armas a seu genro.

(28) Ossiano é muitas vezes chamado, nas antigas Poesias dos Bardos, *o Cantor, a voz, a doce voz de Colná.*

Este Bardo celebre vivia antes do estabelecimento da Religião Christã na Escossia, isto é, nos fins do 3.º ou principios do 4.º seculo. Foi no anno de 303 que a perseguição de Diocleciano fez passar alguns christãos para a Bretanha. A brandura e tolerancia de Constancio Chloro, que então alli commandava, attrahio em breve tempo grande numero de sectarios da religião perseguida. Alguns delles, por temor, ou zelo da

propagação da Fé, deixaram o paiz sujeito aos Romanos, e foram estabelecer-se no dos Caledonios, cujos povos acharam tanto mais dispostos a receber a nova doutrina, quanto mais esquecidos estavam da religião dos Druidas. Estes primeiros Missionarios Christãos viviam nas cavernas, e no centro dos bosques, o que deo motivo a serem chamados pelos Caledonios *Solitarios.* Com um destes Solitarios disputou Ossiano ácerca da Religião Christã; na qual disputa, que a tradição conservara, mostrou Ossiano uma ignorancia tal dos dogmas do Christianismo, que se não póde suppor que estivesse já introduzido na Escossia. Ossiano descendia daquelle famoso *Trenmor* que destruio a ordem dos Druidas, e foi proclamado Rei por todas as Tribus. Era filho de Fingal, neto de Trenmor; e acompanhou seu pae nas mais arriscadas das suas expedições, de que foi theatro a Irlanda. O restabelecimento de Ferard-Artho ao throno deste paiz foi a ultima obra de Fingal, que depois disso entregou solemnemente a sua lança a Ossiano, que fez della um uso digno para defeza do fraco e do opprimido; até que a idade lh'a fez cair das mãos. Vendo-se então privado de seu pae e de seu filho Oscar, a quem Cairbar o usurpador tinha assassinado por traição, e achando-se cego e enfermo, procurou distrahir a sua magoa e os seus males, cantando as proezas dos seus amigos. Arrastava-se muitas vezes para o pé do tumulo de seu pae; e ahi se consolava, como elle proprio diz, tocando-o com suas mãos tremulas. *Malvina*, a esposa do seu querido Oscar, não o abandonou jámais. A esta é que elle dirige a maior parte dos seus canticos, principalmente aquelles em que o valente Oscar desempenha o primeiro papel. Malvina aprendia de cór os Poemas d'Ossiano, á medida que elle os compunha; e cantava-os ao som da harpa. Depois da morte d'Ossiano, os Bardos os aprenderam de Malvina; e os recitavam com preferencia ás suas proprias composições. As particularidades historicas que contem, e assim como a belleza da sua poesia, os tornavam

agradaveis a todos os Caledonios. *(Vejam-se as Dissertações de Macpherson.)*

(29) Pelos ais dos phantasmas do monte, entende Ossiano o ruido surdo que precede a tempestade, e que é bem conhecido dos que habitam nas montanhas.

Os Caledonios attribuiam geralmente aos espiritos a maior parte dos effeitos naturaes. Se o echo dos rochedos vinha ferir seus ouvidos, era o espirito da montanha, que gostava de repetir os sons que ouvia. Se o vento fazia resoar as harpas dos Bardos, era este som produzido pelo toque das sombras, que assim prognosticavam a morte de uma illustre personagem; e raras vezes um Rei perdia a vida, sem que as harpas dos Bardos adherentes á sua familia vibrassem aquelle som prophetico. Se um infeliz expirava pelo excesso da sua magoa, eram as sombras dos seus maiores, que vendo-o desamparado, e a lutar sem esperança contra o infortunio, tinham levado a sua alma, para o libertarem da vida. Estas idéas eram mui poeticas sem duvida; mas lançam um colorido melancolico em todas as composições d'Ossiano, que principalmente se recrêa em descrever as scenas da noite, demorando-se com prazer nos objectos sombrios e magestosos que apresenta.

(30) Allude á fuga de Cairbar, quando Nathos veio a Sélama.

NOTAS

Á

ILIADA.

(1) *Atrides*, sobrenome patronimico de Agamemnon, Rei de Argos e Mycenas, e Chefe dos Gregos que foram á guerra de Troya.

(2) *O filho de Latona* é Apollo, que na estancia 10.ª é invocado com o appellido de *Smintheo*, que lhe proveio da cidade de Smintha, onde lhe foi dedicado um templo, por occasião de a libertar da praga dos ratos que a infestara.

(3) *O Rei dos homens*, titulo que Homero dá ao sobreditto Agamemnon.

(4) *Os Reis irmãos*, Agamemnon e Meneláo seu irmão, marido da formosa Helena, cujo rapto deo motivo á guerra de Troya.

(5) *Ilion*, outro nome da cidade de Troya.

(6) *Chrysa*, *Ténedos*, *e Cilla*, nomes de lugares ou cidades em que havia templos consagrados a Apollo. Do que havia em Chrysa era sacerdote Chryseo, e dahi lhe veio este nome.

(7) *Audacia argiva*, isto é, dos Argivos, dos naturaes de Argos, de que era Rei Agamemnon. Por Argivos entende-se aqui todos os Gregos em geral.

(8) *O filho de Thetis* era Achilles, o mais pujante dos Gregos que se acharam na guerra de Troya. Tambem se nomêa Pélides, appellido que lhe proveio de seu pae Peleo rei de Thessalia; ou talvez do monte Pelio, onde fôra educado pelo Centauro Chyron, tão celebrado na antiguidade pelo seu profundo sabêr em Medicina.

(9) *Rei dos Reis* é outro titulo que Homero dá ao mesmo Agamemnon.

(10) *Hecatomba*, palavra grega que significa *sacrificio de cem bois;* oblação enorme que Strabão diz que os Lacedemonios faziam annualmente aos Deoses protectores das cem cidades que possuiam. Pelo correr dos tempos foi esta offerta reduzida a vinte e cinco rezes, passando-se de sacrificar bois a victimar cordeiros, bodes, e outros animaes.

(11) *A moça d'olhos pretos.* — Este e outros epithetos de que usa Homero, como por exemplo, *olhos bovinos*, que emprega fallando de Juno; *pés argenteos*, que attribue a Thetis; *etc.*, são para dar uma idéa da belleza particular, ou da qualidade e officio da personagem de quem falla. Esta a que allude aqui é Chryseis, a filha do já mencionado Chryseo, sacerdote de Apollo.

(12) *Phtia*, paiz onde habitavam os Myrmidões, subditos de Achilles.

(13) *Pergamo*, outro nome que se dava á cidade de Troya.

(14) *Bryseis*, ou Hyppodamia, a captiva que os Gregos tinham dado a Achilles, em premio dos serviços que lhes fizera.

(15) *Polyphemo* — Este não era o Cyclope, amador da nympha Galathéa; mas um Principe dos Lapithas.

(16) *Heraltos*, ou Arautos, eram officiaes da milicia que estavam ás ordens dos Generaes, para ler ordens, convocar as tropas, repetir as proclamações dos Chefes, *etc.*

(17) Para se entender a allusão destes dois versos, convem recordar que a mãe de Achilles, a Deosa Thetis, era filha de Nereo e Doris, divindades do mar.

(18) *Briareo chamam, e na terra Egeo* — Aqui allude Homero a uma antiga fabula acreditada no seu tempo. O Centimano, tão famoso na guerra dos Gigantes, era pelos Deoses denominado *Briareo*, por ser filho do Ceo e da Terra, e mui valente, cuja definição envolve a mesma palavra, composta de duas gregas que significam *muito*, e *Marte*. E os homens chamavam-lhe *Egeon*, porque tendo-se revoltado contra Jupiter, foi, depois de vencido com os mais Gigantes seus companheiros, amarrado por Vulcano a um penhasco do mar Egeo. Esta fabula da revolta é posterior á do soccorro que elle déra a Jupiter, e a que allude Achilles nesta falla.

(19) *O campo vê de longe, e assim vê Marte.* — Para se entender a allusão que encerra este verso, é preciso advertir que Homero representa Achilles sabedor de que o Deos Marte o esperava junto dos muros de Troya para o combater; circunstancia esta, que foi uma das mais felizes lembranças do Poeta; porque relevando o valor do seu Heroe, o torna mais interessante e assombroso.

(20) Allusão á festa que os Ethiopes celebravam em Diospolis, cidade consagrada a Jupiter, e que durava doze dias, nos quaes a estatua deste Numen era levada em procissão ao redor da Libya.

(21) *Deidade pharetrada,* Apollo, armado d'aljava, pois isto significa a palavra *pharetra.*

(22) *O Deos do arco argenteo,* Apollo.

(23) *A filha de Nereo,* Thetis, a mãe de Achilles, que vai cumprir o que lhe promettera.

VARIANTES DO TOMO III.

A paginas 5, *verso* 15:

Estes themas porêm, que tanto honraram
Do rural Maro os versos, as cantigas,
Estes themas o enleio já fizeram
De toda a Ausonia, quando era mais culta
Pelo gosto e lições da sabia Grecia.

Variante:

Estes themas porêm, que tanto honraram
Do rural Maro os versos, as cantigas!
Estes themas, que foram o recreio
De toda a Ausonia, quando era mais culta
Pelo gosto e lições da sabia Grecia!

A pag. 16, *verso* 27:

De pestilentes settas todo armado.

Variante:

De settas pestilentes todo armado.

A pag. 24, *verso* 30:

E as Horas apressadas já traziam

Variante:

E as rapidas Horas já traziam

A pag. 31, *verso* 11:

No tranquillo Almeirim as Musas honras;

Variante:

No ameno Almeirim as Musas honras,

A pag. 33, *verso* 22:

Thompson, cujo pincel arrebatado
Com britannica força e liberdade
Expoz ao Thames o que a lyra agora,
Na Lusitania, melindrosa, evita,

Variante:

Thompson, cujos pinceis arrebatados
Com britannica força e liberdade
Já disse ao Tamise o que a lyra agora
Na Lusitania, melindrosa evita,

A pag. 36, *verso* 10:

O que é mais que a belleza, mais possue,

Variante:

O que é mais que a Belleza, mais, possue

A pag. 41, *verso* 15:

Em vão bramindo range os duros dentes
Colerico Sultão: em vão se *enristam*
No denso matto as lanças atrevidas.

Variante:

Em vão bramindo range os duros dentes
Colerico Sultão: em vão se *enrestam*
No denso matto as lanças atrevidas.

A pag. 43, *verso ultimo:*

Explica como foi esse successo;

Variante:

Refere como foi esse successo;

A pag. 44, *verso* 23:

Filho, (lhe diz, a mão sagrada erguendo)

Variante:

Filho, (diz elle, a mão sagrada erguendo)

Na mesma pag., *verso* 29:

A chinella lhe beija humildemente,
Submisso o Cavalleiro; faz seu voto,
E intrepido se vai correr o mundo.

Variante:

A chinella lhe beija humildemente,
Submisso o Cavalleiro faz o voto,
E intrepido se foi correr o mundo.

A pag. 50, *verso* 11:

Ninguem tema na mais espessa noite
Que se apague da esp'rança a ultima estrella.

Variante:

Ninguem tema na mais espessa noite
Se lhe apague da esperança a ultima estrella.

A pag. 67, *verso* 1.º:

Marchava assim o *illustre* par contente,

Variante:

Marchava assim o *nobre* par contente,

Outra:

Alegre assim marchava o par heroico,

A pag. 101, *verso* 23:

Já o Demonio arrastra até o inferno,

Variante:

Já o Diabo arrastra até o inferno,

A pag. 151, *verso* 29:

As Deosas do Serralho, todas voam
Pelo acaso guiadas, ou qual sopra, *etc.*

Variante:

As Deosas do Serralho, tudo voa,
Pelo acaso guiadas; ou qual sopra, *etc.*

A pag. 169, *verso* 17:

Della a forma nymphatica e celeste!

Variante:

Della a forma nymphatica — celeste!

A pag. 173, *verso* 2.º:

Do matrimonio ao jugo sacro-santo.

Variante:

Do matrimonio ao sacro-santo jugo.

A pag. 215, *verso* 20:

E a Sélama me leva, envolve em pranto.

Variante:

E a Sélama conduz-me, envolta em pranto.

FIM DO TOMO III.

OBRAS POETICAS

DE

D. LEONOR D'ALMEIDA PORTUGAL LORENA E LENCASTRE,

MARQUEZA D'ALORNA,

CONDESSA D'ASSUMAR, E D'OEYNHAUSEN,

CONHECIDA ENTRE OS POETAS PORTUGUEZES

PELO NOME

DE

ALCIPE.

TOMO IV.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1844.

RECREAÇÕES BOTANICAS.

RECREAÇÕES BOTANICAS,

POEMA

DEDICADO ÁS SENHORAS PORTUGUEZAS

POR

ALCIPPE.

Carminibus quæro miserarum oblivia rerum.

Ovid. Trist. liv. 5.º eleg. 7.ª

Fuggi 'l sereno, e 'l verde;
Non t'appressar, ove sia riso, ò canto.
Canzon mia nò, ma pianto;
Non fa per te di star fra gente allegra
Vedova sconsolata, in veste negra.

Petrarca — Canz. 1.

EPISTOLA DEDICATORIA

ÁS MINHAS PATRICIAS.

A vós, a quem na flor da adolescencia
Um incognito amor os passos move,
E suave impulsão conduz aos prados;
A vós, Nymphas gentis, mando meus versos.
Se das flores o amor n'alma vos arde,
Esta doce paixão, vencendo as outras,
Do deleite e da paz vos abra os Templos.

Nascem no peito accesos os desejos;
Rapidos voam deste áquelle objecto:
Sem freio, a matizada phantasia
Acena com mil bens imaginarios,
Rejeita estudo, e só prazer approva.
Cautela! que estes fructos immaturos
Travam na bocca, e o paladar estragam.
Thalia engana quando vos promette
Premio ás horas perdidas no theatro.

Mas a manhã que aponta, o Sol que rasga
Da noite o véo cinzento; o Sol que nasce
Quando as estrellas desmaiando expiram:
As flores que borrifa a madrugada
De fresco orvalho, matutino aljofre:

As nuvens pardas, que ouro ardente entornam,
Que lampejam rubins, e os ares toldam:
Os mogarins, as rosas, as papoulas,
Que festejam a Luz, quando apparece:
Espectaculo são que a alma namora,
Que convida a estudar a Natureza.

Que luxo! que riqueza! se de Flora
O Templo Linneano se vos abre!
Se os incançaveis Zephyros que giram,
As perfumadas azas sacudindo,
C'os aromas das flores vos festejam!
Se Brotero e Corrêa (*) vos convidam
A herborisar nos valles, nos outeiros;
A explorar os jardins! Se vos consagram
Sacerdotisas dos florídos Templos!

Que premio deleitoso a meus trabalhos
Será, se excito co' estes versos toscos
A paixão da Botanica suave!
Mais não pertendo: evito altos arcanos
Que revelou profundo estudo aos Sabios.

Se a Sciencia buscais, consultai esse (**)
Que o viveiro plantou dos Botanistas;
E junto do Mondego explora as plantas.
Chamai com patrioticos clamores
De um longo exilio aquelle Luso genio (***)

(*) Felix do Avellar Brotero, e José Corrêa da Serra, dois Sabios Portuguezes, bem conhecidos no mundo litterario.

(**) Brotero.

(***) Corrêa.

Que se vê pela Patria esperdiçado,
E outro hemispherio ambicioso o acolhe.
Ou sem designio, como eu fui, lançando
A vagabunda reflexão e os olhos
Sobre diversas plantas, na memoria
Ide gravando os varios caracteres.
Gostareis com Linneo prazeres novos,
Quaes participam flores, quaes escapam
Na corrompida humana sociedade.

Linneo, que a pompa nupcial das plantas
Vio no systema só que o precedia,
No podêr que vejeta reconhece
A tendencia uniforme com que os sêres
Se amam, se attra'em, se enlaçam, reproduzem.
Pouco lh' importa a gala das corollas:
Invoca Amor; descobre outros mysterios,
E da germinação colhe os segredos.

Attonitos os Sabios, longo tempo
Creem que Linneo fallou co' a Divindade:
Ou que as plantas sensiveis lhe contaram
Com florida eloquencia seus amores.

Da Verdade nasceram ficções lindas,
Que, sem desfigurá-la, aos Vates servem
Para orná-la dos trajes mais modestos:
E as Musas, cujos cofres, esgotados
Pela Grecia, já pobres se julgavam,
Incognitos thesouros descobriram.

Um Vate (*) encontra Amor lançando frechas,
Ferindo os troncos, abrazando as selvas;
E deste doce incendio as plantas brotam
A fragrancia, a candura com que apontam
São da innocencia emblema; se Cupido
O voo não tomasse: porêm foge;
Remonta aos Ceos, e quer turbar a Terra.
Chega ao throno de Jove, bate as azas
Ante a face do Numen, que surpreso
Da mão lhe escapa o raio omnipotente.
O Deos travesso o apanha, em tres o dobra;
Carrega c'o joelho, e os crebros dardos
Faz em pedaços; pisa-os, salta, e rindo
Espalha pelo chão os igneos restos.
As Deosas tremem todas de queimar-se,
Ou que pegue no Ceo incendio activo:
Mas é na Terra que as centelhas chovem.
Disse á Malicia que invadisse os prados,
E convocasse os ventos agressores
Para alterar das plantas a innocencia.

Tudo acommette a turba revoltosa:
Não vale ás flores privilegio ou dote,
Favor do Ceo, adoração dos Povos.
Em vão brota do Loto a Divindade;
Em vão prostrado Egypcio o Nume adora:
Em vão prefere a púdica Diana,
Minerva a sabia, as folhas desta planta
Que a Esculptura nos Jonicos ornatos
Lhes consagra, exaltando excelsos Templos.

(*) Darwin, poeta inglez, auctor do poema do Jardim Botanico, traduzido pelo Doutor Vicente Pedro Nolasco da Cunha.

O Nenuphar a esposa desconsola,
E sem pejo fecunda o Meniantho.
O Resedá fragrante se descuida
Da modesta pureza que o distingue;
E novo Linho novo monstro cria
Em Creta, affeita a crimes monstruosos.
Multiferos Geranios procederam
Dos ventos desenvoltos que levavam
Os calidos suspiros de outras plantas
Ao seio virginal d'incautas flores.
Trazem os filhos as feições diversas;
Nova physionomia, novo cheiro
Attestam sua origem, declarando
Os descuidos da Rosa e da Alfazema.

Mas do Gnidio as maldades tem desculpa;
E Jove mesmo castigar não sabe
Os crimes com que Amor desarma a todos.
Só elle, só Amor calcula ao justo
Penas que igualem seu prazer divino.
Só elle pune as almas dos amantes,
Quando troca em supplicio os seus deleites:
Faz nascer a vergonha entre os prazeres;
Esse flagello d'almas delicadas,
Cujo podêr delicias envenena,
Afugenta o respeito; e as horas leves,
De lugubre tristeza carregadas,
Pesam na vida, e chamam pela morte.

Se entre as flores de luto revestidas
Encontrardes um symbolo das penas
Com que o Fado opprimio de Alcippe o peito;
Em fim, deste sentir profundo e triste

Com que as duas irmãs — Ausencia e Morte —
Lhe prohibem qualquer contentamento;
Meditai por um pouco nas Saudades.
Misturai-as co' as palmas que colheram
Tantos Heroes da Lysia; e á frente delles
Dando a vida por vós o illustre Mello (*).
C'roai dellas heroicos monumentos
Que a gratidão e brio lhe levanta.
Corre aquecido o Adour c'o sangue Luso;
Alveja a França d'insepultos ossos;
Onde a justa vingança supervive
Aos Heroes que sem susto a lá levaram:
Porêm a Lysia, a Patria, que não morre,
Que sáe d'entre cadav'res rutilante,
Vos recommenda os nomes generosos
Dos que a guerra devora: os vossos hymnos
Vida lhes suppram com applauso eterno,
Com saudades, com lagrimas, e palmas.

Eis-aqui como as flores desafiam
Da escandecida phantasia os voos:
Como disfarça a fabula a verdade,
E converte em recreio serio estudo.

Crede-me: ás flores consagrai momentos,
Patricias caras: crede a quem o Fado
Tudo roubou, excepto este recreio,
Com que ás vezes domei o rigor delle.

(*) O Conde de Ficalho, que muito se distinguio na batalha de Salamanca, e morreo das feridas que recebeo nella.

E tu, que pelo Ceo d'Estrellas cortas
N'um carro d'ouro, ó Sol, o teu caminho:
Cujos urcos briosos calcam mundos;
Cujos raios accendem Soes diversos:
Tu participa luz a meus dictames;
Tu das flores as roupas desenvolve.
Da hervagem fresca affasta o glutão gado,
Satyro audaz, serpente venenosa:
Possam aquellas que eu convido aos campos
Sem susto herborisar, colher capellas.

ARGUMENTO DO I. CANTO.

Reminiscencia da infancia de Henriqueta — Proserpina — Invocação ao Descanço — Origem da Botanica — Seus progressos até Dioscorides — Morte de Plinio — Tournefort — Seu systema — Progressos da Botanica até Jussieu — Fructificação — Desenvolvimento do grão das folhas — Resultados da semente — Jardins de Alcinoo — Apostrophe a Henriqueta — Effeitos da moda sobre o estudo — Descripção do sitio onde conflue a Vaga com o Saverno — Saudades das Tagides.

CANTO I.

A HENRIQUETA.

Tum spissa ramis laurea fervidos
Excludet ictus . . . . . .
Hor. Od. XII. Lib. II.

Só doze Primaveras tinham visto
Os teus olhos modestos, Henriqueta,
Quando as flores cheirosas te excitavam
A paixão innocente que as explora.
Brincando na campina, o teu thesouro
Entre as filhas de Flora procuravas:
Eram grinaldas, ramalhetes, c'roas
Que tecias; e em premio de outros jogos
Ás socias juvenis alegre as davas.
Na luta, na carreira disputavam
Teus irmãos, por um ramo que colhias.
Era assim que a gentil filha de Ceres, (1)
No sitio onde Typheo horrido geme, (2)
Cestas enchia de mimosas flores;
Ornava a frente e o peito de boninas:
Herborisava, como tu, contente,
Sem recear do Averno o hirsuto Nume.

Era assim que Hypicáris (*) n'outro tempo
Recreava os meus olhos; que pagava
Os maternos cuidados de minha alma.

Henriqueta feliz! tu me consolas
Do roubo infausto que outro infernal Dite (3)
Fez, provocando o meu continuo pranto.

Eu, como a Deosa, se pudesse, fôra
Increpar Jove deste infame roubo
Á luz do Sol: a terra, vagabunda,
Correra toda, procurando a filha:
Em tochas os pinhaes do Etna inteiro
Converteria, se buscando a achasse.
Plutão foi menos duro: é menos triste
Reinar no inferno que obedecer em França (4).

Dor que me rasgas sem piedade o peito!
Vergonhoso supplicio que ignoraram
As Furias habeis em crear tormentos!...
Dai pois lugar a sensações mais brandas.

Attributo ditoso d'Henriqueta,
Socego! dom celeste! hoje te imploro.

A Botanica, origem de prazeres
Que o turbulento vulgo não conhece,
Nasceo quando era o mundo inda novato.
O filho de Semele ornou de parras (5)
A frente, o thyrso; e cultivando a vinha,
Tirou das uvas o liquor saudavel
Que alegra os ritos serios e os festejos.

(*) Juliana.

Triptolemo aprendeo de Ceres alma (6)
Do trigo as propriedades. A Achilléa,
E outras plantas, Chyron colheo nos prados. (7)

Numa, talvez, benefico estudava
Com Pythagoras sabio esses escriptos (8)
Que o tempo extraviou, e que continham
Quanto os modernos talvez hoje indagam. (9)
Comtudo, amontoaram-se as idades:
A Sciencia dormio, té que nos campos
Theophrasto fixou attento a vista. (10)
Em lethargo de novo as plantas jazem;
Quando a Cilicia reproduz um Sabio (11)
Que os templos abra da pomposa Flora.

Outro heroe das Sciencias, outro martyr, (12)
Inflammado do amor da Natureza,
Incompleto nos deixa o seu trabalho;
E, temerario, se encontrou co' a morte.
A larga bocca do Vesuvio ardente
Vomita a lava em turbilhões de fogo:
Em vão Plinio se affasta, em vão forceja
Para salvar co' a vida noções novas:
Ganha a torrente rapida a carreira,
E o Sabio envolve no lethal destroço.

As boninas pacificas, que ornavam
As campinas ditosas, esmorecem;
Falta Plinio que as colha, que as observe:
E qual na praia triste, abandonada,
Ariadna ficou longe do amante, (13)
Flora gentil, e as flores que criava,
Esquecidas nos campos se murchavam.

Mil annos decorreram: quatro vezes
Os seculos então se renovaram;
Quando na França a voz da Natureza
Commoveo Tournefort. Fogo celeste (14)
Sua alma abraza desde os tenros annos:
O curioso ardor forças lhe cria.
Não mede precipicios; não o assustam
Nos Pyrenneos audazes miqueletes. (15)
Busca plantas, e plantas desentranha
Dos rochedos que trepa, sem cançar-se.
Despreza contusões, não sente quedas;
Sua alma n'um só ponto se concentra:
Quer surpr'ender no facto a Natureza:
Pela organisação com que vejetam
Adivinhar os gráos de analogia
Que a Natureza poz entre estes entes.

Distinguio pelas roupas primorosas,
Pela corolla, o lustre das familias:
E visitando a Grecia, despojada
Da gloria antiga, vio que as plantas guarda:
Que mesmo entre musgosos monumentos
As indigenas flores se renovam.

Tumente de sabêr, á patria volta;
E deixa nos escriptos lições vastas,
Que, á maneira das plantas que observava,
Deram semente prospera e fecunda.
A Botanica surge, como brota
O plátano suberbo, como sobe
O freixo rico d'espaçosa rama.

Até alli um cathalogo de plantas

A Sciencia, na infancia, tinha sido:
Com pedantesca phrase, a Medicina
As virtudes dos simples demonstrava.
Os termos eram véo com que encobriam
Aos olhos da razão a Natureza:
Tournefort este véo corre, e apresenta
O vegetal thesouro aos outros Sabios.
Indagadores genios tomam voo;
Atrevidos, na terra tudo exploram;
Syrthes desprezam, não recêam mares:
E quando Boreas, revolvendo as ondas,
Faz qu' estremeça o pallido piloto,
O Botanico observa em tanto as algas;
Co' a phantasia os portos avisinha,
E os vegetaes, que presuppõe, contempla.

Tal o pintor Vernet, atado a um mastro, (16)
Os serpentinos raios estudava;
E esses golfos d'azougue que a tormenta
Nos mares abre, apresentando a morte,
Gratos ao genio pictoresco, admira:
E quando amaina o vento, sobre a téla
Fixa os raios, o mar, a tempestade.

Não é tudo saber o nome ás plantas,
Distinguir-lhe os adornos primorosos,
Numerá-las, saber aonde nascem,
Como prosperam; que cultura exigem:
Não é tudo entre os homens propagar-se;
Fructificar nas plantas, não é tudo.
Analogias, habitos, caracter
Conduzem a Sciencia a gráo mais alto.

Ha nas plantas nações, raças diversas,
Numerosas familias mui distinctas.
Intrincadas são neste labyrintho
As veredas, immensas, e escarpadas:
Mas tem Jussieu na mão o fio d'ouro (17)
Que a salvo nos conduz por entre as brenhas.
São monstros as crueis difficuldades
Que o Sabêr vence; e que, se a vida é pouca,
E a sciencia espaçosa lhe não cabe,
Fixos principios serão norma aos Sabios
Que no tempo futuro lhes descubra
Quando falta alcançar na nossa idade.

Entretanto vejamos que riqueza
Encerra esse embrião tenue que o pollen
No calix deposita, e que protege,
Até ser fructo, a Natureza affavel.
Os volvedoiros finos, que competem
Co' a mais fina cambraya, não permittem
Que o ar caustique o delicado infante.
Rica mantilha o cobre, té que ousado
Rompa a prisão que o corpo lhe comprime.
É fructo, é grão; e os intimos segredos
Deste progresso apenas adivinham
Malpighi, Leuwenhoek, que os espreitam. (18)

Quem dirá que este grão encerra tudo;
Raizes, tronco, folhas, flor, e fructo?
Que na terra, de novo germinando,
Renova a planta inteira de que nasce?

Do cimo deste grão, como da base,
A plantula projecta: hasteas, raizes,

Que aos ares sobem, que no chão penetram:
No centro, orgãos diversos accumulam
Fluidos varios que a raiz engrossam;
E quando com vigor á terra a prendem,
Refluem para a plantula, que exige
Que a desenvolva nutrição mais forte.

Do spiral movimento deste fluido
Uma folha procede; e de outras folhas
Se seguem ramos, arvores se formam.
Sois vós, ó folhas, esse traje nobre
De que se veste a Natureza em pompa;
São folhas o signal da Primavera.
Os osculos de Zephyro transmitte (19)
A mobil folha a Flora namorada:
Na verde superficie os ares brincam;
Ella respira, e suspirar bem póde,
Se ama, e não medra, quando amor lhe falta.

Futuro magestoso, que descobre
Prophetica visão! Com que evidencia
Has de mostrar o que hoje são mysterios!
Com que pasmo Linneo do assento ethereo (20)
Os discipulos seus verá na terra
Fixando as relações, os parentescos
Que entre si, vejetando, as plantas guardam!...

Ray, Tournefort, Linneo, e seus maiores, (21)
Em colloquio celeste discutindo,
Verão co' a eterna luz quanto não vemos,
E a Sciencia aos vindouros prognostica.

Verão como a semente, esse principio

Da opulencia dos prados, das florestas,
Cria milagres d'arte e natureza.
Tempes s' elevam, arvores agrestes (22)
Em berços, em lamedas se levantam,
E ao Cantor do Rhodope asylo prestam. (23)
Berços d'hervas, eternamente verdes,
Nos jardins de Corcyra abrigo deram (24)
Ao vagabundo, heroico e agudo Ulysses,
Que Nausicate encontra, reconhece,
E com regia piedade ao pae dirige.

Celebres foram os jardins d'Alcinoo:
Pomona mesma, tão famosa em Lacio, (25)
Estes magicos sitios protegia.
Assidua Nympha cuida em que prosperem:
Poda os ramos inuteis, rega a terra;
As hasteas mais flexiveis entrelaça;
Cria os pomares, cuida dos enxertos.
Vertumno namorado a cor tempera, (26)
E nos fructos imita a que nas faces
De quem adora observa suspirando.
Umas fingem a purpura dos labios,
Outras as rosas e jasmins do rosto:
São d'ouro est'outras; o sabor e formas
Sempre variando, o appetite excitam.

Assim nossos maiores, que entreviam
O que sómente estudo rectifica,
Da plantula, do grão, da agricultura
Deoses crearam; e erigindo templos,
A Pomona e Vertumno incensos deram.

Verdes retiros, campos esmaltados,

Delicias dos mortaes! antes que o luxo
Os primitivos gostos transtornasse!
Em vós pasto, sciencia, divindades
A raça humana simples encontrava.
Vós, nove Irmãs divinas! cujo fogo (27)
Arde em minha alma: vós, que podêr tendes
De fazer-me esquecer quanto me mata!
Brindai-me co' as visões da idade d'ouro:
Emprestai-me esse dom que persuade,
Que deparaste a Orpheo, que a Lino déstes: (28)
Alcançarei que o amor da Natureza
Nestes meus versos fique hereditario.

Foge, Henriqueta, foge das cidades,
Onde oppressivas leis da Moda absurda
Agrilhoam o ingenho, apagam a alma.
Tudo é ruido alli, tudo é tumulto.
Lá sem riqueza é nulla a intelligencia:
E sem a intelligencia, a pompa, o luxo
São crespo fumo que dissipa o vento.
Os thesouros ao rico nunca bastam:
Quer sempre alem daquillo que consegue;
E o que consegue é quanto pésa e vale
Um só metal, dos muitos que Deos cria.
O pobre inda é mais pobre entre estes ricos:
O sabio é como um fructo que não medra,
E que as formigas avidas devoram.

O que a Moda dictou, é lei dos loucos
Que contradiz as leis da Natureza:
É como a nevoa densa em que se envolve
O monte, o rio, o prado, as maravilhas
De toda a Creação: opaca a Moda
Esconde tudo o que a razão nos mostra.

Quanto padece o ingenho, quando afouto
Os seus ferros sacode, e vencer tenta,
Com heroico valor, a errada meta
Que lhe fixou essa Deidade injusta!
Anda só pelo mundo, vagabundo:
Excede quanto pensa o que outros pensam;
E não lhe cabe a propria intelligencia.
Mas nestes ermos, onde tudo indica
Ordem, podêr, razão, omnipotencia,
O pensamento cresce, o peito adora
Um bem que farta todos seus desejos.

Vê como a Vaga o meu retiro enfeita. (29)
Esses broncos rochedos, que forçosos
A corrente anteparam, são vencidos
Pela argentina lympha que os abraça.
Alli, banhando o pé de um bosque extenso,
Dissolve a resistencia; e, serpeando,
Precipita a carreira; escuta, e segue
O rouco murmurío do Saverno:
Com elle, afouta, os seus cristaes confunde.
O altivo rio então c'o mar compete;
E nas plagas aquaticas entrando,
Aos attonitos olhos não declara
Se é como vencedor ou tributario.

Tagides minhas! Não julgueis que a Vaga
Modera em mim a furia das saudades:
O patrio rio, os muros desgraçados
Onde nasci, e que fundara Ulysses, (30)
Teem-me n'alma um lugar que ninguem toma.
Foi lá que este calor vital que sinto
Teve a calida origem; de lá veio

Este humano sentir que abrange as penas
Alhêas, proprias; gera o dó: virtude
Que os paizes gelados mal conhecem:
(Mas que preservam, qual de Vesta a pyra,
Os Bathursts piedosos, nos seus lares) (31)
Lá carinhoso Sol, abrindo as flores,
Com magicos matizes e perfumes,
Me convidou a ser cantora dellas.

Segue meus passos, filha: flores, prados,
Rios, montanhas, rochas, arvoredos
São dignos da razão, dignos do estudo:
Impoem silencio á corrupção do mundo,
E avisinham do Auctor da Natureza.

ARGUMENTO DO II. CANTO.

Convite a Frederica para estudar as plantas. — Phebo, e os effeitos da luz sobre a terra — Estudo da flor, definição della, folhas, raizes, sua origem, suas varias formas — 1.ª Classe de Linneo — 2.ª Classe — Modo de distinguir dez Classes mais — A Circéa, o Jasmineiro, a Verbena — O tumulo de Virgilio — 3.ª e 4.ª Classes — A Madre-silva e as Heras — A Previnca, e Rousseau — 6.ª e 7.ª Classes — 8.ª Classe — A caça, as alléas de Schombrun, e Maria Thereza — Flores d'Almeirim — Platanos — Carvalhos — 9.ª Classe — Episodio de Daphne, transição da Mythologia á verdade — 10.ª Classe — Visão de Linneo — Dodecandria — Convalescença.

CANTO II.

A FREDERICA.

. . . . . me pascunt olivæ,
Me chicoria levesque malva.
Hor.

Que espectaculo augusto! Com qual ordem
Classificou o ingenho os dons de Flora!

Ó Frederica, ó filha! Dom celeste
Com que o Ceo me brindou em melhor tempo!
Vem ao menos co' a idéa acompanhar-me.

Dos tres dominios onde a Natureza
Como Chefe supremo poz o homem,
(Bem que désse diademas ao diamante,
Uma c'roa pomposa désse á rosa) (1)
Uma provincia só me attrahe, m'encanta.

Tu penetras as rochas; tu co' a idéa
Da cristallisação vês os progressos:
Onde labora a Chymica divina
Vês nascer os metaes; e não te assustam

As sulphureas cavernas, os betumes,
Cuja explosão com brados annuncia
O Etna, o Vesuvio ao mar, á terra.

Quando Eólo refrêa os Notos bravos,
E que nos Ceos a Virgem luz em Maio,
Humilde os passos movo sobre os prados:
Interrogo a mim mesma; e não descubro
A razão destes gostos tão diversos.
Eu, victima dos fados mais severos,
Imagem dos vulcanos, das borrascas,
Gósto das flores: tu, candido lyrio,
Os mineraes que estudas te recrêam.

Não te condemno, não: mas vem, observa
As plantas, meu conforto; este attributo
Creará em teu peito a paixão dellas.

Phebo triumpha. Os pestilentes limos
Que deram sêr em Delos á Serpente, (2)
Desta não guardam já mais que o despojo:
E em premio, ao filho, Jove o Sol entrega.
No carro d'ouro os urcos magestosos
Pelas plagas do Ceo o Numen pucham,
E os thesouros da Luz na terra espalham.
« Faça-se a Luz » diz Jove, e a Luz é feita.
Da potente palavra o Cahos pasma.

Luz! Origem das cores! Luz, que animas
O numeroso exercito que opponho
Á Tristeza, que os dentes em mim crava!
Materia indefinida! Luz! Prodigio (3)
Que cada dia o mundo arranca ao Nada,

E que infunde nas plantas vital graça!...
Em classes, ordens, generos, especies,
Vemos, obra da Luz, a Variedade..
E as matizadas roupas que revestem
A terra inteira são da Luz milagre.

Se queres recrear-te, observa as plantas,
Como um pintor attento observa o gesto,
As formas engraçadas de Hypicaris.
Se á flor falta pensar, se a voz lhe falta,
Verás que este individuo, se não sente,
Vegeta, cresce, e como nós respira. (4)

A Natureza, de uma frente bella
A planta ornou; o calix, a corolla (5)
Defende o fructo que no seio esconde:
O corpo é caule, ou tronco mais robusto
Que estende ramos, e revestem folhas;
E, como se increpasse á especie humana
A independencia do materno jugo,
Co' a profunda raiz a terra abraça.
Se nas pedras, se n' agua o sêr recebe,
Á pedra, ao mar se colam as raizes;
E só violenta mão as move e arranca.
Ó privilegio! ó filha! Se este dote
Nos recusou em parte a Natureza,
Não foi de todo, não: sinto a tua alma
Com profunda raiz pegada á minha.

Filha da planta, flor! Tu, que preparas
Com perfumes e gala o nascimento
Do fructo vagaroso que promettes,
Vem de aromas tambem encher meus versos

É de Apollo o calor quem abre as plantas; (6)
È de Apollo o calor quem cria imagens:
Saiam da mente quaes da terra as flores.

Nymphas! contai-nos os caprichos dellas;
E compondo grinaldas, ramalhetes,
Herborisando com trabalho assiduo,
Vereis umas no caule solitarias,
Outras, mais ternas, em familia unidas. (7)
Lize! Filena! (*) assim vivamos sempre!
Assim, doce Henriqueta, o Ceo nos ate
Com as mais que o cruel Fado transplanta!

Cachos, espigas, escamosas flores,
Tudo indica nas plantas sentimento; (8)
Tudo acorda as idéas da ternura,
E o systema geral da Natureza.

Quando os homens sonharam que de Flora
Era Zephyro esposo, certo tinham
Estudado a Verdade. O vento havia
Das antheras das folhas sacudido (9)
Esse pó fecundante que as renova:
Amoroso pistillo o guardou logo, (10)
Para dar vida ao germe em si recluso.
Já tinham visto, sim, que este systema
Que os sêres reproduz, regia as plantas:
Que na Classe primeira um só consorte, (11)
Uma esposa sómente, a flor completa;
Bem que esta classe duas ordens tenha,
E que a segunda off'reça até nas plantas

(*) Leonor, e Frederica.

Desculpa aos homens que do amor abusam,
E a virtude á desculpa sacrificam.

Dez Classes mais succedem á primeira,
Cujos nomes consagra a lingua grega,
E o teu ouvido harmonico desdenha.

O gosto é simples, filha: não precisas
A sciencia dourar com phrases crespas.
Comtudo, se teus olhos distinguirem
As diversas feições que teem as plantas,
Destas feições os nomes saber queiras,
Indaga; e verás logo que se omitto
O proprio nome, é porque as Musas vedam
Aquellas expressões que desafinam;
E das flores não colhem, como a abelha,
Mais que a substancia com que o mel fabricam;
Ou sobre os ramos dos arbustos d'Hybla, (12)
Ou sobre os labios de um supremo Vate.

Mas que magica força os pés me prende?
Que estranho objecto os passos meus embarga,
Vedando a porta á biforme Diandria? (13)
A Circéa, essa planta pegadiça (14)
Que importuna me segue, quando altivo
Me acena ao longe o lindo Jasmineiro.
Vês como trepa, e veste essa latada?
Vês a candida flor, que exhala aromas?...

Mas que sombrio objecto acolá vejo
Em funebre basalto levantado?
Que verdejante circulo prescreve
Limite aos passos dos mortaes profanos?...

É de Virgilio o tumulo, que cercam
De funerea Verbena as verdes folhas. (15)
Este pó, que animava um vasto ingenho,
Dorme nos lares patrios devastados.
Parthenope chorosa o mar assusta,
Reclamando os Penates que lhe roubam.
A Nympha do Sebeto os Ceos atroa;
Do Pausilippo as rochas estremecem:
E não responde o Vate?... Sim, responde.
Já no templo Maronio acorda aos gritos
A sombra de Virgilio angustiada:
As cinzas soltas turbilhão revolve;
E o grande Vate, em lugubre epicedio
Se prepara a chorar nefandos casos. (*)
Italia, Italia! afflicto outra vez brada:
Mas que Italia?... Do aspecto envergonhado
No tumulo de novo se recolhe.
Heroes, Poetas, tudo em pó se torna.

Fugio-me o sonho, e volto afflicta ao campo.
A verbena, o jasmim alli verdejam:
Nelles estuda as regras desta Classe.
Com dois estames só, um só pistillo,
Te guie a reflexão; te indique a norma
Para bem distinguir as outras classes.

Na terceira, que buscas, e descobres,
O Lyrio ostenta púdica belleza.
Não sei se a Natureza quiz que fosse
Este numero *tres* symbolo, imagem
De profundos mysterios que adoramos:

(*) Allusão á guerra de Italia.

Ou se quiz da candura e da innocencia
Crear modelo nesta flor mimosa.

Tu, como o lyrio, tu, entre essas plantas
Que de mim confiou a Natureza,
Tambem foste a terceira; tambem podes
Disputar co' esta flor nos attributos.

Da quarta Classe o exemplo não é digno
Do alto pensar que teus principios movem.
Acharás na Cuscuta o parasita, (16)
Sem proprio lar, sem propria independencia,
Mendigando alimento, encosto, abrigo,
E vegetando á custa de outras plantas.
Verás que medra o monstro, e que perece
A bemfeitora planta a que se encosta.
Prospera assim Calippo, assim co' a morte (17)
De um heroe indulgente o crime esconde,
E alem da ingratidão muitos intenta.

A Madre-silva, que em festões fragrantes
Na quinta Classe encanta meus sentidos,
As Heras vencer quer com seus perfumes;
Mas as Musas, que insulta, lh'o prohibem.
O cego Vate que cantou de Achilles (18)
As façanhas e a colera indomavel:
O cego Vate que pintou do Inferno (19)
O podêr e as cabalas tenebrosas
Que fecharam do Ceo as portas d'ouro
Á raça ingrata que de Adão descende;
Com seus alumnos d'hera se c'roaram.
A Madre-silva cede; mas viçosa
Estende os ramos, porticos enfeita;

Berços em Gnido ás Graças embalsema:
Quantas com ella os prados formosêam!...
Diversa forma e côr, diverso aspecto
Presentam muitas que esta classe enfeitam.

Mas a Previnca humilde, que me excita
N'alma um sentir profundo, as outras vence:
Flor ou signal que Amor tinha escolhido
Para affastar Rousseau d'erros e penas.

Se Newton, quando cae na terra um pommo
Descobre as leis que regem o Universo;
Não é milagre, não, que uma flor possa
Dictar a um Genio as leis geraes das plantas.
Lê, medita estas leis encantádoras: (*)
Unico escripto digno de teus olhos
Do perigoso auctor de outros escriptos.

Mas vejamos da Hexandria o labyrintho,
Que variando as ordens cinco vezes
Chama nossa attenção a sitios varios;
E em fim recorda factos que eternisam
Dos Deoses e mortaes penas e gostos.

Vês na lagoa pardas espadanas,
Juncos verdes que o vento affouto abala:
Quem dirá que uma Nympha temerosa
Em premio do pudor o junco esconde?
Fugi, Nymphas, assim; que este milagre
Inda é possivel: Numes insolentes
Não vencem forças; a modestia vence-os.

(*) Alludo ás Cartas elementares sobre a Botanica, obra posthuma de J. J. Rousseau.

Quantas flores de aspecto differente
Espalha a Hexandria neste ameno valle!
A languida cabeça, inda dorida
Do golpe com que o Sol ferio Jacintho, (20)
Inclina a flor que o nome delle guarda;
E a côr sombria, que enternece a vista,
O disco ousado lh'a imprimio co' a morte.
O Deos da Luz, choroso, em torno espalha
Com profusão Angelicas suaves; (21)
A Scilla, que mil vezes vence a morte; (22)
A Tulipa suberba: e para adorno (23)
Das frentes virginaes, a Convalaria. (24)

Cresce o Narciso, e nos recorda a historia (25)
Desse louco egoista que ignorava
Quanto mais doce, mais feliz seria
Amar aos outros mais, e amar-se menos.

Não queria contar entre estas bellas
Da sexta Classe os alhos: bem sabemos
Que Horacio, confidente das Camenas,
Attribue ao seu succo pestilente
O podêr que só tem o infesto bafo
Do maldizente que os heroes apaga.
A camisa d'Alcides neste succo
Foi pelo infame Nessus ensopada: (26)
Co' este sumo compunham sortilegios
As Circes, as Canidias, as Medéas.
Mas, ou fosse calumnia dos Poetas,
Ou Flora irada corrigisse o filho,
Na Iberia o degradou; e lá florente
Anima o sangue dos Heroes d'Hespanha; (27)
Do illustre Palafox accende o genio;

O braço audaz de Mina fortifica;
E em cada peito Lusitano accende
O amor da gloria e da vingança heroica.

Porêm, onde me levas, phantasia!
Deixa os trovões de Marte, e volta aos prados.

Quando o cançasso e o sol abate os membros,
Quanto é suave a Heptandria, que apresenta
Esse emigrado d'Asia que não falla
Como os d'Europa, e que não vive em lutas!
Mas com ramos extensos, largas folhas
É das alléas magestoso adorno;
Acolhe, abriga quem lhe deo cultura!

No mez d'Abril as flores purpurinas
Pendem em cachos do alto castanheiro: (28)
D'Indica forma o fructo oblongo off'recem
Que o gado nutre, e em modos mil diversos
Economia acolhe, artes empregam.
Util ao nauta, proprio da Esculptura,
Vê-se em Heroe, em Numen transformado:
E na sala elegante de Celina
Ao descanço convida, sustentando,
Com torneados pés, airosos braços,
Elastico colxão, que sofá chamam.
Presta-se a tudo; moveis differentes
Neste sitio ditoso altivo ostenta.

Mas onde mora o Luxo de que serve
Apascentar mais tempo a phantasia?...
Aos mattos nos convida a bella Octandria: (29)
As Urzes, e mil outras flores bravas

Perfumam o ar, e alimentando a caça,
Tentando o paladar cruento, excitam
Estragos que a paixão mal justifica.

Cada charneca é nova Calidonia.
No valle a trompa soa: os cães latindo
Partem á voz dos novos Meleagros. (30)
As mattas batem, desflorando as flores,
E embalsamando com seu cheiro a morte.
Tropeça a lebre; o javali correndo
Se acolhe em vão na balsa: a bala voa,
E attinge a fera, que em manjar se troca.

O vento rijo que precede a noite
Avisa o Caçador que a cêa o chama.
O Couteiro assobia: os cães, submissos,
Pelas colleiras voltam subjugados:
Em tiracol a trompa emmudecida
Pende dos hombros, como a caça pende.

Todos ao lar caminham, todos correm.
Dos cavallos o estrepito annuncia
Que se a terna consorte em casa espera,
A batalha findou. Frigido Jove
Fez que partisse o descuidado esposo.
Mas se este esposo é Rei, succede á caça
O concerto, o festim, a lauta mesa,
Que o tempo furtam ás virtudes regias.

Os alamos, os choupos que sombrêam
De Schombrun as alléas sumptuosas, (31)
Foram porêm ditosos confidentes
De actos que os Deoses invejar podiam.

Alli uma Imperante, uma Heroina
Vinha estudar as leis da Magestade;
E recordar que os homens quando reinam
Primeiro sobre si reinar deviam.
Eram-lhe inuteis guardas, sentinellas;
Mas o simples decoro as exigia.
Uma vê, que em distancia, neste sitio,
C'o devêr e cançasso combatendo,
Vencida pelo somno, cede, e larga
Das enervadas mãos a carabina;
A um tronco encosta o corpo vacillante,
E ao somno entrega os descuidados membros.
Thereza a vê, e as leis n'um ponto avista:
Percebe a guarda, que já vem rendê-la,
E o castigo fatal que a disciplina
A tal descuido ha de inflingir co' a morte.
Em seu peito a piedade as leis annulla,
Bem que lute a justiça co' a piedade.
Quer acordá-lo: mas, correr não póde...
Azas nos pés a compaixão lhe cria...
Doze lustros os passos lhe atropellam...
Chega arquejando, em fim; e antes que chegue
A fatal guarda, atira com violencia
Quanto tinha na mão á sentinella.
Um maço de papeis lhe bate; e acorda:
«Soldado! (diz então) dá-me esse maço
Que da mão me escapou...» A guarda chega,
Tarde para o castigo, mas a tempo
De observar o vassallo resgatado,
Cujo aos pés desta augusta Bemfeitora
Depunha grato o coração e o maço.

Em quanto os Anjos, do alto das espheras,

Alma tão grande attonitos admiram,
E ás moradas celestes a convidam,
« *Eu vou*, diz ella, *eu vou* (*) » e os ares rompe.
A terra em lucto aos Ceos em vão reclama
O espirito sublime que recolhem.

As lagrimas enxuga, Musa afflicta:
Volta aos prados de novo, observa as plantas.

Que tropel aromatico de flores
Nesta Classe me cerca! Que altos troncos!
Que sonhos! que mysterios me rodêam!

Oh dias juvenis, como fugistes!...
Ao menos a lembrança por vós chame:
Voltai, memorias! se fugistes, horas!
Horas em que eu, sem susto do futuro,
Nos bosques d'Almeirim colhia as flores. (32)
Pelos magicos dons, que a Poesia
Me fez (qual Fada meiga) desde a infancia,
Poeticas visões me transformavam
Em Nymphas, em Deidades quaesquer plantas.
Era o lentisco Daphne: a sempre-noiva,
A dama desditosa, a nympha triste
Que nos mattos accusa o falso amante,
Ou commette no Epiro o salto extremo.

No bosque, se entro, o plátano, o carvalho
Com solemne terror me impõe respeito.
A Grecia, digo, Roma veneranda
Culto vos deram: culto se vos deve,

(*) Ultimas palavras que pronunciou a Imperatriz Maria Thereza quando expirou.

Se ao Pae dos Deoses tocam os carvalhos
Que oraculos tremendos proferiram.
Florestas de Dodonia! vós, que ouvistes (33)
As sentenças ambiguas desses troncos,
Justificai os Ceos, e revelai-me
Como um Carvalho foi na Lysia horrivel,
E apagou da Virtude o santo lume!
Contai como os Molossos timoratos (34)
Dos prestigios fataes estremeciam...
Ah! nunca os homens, da razão contentes,
Lhes bastou esta; os erros preferiram;
Treme-lhe a mão, se o véo que os cobre rasgam.

Assim vou co' a illusão, como os mais foram,
Por fabulas trocando a Natureza,
Que amacia a ficção dura verdade.

Se illusões tem desculpa, é quando a Sorte
Envenena o que é certo, e que concede
Um talisman, um magico thesouro
Ao afflicto mortal, na phantasia.

Junco florído, púdico loureiro,
Vem enramar-me a lyra: vem guiar-me,
Tu, Mnemosine, ás praias desse rio (35)
Que honrou de Daphne a púdica fugida. (36)
Da nona Classe assim adorna os fastos
Com prodigios de amor e de reserva.

O destro Apollo, que era a luz da vida,
Que inspirava os Augures e os Poetas;
Que era o pae dos Artistas e Cantores:
Filho de Jove, e que nascido apenas

Armou Vulcano d'invenciveis frechas:
Loiro, gentil, manhoso, mal cuidava
Que inflammado de Amor fosse vencido.
Daphne amou; porêm tantos resplendores
Não puderam ganhar a altiva nympha.
«Não cuides (diz irada) que Diana
É mais pura que Daphne: se te prezas
De ser auctor do Caduceo; se cantas;
Se em Delphos, em Colophon, teus altares
Com perfumes e dons os mortaes cercam:
Não cuides que esses altos privilegios
Desculpem Dapne de ceder-te, ó Numen!
Os Deoses todos, resistindo, invoco!...
Ceos! fazei que esta forma delicada
Em rocha, em tronco as Divindades troquem!»
Nisto, de folhas toda se reveste,
O corpo em tronco rude se transforma;
Dos torneados braços brotam ramos;
Na terra os alvos pés lançam raizes.
Nem todos vence Amor; nem Deoses sempre
Seduzem Nymphas, quando são modestas.

Apollo geme: mas convem que o louro
É do triumpho imagem; que só delle
É que devem c'roar-se os Vencedores.
Gloria immortal, que vale mais que a vida,
E que em vão destruir pertende a morte.

Quanto é mesquinha a Fabula, se a mente
Sobre as azas da luz sobe á Verdade!
Se fita o Sol que anima os sêres todos!...
É templo deste Sol todo o Universo:
São seus ministros Astros, Elementos;

Os Genios raros são seus sacerdotes.
Decandria! Quem me dera que a Verdade (37)
Me ensinasse a pintar-te qual te ostentas,
Opulenta entre as plantas das mais Classes.

Linneo desta cohorte é Polemarcha; (38)
Da castrametação conhece as regras:
E qual no campo o General colloca
Seus soldados; as ordens, as especies
Sem confusão Linneo fixou das plantas.
Um raio dessa Luz que tudo aclara
Lhe revelou benigno estes arcanos.

O Ceo, que cede á voz omnipotente,
Abre-se, e sólta sobre nuvens d'ouro
Um Genio alado que atravessa os ares.
Sette listas de cores mui diversas
Ornam a estrada etherea onde caminha;
Cujos extremos, um no Ceo se prende,
Outro, fixo, na terra se termina.
Alli brotaram flores, alli berço
De arbustos verdes recatava o Sabio
Do ardor do sol, nas horas do descanço.
Alli na forma de um ligeiro sonho
O botanico Genio lhe apparece.

Qual pintou Moscho Amor afogueado, (39)
Todo graça e malicia, provocando
Desejos vivos, sustos namorados,
Não pinto o Genio que a Linneo fallava.

Era sublime, magestoso, e puro:
O seu rosto sereno scintillava

Como scintilla Hespero (*), quando a Aurora
Tinge apenas de rosas o horizonte.
Das roupas a materia diamantina
Ao capricho dos ares fluctuava,
Como as ondas fluctuam na ardentia.
As grinaldas de flores matutinas
O airoso cinto ethereo suspendiam.
Cingia-lhe a cabeça elmo brilhante,
De celestes saphyras fabricado:
Altas plumas suberbas sombreavam
A frente altiva onde a razão luzia.
Toda a forma divina dimanava
Um puro gaz qu' inspiração se chama,
E que a alma attenta docilmente aspira.
Neste electrico banho se mergulha
Linneo absorto; neste mar se abysma.
« Enviado por esse Podêr grande,
Que olha e dissipa n'um instante Imperios,
Que desvanece Seculos e Gentes,
E reveste com pompa a Natureza,
Venho, ó Linneo, guiar-te: escuta, admira.
(O Genio diz) O Sêr que os Sêres rege
Seus thesouros te envia; abre estes cofres:
Verás a variedade das especies,
A riqueza da Classe, e seus primores. »

Um véo, que argentea gaza mal imita,
O Genio corre; e da Decandria a pompa,
A riqueza a seus olhos manifesta.
Da Syria, do Levante, das mais terras
Que o Sol doura em nascendo, e quando morre,

(*) A estrella d'alva.

Brotam plantas, arbustos, brotam flores.
De uma pétala só se vestem quantas
Rompendo vem na frente da fileira:
Muitas pétalas vestem as que seguem:
Sem esse adorno, menos seductoras
Outras figuram, bem como figura
O despido Escossez entre a mais tropa
De uniforme luzente revestida.

A phalange dos Cravos numerosa
Disputa na elegancia co' as mais flores;
Tem virtudes que oppoem á mesma morte,
Belleza com que eclipsa as mesmas rosas.

Entre generos tantos, tanta especie,
Mythologica Andromeda apparece; (40)
E c'o lyrio dos valles competindo
A globulosa e candida corolla,
Que entre as folhas alternas vai nascendo,
Languidos cachos brandamente inclina.
O Dictamo, a Saxifraga inquieta,
Os Medronhos, a Ruta bem quizeram
Ter lugar neste Canto; mas o verso
Não usurpa a Linneo o privilegio
De aclarar da Botanica os arcanos.
Elle em seus livros d'ouro que revele
Quanto aprendeo do Ceo, e o Genio ensina.

A meiga Noite as sombras derramava
Já sobre o campo; o Sol se recolhia:
Mas Linneo, inda extatico, sonhando,
Conferia c'o Genio sobre as flores.
O Resedá com seu perfume o acorda;

Foge-lhe o sonho; e aponta a Dodecandria, (41)
E com seu dobre calix a Agrimonia. (42)

A saude renasce; co' esta planta
Esculapio assustou, astuto, as Parcas;
E das mirradas mãos inexoraveis
Mil presas moribundas lhe' arrancava.

Nympha celeste! Hygina! eis o teu sceptro (43)
A vida co' estas folhas nos resgata;
E verás os mortaes de aromas puros
Embalsamar mil vezes teus altares.
Verás, qual nasce no pomposo Maio
Sobre arbusto espinhoso a fresca rosa,
Convalescer o moribundo enfermo,
E abrir alegre as portas da existencia.

Ó tu, Convalescença! tu quebraste
A fouce á Morte, refreando ao Tempo
O despenhado passo que levava:
Com elastica força do sepulchro
Tornaste á vida a languida Filena.
Boninas! rodeai tão caro objecto...

ARGUMENTO DO III. CANTO.

DESALENTO — Um Genio amigo das Musas me determina a continuar a exploração das plantas — Especies, generos — O que serão as familias das plantas no futuro — Systema de Jussieu — Hypicaris — A Rosa, a Icosandria — Inversão das ordens, e por que motivo — Enxertos, liquores, conservas, doces — A Polyandria — Os Cistos, e sua origem poetica — Allusão aos homens grandes de Portugal — As Papoulas — O uso do opio — A Didynamia — A Manjerona e o Alecrim — Apostrophe á Patria — As Plantas labiadas — As mascarinas — Os Solanos — Comparação — O Acantho — A Tetradynamia, as cruciferas, as plantas hortenses — Goivos — O Thlaspi — As Brassicas — O Sisymbro — Descanço.

CANTO III.

A JULIANA.

Em vão na terra o Sol ouro derrete
Na risonha manhã; em vão enrola
A Noite escura as sombras, e me chamam
Para cantar de Flora as filhas bellas.
Casos, que excedem quanto Homero conta
Do soffredor Ulysses, de meus olhos
Exigem pranto em rios, pranto em mares.

O Apollineo favor já vai cançando;
As Pierides mudas, se as invoco
Nas grutas da Thessalia se recolhem.
Cançado o peito, a voz enrouquecida
Numeros incompletos articula.

Neste estado arrojei a lyra á terra,
Quebrei a avena; sem conforto, a vida
Quiz entregar de todo ao desalento.
Mas um Genio (*), talvez das Musas socio,

(*) Mylord Glenbervie.

Precedido de Phebo e seus luzeiros,
Com suaves razões alento novo
Infundio em meu peito. Aos versos torno.

Dôr, que não cabes n'alma! aos Ceos te lança,
Abranda os Fados, curva seus decretos,
Para que os dons de Apollo não pereçam;
E que esta tocha que me accende a mente
Me vá mostrando as classes, as especies
Que a cantar comecei, e cantar quero.

A especie é certa serie inalteravel
Que a geração seguida perpetúa.
Se a mesma forma a planta guarda, quando
Se reproduz, serão da mesma especie
Quantas assim com ella se assemelham.
Este caracter 'stá na Natureza;
Mas as mais divisões são fructos d'arte:
São methodos diversos que á memoria
Entregam ordens, generos, systemas. (1)

Destas especies grupos compuzeram
Os Botanicos habeis, decorando-as
Com o nome de generos: quizeram
(Mesmo Linneo) na Natureza achá-los. (2)
Mas tempo e observação as leis aclara,
E co' a verdade a conjectura cessa.
Taes no futuro as ordens das familias
Hão de os progressos alterar; juntando
Outras que o genio observador descobre.

Não venha temeraria mão tocar-lhes:
Minerva mesma as divisões dirija;

Quando não, tenebroso cahos fica
A tão suave exploração das plantas.

Não desprezo Jussieu; seu genio vasto (3)
Do sceptro de Linneo quebranta a força:
Mas assustam-me novas Dynastias,
Departamentos novos que supprimem
Das Provincias os nomes conhecidos;
E, sem nada augmentar, confundem tudo.

Observou bem Jussieu os caracteres
Essenciaes, constantes; vio aquelles,
Quasi uniformes; menos necessarios,
Finalmente nas plantas, vio quaes eram;
Ora constantes, ora variaveis,
E de diversos orgãos procedidos.

Estas tres divisões, simplices, bellas,
Teem resultados grandes; sejam regra
Embora dos Botanicos futuros:
Eu, recream-me velhas Monarchias,
E as classes de Linneo vou contemplando.

Doce Hypicaris! (*) Se onde o Fado acerbo
Te poz, longe de mim, chegam meus versos;
Se lá chegam tambem os meus suspiros;
Lê, medita, perdoa; que a innocencia
Um só modelo tem: esse que salva
A raça humana ingrata, e que a desculpa.
Volta os olhos celestes deste lado,
Repara nos jardins; no arbusto lindo

(*) Hoje Condessa de Stroganoff, na Corte da Russia.

De cujo verde berço surge a Rosa,
E com fragrancia e côr suave applaude
O Sol que dos Ceos manda a Primavera.

De um calix tubuloso vem nascendo
Este primor que na Icosandria reina; (4)
Contêm da adolescencia as graças todas:
Rica d'estames, rica de corolla,
Triumpha nos jardins das flores todas.
A Natureza, concordando co' a Arte,
Variou desta flor as formas bellas,
E augmentou pelo enxerto os seus primores.
N'uma roseira mesma seis diversas (5)
Filhas de Flora os ares embalsemam:
Simples, dobres, vermelhas, amarellas,
Carmesins, matizadas; co' a mistura
Das especies se cria a variedade.

Como tributo á Deosa da Belleza
A Grecia culta consagrava as Rosas:
A Poesia as pétalas lhe tinge
C'o puro sangue do gentil Adonis:
Seu grato aspecto em toda a parte inspira
Certo pensar que se refere ao culto.
Até mesmo no altar, no templo augusto
Dos Hebreos, o supremo Sacerdote
Uma c'roa de rosas lhe cingia
No sacrificio a veneranda frente.

Foram symbolo e premio da innocencia;
E a profana ambição quiz, por inveja,
Que servissem d'insignia a seus projectos.

Ah! Se as flores sentissem como eu sinto,
E essas lutas sanguineas recordassem,
Nas quaes foram signal da morte as rosas,
Murchariam de dôr: talvez murcharam.
Falta-lhe a graça, falta-lhe o perfume
Neste terreno, que inundava o sangue
Pela rosa vermelha ou pela branca. (6)

A sylvestre roseira, o cynorrhodon (7)
Mais simples, mas formosa, na charneca,
Na floresta e vallados tambem cresce.
Seus severos espinhos afugentam
Quem pertende tocar-lhe; menos bella
Que a rosa dos jardins, quasi que a vence
Em fructos de coral que o campo adornam.

Prodiga Flora, nas especies varias,
Umas com pompa levantou da terra,
Outras humildes, mas gentis, a enfeitam.

Pouco é ser bella: a rosa esqueceria,
Se depois de reinar sobre as latadas,
Murchando-se, cahisse desfolhada.
Mil propriedades juntas á belleza
Realçam nella a pompa de seu traje,
E os applausos que attrahe com seus efluvios.

Com seus dons renascer faz a saude;
A Medicina, as Artes lhe consagram (8)
Cultos por util, como os tem por bella.

Sede assim, Formosuras negligentes:
Uni virtude aos seductores gestos;
Ou temei a estação que as flores secca.

Vede com susto o Tempo enverrugado,
Que as tediosas horas vem trazendo
Para em fim castigar vossos descuidos,
E as graças abysmar no esquecimento.

Em coro as aves, festejando as flores,
De ramo em ramo, no pomar gorgêam.
Alli com media altura se levanta
A Cereijeira, cujo fructo lindo
São globos de rubim com que Lucullo (9)
Brindava as mesas nos festins d'Europa.
Do fragil ramo as lanceoladas folhas
Cêdo apontam, profusamente nascem
Immensas, alvas flores que revestem
As hasteas longas, promettendo os fructos.

Com quanta gala o mez de Maio adorna
A guapa Macieira! Alli disputa,
Co' a rosea flor em molhos, a elegancia
Do matiz purpurino ao Pecegueiro:
Crebros ramos estende, e as verdes folhas
Aveludadas, brandas, move o vento.

Se das ordens troquei affouta a serie,
E a Rosa me entranhou na Polygynia, (10)
Não foi erro: a belleza impera e guia
O coração, a voz, o pensamento.

Outras plantas começam da Icosandria
O apparato pomposo; e são taes plantas
Do Agricultor recreio, estudo e ganho;
São pelo enxerto origem de riqueza.
E, ou vegetem nas selvas sem cultura,

Ou nos pomares soffram força d'arte,
O Genio jardineiro as associa,
E especulando, mil proveitos tira.
Nos banquetes pyramides s'elevam;
Jaspeados cristaes conteem liquores;
Vinhos, conservas, saborosos doces
Transformam estes fructos, e contentam
Dos avidos Apicios o appetite. (11)

A Fragaria cheirosa, que procura, (12)
Bem que humilde, ganhar sempre terreno;
E vós, plantas gentis e saborosas,
Que um lugar mereceis nestes meus versos,
Prestai graça e sabor a meus escriptos.
Os habitos, a forma e caracteres
Da Icosandria e mais classes investigo.

Fixos no calix, crescem os estames, (13)
Das pétalas fieis sempre amparados;
São destas flores a feição distincta.
Na Polyandria numerosos nascem,
E sobre o réceptaculo repousam.
Formam cinco jardins, diversas ordens,
E em cada qual, com formas singulares,
O prado esmaltam as diversas flores.

Quantas vezes, meus olhos illudidos,
O Cisto julguei ser filho da Rosa!
Numerosas especies desta planta
Convidam o amador da Natureza
A contemplar seus dons e a aproveitá-los.

O lusitano Cisto nasce e morre,

Sem que lhe vedem florecer sem gloria.
Nenhuma indagação lhe acha virtudes,
Nada lhe pedem Medicina ou Artes.
As flores c'o sol crescem, vento as mata.
Quantas que o sol ajuda a sorte opprime,
E brutaes mãos arrancam sem piedade!
Vate divino! Tu, Camões, o digas.
Ergue, Pacheco heroico, a voz da tumba!
Ha de o futuro afflicto evocar outro,
E cobrir d'ignominia quem o mata.

Dos mais pomposos Cistos se revestem
Os vallados d'Hespanha, e nelles murcham.
Ah! se ao menos a magoa adivinhasse
O podêr soporifico que encerram,
Menos que o lucro a dôr aproveitára
A resina saudavel, que socega.

Fadado está que penas sem allivio,
Dôres sem fructo, e sem favor industria
Esperdicem da Iberia o chão fecundo.
Dos physicos productos ninguem cuida:
O valor só medrou; honra sómente
Desarreigar não soube o Despotismo,
Nem calumnias nem morte assustar podem.

Das Papoulas á frente, envolto em sombras
Vejo Morpheo, somnifera Deidade: (14)
Acamadas lhe prestam brando leito
Sobre o triclinio d'ebano em que dorme:
Ornam-lhe o sceptro, cingem-lhe a cabeça;
E o contacto do Nume é quem lh' infunde
Os dotes raros com que o mundo acalmam.

A Noite, cortejada das estrellas,
Desenrola o seu crepe á voz do Numen;
O Segredo é ministro de seus ritos,
E em seus altares placidos, mil vezes,
Os Genios d'Amathunta incensos queimam.

Quantos sectarios deste Deos na Persia (15)
Em vasos de cristal lagrimas guardam
Das papoulas que fere agudo ferro!
Quantos, sem pejo, a Baccho as costas voltam,
E d'opio a sêde fartam! que qual nectar
Os abysma em pacifico deleite!

As formosuras da Circassia adoçam
As faces d'assucena co' este pranto;
E para suspender a dôr pungente,
Qual Caduceo, se off'rece á Pharmacia.

Anemones, Rainunc'los, Achillegia,
Engrinaldai-me a avena; não me esqueçam
Tantas bellezas: Clemates profusos,
Que estes muros ornais; Tilia suberba,
Vós reclamais meu canto, ornando a Classe:
Crescei, ó plantas, prosperai nos prados.

Até 'gora os estames me guiaram: (16)
Agora a Didynamia e seus aromas
Pelo fructo e semente se distinguem.
Nova serie percebo; desnudadas
Quatro sementes germinando observo.
As valvulas que o tenro germe nutrem
Cobrem apenas dois curtos estames,
Sobre os quaes dois mais altos predominam,
E a labiada flor tem novo aspecto.

No segundo jardim (jardins parecem
As ordens em que as Classes se dividem)
As flores mascarinas parodiam (17)
A fauce aberta de um dragão ferino.
O grão mais delicado, ou mais exposto,
De um pericarpio a Natureza cobre.

Dos balsamicos dons com que perfuma
A Didynamia a terra, qual bonina,
Qual planta escolherei? A Calamintha?
A gentil Manjerona, que na Lysia
Em guerra c'o Alecrim foi celebrada
Por um Vate infeliz? Rivaes de gloria, (18)
Uma embalsema a camara de Lilia,
Ou se aggrega ao florido ramalhete
Que o peito lhe orna, ou lhe decora a frente:
Outro allega as honrosas c'roas que antes
Os antigos compunham de seus ramos;
Essa especie de culto que lhe davam
Nas faustas e funereas incidencias;
Esse credito e fé com que o guardavam
Para reverdecer alem da morte.
Hespanha! Portugal! Sitios honrosos,
Seu berço foram; e hoje, que é regado
Com sangue dos heroes, cresce, prospera,
E affouto desafia as outras plantas.

Oh Patria minha, d'illusões coberta!
Teu nome viverá; isso me basta,
Quando mesmo a calumnia outros apague.
Almas que excedem o ambito da terra
Não temem do Ostracismo a fatal concha.
Tempo revoga iniquas leis ás vezes;

E Salamina ou Márathon declaram
Se é justa a proscripção dos Aristides.
Se esta mesma esperança a morte veda,
De lá de donde um Deos julga a innocencia,
Lá, com premio sem fim, Alorna absorto
Verá que as palmas Lusitanas brotam
Desse grão que espalhou, e outros recolhem...

Que tyrannica força me desvia
Do bem que só me resta — flores, prados?...

As labiadas são familia illustre (19)
Que a Natureza distinguio vaidosa.
Pela forma do calix, pelas bracteas, (20)
Pela corolla as reconhece a eschola.
Destas plantas cheirosas as virtudes
Combatem a tristeza, a dôr, e a morte:
A cerulea Melissa, a Salva, e quantas
São do afflicto mortal conforto, allivio:
Se teem comparação co' a humana especie,
Os modelos, ó Lidney! tu resguardas. (21)

As Mascarinas, menos favoraveis,
Ás vezes uteis são, e são nocivas:
Fazem bem por acaso, como aquelles
Que sem pura intenção os dons espalham.
Não comparo estas plantas, bem que possa.

Entre estas plantas ha, como entre os homens,
Fataes Solanos; flores suspeitosas, (22)
Cuja malicia occulta se disfarça
Co' as folhas, flor, e graça de outras plantas.
A Jusquiama venenosa imita

A candida sinoula, e da chicorea
Finge a folha saudavel, porêm mata.
O Stramonio envenena, infesta os ares;
Narcoticos effluvios delle, espalham
O estupor, o delirio, e a vida encurtam:
É da malicia humana triste imagem.

Estas plantas ingratas lembram esses
Em cujo feroz peito ambição cria
De ruina e vingança planos vastos.

Qual herva desprezivel, vegetava
Assim Timeo, que as Furias educaram;
E se mostrou Cometa furibundo
Quando deste hemispherio desditoso
Certos Astros benignos se occultaram.
Os damnos que preságia então vomita;
C'o infesto bafo os Astros mesmo apaga:
Co' a tocha das Eumenides accende
A guerra, a sedição, e a morte espalha.
Como o louco Diómedes raivoso, (23)
No Phrygio campo os Numens insultando,
Co' a lança audaz attinge a Deosa bella,
E de celeste sangue quer fartar-se...

Venham as artes suavisar horrores:
Surjam columnas, templos, monumentos,
Que eternisem do Acantho a folha linda,
E a Classe, que esta planta adorna, exaltem.
A bimaria Corintho se glorie (24)
Dos capiteis suberbos que a retratam;
Dos auriferos vasos que a Esculptura
Recommendou aos seculos futuros.

Descance o pensamento neste objecto,
Té que aponte de novo a madrugada,
E frescas as idéas como as flores
Nas hortas achem novo assumpto e premio.

O rustico hortelão, apenas doura
Os frisos do Oriente o Sol nascendo,
O terreno fecundo temperando,
Em canteiros diversos o reparte;
O berço das cruciferas prepara, (25)
E da Tetradynamia o templo erige. (26)

Quatro estames mais altos é que fundam
Desta Classe o caracter; dois mais curtos,
E com elles da Hexandria se distingue: (27)
Um pericarpio o grão fragil protege,
E a silicula guarda seus thesouros.
N'outro a silica os fructos accumula
Que preparou fecunda a Natureza
Para pasto e soccorro de outros sêres.

Mal póde a Musa celebrar herbaceas
Que em manjar modifica habil artista:
Os seus nomes communs do verso expulsam
Essas que o paladar com gosto applaude.
Porêm muitos, que presam tanto a gula,
Com libações á mesa, como em templo,
Honrarão da hortaliça os dotes raros;
Em quanto só de Goivos tecer quero
Uma grinalda, que te off'reço, ó Flora.

Não desfigura o Thlaspi a poesia; (28)
As Brassicas gentis são dignas della: (29)

Util Sisymbro! tu, que o lustre augmentas (30)
Das perolas que enfeitam roseas boccas,
Prospera junto ás margens do ribeiro.

Porêm o Sol mergulha os raios n'agua;
A Noite desce; é tempo de descanço:
Este suspenda a exploração das flores,
E dê tregoas tambem a meus cuidados.

ARGUMENTO DO IV. CANTO.

TRISTEZA — Consolação — A Monadelphia — O Geranio — Episodio de Viriato e Arminia — A Diadelphia, e as Borboletas — A Polyadelphia — O Cacoeiro — Allusão ao Jardim das Hesperides — As Larangeiras de Portugal — Apostrophe á Saudade, relativa a Cintra — Allusão a D. João de Castro — Desafogo.

CANTO IV.

A memoria de mim trago perdida;
Muitas vezes me busco, não me vejo;
Minha alma de mim mesmo anda esquecida.

Ferreira.

Logo que a Aurora aponta no Oriente,
E tinge o mar co' as matutinas rosas,
O Somno, que meus olhos mal surpr'ende,
Qual timida andorinha bate as azas,
Foge, e me deixa entregue a meus cuidados.
Da tristeza o podêr me opprime e abafa;
Colloca-me nas trevas como os mortos...
Dos dias, que me fogem como sombras,
Sinto o peso sómente, a luz me falta.

Ó Deos! cujo trovão atroa os ares;
Cujo throno está fixo alem dos Astros:
Supremo, unico Deos illimitado!
Desta humilde mortal os passos guia:
Neutralisa os pezares que me cercam
C'o ardor de investigar a Natureza.

Té 'gora independentes os estames
Em uma flor as Classes demonstravam:

Agora poz por lei a Natureza
Que unidos n'um só corpo a flor propaguem.
A bella Monadelphia assim se mostra. (1)

Eis naquelles vallados uma althéa (2)
Que os enigmas explica desta Classe.
Um calix imbricado e permanente;
As petalas são cinco, e cordiformes;
No fundo os filamentos juntos nascem,
E gradualmente encurtam os que distam
Dos que no centro soltos se levantam.
No meio o receptaculo s' eleva;
No tope deste os germes o circulam,
Que em capsulas, e outras tantas casas
Quantos pistilos tem a flor, se tornam.
Nellas moram reconditos os fructos
Que arilha cautelosa cobre e guarda. (3)

O numero d'estames já não serve
Para guiar na distincção das Classes;
Mas sirva nesta a distinguir as ordens. (4)
São cinco; e pelo calix julgaremos
Dos generos, se estão na Natureza.
Para observar especies numerosas
Instincto e olhos com Linneo competem.

Ao valido de Flora que verdeja,
Ao Geranio festeje o campo e a Musa; (5)
Bem que funesto agouro em Lysia fosse,
E a lembrança derrame horror e morte.
Vinde, aquecei-me a lyra, irmãs de Apollo!
Direi com dor o caso memorando
Que as penhas moverá, quando sem pranto
O pudessem ouvir duros humanos.

Viriato, esse heroe, que foi dos Lusos (6)
Modelo, pasmo, dor, bem como gloria,
Podia vencer Roma, e não podia
Em sua alma vencer de amor o incendio.
Ouvio Arminia; vê-la não bastava:
E nas cadêas aureas de seus labios,
No fogo de seu genio e pensamentos,
Que a um gesto meigo e candido se uniam,
Com amor invencivel ficou preso:
Não, como o Deos da Guerra, em torpe laço
Que o Sol accusa, e que fez rir os Deoses;
Mas qual do mesmo Sol o puro lume:
Sua alma heroica e mão a Arminia off'rece.
Arminia, ao ver de Amor luzir a chamma,
Estremece... não sabe que responda,
E de roseo pudor a face cobre.
Mas em fim, com modestia assim lhe falla:

« Amor não tem lugar onde os desastres
Continuo pranto pela patria exigem:
Meus suspiros em vão Amor me pede;
Todos absorve a colera que inspira
Ao peito lusitano a feroz Roma.
Inda fumega o sangue nesses sitios
Onde o perfido Galba a fé rompia
Que elle mesmo offertava aos Lusitanos.
Quaes flores que segou ferina fouce,
Jazem sem vida moços e donzellas;
Seu sangue tinge e murcha a fresca relva.
Se não cahi na lutta, jurei nella
Odio immortal, com Viriato, a Roma...
Minha fé te prometto, essa te baste.
Quando os Deoses propicios ordenarem

Que o teu valor derrote a seva Roma,
Ao mundo mostrarei, alegre e altiva,
Que era d'Arminia Viriato digno.»

Não disse mais a Lusitana illustre
Que foi do Tejo antigo gloria e magoa.
Mas depois, invocando os Deoses, sólta
Com devoto fervor estas palavras:

«Se Apimano já foi trovão na guerra, (7)
E em lucto Roma proclamou seus feitos:
Se Canthero offuscou de Roma a gloria, (8)
E seu valor punio a audacia della;
Vós, Deoses, protegei a Lusitania,
Pois ornais de justiça o throno ethereo,
E um de vós cá mandais em forma humana!...
O feroz Unimano em vão cobria
Com seu vasto broquel os rudes membros,
Que affouta espedaçou a Lusa espada.
Qual raivoso leão Negidio tenta
Vingar-lhe a morte; Viriato o veda.
Já deste Heroe as armas já scintillam:
De aço puro se cobre, e fulminante,
Qual Theutas, quando irado determina (9)
Aos culpados humanos dar castigo,
Contra Roma suberba outra vez torna.
Uma tão nobre audacia animai, Deoses!
E será desta, Arminia recompensa.»

Viriato emmudece; convencido
Que Arminia, gloria, amor se alcançam juntos:
E para o campo marcio parte e corre.

Arminia só, que faz? geme saudosa?
Ah! não: que amor heroico é mudo e firme.
De silencio e constancia os dias enche:
Só junto ás antas sacras, aos altares
Que de uma simples pedra o Luso erige,
Com lagrimas e votos purifica
A decente paixão que arde em seu peito.

Um geranio plantou, sagrado aos Numes,
A fim de que propicios declarassem
Os destinos da patria vacillantes,
E os desse heroe de quem seu fado pende.
Doce superstição! de Amor prestigio...

Com libações, com supplicas sinceras
Arminia pede á rama que prospere;
Ás Dryades que a guardem, e promettam
Com presagio agradavel os triumphos
Que os myrtos hão de unir ao louro heroico.

O geranio cresceo; outros brotaram:
Seu fecundante pó n'outros pistilos
Foi existencia dar a flores novas,
E povoar d'especies variadas
O jardim onde Arminia residia.

Sobre um berço dourado esta ramagem
Florescente se encosta, e se propaga;
Este berço n'um templo se converte,
Onde nas tardes do calmoso Estio
Um coro virginal de Nymphas bellas
Cantava os hymnos com que o Ceo se abranda.
De harpas sonoras destras mãos tiravam

Harmonias que as aves suspendiam:
Com ellas, o crepusc'lo envergonhava
A matutina luz que rompe o dia.

A planta em tanto Arminia explora attenta;
Conta os ramos que nascem, conta as flores;
Do perfume que exhalam se embalsema;
E em vasos de cristal recolhe a lympha
Que de uma fonte proxima dimana:
Ella só cuidadosa é quem refresca
Da prophetica planta a calma estiva.

Então no campo altivo Viriato,
Banhado do hostil sangue dos Romanos,
Triumpha; freme o ar, os clarins soam...
Victoria! grita a Lusitana gente:
Ao pae da patria, a Viriato gloria!
As Romanas cohortes, como fumo,
Já nos ares dissipa rijo vento,
E a lusa atmosphera deixam limpa.
O nosso heroe intrepido escarnece
Da consular jactancia do Romano,
Que uma paz vergonhosa pede e acceita.

A Lusitania exulta! Arminia... Arminia...
Do geranio florido doce agouro
Mil mentirosos sonhos lhe promette.
Na suave illusão estreita o laço
Que ao maior dos Heroes une seu fado.
Já de grinaldas orna as sacras antas;
As flores e tropheos na terra esparze.

Mas oh susto! oh terror!... Os Ceos nublados

Sobre o geranio enviam densa nevoa:
As flores morrem; toda a folha encrespa,
Pela saraiva espessa maltrattada.
Agouro inutil! Viriato nobre
Dos Deoses nem dos homens desconfia:
A sensivel Arminia é só quem teme...

Deoses! por que razão almas vulgares,
Desconfiando, escapam dos perigos,
Quando victimas são da confiança
Os que a Virtude franca anima e guia?...

Tratta-se a paz: os tres Embaixadores
Que ao campo dos Romanos se encaminham,
Falsos amigos, emulos ingratos,
Tramam com Scipio do seu Chefe a morte: (10)
E lá vence a Romana perfidía
Quem não poude vencer Romana espada.

Do campo voltam com fingida magoa,
Não alcançando as condições propostas.
Viriato os consola, os tranquillisa;
Em penhor d'amizade os tres abraça,
E futuros triumphos lhes promette.
Vão-se... que as sombras um signal sinistro
Dão já do crime horrivel que preparam.

A noite desce negra e taciturna;
No campo impera lugubre silencio:
O somno quasi vence as sentinellas;
E na tenda do heroe apenas se ouve
Tranquillo resonar o pae da patria.
A traição só vigia... Aulaces entra:

Mais que as Furias do Averno temerarios,
Seus complices o seguem... e atrevidos,
Ás punhaladas Viriato matam.

A patria geme, os Deoses accusando...
Bem como quando nos cavados mares
Uma borrasca as ondas encapella,
E que os salgados montes d'agua lança
Contra nuvens funestas, ou que mostra
Com estrondoso horror no mar aberto
As terrificas grutas de Neptuno;
O povo accumulado a tenda cerca,
O povo assim choroso o ar atroa,
Pede vingança aos Ceos... os Ceos não ouvem.

Cobre de lucto Amor o Gnideo templo:
Arminia... Arminia, que mil vezes morre
Sem cessar de durar, as Furias pasma
Co' a dor que excede quanto inferno abrange.
Tudo é morte em seu peito, é tudo lucto...
Só vive a raiva contra Roma... origem
Das traições que extinguiram Viriato.
E em quanto della as Parcas se descuidam,
Dos perfidos humanos se desvia,
Qual ave que se esconde entre ruinas,
Qual Niobe, que a dor desfaz em pranto. (11)

Fatal Geranio! monumento infausto
Do caso acerbo! Clio lacrimosa (12)
Aos subsequentes seculos o diga...

Silencio, magoas! Natureza indica
Menos rude vereda ao pensamento.

De gentis borboletas cobre o campo, (13)
E da Diadelphia o throno se levanta (14)
Sobre quatro pilares magestosos.
São quatro as ordens; nestas distinguimos
Opulentas nações, generos varios,
Especies ou familias numerosas
Que enriquecem a terra, e os sêres fartam.

Como n'um vasto imperio, nesta Classe,
No primeiro jardim, ordem pentandria,
Reina um genero, qual real linhagem.
No segundo só dois, rara nobreza,
Qual deve ser no Estado, se se entende
Quanto custa a ser nobre, e quanto vale.

Muitos generos ha nas outras ordens,
Familias, individuos, cujas graças
Com deleite a sylvestre Musa observa.

Desta tribu a estructura curiosa,
A fructificação e seus progressos
Desde que aponta até que amadurece,
Do Creador os sabios fins revela.

De um calix monophyllo as cinco pontas
São defeza das pétalas e encosto: (15)
A pétala maior, como estandarte,
Sobre as outras mais curtas predomina,
E da furia do vento e chuva as guarda:
São como as azas duas que protegem
A carina que é cofre de thesouros
Que dentro della encerra a Natureza.
Em fraternal congresso, nesta occultos,

Os estames o germe acompanhando,
Em dois corpos sómente se separam:
Um, que amoroso abraça o tenro fructo,
Outro, que o segue quando medra e cresce.

Taes são da Diadelphia as lindas filhas.
Quantas paixões e dotes seu aspecto
Annunciam tambem! Doceis, ligeiras,
As costas voltam contra ousados ventos.
Não são como essas desenvoltas nymphas
Que a face altiva mostram porque é bella:
A frente amavel para a terra inclinam;
Modestas, de si mesmas se não fiam:
Amorosa gavinha as entrelaça (16)
Com mais robustas plantas que as protegem.

Nos jardins que revestem tudo é gala:
São cachos, são umbrellas, são corymbos, (17)
São borboletas matizadas, lindas:
Umas teem felpa, as outras despojadas
Deste ornamento bello, o prado adornam.

Quantos legumes saborosos cobre
Uma silica branda! Com que graça
Verde e branco o faval recrêa a vista!
Como a luzerna, que viçosa cresce,
D'esmeraldas os campos alcatifa!
Quantas mais com profusos dons contentam
Homens, aves, quadrupedes, insectos!
As artes, a saude, a economia,
Implorando os auxilios desta Classe,
Sem as plantas que prodiga concede
Talvez parcos triumphos obteriam.

Da Polyadelphia as arvores pomposas, (18)
Perpetuamente verdes, versos chamam.

Na flor se erigem corpos numerosos
De aggregados estames, que a distinguem
Assim da Classe bella que a precede,
Igualando-a no numero das ordens.
Quaes molhos, quaes pinceis são os estames
Quem nesta forma a Classe determinam.

Lá onde em lutta geme o Novo-mundo,
No Nicaragua e Mexico prospera
Essa arvore benigna de que o fructo (19)
Em sombrio liquor arte converte.
Seu cheiro unido aos Indicos aromas
As matutinas mesas embalsema.
Seves empenha as artes, o desenho, (20)
O colorido sobre a lactea terra
Que em seu concavo seio ha de guardá-lo.
Explotando incançavel as ruinas
Da estragada Herculaneo ou de Pompeia, (21)
O antiquario exhume as formas bellas
Que modelo hão de ser da taça rica.
Sae da fabrica augusta esse prodigio
Digno das mãos d'Hebéa, então só digno (22)
De conter o liquor americano.

Caracas! patria delle: ah! não, não luttes. (23)
Cultiva as plantas, teu commercio cuida:
As estranhas paixões do seio arranca,
Qual herva má que as boas prejudica:
Não desdenhes o chão que o Sol protege,
Onde em triumpho a Polyadelphia reina.

É mais prodigo o Sol, são nesta Classe
Seus dons mais numerosos, mais duraveis:
Não se despem as arvores; as flores
Umas ás outras cedem; sempre verdes
Ornam seus ramos os jardins, os campos.

A Fabula suppoz que nesses sitios
Onde o forte Athelante acarretava (24)
Os Ceos aos hombros, um jardim lá tinha
Em que eram d'ouro os pommos; onde os troncos
De folhas d'esmeraldas se vestiam;
E que as flores, de perolas formadas,
Perpetuamente aromas exhalavam.
Taes aos olhos do ignaro se figuram
Em Portugal frondosas Larangeiras.

Tu, Saudade ferina, que me crias
Tantas lembranças da passada gloria,
Esses sonhos me troca n'outros sonhos.
Leva-me acima do rochedo hirsuto
De donde desce a limpida cascata
Que em Cintra dos Pisões conserva o nome.
Alli respirarei doces aromas:
Em turbilhão, da flor das Larangeiras
Virão saudar-me effluvios deleitosos.
Verei dalli de Penha-verde os bosques, (25)
Que monumento são do immortal Castro.
Aquelle coração, que alli se guarda,
Aquella barba honrada, penhor nobre
Do amor da patria e gloria, não responde
Pelo metal que obteve, mas da honra
Que reside nas almas Portuguezas.

Sede pois testemunhas do meu fado,
Manes do Heroe! que os versos meus invocam:
Vosso sorriso basta a meus desejos;
Em quanto a tenebrosa intriga esconde
A luz com que a Verdade me decora.
E vós outros, mortaes degenerados,
Homens que aos tigres invejais fereza!
Que mal vos fazem numeros cadentes?

« Eis-aqui (dizeis vós) essa inimiga
Que ao som da lyra os crimes afugenta;
Que a verdade revela, e do futuro
Com presaga razão affasta os damnos. »

Assim cantava Orpheo, quando as Bacchantes,
Sem deixar-se mover da melodia,
Com seus discordes gritos o calaram,
Ensopando em seu sangue irados thyrsos.

« *Vinguemos pois Orpheo* » dizem os homens.
Nisto, qual bando d'aves furiosas
Que, de Minerva o passaro avistando,
Todas se assomam, todas o espicaçam,
Assim estes sem dó Alcippe affligem.

Fracos mortaes, sabei que vos não temo.
Se o meu despojo as ondas recolherem,
E do Hebro seguir o exemplo o Thames, (26)
Suaves notas sobre a argentea lympha
Meus labios cantarão alem da morte.

Já do Latino Cysne (*) os vaticinios

(*) Ovidio.

Já se cumpriram, sim: co' as alvas plumas
O Bosphoro passou, e da Getulia
A quente arêa atravessou vaidoso.
Com pasmo Boreas o acolheo no Norte,
O Hebro, o Rheno ouviram seus accentos.

O Tejo ingrato, sacudindo os limos,
Quando eu voltar, em Cysne transformada,
A cabeça erguerá; e soluçando,
Chorará por quem já chorou saudoso; (**)
Bradará por Alcippe, porêm tarde.

(**) *Almeidas, por quem sempre o Tejo chora*, disse Camões.

ARGUMENTO DO V. CANTO.

Transição do Estio para o Outono — Entrada do Sol no signo de Libra em Settembro — Sonho — Realidade — A Syngenesia — O Malmequer — O Taraxaco — Flores flosculosas — A Polygamia — O Tragopogon — A Escorcioneira — O Cardo — A Serratula — O Eupatorio — As Flores radiadas — A Frustranea — O Gira-sol — Episodio da metamorphose de Leocothoe e Clycia — A Polygamia necessaria — A Polygamia segregata — A Viola — A Artemisia e a Perpetua — A Balsamina — O Crysanthemo — A Achilléa — A Gynandria — As Orchis — As Borboletas — Os Martyrios — Vista do jardim de Brandebourg-house, á tarde — A classe Monoecia — A Dioecia — A Calamaria — As Typhas — O Sparganeo — O Milho — Allocução aos campinos d'Almeirim — A Polyandria, os Carvalhos, e os Platanos — As Amoreiras — O Pinheiro — O Cypreste — A Nogueira — Allusão a Ricardo Raymundo Nogueira — O Amarantho — A Sagittaria — Convite ás Nymphas para explorarem as flores da classe Polygamia — A Sensitiva.

CANTO V.

A Primavera púdica s'esconde
Do audaz ardor com que a persegue o Estio.
As horas inflammadas madurecem
Os varios fructos que dos troncos pendem:
As pétalas inuteis o Sol cresta,
De novo traje os campos se revestem.

O Rei dos Astros com giganteo passo,
Com affavel sorriso se despede
Desses dois Argonautas, que alternados (1)
Gemem no Averno, ou que no Ceo scintillam.
Altivo se adianta, e da Balança
Os pesos, que equilibram o Universo,
Com podêr invencivel verifica.
Então o nono mez, com serio aspecto,
Do anno, que declina, o termo avista.

Na estação em que prodiga a colheita
Os rusticos trabalhos recompensa,
Eu tambem, imitando os lavradores,
Eu, de penas cançada, n'um deserto
Um dia adormeci; e logo um sonho,
As visionarias azas estendendo,
De meu sentido e mente tomou posse.

Julguei-me nas espheras collocada,
Onde em constellações brilhantes moram
Nymphas, Heroes, que a terra produzira.
Nos atrios, onde Astréa reluzente
A innocencia protege, me sentava:
Quando em carro lustroso avisto perto
A Nympha que ultrajou de Cinthia os ritos, (2)
E qual ursa feroz bramio na terra.
Já compassivo Jove, e poderoso,
Lhe tinha restaurado a forma bella;
E o rico manto azul que a revestia
Era d'estrellas todo salpicado.
Em ponto mais pequeno, e d'igual forma,
O filho junto della reluzia.

Dos espaços immensos despedido,
Com passo irregular vinha marchando
Um gigante estrangeiro, um astro novo, (*)
Que ao palacio lustroso d'Arcas chega;
E assustada Calisto assim lhe grita:

« Quem és tu, temerario? Qual destino
Te obrigou a tentar esta vereda,
Onde a prole de Jove augusta habita?
Nenhum profano invade estas moradas.
Esse lustroso séquito que trazes,
Essa coma brilhante os mortaes cega:
Mas Calisto immortal dá leis á terra,
E nestas plagas com seu filho impera. »

O magestoso sêr assim replica:

(*) Allusão ao Cometa de 1812.

«Nympha gentil, a quem erros ditosos
Do Ceo a estrada abriram, não te queixes
Se sigo as leis que o meu systema regem,
E se, cumprindo-as, teu dominio avisto.
Ah! se fosses piedosa! ah! se tu fosses
Sensivel como és bella, meu desterro
Pudera commover-te, bem que sejam
Virtudes infelizes causa delle.
Eu tambem, como tu, na quarta esphera
Tive origem terrena; eu fui Egeria, (3)
Nympha que a Numa decorou verdades
Que immortalisam Reis quando as conhecem.»

«Egeria! oh Ceos! (então Calisto exclama)
O teu caminho segue, Nympha austera;
Precipita essa rapida carreira;
Foge de mim: o Fado não consente
Á virtude venturas como ao crime.
Eu sou constellação; tu astro errante;
Bem que astro sejas, teu aspecto assusta...»

Acordei revoltada co' a injustiça
Possivel, bem que alli fosse chymera;
Mas os serenos Ceos me consolaram.

Vi para o norte esse astro vagabundo (*),
Cujos cabellos soltos e luzentes
A noite adornam: vi esses diamantes
Que o Firmamento escuro cravejando
São do Astronomo estudo e são recreio,
E a terra instruem do podêr divino.

(*) O Cometa de 1812.

Esperei a manhã; e contemplando
Á luz do Ceo a terra, vi florida
A complicada e vasta Syngenesia. (4)
O essencial caracter desta Classe
Na união d'antheras só consiste:
Este signal de vista não percamos,
Que é fio d'ouro em denso labyrintho.

Como a Deos tudo é facil! Como brinca
Co' a materia creada, e formas della!
Magnifica, resume, estende, ou coarcta:
Mas brilha em tudo a dextra omnipotente.

Difficil é na extensa Syngenesia
Achar signaes genericos que indiquem
Com distincção quanto ella comprehende.
O perspicaz Linneo prescreveo formas
Que nas flores compostas determinam
Departamentos taes, que a Musa alegre
O campo explora, sem temer enganos.

O Malmequer, que os prados hoje esmalta,
Da congeneração mostra o modelo.
Quantas flores contêm, fingindo-se uma!
Todas completas com pistillo e germe,
Estames e semente; e tão perfeitas
Quaes essas em que Flora mais se esmera.

Esses pontinhos que no centro moram,
E parecem migalhas amarellas
Que, apinhadas, os olhos mal distinguem,
São florinhas completas: tal certeza
Nos communica a lente pelo estudo.

As pétalas que o disco circunferem
São semi-flores de outra cor e forma: (5)
Tem as primeiras de um Jacintho a graça;
A Madre-silva as outras arremedam.
Mas tal combinação existe entre ellas,
Que em tres secções a tribu se reparte:
Possam meus frouxos versos cantar dellas!

São tudo semi-flores na primeira:
E apenas movo os passos pelos campos,
Tufos verdes encontro de uma planta
Cujas folhas imitam, recortadas,
De carnivore fera o dente agudo.
Quando florece o Taraxaco, exemplo (6)
Dão do que digo as liguladas flores,
Que uma só flor dourada nos parece.

As flores flosculosas ás quaes falta
A pompa da corolla, ou semi-flores,
São differentes, são menos ornadas;
Porêm rica a segunda secção fazem.

Qual cercando um palanque ás vezes vemos
A capitata plebe d'eleitores (*)
Brotar Solons, Lycurgos; capitatas (7)
Tambem as flores em congresso vemos;
Porêm seguem sem lutta as leis eternas.

Na terceira secção sempre no centro
Veremos as florinhas encravadas
Que as semi-flores, cortejando, cercam.

(*) Allusão ás eleições dos membros do Parlamento em Inglaterra.

Radiadas se chamam, pois imitam
As primeiras de Phebo o disco d'ouro;
E as segundas, os raios que despede.
No receptac'lo fixas, só differem
Na cor do disco e raio; brancas estas,
E commummente as outras amarellas.

A polygamia igual abre o apparato: (8)
Consta de muitas flores pequeninas,
Todas completas, com pistillo e estames.
Co' estes distinctos, numerosos corpos,
O calix, receptac'lo, e a corolla (9)
As distincções genericas decidem.

Com seus calices brinca a Natureza;
De uns caliclida a base, outros imbrica, (10)
Outros simples, despidos apparecem.
Felpudo receptac'lo n'outras vemos;
Tem fêlpa ou plumas, ou no centro brota
Um ramo que interrompe a symetria,
E a semente recondita alli cresce.

Observai nos jardins, nos campos vede
Os generos, e os varios distinctivos
Que a Natureza prodiga reparte.

Alli o Tragopogon se distingue (11)
Pela fina lanugem, calix simples,
E receptac'lo nu, entre os mais *genus*.
Porêm logo a plumosa Escorcioneira
De calix imbricado é differente:
Co' as escamas e as aureas flores mostra
De outra familia ser, bem que a governem
As leis da mesma polygamia *æqualis*.

Já nas hortas o Cardo manso cresce,
E nos chama o sentido ao rude cardo,
Cujo espinhoso calix afugenta
A curiosa mão que vai colhê-lo.

Importuna Serratula, inflexivel
Á renda, á beatilha, que espedaças
Quando incauta donzella os campos corre,
E a fluctuante roupa se avisinha
Do vosso aspero berço! Arcio importuno!
Deixai-me pois chegar de um rio ás margens;
E o purpureo Eupatorio memorando, (12)
Os exemplos findar, que a Musa cança.
Vivificante Sol! vem reanimá-la;
O teu calor ajunta aos sons argenteos,
Dize como é superflua a polygamia.

É menos numerosa, e se reparte
Em discoides, e em flores radiadas. (13)

Vós o sabeis, ó Musas: estas flores
Que no disco se veem são todas filhas
De Venus e Mercurio; se é que a historia (14)
Do tempo fabuloso nos não mente;
E o nome das familias se deriva
Do primitivo nome que lhes deram.

A Frustranea porêm menos fecunda
Só no disco as florinhas estigmadas (15)
Produzem, e as dos raios são estereis.
Demos pois á Frustranea alguns momentos,
Memorando o Heliantho, ornato della. (16)

Se virmos nos jardins um disco de ouro,
Que apenas nasce o Sol parece olhá-lo,
E que dizem que gira por segui-lo,
Chama-se Gira-sol, e nos recorda
Aquelle fabuloso e lindo sonho
Que assusta as bellas credulas e fracas.

Babylonia era patria dessa Nympha
Que outr'ora Clycia foi, de Orcham progenie. (17)
Sincera, affouta, indo correr nos bosques,
Encontrou por acaso o Deos dos versos:
De louro triumphal cingia a frente,
Uma lyra na mão, solto o cabello:
«Ó nympha! (diz com voz harmoniosa)
Cede a amor, que sou Deos, sou bello, e amante.
Eu sou quem rege o dia, sou quem sabe
Revelar aos Aruspices segredos,
E rasgar do futuro os veos mais densos.
O Deos sou da saude e da harmonia,
Alma do mundo, e escravo de teu gesto.
Não fujas; cede a amor; has de comigo
Luzir nos Ceos, reinar sobre as estrellas.»

Treme a Nympha, e levanta os olhos bellos,
Cedendo o coração quando os levanta:
Foge, occulta-se... mas... pensa no amante.
Não volta ao bosque só... mas... volta ao bosque;
Traz comsigo Leucóthoe; não suspeita
Que um Deos minta em amor como os humanos,
Nem que o calor do Sol se torne em gelo.

Leocóthoe agrada... a perfidía nasce;
Do pae s'esquece, das irmãs, do brio:

E Clycia afflicta os infieis surpr'ende:
Ultraje horrivel!... Misera donzella,
Em cujo peito amor raivoso lutta,
Cujo ciume o coração lhe morde,
Com feros gritos pede ao pae vingança.
Orcham, que a raiva e brio só consulta,
Enterra viva a misera Leocóthoe.
Apollo amava; e vendo convertida
N'um tronco aquella que sómente amava,
Volta as costas a Clycia, que esmorece,
Perde o vigor; a vida, a forma perde,
E segue o Sol, que sempre vai fugindo.

Esta fabula avisa as outras Nymphas
Da attenção que as canções de amor merecem.

Vamos aos campos, vamos; levantemos
Altar a Flora: os zephyros suaves
Conduzam nossos passos; e escolhendo
Com gosto novo frescos ramalhetes
Á Deosa os consagremos; seu sorriso
Fará nos versos meus brotar imagens:
Fará que a Polygamia necessaria, (18)
Lembrando a triste Clycia abandonada,
Aqui tenha lugar; pois que no disco
Com vidual tristeza nos retrata
Outras filhas de Venus, sem stigma:
Ao raio só pertence fecundar-se.

Um calix que mais calices encerra
É quem nome confere á segregata. (19)

Tu, modesta, e odorifera Viola, (20)

Sempre illustre farás a Monogamia.
Uma só flor, um calix tem, pois esta
Unica deve ser; Zephyro a escolhe
Para ungir suas azas, quando á tarde
No bosque gira, festejando Flora.

Findando a Syngenesia, não me esquece
O nome d'Artemisia, ou da Perpetua, (21)
Que ora em dor ou constancia desafiam
Sentimentos e cultos de minha alma.
Da gentil Balsamina o doce aroma,
O Chrysanthemo d'ouro, essa Achilléa
Que a colera do Grego moço lembra,
E o arco argenteo com que Apollo irado
Seu decoro vingou, em flor cortando
Ante o muro de Troya heroes da Grecia.
Com sangue grego as pétalas purpureas
Ás vezes se nos mostram; outras vezes
Guardam no aspecto a pallidez da morte.

No theatro florido entra brincando
A singular Gynandria extravagante, (22)
Na qual a Natureza, desprezando
O receptac'lo, ao pistillo prende
Amorosos estames: nestas flores
Se converte o amador na cousa amada.

De identica existencia estes esposos
Vivem, morrem, sem nunca separar-se;
Privilegio que o fado a poucos cede.

Ah! se a Gynandria sente, não padece
O severo tormento das saudades:

Este flagello, a corações pertence...
Que vezes o mortal desacordado,
Sem attentar os seus altos destinos,
Inveja da Gynandria o doce laço!...
É tempo de pintar-lhe o seu retrato.
Dá-me, ó Musa, o pincel: não te pareça
Assumpto esteril, se o fecunda o genio.

Nem sempre a regular belleza agrada:
Ha certo não sei quê nas formosuras
Que pecca no desenho, mas deleita.
Das flores desta Classe é tal a forma.
Do seio do pistillo ás vezes brotam
Os estames; e como se forçassem
O receptaculo a segui-los, este
Vai-se alongando, e os dois amantes segue.

São nove as ordens, e de novo as mostram
Os estames, bem como nessas Classes
Com que das plantas o theatro se abre.
Nestes nove jardins, ou templos, vemos
Tres vezes dez e tres diversos *genus*,
Onde prodigas, crebras as especies
Rico ornamento são do throno floreo.

As feições da Diandria, que enfeitada
Á frente vem, são todas semelhantes;
E no nectario apenas se descobre (23)
Ligeira differença; porêm essa,
Só temeraria mão, que sem respeito
Destroe a planta, só póde encontrá-la.

É notavel das Orchis a familia, (24).

Como a de Alcides foi entre os humanos:
E se, qual herva má, crescem, prosperam
Outras especies no terreno desta,
Não vem da Natureza, vem d'ingratos
Que por descuido a sementeira afogam,
E pertendem supprir ouro com ferro,
O grão restaurador com palha e fumo.

Não desboteis, desastres, vivas cores
Com que pinto a Gynandria; sim, deixai-me
Traçar da irregular Orchis a imagem.

Um germe oblongo, cujo a flor domina,
Sem calix com espatha encontraremos:
Cinco pétalas tortas; duas cobrem,
Qual arco ou casco, a tenue flor no tope:
O labio inferior forma o nectario;
O style as bordas deste ao stigma pega;
Mas tudo enrodilhado se confunde.
Em cella estreita, aberta pelo fundo,
Alli, reclusos, filamentos moram...

Ó Delio! com taes versos não te assustes:
Estas formas estão na Natureza,
Na qual a variedade sempre é bella.
Succulenta raiz, folhas inteiras,
Nua corolla, aos lyrios arremedam;
E os lyrios (*), como as rosas (**), sempre enramam
A citara de Phebo, quando medram.

Mas sigamos as Orchis; subjuguemos

(*) Symbolo da Casa Real de França.
(**) Symbolo da Casa Real de Inglaterra, e das Damas Portuguezas.

Este Protheo, que gesto e cores muda (25)
Segundo quer, bem como de terreno.
No bosque, na pastage' é borboleta;
Pyramide, se a cal na terra abunda:
Alli tambem é Satyro caprino,
E no prado florido arrã se torna:
É mosca, abelha, aranha, e finalmente
De elegante chinella a Venus serve.

N'outra ordem os Martyrios nos recordam (26)
Mysterios que revela em sacras odes
O Propheta cantor, e o mundo salvam.
Teem tres pistillos que parecem cravos;
Pétalas cinco, as quaes imitam chagas;
E uma c'roa espinhosa por nectario.
São no Brasil indigenas martyrios:
Ah! faça o Ceo que alli nasçam allivios,
E alguma flor memoria delles guarde.

Porêm basta. Do Arum a incerta essencia (27)
Na ordem polyandria feche a Classe.

Um prolongado espelho mostra o Thames:
O vento dorme; os bosques debruçados
Miram no rio as comas verdenegras: (*)
O Sol as portas d'ouro cerra, e vasa
Seus liquidos topasios na corrente:
Fresca e serena a tarde a luz reprime,
E a meditar convida a scena vasta
Que nos bosques levanta a Monoecia. (28)

(*) Vista do jardim de Brandebourg-house, á tarde.

Nesta classe não ha flores completas:
N'umas pistillos moram solitarios;
N'outras estames só, bem que um só ramo
Contenha as estam'niferas, e aquellas
Que só pistillo teem, e outras produzem.

As primeiras, comtudo, são estereis,
Segundo a regra natural dos sêres.
Mas da Classe Dioecia se distinguem; (29)
Pois desta as flores masculinas moram
Com mais decencia em troncos separados,
E parecem guardar essa medida
Que a sociedade humana recommenda,
Sem que entre as plantas isso importe á fama.

São onze as ordens nellas, muitos *genus:*
Por centenas se contam as especies.
Os caracteres titulos usurpam
Das precedentes Classes: a triandria (30)
As herbaceas imita; folhas, germe,
E um lóbo na semente tem; differem
Na palha, aonde um cego tubo é cheio
D'esponjosa substancia humedecida.

Na calamaria tribu estudai essas
Que no amento cylindrico se geram. (31)
Vereis que as estamineas o pé cercam,
E mais abaixo as femeas vão nascendo:
Estas não teem corolla, mas o calyx
É pubescente asylo onde reside
Uma semente só, que é depois planta.
As primeiras teem calyx de tres folhas,
Carecem de corolla, e não produzem.

As Typhas, o Sparganeo não accendem
No peito o fogo delphico e brilhante:
Tão pouco o milho, bem que farte o pobre,
Que o lavrador console dos trabalhos,
E que na Patria minha á humilde gente
Suppra regalos que esperdiça o rico.

Salve, ó simples campinos dessa aldêa (*)
Que foi Corte outro tempo, hoje é deserto!
(Poucos poupou Mavorte e Alecto fera)
Vós ignorais o luxo dos manjares,
Como as paixões que accende animal pasto
No carnivore ilheo, cujo appetite
Hecatombas continuas delle exige.
Vegetaes e candura vos contentam,
Vosso valor manteem, e a gloria Lusa.

Tornai, Carvalhos, Platanos frondosos; (32)
Eis o vosso lugar na Monoecia.
Se já de vós trattei, se a vaga idéa
Já vos fez nos meus versos necessarios,
É licito ao Poeta fingir cousas
Que fingindo ao depois melhor aclara.

Os Carvalhos são arvores, teem flores
Tão uteis ao cultor, quanto nocivo
Na politica fez seu nome estrondo.

Na ordem polyandria, dos Carvalhos
Pendem n'um solto amento as estamineas,
Quando as pistilleas rentes junto ao ramo

(*) Almeirim.

N'um botão uniforme se conservam.
É quinquefido o calyx nas primeiras,
Nas segundas inteiro; porêm nestas
Em partes cinco o style é repartido:
A bolota é seu fructo, o qual descança,
Como n'um copo ou taça, sobre o calyx.

Não posso, ó filhas, não, revelar quanto
Nesses bosques que vejo, observo, admiro:
Botanicos arcanos são o objecto
Do simples Botanista; outros prodigios
A mente enlevam do Poeta absorto:
E, sem perder de vista a Natureza,
Com ficções me arrebata a Poesia;
Leva-me a Musa a rastros para o Pindo:
Cançam-me regras, sôlta corre a idéa,
Como a nympha que dança no arvoredo.

Sanguineo fructo, folhas cordiformes
Com suspiros n'um tronco o vento agita:
De Pyramo e de Thisbe o triste fado
D'acolá me recorda uma amoreira. (33)

Nesse outeiro isolado Atis expia, (34)
Convertido em pinheiro, seus prazeres:
Cybelle austera o sacerdocio vinga,
Gema, ou não gema a bella Megarida.

O Cypreste alongado a vista assusta, (35)
Ao pé dos monumentos; annuncia
Do triste Cypariso a morte infausta.

A Nogueira... Mas esta que seus ramos (36)
Espaçosos estende, e o nome empresta,

N'outros versos virá: daquella fallo
Que não vegeta, vive; e viver póde
Alem da morte, aonde a gloria a chama.

Tu, Nogueira (*), que tens luzes sobejas,
Desdenha a competencia c'o Carvalho:
Adoça esse rigor, essa aspereza
Que o seu systema estragador plantava.
Não fertilisa a terra sangue nobre
Que sem fé nem piedade se derrama.
É sempre vil Podêr, quando se funda
Na inveja, na vingança, e na cabala.
Alonga a vista aos seculos futuros;
Lê, pois Clio piedosa o Livro te abre.
Escolhe nessas paginas qual dellas
Queres encher, com gloria, ou vituperio:

« Desertando os altares, (diz a Musa)
Um Ministro do Ceo se fez do Inferno,
E co' as serpes de Alecto morde, assalta
As progenies heroicas dos *quarenta* (**)
Que n'outro tempo a Patria resgataram. »

Dirá talvez, conforme o que fizeres:
« Um Ministro do Ceo, tal foi na terra;
Á Patria restaurou seus ornamentos,
Distinguio as calumnias da verdade.
Não invejou grandezas, pois foi grande
Na probidade e justo amor da Patria.
Calmou paixões, e deo impulso á gloria. »
Qual destas duas paginas te serve?...

(*) Ricardo Raymundo Nogueira, um dos membros da Regencia.
(**) Os acclamadores do Duque de Bragança, ElRei D. João IV.

Como a historica Musa nesta Classe
Me leva o pensamento a seus assumptos,
Roubando o nome ás plantas? Não me esquece
O immortal Amarante (*), a Sagittaria,
Ornatos dos jardins; um, a quem Marte
Empresta o fogo com que accende o brio;
Outra, que as formas tem d'Etneas frechas.

Á sombra dos salgueiros lacrimosos,
Co' as harpas sonorosas e as cantigas,
Os echos commovei nestes desertos;
Observai na Dioecia as plantas varias.
Fugi do teixo envenenado e triste,
Recordando os melodicos avisos
Do Cysne Mantuano, acauteladas.
Passai á exploração da Polygamia, (37)
Entre acacias, sycomoros, e freixos;
Uma planta achareis digna das Musas,
Que falla ao coração e ao pensamento.
Creio que nella transformada mora
Uma Nympha á qual dor, modestia e brio
Abriram do Orco a tenebrosa entrada. (**)
Qual púdica donzella, a Sensitiva (38)
O contacto recêa de um profano;
Como a virgem que um simples toque assusta,
Foge de qualquer mão, descóra e murcha.
Seja esta planta o seu modelo, ó filhas;
C'roem-se della, por divisa a escolham:
Fugir é triumphar no nosso sexo.

(*) Amarante, por Amarantho, em allusão ao Conde d'Amarante, Francisco da Silveira.

(**) *Proh dolor!...*

ARGUMENTO DO VI. CANTO.

O DESPERTAR do somno pela manhã — Saudades de minha filha — Queixumes — A Cryptogamia, 24.ª Classe — Os Fetos — Os Musgos — As Algas — Os Fungos — Comparação — As Palmeiras — As Palmas, symbolo da gloria — A Palmeira das Indias — As da Iduméa — Recordação dos Gregos dos tempos heroicos — Allocução ao general britannico Arthur Wellesley — Visão — Desmaio — Predicção e juramento.

CANTO VI.

Fate and dooming Gods are deaf to tears.
Dryden, Æneis L. 6. v. 512.

O MATINAL vigor foi desatando
O torpor que me tinha agrilhoada:
Apagaram-se os sonhos... e as idéas
No refrescado cerebro nasciam.

Momento, que aos ditosos tanto alenta!
Ah! que és tu para mim?... Comigo acordam
As saudades e as dores; nova lutta
Trava em meu peito o fado; e quando venço
Venço sómente um dia desgraçado...

As Musas generosas já me tinham
Preparado as visões de um novo canto:
Já de Aganippe as aguas me banhavam; (1)
E requerendo ás grutas da Thessalia
Os poeticos sons que alli guardavam,
Apalpava da lyra as cordas doceis,
E contava attrahir bosques e penhas.

A teu favor, oh Lilia! oh sombra! oh filha!
Tinha apanhado as flores com que havia

Prolongar-te a existencia, dar-te premio.
Cegueira humana! Ceos! o raio parte,
E a morte de meus braços te arrebata.

Tempos de horror, que em crueldade excedem
Esse barbaro tempo onde na praia
Andromeda, a um rochedo agrilhoada, (2)
(Para pasto de um monstro) espera a morte!

Hoje não ha Perseos; monstros devoram
Sem obstac'lo a innocencia, a formosura:
Surda Justiça os monstros nutre, applaude;
E da materna dor o crime zomba.

Surda Justiça! com teus raios brincas?
Ociosos na mão, sem gloria, os guardas?
Que te fiz, Nume irado? Teus altares
Profanei por acaso? Esses teus ritos
Com animo leal não cumpri todos?
Quando os Notos raivosos me arrojaram
Nesta Lachéa praia, onde reside (3)
Um Cyclope com sede do meu sangue,
Temi de ficar só, de honrar teu templo,
Para remotas plagas trasladado?...
Não te mandei a offrenda preciosa,
O defensor que tinha? o penhor caro
De generoso amor, e fé segura?...
Em seu rosto florente não luzia
Mocidade celeste, audacia, e graça,
Amor da patria, e paternal talento,
Vassallagem fiel, sincero affecto?
Varrendo de Neptuno a crespa face,
Affrontou os abysmos, foi levar-te

O seu e o meu incenso alem dos mares.
Fiquei só... pelejando c'os Cerastes. (4)

Oh Fado cego! Oh presumpção feminea!
Oh paixão de heroismo malfadada,
Que tão pouco na terra se avalia!...

Mas tu, Nume enganado, não presumas
Que o teu podêr destroe virtudes firmes.
Podes deixar abutres devorar-me,
Podes lançar da mão feros coriscos;
Seu fogo não consome lealdade,
Nem a pureza mancha aos sacrificios:
Hei de victima ser nos teus altares.

Os semi-deoses honram sempre os Deoses:
São os filhos da terra, os Enceládos,
Os Typheos, Geryões, e outros Titanos, (5)
Que accumulam os montes sobre os montes,
Trepam o Pelion, contra o Ceo conspiram.
O Ceo estupefacto a audacia admira:
Sem pontaria as igneas frechas vibra:
O forçado relampago fusila:
Porêm o raio incerto serpeando
Os malvados évita, e os bons aterra!...

Tal me vejo qual vio esse insensato (6)
Que ao mundo ingrato trouxe a luz e o fogo,
Cujo crime foi ver alem da meta
Que prescreve a ignorancia: odio, vingança
As vulcaneas cadêas me lançaram.
Fixa na ingleza rocha, aqui supporto
Novos tufões dos ventos furiosos,

E os turbilhões de arêa com que açoita
A tempestade a minha triste face.

Em vão pergunto aos astros onde escondem
Quem á Patria languente alento dava;
Qual nume despiedado ao Luso usurpa
Seus Chefes naturaes, os seus Achilles!
Tu, intrigante Sorte, horrido Fado!
Complice da maldade, assim decretas.

Assim Juno indiscreta n'outras lides
Salvou Turno dos golpes do heroe Phrygio, (7)
E o Dauna illustre tarde vio o engano.
Longe dos seus, co' a fama equivocada,
De uma ingrata suspeita objecto odioso,
Vagando pelo mundo, os Ceos argúe
De tão barbara força, derivada
Das mesmas leis crueis que impunha o brio.

Ah! quando acabarão penas tão grandes?
Pergunta inutil... A esperança frouxa
Nem se atreve a nutrir uma chymera:
Minha sorte futura, qual Medusa, (8)
A petrifica, a vence, a desanima...

Em vão mysteriosa a Cryptogamia (9)
O seu lugar requer; em vão, ó filhas,
Vos quero iniciar nos seus mysterios:
O estrondoso trovão dos infortunios
Me rodêa, me estruge, e sobresalta. (*)
Como quem pisa um chão pouco seguro,

(*) Estes versos foram escriptos em Dezembro de 1812.

Que em subterraneas luttas ronca e treme,
Vou procurando a Classe, e apenas posso
Fixar a vaga idéa em seu caracter,
Deixar que o estro largue affouto as azas.

Esta Classe não tem flores visiveis;
Tudo é segredo nella, o nome o indica: (10)
Da fructificação pouco se sabe;
Nos generos que teem não se percebe,
Em muitas, de que modo fructificam.
Estames nem pistillos manifestam,
Como ao principio n'outras Classes, ordens:
Mas na estructura destas plantas temos
Indicios de que as ordens sejam quatro;
E as feições que lhe achar irei pintando.

Os Fetos ou Filices (taes lhes chamam
Os mestres da Botanica) produzem
Sobre o dorso das folhas tenue escama
Que delle se levanta por um lado:
Parece ser a flor; nella se encerra
Um tenuissimo globo com pedunc'lo
Que um elastico annel circula e fecha:
Este globo projecta o pó fecundo.
Provavel é que a escama seja o calix,
E o globo uma capsúla ou pericarpio.

D'outra ordem são os Musgos: tenues fios
Vem do seio das folhas, terminados
Por mui pequenos corpos, como antheras.
Myope, qual me fez a Natureza
Para encarar melhor da Musa o rosto,
E soffrer seus luzeiros como Homero,

Se a tanto me ajudasse ingenho e arte,
Cançam-me a vista imperceptiveis sêres:
Affeita aos astros, bosques, mares, terra,
A intelligencia immensa, o podêr vasto,
Que a materia divide, me arrebata:
Os meus olhos não veem; mas a minha alma
Apercebe os prodigios que semêa
A mão divina nessas fezes flóreas.

Das Algas que direi? Té agora ignoro
Se Flora as afilia entre as mais plantas,
Ou se as cerulcas Nymphas do Oceano
E o grandevo Nereo as organisam. (11)
Vejo-as, co' as leis maritimas, crustaceas; (12)
Herbaceas outras, que reclamam Flora,
Mas das Nereidas são prazer e ornato.
Quando os Rios nos cofres de Neptuno
As cristalinas urnas vasam, levam
D'algas e limo as frentes coroadas.
As tranças azuladas de Melito (13)
Na superficie d'agua vem nadando
Com algas ennastradas, e o mar ornam.
Os cintos de Panope e Galathéa (14)
São perolas, coraes, que algas enlaçam.
O filho d'Amphitrite, o buzio ungindo (15)
Co' a gelatina e saes que n'alga encontra,
Com mais sonoros sons convoca os Phocas,
E o seu Pastor, que enigmas desenvolve. (16)
Só elle dizer póde se são plantas, (17)
Ou por que modo o mar cultiva aquellas:
Se a gelatina é flor, se são estames
Certos fios que indaga o Botanista,
Sem comtudo atinar co' a essencia delles.

Não me importam por ora; Apollo sigo,
Que abrange tudo, mas escolhe assumptos.

Não me consta que a Musa enlameada
Na costa Melibéa, ou nas alvercas
Que humedecem o Pindo, investigasse
Lichens, confervas, fucos, ou marchancias: (18)
Que attentando nas algas, a recreem
As fibras longas, desiguaes tuberc'los
Onde incognita flor tão tenue existe,
Que, se existe, será no espaço um ponto.

Os Fungos o que são? Não sei: suspeito
Que uns semi-plantas são, e semi-conchas;
Que a Natureza os poz entre os limites
Dos sêres que vegetam, dos que vivem,
Dos que brotam na terra, ou n'agua moram.
Objectos tão equivocos confundem,
Exhaurem as idéas, já cançadas
Pelos problemas que hoje o mundo abalam.

Vós, symbolo da gloria, vós, Palmeiras!
Conheço-vos melhor que os fungos novos,
Que d'incognita origem, vil escoria
Da terra são: abjectos, não desmentem
Em habitos, em forma, em cor o lodo.

Palmas e gloria são o mesmo assumpto
Que a Musa alenta e canticos inspira.
Tomara descrever-te, altivo tronco!
Tu, Principe das Indias, cujo aspecto
Assombrou a Linneo, dando-te Classe,
Sem se atrever de todo a definir-te. (19)

Sabemos que na spadix fructificas, (20)
Que a flor envolve defensora spatha; (21)
Que um tronco invariavel, liso, firme
No tope em ramalhete as flores brota;
Tem flores separadas e incompletas,
Umas só com pistillo ou com estames,
N'um individuo só ou nos diversos:
N'um genero porêm flores perfeitas
Com pistillos e estames se descobrem.
Quanto devo á Botanica lhe pago:
A gloria exige mais; á gloria torno.

Para o sul do Mar-morto, onde morava
Do felpudo Esaú a gente forte, (22)
A terra até aos Ceos quasi levanta
As giganteas Palmeiras, esses ramos
Que da Iduméa o nome consagraram.
São do triumpho symbolo, são premio
Que trocam pela vida Heroes valentes.

O snblime Theseo, que outr'ora affouto
Lavou c'o sangue de Procusto a terra, (23)
E o mundo alliviou de tres malvados,
Colheo palmas; que então punir o crime,
Exaltar a innocencia, era heroismo.
Colheo palmas tambem, honrando as cinzas
Dos guerreiros de Thebas, que insultava
O ingrato Cresphonte: colheo palmas
Quando os feros Centauros derrotava;
Quando á patria voltando, leis prudentes
Á nobre Athenas deo, bem como exemplos.

Com que illustre ambição aspira á palma

O irado Grego, filho dessa Deosa (23)
Que sobre as vacillantes ondas vinha
Acceitar de Peleo o terno incenso!
Tudo é furor no filho, e tudo gloria;
E tanta, que esta abafa a dor que inspira
O cadaver d'Heitor exangue e a rastros:
Não faz dó o gemido com que invoca
Esse filho da Aurora o Sol nascente: (24)
Nem já lembra que ás mãos do fero Achilles
Foi o Numen do Egypto victimado.
Tanto doura o valor acções ousadas!

Sobre as margens do Alpheo, lá onde Phidias (25)
Imitou n'uma estatua o Pae dos Deoses;
Cujo prodigio d'arte Olympia exalta,
E faz que empreste a Jove o proprio nome;
Lá turba juvenil, na lutta e césto,
De honroso pó coberta, aspira á palma,
Que é recompensa da destreza e força.

Tambem tu, nobre Arthur, palmas alcanças:
Como Theseo venceste o Minotauro.
Nada te falta? Nada mais desejas?
Como Atrides, irado contra Achilles,
Não te agradam triumphos que puderam
Repartir com alguem a gloria tua?...
Quanto mais bello fôra, Heroe, teu fado,
O de outro Achilles, o da Lusa terra,
Se com a herculea força que te anima
A ferina calumnia derrubasses!
Se com tua effulgencia manifesta
A Verdade ficasse, e o Luso brio!

Mas em quanto a Victoria resplandece,
E teu nome isolado aos Ceos levanta;
Em quanto a Fama emboca as cem trombetas,
E tem fixos em ti seus crebros olhos;
Estranha terra embebe o puro sangue
Dos moços Lusos; Cintra horror inspira: (26)
Cintra! que era morada dos prazeres,
Monumento de dor ficará sendo;
Madrasta dos Heroes, seva Medéa
Que os filhos ou rejeita ou despedaça.

Não te argúo; mas gemo, e gemo affouta,
(Que é de um Heroe sentir tambem piedade):
Vimeiro, Salamanca, onde fizeste
Reluzir o valor dos Portuguezes;
Onde em torno de ti os nobres restos
Do marcial ardor da Lusa gente
Suave e decorosa a morte achavam,
E pela Patria e gloria a vida deram;
Salamanca e Vimeiro te remontam
Té aos astros, e sobre o sacro Olympo
Com sossobro te mira o fero Marte.

Porêm que vejo!... As Musas assustadas
Trepam do Pindo as ingremes veredas;
Deixam-me só no mundo entregue ao susto,
E me agouram com lugubres gemidos!...
Presentimentos funebres me cercam,
E gelado terror me petrifica.
O chão treme... nas vêas vagaroso
O sangue congelado apenas corre...
No coração me pára... quasi expiro...
Como no dia infausto em que negava

O Sol seus raios ao festim perverso, (27)
Phebo se occulta... trevas annunciam
De nefanda cabala alto triumpho... (*)

Vejo... oh vista!... o que via o Phrygio Enéas (28)
No momento em que Troya se arrazava...
Pallido, exangue, o espectro d'Heitor vejo...
«Foge! (me diz, gritando, o heroe de Troya)
Troya é dos Gregos, Troya não existe:
Se mortal mão pudesse restaurá-la
Seria a minha... Salva os teus Penates:
É quanto hoje de ti exige a honra,
Quanto os Ceos inflexiveis te concedem.»

De donde vens, ó sonho! de horror cheio?
Comtigo sae do Averno a dor medonha,
Que n'alma consternada se apascenta:
Vem o desgosto pallido, esfaimado
Roer-me o coração, cravar no peito
As garras sanguinosas, e off'recer-me
Como oblação ás Parcas; que já fartas,
Com severo semblante me rejeitam.
Á vida, ao meu supplicio fico entregue.

Se em verdade se troca o sonho acerbo,
O perder-te, sim, foi provar do Averno
As inflammadas aguas; foi naufragio
Em que a esperança e paz se submergiram.

Mas vivo, Sombra amada! e não presumas
Que em meu peito reside uma alma frouxa

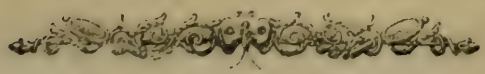
(*) A morte de meu irmão em 2 de Janeiro de 1813.

Sobre a qual tem podêr a dor e a morte.
Não esperes de mim nenías, chóros:
Chorar é pouco, mas vingar-te é tudo;
É nobre quando vingo o mundo inteiro:
E como a vida em mim se não sustenta
Só pelas pulsações de um sangue activo,
Mas pelo amor da gloria é que respiro,
Perante os Ceos prometto de applacar-te;
Toca-me a mim cumprir quanto jurámos.

« Vós, Essencias celestes! Vós, do inferno
Habitantes de horror! Vós, que na terra
Tendes vertido em vão o sangue a mares,
Reis poderosos! sabios Estadistas!
Ouvi de uma mulher o juramento,
E afiancem-no em fim vossas espadas:

« Não ha de a terra em torno o Sol lustroso
Duas vezes girar, antes que trema
Ou caia do usurpado throno o monstro
Que da miseria humana se alimenta.
Antes que o Sol segunda vez renove
O cortejo gentil da Primavera,
Os Lyrios que plantei, reguei com pranto,
Brotarão, para nunca mais murchar-se:
E os bulbos, productores da Ventura,
Farei plantar onde melhor floreçam.
Victima pura desta nobre empreza!
Assim prometto ao Ceo; assim t'o juro. »

Abril de 1813.



NOTAS

ÁS

RECREAÇÕES BOTANICAS.

NOTAS

ÁS

RECREAÇÕES BOTANICAS.

ADVERTENCIA.

As notas que se encontram no fim de algumas paginas do poema são da Auctora, assim como as que se seguem, marcadas com a lettra *A.* — As que vão designadas com a lettra *B.* foram obsequiosamente offerecidas pelo Senhor Doutor Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, que se dignou de repartir comnosco dos seus vastos conhecimentos em Botanica. E as que teem a lettra *C.* foram compostas pelo editor destas Obras, Carlos Manoel Soyé, para auxiliar os leitores que o precisarem na intelligencia de alguns nomes e palavras menos vulgares.

CANTO I.

(1) *A gentil filha de Ceres* — Proserpina, filha de Jupiter e Ceres, foi roubada por Plutão quando se entretinha a colher flores nos campos visinhos do Etna, monte vulcanico na Sicilia. Ceres, afflicta por este roubo, accendeo fogo no Etna, e converteo em tochas as suas arvores, para que allumiassem o caminho por onde tinha de passar em busca de sua filha. — *A.*

(2) *Typheo*, o maior dos gigantes filhos da Terra e de Titano, que tentaram escalar o Olympo, e foram vencidos por Jupiter; que lançando sobre elles os seus raios, os sepultou debaixo de varios montes. A sepultura deste foi o Etna ou Mongibello na Sicilia, pela cratera do qual dizem os Poetas que sahia o halito inflammado do gigante que alli parava. — *A.*

(3) *Dite* é o mesmo Plutão, filho de Saturno e Ops, irmão de Jupiter e Neptuno, e deos dos infernos, roubador de Proserpina. — *C.*

(4) *Plutão foi menos duro: é menos triste — Reinar no inferno que obedecer em França.* — Estes dois versos foram suggeridos pelas circunstancias afflictivas da Auctora naquella epocha. A sua casa e familia achava-se então arruinada e dispersa: seu irmão, o Marquez d'Alorna, proscripto e banido da sua patria, e confiscados os seus bens: e aquella filha a quem allude acima tinha sido conduzida para França; tudo por effeitos da calamitosa invasão de 1807. — *C.*

(5) *O filho de Semele* — Baccho, o deos da vindima, filho de Jupiter e Semele, filha de Cadmo. Contam os poetas que esta imprudente e vaidosa nympha, perfidamente aconselhada por Juno, que ciosa de seu marido havia tomado a figura de uma velha para mais facilmente a persuadir, pedio a Jupiter que lhe apparecesse ao menos uma vez em todo o esplendor da sua divindade. Jupiter, que havia jurado pela Estygie conceder-lhe quanto lhe pedisse, não poude recusar-se áquelle fatal desejo; e Semele, que se achava absorta, foi consumida pelos raios que circundavam a magestade do nume. Para salvar seu filho, que ainda não estava maduro, lembrou-se Jupiter de o tirar do seio da mãe, e guardá-lo na coxa da perna, até se completarem os nove mezes, no fim dos quaes

nasceo Baccho, dotado de quantos talentos e habilidades competiam á sua divina extracção. Por esta circunstancia foi chamado *bimater*, isto é, que teve duas mães; e *binado*, que nasceo duas vezes. Dizem mais que conquistara a India, e alli ensinara a plantação da vinha, e a agricultura. Os Gregos chamaram-lhe *Dionysio*, os Latinos *Pater liber*, os Egypcios *Osiris;* alem de outros muitos nomes que lhe deram, taes como Bromio, Lyeo, Bassareo, Nyctileo, Nyseo, Jacco, *etc.*, sobre a origem dos quaes variamente discorreram os escriptores da antiguidade, entre outros Pomponio Mella, Strabão, Plinio, Herodoto, Virgilio, Ovidio, *etc.* — *A.*

(6) *Triptolemo* era filho de Celeo, rei d'Eleusis na Attica, de quem Ceres recebeo hospitaleiro agazalho, quando andava peregrinando pelo mundo em busca de sua filha. Para lhe agradecer a hospitalidade que usou com ella, encarregou-se a Deosa de lhe criar seu filho Deiphonte, nascido de pouco tempo, e de ensinar a agricultura ao primogenito, Triptolemo, o qual depois a vulgarisou pelas outras nações, como diz Virgilio. — *A.*

(7) *Chyron*, Centauro, filho de Saturno e da Oréade Phyllira, (porque os outros Centauros de que faz menção Ovidio eram filhos de Ixion e da nuvem) foi o mais estimavel de todos elles. As sciencias em que foi insigne, principalmente a Medicina, a Musica, e o manejo d'armas, assim como o amor que tinha á justiça e o respeito que consagrava aos Deoses, lhe grangearam immensa fama e veneração na antiguidade. Foi mestre e ayo de Achilles, de Esculapio, e d'Hercules, e formou illustres discipulos em Botanica, de que teve profundo conhecimentos. A planta Centaurea a elle deve o nome. Acontecendo porêm casualmente ferir-se em uma das settas de seu alumno Hercules, que se achava empeçonhada com o sangue da Hydra de Lerna, e padecendo por isso muitas dores, as quaes não

poderiam ter fim, porque elle era immortal como divino por parte de seu pae e sua mãe, pedio aos Deoses que lhe dessem licença para morrer; e assim lhe trocaram a immortalidade pela morte; e depois de morto o subiram ao Ceo, transformando-o no signo de Sagittario. A muitas plantas que descobrio herborisando poz elle o nome dos discipulos validos, por exemplo á Achilléa, assim chamada de Achilles. — *A.*

(8) *Pythagoras*, o sabio, nasceo em Samos, viajou pelo Egypto e outros paizes, e adquirio os mais vastos conhecimentos em Philosophia e Historia Natural. Dizem que foi elle quem compoz os primeiros livros de Botanica. Estes livros porêm já não existem, nem tão pouco ha muita probabilidade de que o seu auctor désse lições a Numa Pompilio, rei de Roma, como eu inculco nestes versos; porque o philosopho morreo no anno 497 antes da Era Christã, e o rei tinha morrido no anno 672 antes da mesma Era. Mas os poetas acham ás vezes alguma utilidade em anachronismos, pois se assim não fosse não existira o bello episodio de Dido na Enneida de Virgilio. Tão preclaro exemplo me sirva de desculpa, assim como a varios Botanicos que se tem gabado desta alliança da Phytologia com o mais pio e suave de todos os reis da antiga Roma. — *A.*

(9) *Esses escriptos que continham quanto os modernos talvez hoje indagam.* — Todos os vestigios historicos que nos restam dos conhecimentos humanos tendem a persuadir-nos que as Sciencias cresceram e decresceram alternativamente. É provavel que os homens fortes, que viveram largas idades, fossem constituidos de maneira que pudessem rapida e facilmente perceber objectos de grande importancia e profundidade nas sciencias e nas artes, e aprender sem maior custo o que hoje se aprende com muito trabalho e difficuldade. Inclino-me a suppor que as suas idéas primitivas não estariam envolvidas nas nevoas

que a fraqueza e a degradação depois crearam; e que as grandes paixões, o interesse, as aberrações do egoismo fossem ganhando a pouco e pouco aquella tyrannica influencia que amortece o pensamento e a razão. A successão dos erros e dos habitos viciosos degradúa e bestialisa a especie humana. Muitas descobertas se perderam; algumas porêm tornaram a achar-se, á proporção que os Sabios foram exercitando o raciocinio. — *A.*

(10) Theophrasto, discipulo de Platão e de Aristoteles, escreveo no terceiro seculo antes da Era Christã um Trattado das Plantas, e adiantou a Botanica entre os Gregos de tal modo que mereceo ser chamado o Principe dos Botanicos. Nasceo em Lesbos na Olympiada 114.ª, 323 annos antes de Jesus Christo, e morreo na Olympiada 123.ª As Olympiadas, festas em honra de Jupiter Olympico, celebravam-se de quatro em quatro annos. — *A.*

(11) *Quando a Cilicia reproduz um Sabio* — Este sabio foi Dioscórides, Medico de Anazarte, na Cilicia, região da Asia-menor. É o Botanico de mais reputação de que ha noticia depois de Theophrasto. Tendo sido militar, e viajado por varios paizes do Levante, escreveo no tempo do imperador Nero um Trattado de Materia Medica, dividido em cinco livros, no qual ajuntou mais cem plantas ao numero das mencionadas por Theophrasto, com os nomes com que eram conhecidas na Grecia e paizes visinhos, e as distribuio em aromaticas, alimentares, medicinaes, e vinosas. Esta obra foi commentada por Mathiolo no seculo XVI. da Era Christã. — *A.*

(12) *Outro heroe das Sciencias, outro martyr* — Plinio o Antigo, a quem chamaram o Martyr da Natureza, porque achando-se a contemplar de perto uma irrupção do Vesuvio, aonde o tinha levado o seu genio observador, foi suffocado pelas

chammas que o vulcão lançava. Esta catastrophe descreveo seu sobrinho Plinio o Moço, em uma carta dirigida a Tacito. Foi o mais laborioso estudador das cousas naturaes, e a sua Historia Natural contêm uma erudição admiravel. Buffon diz que Plinio parecia haver tomado a medida á Natureza, e a achara ainda tão pequena para a grandeza do seu ingenho. — *A.*

(13) *Ariadna* era filha de Minos, rei de Creta, o qual, victorioso dos Athenienses, a quem tinha guerreado em castigo de lhe haverem morto seu filho Androgeo, tinha-lhes imposto o onus de lhe mandarem todos os annos sette mancebos para servirem de pasto ao Minotauro, monstro que se alimentava só de carne humana, e residia no famoso labyrintho que fôra construido por Dédalo, para esse mesmo fim. Acontecendo um anno cahir a sorte em Theseo, filho dó rei de Athenas, veio elle juntamente com outros seis moços, a satisfazer o infame tributo; e como Ariadna o visse, namorou-se da sua gentileza, e cogitou no modo de lhe salvar a vida. Para o conseguir deo-lhe um novello de fio, por meio do qual poude Theseo sahir do intrincado labyrintho, deixando nelle morto o antropophago Minotauro. Fugindo depois com a Princeza que o salvara, esqueceo-se bem depressa do serviço que esta lhe fizera, e deixou-a ao desamparo na ilha de Choo ou Naxos, aonde passado tempo veio Baccho, que achando Ariadna só e desamparada, e agradando-se da sua formosura, a desposou, e depois a levou para o Ceo, collocando a sua coroa entre as mais Constellações. — *A.*

(14) *José Pitton de Tournefort*, Provençal, nasceo em 1656. Herborisou desde creança: foi professor em París, do Jardim Real das Plantas: visitou Portugal, Hespanha, Hollanda; e finalmente, por ordem de Luiz 14, foi á Grecia e á Asia buscar plantas, e occupar-se da Historia Natural. Á força

de trabalhos botanicos, morreo em 1708. Este sabio desenvolve em todos os seus escriptos tanto zelo pela sciencia, e uma intelligencia tal, que sem embargo dos progressos que depois delle se teem feito neste ramo, será sempre utilissimo e necessario estudar as suas obras. Mr. Adanson, outro sabio Botanico da Academia das Sciencias de París, que publicou em 1763 um Trattado das Familias de Plantas, assegura com razão que de todos os Methodos artificiaes o de Tournefort foi o que menos turbou as affinidades, ou melhor se conformou com a marcha da natureza. — *A*.

(15) Tournefort, andando a herborisar nos Pyrenneos, foi assaltado e maltrattado pelos miqueletes; mas de tal modo andava absorto no estudo das plantas, que sem embargo do insulto, continuou a herborisar, sem dar fé do que lhe tinha succedido, nem attender pelo mais que podia sobrevir. — *A*.

(16) O famoso Pintor *Vernet*, indo n'uma viagem maritima de Italia para Marselha, foi surprehendido por uma horrivel tempestade. Quando os outros passageiros iam tremendo com receio do naufragio, elle arrebatado com o espectaculo que lhe apresentava a natureza, fez-se ligar a um mastro da embarcação, para melhor gozar da vista dos raios e das ondas; e em tal situação apenas se lhe ouvia dizer de vez em quando: = *Quel beau spectacle!* = A este profundo estudo e impassibilidade do Pintor se deve o seu maravilhoso quadro da *Tempestade*, no qual se achará, como em todos os mais que fez, em alguma attitude exquisita o seu amigo Mr. Teste, banqueiro d'Avinhão. — *A*.

(17) O Doutor *Antonio Luiz de Jussieu*, celebre Botanico da Academia das Sciencias de París, nasceo em Lyão no anno de 1686. Foi elle quem fez o Appendix de Tournefort, e

redigio a obra do P. Barrelier sobre as plantas que vegetam em França, Hespanha e Italia; adquirindo grande celebridade pelo seu Methodo Natural, em que adoptou a nomenclatura de Linneo, e quasi geralmente os seus generos, reduzindo-os a noventa e duas familias, estabelecidas em differentes relações collectivamente tiradas de todas as partes das plantas. Este methodo foi imaginado pelo Doutor Bernardo de Jussieu, e estabelecido primeiramente no Real Jardim de Trianon, construido no Parque de Versalhes: depois da sua morte, o Doutor Antonio de Jussieu cuidou em lhe dar uma melhor forma, e o introduzio no Jardim Real de París. — *A.*

(18) *Malpighi*, medico mui sabio de Bolonha, que anatomisou as plantas, e publicou varios escriptos sobre os principios e geração de muitos sêres, morreo em Roma no anno de 1694, de idade de 67 annos.

Leuwenhoek, celebre medico hollandez, que aperfeiçoou o microscopio, e fez importantes descobertas com o auxilio deste instrumento. — *A.*

(19) *Zephyro* na mythologia é filho da Aurora, e esposo de Flora, a Deosa das flores; e no sentido proprio é o vento occidental, a que os Gregos chamam Zephyro, e os Latinos Favonio. — *A.*

(20) *Carlos Linneo*, Botanico, auctor do Systema sexual das Plantas, Professor de Medicina na Universidade de Upsal, morreo em 1772. Era filho de um pobre ecclesiastico de Smolandia, na Suecia; e tendo-se applicado ao estudo de Historia Natural, fez nesta sciencia tão rapidos progressos, que na idade de 22 annos se achava já capaz de ajudar e substituir Rudbeck, que então a professava em Upsal. Uma das suas primeiras tentativas foi de fazer um systema botanico que pudesse pre-

valecer ao de Tournefort; e dizem que chegara a introduzi-lo no jardim botanico daquella Universidade no anno de 1731. Depois foi encarregado pela Sociedade de Upsal de fazer uma viagem na Laponia, Noruega, e outros paizes do Norte, por objectos de Historia Natural. Em 1735 e annos seguintes, protegido por seus amigos, viajou pela Dinamarca, Suecia, Allemanha, Inglaterra e Hollanda, aonde publicou o seu *Systema Naturæ*. Voltando á Suecia, a reputação que havia adquirido nos paizes estrangeiros, lhe suscitou a inveja de Rozen, e outros membros da Universidade de Upsal, de sorte que tendo aberto um curso de lições de Historia Natural, foi por decreto da mesma Universidade suspenso de o continuar, com o pretexto de que sómente os doutores aggregados a ella podiam ensinar. Mas vencida esta difficuldade no anno de 1741, em que foi nomeado professor de Medicina e Botanica, continuou por muitos annos as suas lições com grande celebridade, até que finalmente, victima da sua applicação demasiadamente sustida, veio a ficar privado de todas as faculdades intellectuaes no ultimo anno da sua vida, e a morrer de uma hydropisia de peito; tendo contribuido, tanto pelos seus extensos trabalhos, como pelos sabios alumnos que formou, para adiantar mais ou menos todas as partes da Sciencia da Natureza. — *C.*

(21) *João Ray*, theologo Inglez de grande ingenho e erudição, publicou em 1682 a mais extensa Historia do reino vegetal que até alli se tinha visto, comprehendendo 18:655 plantas entre especies e variedades. Os trabalhos desta obra vasta não foram dirigidos sómente á Medicina, como era costume, mas a tudo o que pudesse ser util á vida humana; e Ray foi com effeito o primeiro depois de Plinio que se esforçou para que a Botanica fosse estudada como uma parte da Historia Natural. O seu methodo dividido em trinta e tres classes, fundadas principalmente no fructo, foi seguido por

Sloane, Petiver, Dillenio, e Martin. Elle contêm muitas observações uteis, e novidade; mas sem embargo disso, e mesmo depois da ultima correcção que seu auctor lhe fez na edição que publicou em 1700, não deixa de ser difficil na pratica.

Deste Botanico fiz menção sómente por civilidade; porque achando-me em Inglaterra, me pedio um Inglez que o não esquecesse. — *A*.

(22) *Tempes se elevam*, etc. — Sobre as margens do Peneo, entre o monte Ossa e o Olympo, havia um valle delicioso chamado Tempe, de que os antigos fazem menção como de uma especie de Paraiso. — *A*.

(23) *O Cantor do Rhodope* é Orpheo, que assim foi chamado por Ovidio e Horacio, em razão de ser o monte Rhodope na Thracia, assim como o Pangeo e o Hemo, que vão prender-se áquelle, muito celebre na historia de Orpheo, por ser nas suas visinhanças que os seus cantos e a sua morte o fizeram tão famoso. — *A*.

(24) *Corcyra*, tambem chamada *Pheacia* por ser habitada pelos Pheaces, e hoje *Corfu*, ilha proxima ao Epiro ou Albania, da qual falla Homero na Odysséa, era o lugar dos famosos jardins de Alcinoo, por quem Ulysses foi magnificamente hospedado quando alli naufragou, tendo a fortuna de encontrar Nausicate, filha daquelle rei, que o conduzio a seu pae. — *A*.

(25) *Pomona*, a Deosa das fructas e pomares, era uma nympha do Lacio, mui querida de Vertumno, que para a ver e convencê-la tomava mil figuras, e por ultimo a de velha, procurando com muitas razões persuadi-la a que casasse com Vertumno; até que em fim, desenganado de a poder seduzir

com argumentos, reassumio a sua verdadeira forma, e sem grande trabalho a reduzio a querer-lhe bem. Era muito venerada dos Romanos; e no livro 14.° das Metamorphoses de Ovidio encontra-se uma ingenhosa descripção desta Deidade. — *A.*

(26) *Vertumno*, o deos do Outono, e da mudança, tinha o dom de transformar-se, e foi esposo de Pomona. Veja-se a nota antecedente. — *A.*

(27) *Vós, nove irmãs divinas!* — As nove Musas, filhas de Jupiter e de Mnemosyne, a deosa da Memoria. Os nomes particulares de cada uma são: Urania, que preside á Astronomia, superior ás outras pela sua sciencia — Polymnia, que preside á Eloquencia e á Poesia lyrica — Terpsichore, a musa da Dança — Clio, a da Historia — Melpomene, a da Tragedia — Erato, a da Poesia amorosa — Euterpe, a dos instrumentos, particularmente da flauta — Thalia, a da Comedia — Calliope, a da Poesia Heroica e da Harmonia. Tambem se chamam Pierides, ou por terem nascido no monte Pierio da Thessalia, região de Macedonia, como diz Plinio o Maior, ou por terem vencido em publico certamen as filhas de Pierio Macedonio, suas visinhas, que se atreveram a desafiá-las para mostrar quem primava na musica e na poesia; Heliconides, e Heliconiades, do monte Helicon, na Beocia, onde muitas vezes costumavam residir; Parnasides, do monte Parnaso onde habitavam; Pegasides, por beberem da fonte Castalia, ou Cabalina, que nasceo da pégada do cavallo Pegaso, quando nelle subio Bellerophonte para ir debellar a Chymera; Aonides, da fonte Aonia, na Beocia; Citherides, do monte Citheron na Attica; Thespiades, de Thespia, lugar proximo a Helicon, que lhes era consagrado; Mnemosynides, de sua mãe Mnemosyne, *etc.* — *C.*

(28) *Orpheo*, poeta celebre, e um dos mais antigos sabios cujo nome chegou até nós, nasceo na Thracia, um seculo quasi antes da guerra de Troya. Seu pae chamou-se OEagro, um dos reis ou chefes daquelle paiz; e como os Gregos não tivessem conhecimento do nome de sua mãe, imaginaram que o tinha sido Calliope, a Musa da Harmonia. Outros porêm disseram que foi filho de Apollo, e de Calliope, cuja opinião seguio o nosso Camões, como se deprehende da estancia 1.ª do 3.º Canto dos Lusiadas. O poeta Lino ensinou-lhe a tocar citara ou lyra; mas em breve tempo o discipulo excedeo o mestre. As maravilhas que se contam do seu talento, como por exemplo, domar a braveza das feras, acalmar os ventos desenfreados, entorpecer a corrente das aguas do Hebro, attrahir ao Rhodope as arvores e as penhas, nada mais são do que a imagem allegorica do podêr da musica e da poesia sobre os homens. Tambem foi na expedição dos Argonautas á conquista do Vellocino d'ouro. Visitou o Egypto, onde se fez iniciar nos mysterios sacros; e pelos entretenimentos que alli teve com os sacerdotes, que então se achavam senhores do deposito das sciencias, adquirio grande copia de conhecimentos, dos quaes fez participantes aos Thraces seus compatricios, accommodando-se todavia ás preocupações que elles tinham. Á imitação dos mysterios de Isis e de Osiris, tão celebrados no Egypto, instituio os de Baccho e de Ceres Eleusina, que do seu nome foram intitulados Orphicos. A exemplo dos outros sabios do paganismo, deixava ao povo o culto dos entes sensiveis, permittindo que divinisassem os objectos do seu temor, ou do seu affecto; mas em particular descobria a seus discipulos o dogma de um Deos creador, que conserva o Universo depois de o tirar do nada; e revelando-lhes os segredos de uma vida futura, intimidava o vicio com as penas do Tartaro, e acoroçoava a virtude com a esperança de uma recompensa proporcionada aos seus esforços; e por isso foi chamado o primeiro Theologo dos Gregos, como

diz Lactancio Firmiano no seu livro = *De Origine erroris.* = Sendo recente esposo de Eurydice, a quem amava com ternura, acconteceo que esta nympha, andando a girar nos prados com suas companheiras, fosse mordida no pé por uma serpe venenosa que estava occulta debaixo das hervas. Debalde empregou elle o succo benefico das plantas para neutralisar o effeito do veneno: Eurydice morreo; e o seu esposo inconsolavel a foi buscar (segundo a Mythologia) aos infernos, conseguindo apiedar com seus cantos o inexoravel Plutão. Desgraçadamente porêm, quando já proximo estava a repassar os limites do imperio tenebroso, trazendo após de si a noiva libertada, esqueceo-se da condição com que lhe fora cedida; e voltando o rosto para vê-la, nesse instante a perdeo para sempre. Esta descida de Orpheo aos infernos forma o assumpto de um episodio do 4.° livro das Georgicas de Virgilio, no qual o poeta se excedeo a si mesmo. Tambem foi cantada por Ovidio no livro 10.° das Metamorphoses, e se acha elegantemente traduzida por Manoel Maria Bocage, no tomo 2.° das suas obras. Ultimamente Orpheo, como ficasse inconsolavel da perda da sua Eurydice, não fazendo mais caso das outras bellas da Thracia, nem tão pouco dos festejos para que o convidavam, foi morto pelas Bacchantes furiosas, que o fizeram em pedaços, e arrojaram sua cabeça e lyra ás aguas do rio Hebro, o qual compassivo as levou até á ilha de Lesbos, aonde lhes foi levantado um tumulo honorifico. A lyra (como diz João Bocacio na sua *Genealogia Deorum*, livro 5.°) foi elevada aos Ceos, e transformada pelos Deoses na constellação que tem seu nome: e Orpheo (como diz Pierio Valeriano nos seus Hyeorigliphicos livro 23.°) foi transformado em Cysne. — *C.*

(29) *Vaga*, em inglez *Wye*, ribeira no Glocestershire que desagua no Saverno, rio que tem origem no Condado de Montgomery, paiz de Galles, e desemboca no canal de S. Jorge.

Na confluencia da Vaga e do Saverno estava situada a casa de Wye-Cottage, onde eu compunha as Recreações Botanicas. — *A*.

(30) Alcippe nasceo em Lisboa, na casa de seus Avós os Condes de Assumar, edificio muito antigo, onde está hoje estabelecida a Cadêa do Limoeiro; e por isso algumas vezes diz o povo — Vamos até ao palacio do Conde d'Assumar, visitar um amigo que lá está — quer dizer, que está preso na Cadêa do Limoeiro. — *C*.

(31) *Os Bathursts piedosos*, estimavel familia ingleza, com quem Alcippe teve muita amizade e convivencia. Mais adiante, no 3.° Canto, faz ella recordação da casa de campo que esta familia possuia no Glocestershire. — *C*.

CANTO II.

(1) *Bem que désse diademas ao diamante*, etc. — Como o diamante é o mais precioso dos mineraes, e a rosa a mais bella das flores, entendo esta preeminencia que a natureza lhes dá, e exprimo-a pelo diadema e pela coroa pomposa, o que é bastante claro em portuguez. — *A*.

(2) Allusão á serpente Python, que foi produzida pelos limos da terra depois do diluvio de Deucalião. Juno, esposa de Jupiter, a enviou contra Latona, que era amada de seu marido; mas Apollo, filho desta, matou a serpente a tiros de frecha, vingando assim a perseguição de sua mãe, e livrando a terra dos effluvios pestilentes que exhalava aquelle monstro. Em memoria desta façanha de Apollo foram instituidos na ilha de Delphos os jogos Pythios, cuja denominação provêm do nome da serpente. — *C*.

(3) *Materia indefinida* — Na theoria da Luz seguio a Auctora a hypothese de Newton, ou da emissão. — *B*.

(4) *E como nós respira* — Aqui mostrou a Auctora profundos conhecimentos de Physiologia vegetal: as folhas são os orgãos da respiração dos vegetaes, e no seu estado de perfeição á custa da materia verde, os vegetaes decompoem o ar atmospherico, absorvendo o carbone do acido carbonico, e exhalando o oxigeneo. Pristley foi o primeiro que observou esta funcção; e depois delle Sennebier e Saussure confirmaram a observação, e hoje é um dos factos inquestionaveis da sciencia. — *B*.

(5) *Calix*, invólucro exterior da flor, ordinariamente de cor verde. — *Corolla*, invólucro interior, que por via de regra dá a variada cor e belleza á flor. Parece ter recebido esta denominação por se assemelhar em algumas flores a uma pequena coroa real aberta, como é a da assucena. — *B.*

(6) *É de Apollo o calor*, etc. — Em todos os trattados de Botanica merece um lugar mui distincto o exame da acção da luz solar sobre a vegetação; e o desabotoamento de todos os gomos é na verdade o mais bello effeito da acção solar. — *B.*

(7) *Vereis umas no caule solitarias — Outras, mais ternas, em familia unidas.* — Estes dois versos desenham magnificamente o habito externo das duas grandes secções vegetaes, *monocotyledoneas*, e *dicotyledoneas*. Aquellas são como um anachoreta que vive isolado no cume do caule: estas ao contrario semelham a um collegio numeroso que vive na mais estreita communhão: a Palmeira, por exemplo, representará aquellas; e um frondoso Carvalho estas. — *B.*

(8) *Tudo indica nas plantas sentimento* — Se definirmos a sensação, com Mr. Raspail, «*faculdade de responder a uma impulsão com uma repulsão*» quem póde negar o sentimento aos vegetaes? Haja vista ás folhas da Sensitiva. — *B.*

(9) *Anthera*, parte superior do orgão masculino das flores, o qual se chama *estame* por se assemelhar a um fio delgado, ou *quia stat*, por estar ordinariamente erguido. A anthera é uma especie de bolsa que contêm o *pollen*, ou o pó fecundante dos vegetaes. — *B.*

(10) *Pistillo*, orgão feminino vegetal. Nos vegetaes dioicos, em que uma planta é toda masculina, e outra toda femi-

nina, e que vivem a alguma distancia, o vento leva o pollen da flor masculina, e o deposita no *estigma*, ou parte superior do orgão feminino, assim chamada por se assemelhar a um ferrete ou ferro de marcar, como é, *v. g.* o da congossa, *etc.* — *B.*

(11) *Que na classe primeira um só consorte*, etc. — As primeiras onze classes no systema de Linneo tiram seu caracter essencial do numero dos orgãos masculinos, ou estames, de suas flores: assim, *Monandria*, que é a 1.ª, tem um só estame; (do grego *monos*, um só, e *aner*, genitivo *andros*, marido) a 2.ª, *Diandria*, tem dois; (do grego *dis*, dois, e *aner*, genitivo *andros*, marido) *etc.* Mas as ordens em que se subdivide cada uma destas classes tiram seu caracter do numero dos orgãos femininos, ou pistillos: assim, a 1.ª classe tem duas ordens: 1.ª *Monogynia*, isto é, que tem um só pistillo; (do grego *monos*, uma só, e *gyne*, esposa) 2.ª *Digynia*, que tem duas femeas, (do grego *dis*, duas, e *gyne*, esposa) e um só macho, que é o caracter da classe: circunstancia que a Auctora tambem apanha, e com tanta graça representa nos versos = *Bem que esta classe duas ordens tenha, E que a segunda off'reça*, etc. — *B.*

Em obsequio dos leitores, e para lhes facilitar a intelligencia do texto do Poema, ajuntaremos aqui as duas Tabellas seguintes, extrahidas da Exposição do Systema Sexual de Linneo pelo Doutor Felix Avellar Brotero, no seu Compendio de Botanica, tomo 2.°

CLAVE

DO

SYSTEMA SEXUAL.

- Florecencia
  - bem visivel; ou orgãos sexuaes bem apparentes
    - Estames com pistillo em todas as flores da mesma especie.
      - Estames desapegados entre si, e do pistillo
        - de comprimento indeterminado
          - I. *Monandria*
          - II. *Diandria*
          - III. *Triandria*
          - IV. *Tetrandria*
          - V. *Pentandria*
          - VI. *Hexandria*
          - VII. *Heptandria*
          - VIII. *Octandria*
          - IX. *Enneandria*
          - X. *Decandria*
          - XI. *Dodecandria*
          - XII. *Icosandria*
          - XIII. *Polyandria*
        - dois sempre mais curtos
          - e dois mais altos — XIV. *Didynamia*
          - e quatro mais altos — XV. *Tetradynamia*
      - apegados
        - entre si
          - pelos filetes
            - em um corpo.... XVI. *Monadelphia*
            - em dois corpos... XVII. *Diadelphia*
            - em muitos corpos... XVIII. *Polyadelphia*
          - pelas antheras. XIX. *Syngenesia*
        - ao pistillo..... XX. *Gynandria*
    - Estames em umas flores, e o pistillo em outras na mesma especie.
      - e no mesmo individuo..... XXI. *Monoicia*
      - mas em dois individuos..... XXII. *Dioicia*
      - e alem dellas flores hermaphroditas no mesmo ou diverso individuo..... XXIII. *Polygamia*
  - Clandestina..... XXIV. *Cryptogamia.*

CLASSES

COM

AS SUAS ORDENS RESPECTIVAS.

	CLASSES	ORDENS
I.	MONANDRIA.....	Monogynia, Digynia.
II.	DIANDRIA.....	Monogynia, Digynia, Trigynia.
III.	TRIANDRIA.....	Monogynia, Digynia, Trigynia.
IV.	TETRANDRIA.....	Monogynia, Digynia, Tetragynia.
V.	PENTANDRIA.....	Monogynia, Digynia, Trigynia, Tetragynia, Pentagynia, Polygynia.
VI.	HEXANDRIA.....	Monogynia, Digynia, Trigynia, Tetragynia, Polygynia.
VII.	HEPTANDRIA.....	Monogynia, Digynia, Tetragynia, Heptagynia.
VIII.	OCTANDRIA.....	Monogynia, Digynia, Trigynia, Tetragynia.
IX.	ENNEANDRIA.....	Monogynia, Trigynia, Hexagynia.
X.	DECANDRIA.....	Monogynia, Digynia, Trigynia, Pentagynia, Decagynia.
XI.	DODECANDRIA.....	Monogynia, Digynia, Trigynia, Pentagynia, Dodecagynia.
XII.	ICOSANDRIA.....	Monogynia, Digynia, Trigynia, Pentagynia, Polygynia.
XIII.	POLYANDRIA.....	Monogynia, Digynia, Trigynia, Tetragynia, Pentagynia, Hexagynia, Polygynia.
XIV.	DIDYNAMIA.....	Gymnospermia, Angiospermia.
XV.	TETRADYNAMIA...	Siliculosas, Siliquosas.
XVI.	MONADELPHIA....	Triandria, Heptandria, Octandria, Enneandria, Decandria, Endecandria, Dodecandria, Polyandria.
XVII.	DIADELPHIA.....	Pentandria, Hexandria, Octandria, Decandria.
XVIII.	POLYADELPHIA...	Pentandria, Dodecandria, Icosandria, Polyandria.
XIX.	SYNGENESIA.....	Polygamia igual, Polygamia superflua, Polygamia frustrada, Polygamia necessaria, Pogamia segregada, Monogamia.
XX.	GYNANDRIA.....	Diandria, Triandria, Tetrandia, Pentandria, Hexandria, Octandria, Decandria, Dodecandria, Polyandria.
XXI.	MONOICIA.....	Monandria, Diandria, Triandria, Tetrandria, Pentandria, Hexandria, Heptandria, Polyandria, Monadelphia, Syngenesia, Gynandria.
XXII.	DIOICIA.....	Monandria, Diandria, Triandria, Tetrandria, Pentandria, Hexandria, Octandria, Enneandria, Decandria, Dodecandria, Polyandria, Monadelphia, Syngenesia, Gynandria.
XXIII.	POLYGAMIA.....	Monoicia, Dioicia, Trioicia.
XXIV.	CRYPTOGAMIA....	Fetos, Musgos, Algas, Fungos.

C.

(12) *Hybla*, monte da Sicilia, celebre na antiguidade pelo delicioso mel que nelle se fabricava. — *B.*

(13) *Diandria*, segunda Classe do systema sexual de Linneo; o seu caracter essencial é ter dois orgãos masculinos em cada flor hermaphrodita. (Veja-se a nota 11). — *B.*

(14) A *Circéa*, genero da familia natural das Onagrariaceas, vulgo, *herva dos magicos*. Deriva o seu nome da famosa Circe, feiticeira cujos maleficios foram tão decantados nas Metamorphoses de Ovidio. O Jasmineiro tambem é da Diandria de Linneo. — *B.*

(15) A *Verbena* é da familia das Pyrennaceas, planta funerea. — *B.*

(16) A *Cuscuta*, da familia das Convolvulaceas, é parasita caulicola, e dotada de sugadouros, com que adhere ao tronco, mórmente da vinha no meio-dia da França, onde mata um grande numero de bacellos. — *B.*

(17) *Calippo*, atheniense, discipulo de Platão, era amigo de Dion de Syracusa, que se hospedava em sua casa quando ía a Athenas, e era um dos homens de maior podêr e fortuna que havia na Sicilia. Partindo este á frente de uma expedição para ir libertar sua patria, Calippo o quiz acompanhar com algumas tropas que ajuntara, e com effeito o auxiliou na sua empreza. Mas a ambição lhe fez esquecer mui depressa os beneficios que devia ao illustre Syracusano; e concebendo a esperança de o supplantar, conspirou contra elle de tal modo que conseguio fazê-lo assassinar no seu proprio aposento, e no meio dos seus guardas. Em seguida apoderou-se da suprema authoridade, mas não gozou por muito tempo della; porque sahindo

com suas tropas para ir sitiar Catania, perdeo Syracusa, que foi libertada pelos amigos de Dion. Depois foi derrotado junto de Messina; e não achaudo já na Sicilia cidade alguma que o quizesse receber, passou á Italia, e entrou em Rhegium. Alli porêm foi bem depressa acommettido pela fome, e revoltando-se-lhe as tropas, foi morto por dois dos seus soldados com o mesmo ferro que tinha servido para dar cabo de Dion. Assim recebeo elle a punição do seu crime pouco tempo depois de o haver perpetrado na pessoa do seu amigo, porque ambos morreram no anno 351 antes da Era de Christo. Veja-se Plutarcho, e Cornellio Nepote *in vita Dion.* — *C.*

(18) *O cego Vate que cantou de Achilles.* — Allusão ao grande Homero, que não obstante ser cego foi o Principe da Poesia heroica. — *C.*

(19) *O cego Vate que pintou do Inferno.* — Allusão a Milton, poeta inglez, author do sublime poema do *Paraiso Perdido.* — *C.*

(20) *Jacintho*, ou *Hyacintho*, planta da familia das Lyliaceas. Mythologicamente era um joven Principe de Laconia, apaixonadamente amado de Apollo, e de Zephyro ou Bóreas. Estando um dia a jogar o disco ou a barra com Apollo, sobreveio aquelle vento, e impellindo no ar a barra contra elle, o matou por ciumes. Apollo o metamorphoseou na flor que ainda conserva o mesmo nome. — *B.*

(21) A *Angelica* é planta aromatica, da familia das Umbelliferas. — *B.*

(22) A *Scilla*, vulgo *cebolla albarrã*, é utilissima em Medicina. — *B.*

(23) A *Tulipa*, da familia das Lyliaceas, é uma das mais bellas e magestosas flores. — *B.*

(24) A *Convalaria* é da familia das Asparageas. — *B.*

(25) O *Narciso* é da familia das Lyliaceas. Todos sabem a fatua vaidade deste filho do rio Cephiso e da nympha Liriope, e a razão da sua metamorphose, que deo assumpto a um bello poema do Senhor Antonio Feliciano de Castilho = as Cartas de Echo a Narciso. — *B.*

(26) *Nessus* era um dos Centauros filhos de Ixion e da nuvem. Accontecendo achar-se perto do rio Evenio, quando Hercules o pertendia passar com sua mulher Dejanira, filha de Oeneo, rei da Etholia, offereceo-se-lhe para transportar esta Princeza ao outro lado do rio, que ía muito crescido, e não podia vadear-se; o que a elle era bem facil, por ser meio cavallo e meio homem. Acceitou Hercules o offerecimento; mas vendo que o Centauro abusava da sua confiança, disparou-lhe uma frecha, hervada no venenoso sangue da Hydra de Lerna, com que lhe varou as entranhas. Achando-se Nessus proximo a morrer, deo a sua tunica ensanguentada a Dejanira, dizendo-lhe que aquella roupa tinha tal propriedade, que se Hercules a vestisse quando tivesse paixão por outra dama, logo a aborreceria, e a amaria sómente a ella. Passado tempo, constou a Dejanira que seu marido trattava amores com Jole, filha de Eurito rei de Oecalia; e ardendo em zelos, mandou-lhe por um seu criado, chamado Lycas, a tunica fatal. Assim que Hercules a vestio, sentio logo um fogo abrazador, que lhe calava até aos ossos; e como visse que a camisa era a causa efficiente do seu damno, procurou despi-la; mas á proporção que a tirava, arrancava pedaços da pelle a que se achava collada. Tornou-se então furioso, e fez muitos desatinos; até que ultimamente resolveo

queimar-se a si mesmo em uma grande fogueira que levantou sobre o monte Oeta na Thessalia. Esta é a narração mythologica relativa á camisa de Alcides, a que a Auctora allude nestes dois versos; mas dizendo que fôra ensopada no succo do alho, parece que se recordou nesta occasião do Epodo 3.° de Horacio, que remata as imprecações contra os alhos dizendo assim:

Nec munus humeris efficacis Herculis
Inarsit æstuosiùs. *C.*

(27) *Anima o sangue dos heroes d'Hespanha.* — Este Poema era escripto no tempo em que a Peninsula se levantava em massa contra a usurpação Franceza, e fazia prodigios de valor. É um facto da historia contemporanea. — *B.*

(28) O *Castanheiro*, tão conhecido entre nós, é da familia das Amentaceas, que tão corpulentas arvores encerra. Pertence á Heptandria de Linneo, isto é, tem sette estames em cada flor. — *B.*

(29) *Octandria*, Classe 8.ª, cujo caracter é ter oito orgãos masculinos em flores hermaphroditas. As Ordens tiram seu caracter do numero dos pistillos, como já fica ditto. — *B.*

(30) *Meleagro*, filho de Oeneo, rei d'Etolia, foi o Chefe da famosa batida de Calidonia. Conta Ovidio, que quando sua mãe Althéa o deo á luz, vio as tres Parcas assentadas ao fogo, e que accendiam a elle uma acha de lenha, dizendo que tanto havia de durar a vida do recem-nascido quanto tardasse aquelle tição em consumir-se. Indo-se dalli as inimigas Parcas, foi Althéa muito depressa tirar do lume o tição, e depois de o apagar o guardou com todo o cuidado. Crescendo Meleagro, e fazendo seu pae um grande sacrificio aos Deoses, aconteceo olvidar-se de contemplar nelle a Diana, a qual offendida por

um tal esquecimento, enviou para aquelle paiz um formidavel javali, que assolava desapiedadamente os bosques da Calidonia; até que Meleagro, convocada a flor da mocidade do Reino, se poz á testa della, e partio a fazer montaria áquella fera. Entre os que se reuniram para esta empreza, foi Atalanta, filha de Jasio rei dos Argivos, a qual primeiro que ninguem ferio o javali, que Meleagro acabou de matar. Querendo este premiar a galhardia da dama, deo-lhe a cabeça do javali, como o seu despojo mais consideravel. Os dois irmãos de Althéa, doestados com tal preferencia, lha arrancaram por suas mãos; Meleagro porêm tomou vingança deste procedimento, matando seus dois tios, e desposando Atalanta. Sabida por Althéa a morte de seus irmãos, correo a buscar o tição que havia guardado, e o lançou ao fogo. Ao passo que o tição ía ardendo, ía Meleagro acabando, até que se tornou em cinza, ficando assim expiadas as mortes de seus dois tios. — *C.*

(31) *De Schombrun as alléas sumptuosas.* — Allusão á fonte assim chamada, onde a Imperatriz d'Austria, Maria Thereza, encontrou a primeira vez o Duque de Lorena, com quem casou. — *A.*

(32) *Nos bosques d'Almeirim colhia as flores.* — Junto d'Almeirim, villa tão famosa na Historia Portugueza, possuia a Casa d'Alorna uma suberba quinta, ennobrecida com arvores magestosas e seculares, que lhe davam uma gravidade natural, em harmonia com a magnificencia politica inherente á casa de que faz parte. A esta quinta allude a Auctora em seus versos. — *B.*

(33) *Dodonia*, cidade do Epiro, perto da qual havia um bosque, cujos carvalhos proferiam oraculos, e eram consagrados a Jupiter. — *B.*

(34) Os *Molossos*, povos do Epiro, extremosos adoradores de Jupiter; donde veio o epitheto de Jupiter Molosso. — *B.*

(35) *Mnemosyne*, a Deosa da Memoria, mãe das Musas. — *B.*

(36) *Daphne*, filha do rio Peneo, foi transformada em loureiro por Apollo, em consequencia de ter fugido ás amorosas instancias deste Deos. — *B.*

(37) *Decandria*, 10.ª Classe do systema de Linneo, cujo essencial caracter é ter dez estames. — *B.*

(38) *Polemarcha*, palavra grega = *dux belli* = talvez Marechal de Campo, Official encarregado da disposição do arraial. O episodio que se segue, pela sua novidade é um dos mais bellos topicos desta Obra. Fazer do espectro solar, representado no arco-iris, a estrada que, baixando dos Ceos á terra, é trilhada pelo Genio Botanico que inflamara Linneo; e isto n'umas Recreações Botanicas; é com effeito tirar das Sciencias Naturaes todo o partido poetico que é possivel. — *B.*

(39) *Moscho*, famoso poeta grego, que vivia em tempo de Ptolomeo Philadelphio, compoz um idyllio intitulado = *Amor fugido* = onde se acha uma ingenhosa pintura do filho de Venus, que o poeta faz retrattar por sua propria mãe. — *C.*

(40) A *Andromeda* é planta do genero da familia das Ericinadas ou Rhodoraceas. A Andromeda marina é singular, por segregar um nectar amargo, o que parece contradictorio. — *B.*

(41) A *Dodecandria*, 11.ª Classe do systema de Linneo,

cujo caracter é terem as plantas della de onze a dezenove estames. — *B.*

(42) A *Agrimonia* é planta medicinal, amarga, febrifuga. — *B.*

(43) *Hygina*, ou *Hygia*, filha de Esculapio, era honrada pelos Gregos como a Deosa da Saude. Daqui provêm o nome áquella parte da Medicina que se intitula Hygiene, e tratta da conservação da saude. — *C.*

CANTO III.

(1) *São methodos diversos que á memoria — Entregam ordens, generos, systemas.* — Desde Theophrasto, nascido na ilha de Lesbos 323 annos antes da Era Christã, até Conrado Gesner, natural de Zurich em 1516, os trabalhos methodicos e graphicos da Botanica reduziam-se a cathalogos, mais ou menos extensos, de plantas observadas em diversos tempos e lugares; mas a regeneração litteraria, que progredia por toda a parte, pelo meio do seculo XVII. fez apparecer os trabalhos de Gaza, grego refugiado na Italia, Valla, Barbarus, Virgilius, Monardus, e outros, commentando os antigos Auctores Botanicos: Brunfels e Mayence examinaram as plantas de França, da Allemanha e da Suissa: Pona fazia conhecer os vegetaes do monte Baldo perto de Verona; Thalius os do norte da Allemanha. Pelo mesmo tempo se creavam na Italia os primeiros Jardins Botanicos; e as viagens tornavam-se mais longas e mais observadoras: Bellon percorria a Grecia, e a Asia-menor: Rauwolf viajava como Botanico pela Syria e pela Persia; e Alpino, na qualidade de Consul Venesiano no Cairo, escrevia o seu celebre livro de *Plantis Egypti.* Por outro lado os Portuguezes dobravam o Cabo das Tormentas; e com a descoberta de um novo mundo traziam o conhecimento de dez a doze mil especies novas para a Botanica.

Todas estas acquisições que a Sciencia fazia, banindo a idéa dos cathalogos por mesquinha e insufficiente, fez lembrar aos Botanicos de gabinete a necessidade de auxiliar a memoria

no exame e estudo dos vegetaes com um certo arranjo onde se engrupassem aquelles sêres que mais affinidade tivessem entre si por alguma circunstancia ou caracter debaixo do qual se quizessem encarar: n'uma palavra, a necessidade de um systema nasceo; e a Sciencia, que até então tinha sido filha da *analyse*, creou a sua *synthese*. Gesner pois foi o primeiro que encetou este trabalho; depois delle, Dodoneu, Ecluso, Morison, os dois Bauhinos, Magnol, Ray, e outros, trilharam o mesmo caminho; mas só no principio do seculo XVIII. Tournefort teve a gloria de instituir os caracteres genericos sobre verdadeiras bases, e fazer uma classificação assás regular. Comtudo milhares de annos deviam ter decorrido, e centenares de observadores e de escriptores deviam ter preparado o material para o celebre Linneo, a gloria da Suecia, em 1735, 36 e 37 apparecer com o seu admiravel Systema sexual, que reune a belleza da Natureza com o precioso da Sciencia. É este o systema que a Auctora segue. No Systema sexual de Linneo todos os vegetaes são distribuidos em dois grandes grupos, a saber: *Phanerogamos*, isto é, vegetaes cujos orgãos sexuaes são apparentes e manifestos; e *Cryptogamos*, ou vegetaes de orgãos sexuaes occultos: este grupo forma uma só Classe, a Cryptogamia; mas aquelle se distribue em 23, 11 das quaes ficam trattadas no Canto 2.° Cada Classe é dividida em Ordens; estas em Generos; e o Genero em Especies, cuja definição a Auctora tambem descreve. — *B.*

(2) Linneo tinha ditto — *Genus est opus naturæ.* — *B.*

(3) *Não desprezo Jussieu;* etc. — Todos os Botanicos, e particularmente Linneo, haviam reconhecido que o fim da Botanica não é só o nomenclar individuos; mas sim o conhecer as affinidades naturaes que ligam os diversos vegetaes, e assignar a cada um o lugar que lhe compete na Natureza; e do me-

thodo natural dizia Linneo — *Finis est et erit Botanices* — e de tal modo conhecia a affinidade dos vegetaes entre si que se explicava nos seguintes termos: *Plantæ omnes utrinque affinitatem mostrant uti territorium in mappa geographica.* Porêm o incançavel Adanson em 1763 foi o primeiro que arranjou os vegetaes, reunindo aquelles que mais se assemelhavam, tanto pelos seus orgãos de vegetação como de reproducção. Mas, á custa talvez dos trabalhos de Adanson, e sobretudo de Bernardo Jussieu, Antonio Lourenço de Jussieu, seu sobrinho, adquirio immortal fama com o seu Methodo Natural, onde os vegetaes apparecem engrupados em Familias dittas naturaes. A este Jussieu e a este Methodo é que a Auctora se refere. — *B.*

(4) A Icosandria e a Polyandria formam a XII. e a XIII. Classes do Systema de Linneo: uma e outra teem por caracter o ter 20 ou mais estames, com a differença que nas plantas da Icosandria os estames adherem ao calix, ou, o que é o mesmo, seu fructo é *inferum;* e na Polyandria são adherentes ao receptaculo; seu fructo é por consequencia *superum.* — *B.*

(5) *N'uma roseira mesma seis diversas,* etc. — A rosa no seu estado natural tem uma corolla com cinco peças; e essas rosas dobradas, bellas aos olhos do florista, são monstros aos olhos botanicos, onde os estames se metamorphosearam em pétalas. As reflexões de Raspail no seu trattado de Physiologia Vegetal, ácerca destas transformações e analogias organicas, merecem ser lidas. — *B.*

(6) *Neste terreno, que inundava o sangue pela rosa vermelha ou pela branca.* — Allusão ás guerras civís que suscitaram na Inglaterra os descendentes dos Duques de York e de Lancastre, terceiro e quarto filhos do Rei Eduardo III. Para

sustentar as suas pertenções, que tinham por objecto a coroa daquelle Reino, formaram-se dois bandos; um, com o distinctivo de *Rosa vermelha*, apoiava a Casa de Lancastre; e outro com o de *Rosa branca* apadrinhava a Casa de York. O furor destas facções, igual á ambição dos seus Chefes, converteo aquelle paiz n'um theatro de sangue e de carnagem por espaço de quasi um seculo. — *C.*

(7) O *cynorrhodon* é o fructo da roseira brava, o qual se assemelha a uma noz mettida n'um corpo carnoso, que foi outr'ora o calix da flor. — *B.*

(8) *A Medicina, as Artes lhe consagram*, etc. — As pétalas das rosas rubras, antes do seu desabotoamento principalmente, contêm muito tannino, e por isso são adstringentes; em virtude do seu aroma são estimulantes. — *B.*

(9) *São globos de rubim com que Lucullo*, etc. — Lucullo, o general romano que venceo Mithridates rei do Ponto, foi quem trouxe da Asia para a Europa a cereijeira. E a este respeito deparamos no 2.° Canto do poema dos Jardins do Abbade Delille com os seguintes versos:

Quand Lucullus vainqueur triomphait de l'Asie,
L'airain, le marbre et l'or frappaient Rome éblouie;
Le sage dans la foule aimait à voir ses mains
Porter le cérisier en triomphe aux Romains.

C.

(10) A rosa pertence á ultima ordem Polyginia da classe Icosandria. — *B.*

(11) *Dos avidos Apicios*, etc. — Houveram tres Romanos deste nome, todos tres famosos pela arte de refinar a guloseima. O mais celebre delles escreveo um trattado *de Opsoniis*

et Condimentis, sive de Arte Coquinaria, libri X., que foi impresso em Amsterdão em 1709, *in* 8.° Plinio chama-lhe *nepotum omnium altissimus gurges.* Foi o inventor dos manjares que tiveram seu nome, e chefe de uma academia de glutões. Depois de ter consumido enormes cabedaes na satisfação da sua voracidade, entendeo que 250 mil libras que lhe restavam não eram sufficientes para lhe contentar o appetite, e matou-se com veneno. — *C.*

(12) *A fragaria cheirosa*, etc. — É a planta vulgarmente chamada *Morangueiro*, da Familia natural das Rosaceas, cujo fructo é tão saboroso: e é de notar que quasi todos os fructos que ornam nossas mesas são desta familia, e por consequencia da Icosandria de Linneo, onde ella entra no systema sexual; *v. g.* os morangos, as maçãs, as peras, as cereijas, abrunhos, amendoas, pêcegos, ameixas, *etc.* — *B.*

(13) *Fixos no calix crescem os estames*, etc. — Vid. nota (4). — *B.*

(14) Todas as partes das plantas da Familia natural das Papaveraceas, excepto o grão, conteem um succo branco narcotico, propriedade que lhe subministra a morphina, cujo nome provêm de Morpheo, considerado na Mythologia como o Deos do Somno. Acha-se tambem neste succo a narcotina, e o acido meconico. O opio extrahe-se do *papaver somniferum*, e do *papaver orientale.* — *B.*

(15) *Quantos sectarios deste Deos na Persia*, etc. — Allude á extracção do opio por incisão; e ao uso dos povos do Oriente, que se embriagam com elle, e o preferem ao vinho. — *B.*

(16) *Até'gora os estames me guiaram*, etc. — A Classe

14.ª de Linneo já não tira seu caracter simples e unicamente do numero dos estames, mas tambem da sua proporção, ou grandeza relativa; assim o caracter desta Classe é ter quatro estames, dois mais altos e dois mais baixos; e por isso a denominou Didynamia, palavra composta de duas gregas, a saber: *dis*, dois, e *dynamis*, força. A flor destes vegetaes compõe-se de uma corolla irregular, tendo uma das pétalas em forma de labio, e por isso se chamam *labiadas*. Divide-se em duas Ordens: I. *Gymnospermia*, cujos grãos parecem nus, pela intima ligação e summa tenacidade do seu pericarpio; e é o que significa esta palavra, do grego *gymnos*, nu, e *sperma*, semente: II. *Angiospermia*, ou plantas cujo grão é protegido por um pericarpio apparente: do grego *angeion*, vaso, e *sperma*, semente. — *B*.

(17) *As flores mascarinas*, etc. — As flores dos vegetaes desta Ordem tem tal analogia com a viseira que protegia a cara dos guerreiros da antiguidade, que por isso se chamaram *personadas*, ou *mascaradas*. — *B*.

(18) *Por um Vate infeliz*, etc. — Allude a Antonio José, auctor das Comedias Portuguezas vulgarmente chamadas do *Judeo*, que se representaram no theatro do Bairro Alto, entre as quaes ha uma das Guerras do Alecrim com a Manjerona, que tem muita graça e originalidade. Seu infeliz auctor acabou n'uma fogueira da Inquisição, ateada na praça do Rocio, pelo crime de judaizante. — *C*.

(19) *Labiadas* — Vid. nota (16). — *B*.

(20) *Bracteas* são folhas em cuja axilla nascem os eixos floraes: se estes se não desenvolvem, as bracteas se chamam estereis. Axilla é a ponta do angulo formado por um ramo, ou por uma folha ou pedunculo, com o tronco. — *B*.

(21) *Lidney*, ou *Lidney-Park*, era uma casa de campo no Glocestershire, pertencente a Sir Charles Bathurst, de cuja familia a auctora faz menção honrosa no fim do Canto 1.° Vid. ibi — nota (31). — *C.*

(22) *Fataes Solanos, flores suspeitosas*, etc. — A Familia natural dos Solanos, na qual entram as batatas e os tomates, contêm apesar disso talvez as especies mais venenosas do Reino vegetal, *v. g.* o meimendro, o stramonio ou figueira do inferno, *etc.* Parece que a qualidade venenosa destes vegetaes é devida a um principio que nelles predomina, denominado, em virtude da sua origem, *Solanina.* — *B.*

(23) *Como o louco Diomedes raivoso*, etc. — Diomedes, filho de Tydeo, e rei d'Etolia, foi um dos Gregos que se achou no cerco de Troya, onde rivalisou com Achilles e Ajax no furor das brigas. Assaltando uma vez Ennéas, atirou uma lançada á deosa Venus e ferio o deos Marte, que protegiam o troyano, segundo conta Virgilio. — *C.*

(24) *A bimaria Corintho.* — Os diversos generos de Architectura, a que se chamam Ordens, distinguem-se muito particularmente pela forma do capitel das columnas; e na Corinthia, que constitue uma dessas Ordens, o capitel da columna representa duas folhas de acantho, ou herva-gigante, dobradas para os lados. Vid. Panorama n.° 161. Por aqui se póde fazer idéa da vastidão e profundeza dos conhecimentos encyclopedicos da Auctora: em tudo entrava com igual conhecimento, e com admiravel ingenho e graça. A cidade de Corintho estava situada entre dois mares, e por isso lhe chama *bimária.* — *B.*

(25) *O berço das Cruciferas prepara*, etc. — A Familia natural das Cruciferas, assim chamada pela forma de cruz das

suas corollas, entra toda na classe da Tetradynamia de Linneo, bem como a das Rosaceas entra na Icosandria, e outras n'outras: nova belleza do Systema sexual, apanhar muitas vezes as familias naturaes. — *B.*

(26) A *Tetradynamia,* Classe XV. do Systema Linneano, cujo caracter é ter seis estames, quatro mais altos, e dois mais baixos; o que a distingue da Hexandria, que tem tambem seis estames, mas todos iguaes. O nome desta Classe é composto de duas palavras gregas, *tetras,* quatro, e *dynamis,* força. Tem duas Ordens: I. Siliquosa; II. Siliculosa: na 1.ª o fructo é uma vagem, cujo comprimento excede muito a largura; na 2.ª o comprimento e a largura da vagem são quasi iguaes. — *B.*

(27) *E com elles da Hexandria se distingue.* — Vid. nota (26). Hexandria é palavra composta de duas gregas: *hexa,* seis, e *aner,* genitivo *andros,* marido, esposo. Vid. nota (11) do Canto 2.º — *C.*

(28) *Thlaspi,* genero da Ordem *Pleurorhiseas* da Familia Cruciferas. — *B.*

(29) *As Brassicas gentis,* genero da Ordem *Orthoplaceas* da mesma familia. — *B.*

(30) *Util Sisymbro,* genero da Ordem *Notorhiseas* da mesma familia. Nesta mesma Classe entra o rabam, a sinoula, a mostarda, a couve, *etc.* — *B.*

CANTO IV.

(1) *A bella Monadelphia assim se mostra.* — As Classes XVI., XVII., e XVIII. do Systema de Linneo não tiram seu caracter do numero dos estames, como as primeiras doze, nem de suas proporções, como as duas antecedentes; mas sim da união que entre si tem os estames; isto é, ou os estames se acham unidos n'um só corpo por seus filetes, e então constituem a Monadelphia; ou em dois corpos, a Diadelphia; ou em mais de dois, a Polyadelphia. As Ordens porêm, nestas Classes, é que tiram seu caracter do numero dos estames: deste modo se diz Monadelphia diandria, triandria, *etc.* — Monadelphia é palavra composta de duas gregas, *monos*, um só, e *adelphos*, irmão. — *B.*

(2) A *althéa* ou malvaisco é da Classe monadelphia, e na sua flor, quando tem bastante desenvolvimento, é facil ver a disposição de seus estames, cujos filetes reunidos formam uma especie de tubo. — *B.*

(3) *Arilha*, ou *arillo*, é uma expansão do cordão ovalar (funiculo) em volta do grão, proprio a mui poucas especies. — *B.*

(4) *Mas sirva nesta a distinguir as ordens.* — Vid. nota (1). — *B.*

(5) O *Geranio*, chamado vulgarmente Bico de grou, Herva de Roberto, Pé de Pato, é uma das especies singulares

pelo seu methodo de fecundação. Raspail, o mais insigne Botanico de nossos dias, explica-se do seguinte modo: « *Chez certaines fleurs, telles que le* Parnasia palustris, *les* Geranium, *les Saxifrages, les Liliacées, on voit les étamines s'avancer une à une au baiser du pistil, reprendre successivement leur rang et leur direction, après avoir accompli leur part du mystère.* » A habilidade e ingenho com que a Auctora lançou mão deste vegetal da Monadelphia, attenta a sua historia, parte verdadeira, parte fabulosa, para enriquecer estas Recreações, já em si tão bellas, com o magnifico episodio de Viriato, faz admirar, não sei se mais sua invenção, se o desenvolvimento poetico do episodio em si. O que se póde colligir é que a Auctora era vastissima em muitos ramos, um dos quaes bastaria para conceituar qualquer escriptor. — *B.*

(6) *Viriato, esse heroe que foi dos Lusos,* etc. — Viriato, um dos poucos Lusitanos escapados do morticinio que nelles fez executar o perfido pretor romano Servio Galba em uns valles do Algarve, proximos ao Guadiana, quando se achavam inermes e confiados na paz que lhes tinha promettido, foi nos seus principios pastor de gado, e veio a ser o *vencedor invencivel* (Camões, Lusiad. canto 8.° est. 6.ª) das legiões romanas, que nesse tempo amedrontavam toda a terra conhecida. Nomeado pelos seus Capitão General da Lusitania, e Defensor commum da liberdade da Patria, desbaratou successivamente quantos exercitos o podêr de Roma contra elle despedia, commandados por generaes valentes e experimentados, como os Pretores Marco Vetilio, Caio Plaucio, Claudio Unimano, Caio Negidio, Caio Lellio, Fabio Emiliano, Popilio, Quinto Pompeio, o Consul Quinto Fabio Maximo Serviliano; e por ultimo Quinto Cecilio Metello, appellidado o Macedonio, em cuja acção ficaram mortos no campo 15.000 Romanos. Até que em fim o Consul Quinto Servilio Scipião (ou Cœpião) poude subornar tres Capitães es-

trangeiros, que Viriato lhe deputara com propostas de paz, chamados Dictaleão, Minuro, e Aulaces, os quaes entraram uma noite na tenda do Lusitano, que lhes era franca, porque os reputava amigos e alliados, e o mataram a punhaladas, estando elle a dormir. A esta horrivel traição é que alludem aquelles versos de Camões na estancia 7.ª do 8.º canto dos Lusiadas, que dizem:

Com força não, com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram, que os espanta:
Que o grande aperto em gente, inda que honrosa,
Ás vezes leis magnanimas quebranta.

C.

(7) *Apimano* era filho de Braga, e por seu valor e sagacidade foi eleito pelos seus concidadãos para os commandar contra os Romanos. Á testa delles derrotou os Pretores Marco Manilio, e Calfurnio Pisão, e levou as armas lusitanas victoriosas desde o rio Guadiana até ao estreito de Gibraltar, expugnando cidades aos inimigos, e guarnecendo-as de gente sua. Achando resistencia na de Blastophenices, poz-lhe apertado cêrco, e intentou ganhá-la por assalto; mas infelizmente perdeo a vida ao subir a muralha que a defendia. —*C.*

(8) *Canthero*, (Cancheno lhe chama Faria e Sousa no seu Epitome das Historias Portuguezas) outro Cabo Lusitano, filho de Lisboa, foi tambem eleito general pelos seus compatriotas quando o Pretor Lucio Mumio se occupava em fabricar um templo á Deosa Proserpina, junto de Villa-Viçosa, no sitio onde agora está a igreja de Santiago, em agradecimento de lhe ter dado victoria contra Cesarão, successor de Apimano. Tomou de viva força aos Romanos a cidade de Cunisturgi, junto á villa de Niebla na Andaluzia, e foi marchando triumphante até Gibraltar, onde o seu exercito se dividio em duas partes, uma

das quaes passou a Africa, onde expugnou a cidade de Tanger; e outra permaneceo na Andaluzia, para continuar a guerra contra o Pretor Mumio, a quem succedeo aquelle Galba que armou a traição dos valles do Guadiana. — *C.*

(9) *Theutas*, vocabulo Celta, que significava *o Deos Supremo.* É de notar que os Celtas habitavam na provincia do Alemtejo, cujas cidades mais illustres eram Evora, Elvas, e Meidobriga, de que ainda existiam ruinas junto a Aramenha nas faldas da serra da Estrella, como diz Faria e Souza. Eram famosos em armas e em edificios; e confinavam do meio-dia com os Turdetanos, que moravam desde o Guadiana até ao cabo de S. Vicente; do norte com o rio Tejo, que os separava dos Túrdulos antigos, que occupavam as terras desde o Tejo até ao Douro; do poente com os Barbaros, que viviam desde a serra da Arrabida até ao mar de Lisboa, e por isso o cabo d'Espichel se chamava Barbarico; e do levante com os Vetões, que habitavam na Estremadura. — *C.*

(10) *Tramam com Scipio do seu Chefe a morte.* — Vid. nota (6). — *C.*

(11) *Niobe*, segundo a Mythologia, era filha de Tantalo e de uma das Pleyades, e mulher de Amphião, rei de Thebas, de quem teve dez filhos e dez filhas, a qual delles mais formoso. Ensuberbecida com tal fortuna, diz Ovidio no livro 6.° das Metamorphoses, entrou em competencia com a Deosa Latona, chamando-lhe esteril, e dizendo que os seus filhos valiam mais que os della, *etc.* Apollo e Diana quizeram vingar a injuria de sua mãe, e mataram a tiros de frecha todos os filhos de Niobe; a qual teve tanto sentimento desta violencia, que os Deoses por compaixão a transformaram em rochedo. — *C.*

(12) *Clio* é a Musa da Historia e da Epopéa, a qual prevalece aos monumentos, como se deixa ver das sette maravilhas do mundo, das quaes, exceptuando as pyramides do Egypto, nenhum outro vestigio resta alem das noticias que nos deixaram os Historiadores da antiguidade. — *C.*

(13) *De gentis borboletas cobre o campo*, etc. — Na Diadelphia a corolla irregular de muitos dos vegetaes que a compoem tem tal analogia com a figura de uma borboleta com as azas abertas, que dahi vem chamar-se a esta Familia a das *Papilionaceas.* A Auctora depois explica as partes e sua forma desta corolla irregular. — *B.*

(14) *Diadelphia*, palavra composta de duas gregas, *dis*, dois, e *adelphos*, irmãos. — Vid. nota (1). — *B.*

(15) *São defeza das pétalas e encosto*, etc. A corolla papilionacea compõe-se de cinco pétalas: uma alta e larga, chamada *vexillo* ou *estandarte;* duas a seu lado mais pequenas, que se denominam *azas;* e finalmente, outras duas ilhadas uma á outra e sub-concavas formam a carina, ou naveta, dentro da qual estão collocados os orgãos reproductores: na flor da hervilha, por exemplo, é facil ver tudo isto. — *B.*

(16) *Gavinha*, filamento entortilhado em spiral, com que muitos vegetaes se pegam aos esteios: são os chamados *abraços da vinha.* — *B.*

(17) *Cachos, umbrellas, corymbos*, são diversas formas que toma a inflorescencia desta Classe. — *B.*

(18) *Polyadelphia*, palavra composta de duas gregas, *polys*, muitos, e *adelphos*, irmãos. Vid. nota (1). — *B.*

(19) *Essa arvore benigna de que o fructo — Em sombrio liquor arte converte*, etc. Falla da arvore do cacáo, ou Cacoeiro, que pertence tambem a esta Classe, assim como o limoeiro, a larangeira, a arvore do chá, *etc.* — *B.*

(20) *Seves*, ou *Sèvre*, povoação consideravel sobre o Sena, abaixo de París, a duas leguas de Versailles, onde existe uma bella fabrica de primorosa porcelana e vidros. — *C.*

(21) *Herculaneo* e *Pompeya*, duas cidades do Reino de Napoles que pereceram na espantosa irrupção do Vesuvio, que aconteceo no anno 79 da Era Christã, o mesmo em que morreo Verpasiano, e começou a imperar seu filho Tito. Foi tanta a copia de chammas e de fumo que o vulcão lançou, que o dia se converteo em noite, como dizem os historiadores desse tempo. No exame curioso deste incendio é que morreo suffocado o celebre naturalista Plinio o Maior, ou o Antigo. Das ruinas daquellas cidades se teem desenterrado muitos vasos antigos, cujas formas teem servido de modelo ás obras de porcelana dos modernos. — *C.*

(22) *Hebéa*, ou *Hebe*, a Deosa da Mocidade, era filha de Juno, e esposa d'Hercules, a qual no Olympo ministrava o nectar aos Deoses, cujo emprego foi depois confiado a Ganymedes. — *C.*

(23) *Caracas*, ou Santiago de Leão, cidade consideravel na America Hespanhola, té situada n'uma planicie que abunda em gado, e em arvores productoras do cacáo de que se fabrica o melhor chocolate de todo o mundo. — *C.*

(24) *Athelante*, ou *Atlante*, rei de Mauritania, e filho de Uranus, foi o primeiro astronomo que representou o Mundo

por uma esphera. Dahi proveio a fabula de Atlante sustentando os Ceos sobre seus hombros. — *C.*

(25) *Verei dalli de Penha-verde os bosques.* — Allusão á quinta de Penha-verde, nas visinhanças de Cintra, cujo arvoredo antigo, plantado por D. João de Castro, é todo de arvores sylvestres. — *C.*

(26) O *Hebro*, hoje o *Marisa*, é um rio da Thracia, famoso na antiguidade pelos cantos de Orpheo, e por ser aquelle que recebeo a cabeça e a lyra deste vate, quando as Bacchantes o despedaçaram, como se refere na Mythologia. — *C.*

CANTO V.

(1) *Desses dois Argonautas*, etc. — Castor e Pollux, filhos de Jupiter e Leda, que foram metamorphoseados no signo de *Gemini*, o terceiro do Zodiaco. Ovid. Met. liv. 6.° e 8.° — *C.*

(2) *A Nympha que ultrajou de Cinthia os ritos — Calisto*, filha de Lycaon, rei da Arcadia, que por suas crueldades foi transformado em lobo, era uma das virgens da comitiva de Diana. Tendo sido seduzida por Jupiter, a casta deosa a expulsou da sua companhia, e assim foi abandonada para os bosques, onde deo á luz um filho a quem poz o nome de Arcas. Juno, ciosa destes amores de seu marido, e para que ella lhe não désse novos motivos de desgosto, a converteo em ursa, em cuja forma andou vagando muitos annos pelas selvas; até que um dia, encontrando seu filho, que andava á caça, e preparando-se este para lhe atirar, pois ignorava que era sua mãe, Jupiter compadecido o transformou em urso, e os levou a ambos para o Ceo, collocando-os nas duas constellações da Ursa maior, e Ursa menor. Vid. Metamorphose d'Ovidio, liv. 2.°

Os poetas tomam muitas vezes Calisto pelo Polo Arctico, ou do Norte; e assim dizem — do Antarctico a Calisto — quer dizer — de um Polo a outro. — *C.*

(3) *Egeria*, nympha do monte Arcino, com quem Numa Pompilio, rei de Roma, dizia passar gostosas e entretidas noites na floresta de Aricia, e receber della os dictames e conselhos

para as leis que promulgava, relativas ao culto dos Deoses. Accrescenta Ovidio (Metamorph. liv. 2.º) que foi tal o sentimento que esta nympha teve da morte de Numa, que desfazendo-se em pranto noite e dia, moveo á compaixão a deosa Diana, que a converteo na fonte chamada Egeria. — *C.*

(4) *A complicada e vasta Syngenesia* — 19.ª Classe do systema de Linneo, cujo nome é composto de duas palavras gregas, *syn*, juntamente, e *genesis*, geração. — As Ordens desta Classe são muito complicadas, e fundadas sobre relações que existem na disposição dos dois sexos, e sobre a das flores mesmas. A Classe divide-se primeiramente em duas secções: I. Syngenesia Polygamia, cujas flores são muito reunidas conjunctamente em um calix commum: II. Syngenesia Monogamia, na qual as flores são separadas. Esta segunda secção não se divide; mas a primeira comprehende cinco Ordens. Para darmos o caracter destas Ordens, é necessario ter presente a forma mais ordinaria das flores desta Classe, a qual consiste em um receptaculo commum, no qual assentam milhares de florinhas, como no malmequer, gira-sol, *etc.*: já se vê que destes flosculos o circulo mais exterior é chamado *marginal*, e os outros *centraes:* ora, a 1.ª Ordem é chamada *Polygamia æqualis*, na qual tanto os flosculos marginaes como os centraes são todos hermaphroditas: a 2.ª, *Polygamia superflua*, na qual as florinhas centraes são hermaphroditas, e as marginaes femeas: a 3.ª, *Polygamia frustranea*, na qual os flosculos centraes são hermaphroditas, e os marginaes estereis: a 4.ª, *Polygamia necessaria*, na qual só os flosculos marginaes são ferteis: a 5.ª, *Polygamia segregata*, na qual, posto que haja um calix commum para todos os flosculos, comtudo cada um delles tem seu calix proprio. — *B.*

(5) *São semi-flores de outra cor e forma*, etc. — Os

flosculos marginaes cuja pétala exterior é grande e desenvolvida, formando o disco da flor total, não teem outra pela parte interna que lhe corresponda; é por isso que se denominam *semi-flores.* — *B.*

(6) *Taraxaco,* vulgò *dente de leão;* planta medicinal, leve tonico. — *B.*

(7) As flores *capitatas* são assim chamadas porque a reunião dos flosculos affecta a forma globosa de uma cabeça; *v. g.* a perpetua. — *B.*

(8) *A polygamia igual abre o apparato,* etc. — Vid. nota (4). — *B.*

(9) Esta consideração sobre a triplice forma da corolla composta é de Tournefort; elle a chamava *semi-flosculosa,* quando a corolla dos flosculos na parte exterior de seu limbo está estendida, e é mais comprida: *tubulosa* quando cada uma das pequenas corollas são do feitio de canudo, e quasi iguaes: *radista* quando as pequenas corollas do disco da flor commum, ou que estão no meio, são tubulosas, e as que estão na circunferencia são liguladas; a estas flores chamava Tournefort *radiadas.* — *B.*

(10) *De uns calíclida a base, outros imbríca* — *Caliclida,* quando em volta da base ha uma pequena coroa de preganas: *imbrica,* se as peças estão dispostas á maneira de telhas de telhado, de sorte que a anterior cobre metade da seguinte. — *B.*

(11) *Alli o Tragopogon se distingue,* etc. — Falla do *Tragopogon villosum,* indigena do Reino. — *B.*

(12) *Eupatorio:* ha duas especies deste genero, proprias do Brasil: a Dália, e a Cheirosa; mas a Cannabina é nossa.—*B.*

(13) *Em discoides, e em flores radiadas.*—Vid. nota (9).—*B.*

(14) *Estas flores—que no disco se veem,* são todas filhas —*de Venus e Mercurio,* etc.—Os flosculos do disco teem os dois sexos, isto é, conteem estames e pistillo fecundos, como *v. g.* a assucena, e por isso se chamam *hermaphroditas,* palavra grega composta de duas que significam Mercurio e Venus, de quem nasceo Hermaphrodito, cuja historia se póde ver no livro 4.° das Metamorphoses de Ovidio. Quer pois a Auctora designar com esta periphrase o hermaphroditismo destas flores.—*B.*

(15) *Só no disco as florinhas estigmadas—produzem,* etc.—Vid. nota (4).—*B.*

(16) O *Heliantho* é o Gira-sol, planta exotica, mas muito conhecida nos nossos jardins.—*B.*

(17) *Clycia,* rival de Leocothoe, filha de Orcham, rei de Babylonia, foi transformada em heliantho; e *Leocothoe* metamorphoseada por Apollo na arvore que produz o incenso.—Vid. Metamorph. de Ovid. liv. 4.°—*C.*

(18) A *Polygamia necessaria.*—Vid. nota (4).—*B.*

(19) *É quem nome confere á segregata.*—*Polygamia segregata.*—Vid. nota (4).—*B.*

(20) *Tu, modesta e odorifera Viola,* etc.—No genero *Viola* ha duas especies ambas indigenas do nosso paiz, e muito

conhecidas de todos: uma é a *odorifera*, de quem a Auctora agora tratta, chamada *Violeta:* a outra é a especie chamada *Viola tricolor*, ou *Amor perfeito*. A viola *ipecacuanha* do Brasil presta grandes soccorros á Medicina. — *B*.

(21) *Artemisia* ou Artemisa, esposa de Mausolo, rei da Caria, amava seu marido com tanto extremo, que morrendo este, fez reduzir seu corpo a cinzas, que foi tomando successivamente nos liquidos que bebia, querendo assim de algum modo servir-lhe de sepulchro. Em memoria delle fez levantar um magnifico monumento na cidade de Halicarnasso, cabeça daquelle reino, em cuja fabrica se apuraram com tanto primor os Architectos daquelle tempo, que a fama lhe deo lugar entre as sette Maravilhas do mundo; e dalli proveio o chamarem-se depois Mausoleos todos os tumulos sumptuosos. Foi edificado entre o palacio real e o templo de Venus; mas Artemisa, atenuada de dor e de saudade, vio o fim da sua vida primeiro que o da obra grandiosa que começara. — *C*.

(22) *Gynandria*, palavra composta de duas gregas, *gyne*, mulher, e *aner*, genitivo *andros*, marido, é a 20.ª Classe do systema de Linneo, cujo caracter consiste na inserção dos estames, não no receptaculo, mas no pistillo. As Ordens desta Classe distinguem-se pelo numero dos estames, deste modo: Diandria, Triandria, Tetrandia, Pentandria, *etc.* — *B*.

(23) *Nectario*, segundo a glossologia Linneana, é todo o orgão interior ao perianthio, ou á corolla, quando o perianthio é dobrado, que não é pistillo nem estame. Linneo deo-lhe este nome pela razão de servir em algumas flores á secreção do mel,

que as abelhas nellas vão colher para depois o irem depor nos alvéolos das suas moradas. *Perianthio* é uma especie de calix aproximado á corolla ou orgãos sexuaes. — *B.*

(24) As *Orchis*, familia que entra na Ordem Decandria desta Classe. A Auctora, no periodo que começa — *Mas sigamos as Orchis, subjuguemos este Protheo*, etc., faz menção das especies *Orchis papilionacea*, e *Ophris spiralis*, *Ophris antropophon*, *Ophris insectifera*, *Ophris myodes*, vulgò *abelhas*. As Orchideas formam uma familia natural no Methodo de Jussieu, onde entra o salepo, raiz carnosa da *Orchis mascula*, a baunilha fructo da *Vanilla aromatica*, etc. — *B.*

(25) *Protheo*, deos marinho, que uns dizem filho de Neptuno, e da nympha Phénica, e outros do Oceano e da deosa Thetis, tinha o dom de transformar-se em mil formas e figuras, e de predizer os successos futuros; mas para conseguir delle qualquer vaticinio, era preciso amarrá-lo fortemente, porque de outro modo escapava ao interrogante, mudando-se em diversas cousas. Destas mudanças veio o adagio que traz Erasmo nas suas Chiliadas — *Protheo mutabilior.* — *C.*

(26) Os *Martyrios.* — Todos sabem a razão porque assim se denomina esta flor: é a *Passiflora cœrulea* da Ordem Pentandria. — *B.*

(27) O *Arum*, vulgarmente chamado pé de bezerro, ou jarro, é genero da Ordem Polyandria: o inhame do Brasil é o *Arum Colocossia.* — *B.*

(28) *Monoecia*, ou *Monoicia*, palavra composta de duas gregas, *monos*, um só, e *oicia*, casa, morada, é o nome da XXI. Classe do Systema sexual, cujo caracter é ter o mesmo individuo flores só masculinas, e flores só femininas; isto é, nesta Classe já não ha flores hermaphroditas, mas sim individuos, o que a distingue da Dioecia. — *B*.

(29) *Dioecia*, ou *Dioicia*, palavra composta do grego *dis*, dois, e *oicia*, morada, habitação, é o nome da XXII. Classe do Systema de Linneo: nesta Classe um individuo tem todas as suas flores masculinas, e outro individuo distincto, outro pé, tem só flores femininas; por conseguinte, nesta Classe nem ha flores hermaphroditas, nem individuos, o que a distingue da antecedente. — *B*.

(30) As Ordens nestas Classes são caracterisadas pelo numero d'estames que possue a flor masculina: assim na Triandria já se vê ser tres o numero dos orgãos masculinos. Nesta Classe e nesta Ordem entra o nosso milho; a maçaroca é composta dos fructos que se encerravam nos pistillos; e a bandeira era a reunião de suas flores masculinas. — *B*.

(31) *Amento*, ou amentilho, é uma especie de espiga simples com flores unisexuaes, ordinariamente guarnecida de escamas, que fazem as vezes de calices parciaes, e todas consideradas juntas são um calix commum, segundo Linneo. As flores das plantas calamarias, que teem grande analogia com as canas, são dispostas em espiga, em cabeça, ou amentilho. — *C*.

(32) *Tornai*, *Carvalhos*, *Platanos frondosos*, etc. — O

Carvalho é o *Quercus robur* de Linneo da ordem polyandria. O Platano, tão conhecido, e tão estimado nos nossos jardins, tambem pertence a esta Classe. — *B.*

(33) *Amoreira, Morus alba* de Linneo, da ordem tetrandria. A historia do mancebo assyrio Pyramo, e de Thisbe, seus amores, e sua morte por equivocação, formam o assumpto de uma metamorphose do livro 4.° das de Ovidio, que Bocage traduzio com a elegancia que costumava. — *B.*

(34) *Atys*, mancebo da Phrygia, muito amado de Cybelle, tendo quebrado, por amor da nympha Megarida, filha do rio Sagaris, o voto de castidade que fizera na qualidade de sacerdote daquella deosa, foi por ella convertido em pinheiro. Vid. Metamorphoses d'Ovidio liv. 10.° — O pinheiro é o *Pinus pinea* e o *Pinus sylvestris* de Linneo, da Ordem Monadelphia. — *B.*

(35) O *Cypreste, Cupressus semper virens* de Linneo, pertence á mesma Ordem. A metamorphose do mancebo Cypariso em cypreste foi um rasgo de amizade e beneficencia de Apollo, que Ovidio celebrou no liv. 10.° das Metamorphoses. — *B.*

(36) A *Nogueira* é o *Inglans regia* de Linneo, da Ordem Polyandria. — *B.*

(37) A *Polygamia* é a XXIII. Classe do Systema de Linneo, cujo caracter é ter no mesmo individuo flores herma-

phroditas, e outras flores ou só femeas, ou só masculinas; ou isto em diversos individuos. Este nome compõe-se do grego *polys*, muitas, e *gamos*, nupcias. Tem tres Ordens: *Polygamia Monoecia*, *Pol. Dioecia*, e *Pol. Trioecia*, segundo a disposição das flores unisexuaes no mesmo ou diversos individuos: attento o valor destes termos nas Classes precedentes, facil é achá-lo nestas Ordens, com subordinação ao caracter da Classe. — *B.*

(38) A *Sensitiva*, planta bem singular pelas suas propriedades de tecido, pela sua irritabilidade, é o exemplo mais famoso desta Classe. A bananeira, *Musa Paridisiaca;* a alfavaca de cobra, *Parietaria officinalis;* a espongeira, *Mimosa farnesiana;* o freixo, *Fraxinus excelsior;* a alfarrobeira, *Ceratonia siliqua;* e a figueira, *Ficus carica*, são exemplos desta Classe, na qual termina o grande grupo das Phanerogamas; para principiar esse onde tudo é occulto e mysterioso, o das Cryptogamas. — *B.*

CANTO VI.

(1) *Aganippe, Caballina, Hyppocrene,* e *Castalia,* são nomes que os Poetas deram a uma fonte que corria pelo monte Parnaso, e servia de gostoso recreio ao Deos Apollo e ás Musas, que bebiam da sua agua. Fabularam que tinha rebentado de uma penha ferida pela unha do cavallo Pegaso. — *C.*

(2) *Andromeda* segundo a Mythologia, era filha de Cepheo, rei da Ethiopia, e de Cassiopéa, que teve a presumpção de se acclamar mais formosa que Juno, e que todas as Nereidas. Estas, para se desaggravarem, fizeram com que o deos Neptuno suscitasse contra aquelle paiz um monstro marinho tão feroz que matava gente, e assolava e destruia o reino. Consultado o oraculo de Jupiter Ammon, respondeo que expuzessem os reis sua filha Andromeda no sitio por onde o monstro costumava sair do mar, para que a devorasse, e assim acabaria aquelle flagello. Foi portanto Andromeda sacrificada ao bem publico, e agrilhoada nua a um rochedo na praia, para servir de pasto á horrivel fera. Porêm quando a infeliz se achava em tamanha angustia, acertou de passar pelos ares Perseo, que vinha da expedição das Górgonas, montado no cavallo Pegaso; e vendo a Princeza naquella situação, baixou á terra para indagar o motivo de semelhante espectaculo. Informado por ella de tudo o que era passado, preparou-se para a defender; e com effeito deo cabo do monstro, e libertou a donzella, que a final foi sua esposa, com muito gosto seu e de seus paes, a quem

Perseo teve tanto amor, que por seus rogos, segundo conta Hygino nas suas Fabulas, foram todos collocados no Ceo, como tambem o cavallo Pegaso, formando as constellações denominadas Cepheo, Cassiopéa, Perseo, Andromeda, e Pegaso. Vid. Metamorph. d'Ovidio, liv. 4.º—*C.*

(3) *Nesta Lachéa praia*, etc. Vid. a Odysséa de Homero. — *C.*

(4) *Os Cerastes* eram uma especie de serpentes que se representavam armadas de duas pontas na cabeça. — *C.*

(5) *Os Typheos, Geryões, e outros Titanos*, etc. Allude aos gigantes filhos da terra, que intentaram expulsar do Olympo os deoses, e foram fulminados por Jupiter e Apollo. Vid. o liv. 4.º da Odyssea de Homero, e o liv. 1.º das Georgicas de Virgilio. — *C.*

(6) *Tal me vejo qual vio esse insensato*, etc. — Allusão a Prometheo, filho de Japeto e de Climene, o qual tendo furtado o fogo do Ceo, como dizem os Mythologos, para beneficio dos homens, foi por ordem de Jupiter amarrado com fortes cadêas a um rochedo do monte Caucaso, onde um abutre lhe desfazia continuamente o figado, que se regenerava á proporção que era devorado. Hercules porêm o libertou deste supplicio. — *C.*

(7) *Salvou Turno dos golpes do heroe Phrygio*, etc. — Isto allude a varias passagens da Enneida de Virgilio, onde se refere como Turno, rei dos Rutulos, no Lacio, foi protegido pela deosa Juno em varios combates que teve com Ennéas, filho de Anchises e Venus, e natural de Troya na Phrygia. — *C.*

(8) *Medusa*, uma das tres Górgonas, tinha uns cabellos de grande belleza. Atrevendo-se a contender sobre formosura com Minerva, esta lhe transformou em fêas cobras os formosos cabellos de que se gloriava, e deo a seus olhos a força de mudar em pedra todos aquelles para quem olhavam. Perseo cortou a cabeça de Medusa, e a levou comsigo, servindo-se della para petrificar os seus inimigos. Do sangue que jorrou do pescoço de Medusa nasceo o cavallo Pegaso. — *C.*

(9) *A Cryptogamia* é a 24.ª Classe do Systema sexual de Linneo, cujo caracter é negativo; isto é, nos vegetaes desta Classe não se descobre um aparelho sexual manifesto e regular, como nos das Classes precedentes: aqui as formas são de tal modo mascaradas e occultas que não parecem taes orgãos, ou mesmo não existe tal aparelho: esta Classe por consequencia encerra os cryptogamos e os agamicos (se é que existem). A Cryptogamia divide-se em quatro ordens, a saber: Fetos, Musgos, Algas, e Fungos, sem caracteres rigorosos; mas unicamente classificadas pelo seu habito externo, e enumeração de algumas qualidades mais ou menos geralmente existentes nos individuos da mesma ordem. — *B.*

(10) *Tudo é segredo nella, o nome o indica:* — Cryptogamia é palavra composta de duas gregas, *cryptos*, occulto, e *gamos*, casamento; pela razão de que os orgãos de fructificação das plantas desta Classe não são apparentes á vista simples. — *B.*

(11) *E o grandevo Nereo*, etc. — Epitheto que Virgilio no livro 4.º das Georgicas dá a este deos marinho, filho do Oceano e da deosa Thetis, segundo Hesiodo. Significa antiquissimo. — *C.*

(12) *Vejo-as, co' as leis maritimas, crustaceas*, etc. —

Parece que a Auctora nestes dois versos quer alludir a diversas especies do Genero *Lichen* da Ordem *Algæ;* por quanto nesse genero ha a especie *Lich. calcarius, Lich. olivaceus, Lich. saxatilis,* que pela natureza do assento em que vivem variam assás; ou quereria dar a entender algumas especies do genero *Conferva,* v. g. *Conf. fontinalis,* que algumas vezes se encrustam de saes calcareos que a agua leva em suspensão; e formam o phenomeno ditto *petrificação.* — *B.*

(13) *Melito,* uma das nymphas do mar, chamadas Nereidas por serem filhas de Nereo e Doris; assim como *Panope* e *Galathéa,* das quaes se falla mais abaixo. — *C.*

(14) *Os cintos de Panope e Galathéa,* etc. Vid. a nota antecedente. — *C.*

(15) *O filho d'Amphitrite* é Tritão, semi-deos marinho filho tambem de Neptuno, e seu trombeta; e por isso o representam tocando um grande buzio. — *C.*

(16) *E o seu Pastor, que enigmas desenvolve.* — Allude a Protheo, deos marinho, e adivinhão, cujos oraculos iam consultar. Delle já se trattou na nota (25) do canto 5.º — *C.*

(17) *Só elle dizer póde se são plantas,* etc. — Assim como os ultimos sêres do Reino animal teem já uma organisação tão pouco complicada, que custa a crer se são os ultimos daquelle reino, se os primeiros do vegetal, do mesmo modo os ultimos vegetaes custa a crer que pertençam ainda ao Reino organico. E deste modo nos convencemos que a marcha da Natureza é sempre lenta e insensivel; passa de uns a outros sêres imperceptivelmente; e é este grande facto que se tem traduzido no axioma — *Natura saltus non dat.* — *B.*

(18) *Marchancia*, genero d'alga: ha em Portugal duas especies, a Marchancia *polymorpha*, e a Marchancia *hemisphærica*. — *B*.

(19) *Sem se atrever de todo a definir-te*. — A este respeito diz o Doutor Brotero que se os differentes generos da familia natural das Palmeiras se não acham ainda distribuidos nas 24 Classes do Systema de Linneo, isso não procede de que o systema claudique a respeito delles, mas tão sómente de que o seu Auctor julgou que a historia da fructificação destas plantas estava ainda muito imperfeita em geral, e quiz esperar que os Botanicos que viajavam, ou residiam nos lugares donde ellas são indigenas, o illuminassem, tanto a respeito da fructificação como do habito externo de um certo numero de especies, a fim de poder com maior segurança decidir dos seus generos e das suas Classes. Entretanto, sempre ajuntou no fim do seu Systema um Appendice, ou 25.ª Classe accessiva, em que poz algumas poucas especies e generos de Palmeiras que achou descriptas obscuramente em Rheede e alguns outros Botanicos. — *C*.

(20) A *spadix*, ou roca de flores, é uma das inflorecencias indeterminadas; consiste n'uma espiga, cacho, ou panicula envolvida n'uma larga bractea invaginante, como se vê nas flores do *Pé de bezerro* e nas palmeiras. — *B*.

(21) Spatha é o nome que se dá á bractea que envolve a inflorecencia em seu primeiro desenvolvimento, e que se abre pouco a pouco, formando um buzio, como em muitas monocotyledoneas. — *B*.

(22) *Do felpudo Esaú a gente forte*, etc. Vid. o Genesis, na Santa Biblia, capitulo 36.° — *C.*

(23) *Procusto* era um insigne ladrão do paiz da Attica, que morava perto do rio Cephiso. A crueldade que exercia para com os passageiros era estendê-los sobre um leito, e fazer cortar os pés e as pernas áquelles que eram mais compridos que o leito; e aos que eram mais curtos, fazia-lhes puxar os membros á força de cavallos até chegarem á medida. Theseo o matou, assim como a outros malfeitores que comettiam varias atrocidades naquellas regiões. — *C.*

(23 *bis*) *O irado Grego, filho dessa Deosa*, etc. — Allude a Achilles, filho da Nereida Thetis e de Peleo rei de Thessalia. — *C.*

(24) *Esse filho da Aurora*, etc. — Allude a Memnon, principe d'Ethiopia, que diziam filho da Aurora, e de Tithão, e se achou na guerra de Troya, onde levara dez mil Persas, e outros tantos Ethiopes. Foi morto por Achilles, assim como Heitor; e teve uma estatua colossal em Thebas do Egypto, razão porque a Auctora logo depois lhe chama *Numen do Egypto*. — *C.*

(25) *Sobre as margens do Alpheo, lá onde Phidias — Imitou n'uma estatua o Pae dos Deoses*, etc. — Allusão á famosa estatua de Jupiter Olympico, que foi uma das sette maravilhas do mundo, feita pelo insigne estatuario grego Phidias. — *C.*

(26) *Cintra horror inspira.* — Referencia á denominada Convenção de Cintra, no tempo da invasão Franceza, de que resultaram bastantes infortunios para Portugal. — *C.*

(27) *Festim perverso,* foi o de Atreo e Thyestes, onde aquelle offereceo a este seus proprios filhos que tinha morto. Estes horrores deram assumpto a uma celebre tragedia de Crebillon, na qual se acham magistralmente descriptos. — *C.*

(28) *Vejo... oh vista!... o que via o Phrygio Ennéas.* — Allusão a um bello passo da Enneida de Virgilio. — *C.*

O CEMITERIO D'ALDÊA,

ELEGIA

IMITADA DE THOMÁS GRAY.

ELEGY.

WRITTEN IN A COUNTRY CHURCHYARD.

The curfew tolls (*) the knell of parting day,
The lowing herd wind flowly o'er the lea,
The ploughman homeward plods his weary way,
And leaves the world to darkness and to me.

Now fades the glimm'ring landscape on the sight,
And all the air a solemn stillness holds,
Save where the beetle wheels his droning flight,
And drowsy tinklings lull the distant folds;

Save that from yonder ivy-mantled tow'r
The moping owl does to the moon complain
Of such as wand'ring near her secret bow'r
Molest her ancient solitary reign.

Beneath those rugged elms, that yew-tree 's shade,
Where heaves the turf in many a mould'ring heap
Each in his narrow cell for ever laid,
The rude forefathers of the hamlet sleep.

(*) ——— *squilla di lontano*
Che paia'l giorno pianger, che si muore.
Dante, Purgat. liv. 8.°

O CEMITERIO D'ALDÊA.

ELEGIA.

Avisa o sino que esmorece o dia;
A tarda grei mugindo o aprisco busca;
Lasso cultor á choça vai, tardia,
Deixando o mundo a mim e á sombra fusca.

Ante os olhos s'esfuma o paiz vasto,
C'um silencio solemne os ares calam;
Salvo onde zune de um bezouro o rasto,
Ou tinem chocas, que o redil embalam;

Salvo na torre antiga, que hera veste,
Onde á lua se queixa ermo francelho,
Se alguem, vagando, temerario investe
O seu dominio solitario e velho.

Á sombra d'olmos, teixos, n'essa arêa
Onde tornêa o chão outeiros varios,
Para sempre os avós toscos da aldêa
Em cella estreita dormem solitarios.

The breezy call of incense-breathing Morn,
The swallow twitt'ring from the straw-built shed,
The cock's shrill clarion or the echoing horn,
No more shall rouse them from their lowly bed.

For them no more the blazing hearth shall burn,
Or busy housewife ply her ev'ning-care,
No children run to lisp their sire 's return,
Or climb his knees the envy'd kiss to share.

Oft' did the harvest to their sickle yield,
Their furrow oft' the stubborn glebe has broke;
How jocund did they drive their team afield!
How bow'd the woods beneath their sturdy stroke!

Let no Ambition mock their useful toil,
Their homely joys and destiny obscure,
Nor Grandeur hear with a disdainful smile
The short and simple annals of the poor.

The boast of heraldry, the pomp of pow'r,
And all that beauty, all that wealth, e'er gave,
Await alike th' inevitable hour:
The paths of glory lead to the grave.

Nor you, ye Proud! impute to these the fault.
If Mem'ry o'er their tomb no trophies raise
Where thro' the long-drawn aisle and fretted vault
The pealing anthem swells the note of praise.

Can storied urn or animated bust,
Back to its mansion call the fleeting breath?
Can honour's voice provoke the silent dust,
Or Flatt'ry sooth the dull cold ear of Death?

Aromas que respira a madrugada,
Gorgeios que do ninho as aves soltam,
Do gallo o grito agudo, ou trompa ousada,
Em vão por elles chama; elles não voltam.

Para sempre o fogão calor lhes nega,
Nem terão da consorte á tarde o mimo;
Nenhum pequeno irá ver se o pae chega,
Nem, saltando, colher o affago primo.

A seara cedeo-lhe á fouce as messes,
Co' a charrua quebrou da terra os combros;
Alegre os bois jungio; e quantas vezes
Cortou troncos, e trouxe a lenha aos hombros!

Não despreze a Ambição tão util lida,
Sorte escura, caseira, mas contente;
Nem olhe com desdem Prole subida
Os simplices annaes da pobre gente.

Vangloria d'alta stirpe protectora,
Tudo quanto a belleza e bens nos deva,
Da morte espera a inevitavel hora:
Da gloria a estrada á sepultura leva.

Suberbos! não cuideis que estes errassem:
Se a Memoria tropheos na campa escusa,
Templo vasto, que os bronzes atroassem,
Engrossando o epicedio, aqui não se usa.

Não restauram no peito o fôlgo extincto
Urna historica, bustos expressivos;
Nem morto pó, que encerra este precinto,
Movem hymnos, lisonja, grata aos vivos.

Perhaps in this neglected spot is laid
Some heart once pregnant with celestial fire;
Hands, that the rod of empire might have sway'd,
Or wak'd to ecstasy the living lyre.

But Knowledge to their eyes her ample page,
Rich with the spoils of time did ne'er unroll;
Chill Penury repress'd their noble rage,
And froze the genial current of the soul.

Full many a gem of purest ray serene,
The dark unfathom'd caves of Ocean bear;
Full many a flow'r is born to blush unseen,
And waste its sweetness on the desert air.

Some village-Hampden, that with dauntless breast
The little tyrant of his fields withstood,
Some mute inglorious Milton here may rest,
Some Cromwell, guiltless of his country 's blood.

Th' applause of list'ning senates to command,
The threats of pain and ruin to despise,
To scatter plenty o'er a smiling land,
And read their hist'ry in a nation 's eyes,

Talvez n'este lugar jaz desprezado
Um peito que celeste fogo enchia;
Mão que o sceptro do imperio houvera honrado,
E na lyra prodigios crearia.

Mas a seus olhos a Sciencia, rica
Dos despojos do tempo, occultou tudo;
Reprimio nobre ardor Penuria; e fica
Gelado o genio que aquecera o estudo.

Nas grutas insondaveis do Oceano
Quantas perolas puras assim moram!
Quantas boninas nascem, murcham, no anno,
Florecem no deserto, e alli descoram!

Talvez um Palafox (*) de peito forte,
Que os tyrannos da aldêa reprimia,
Colhido antes de tempo pela morte,
Dorme aqui, convertido em cinza fria.

Talvez mudo, e sem gloria, aqui descança
Um Camões, dos mais Vates ignorado;
Sem provocar os raios da vingança,
Um Buonaparte ignoto e sem peccado.

Colher applausos de um Senado attento,
Affrontar dores, alcançando gloria,
Grato Povo fazer Povo opulento,
E ler nos olhos d'elle a propria historia;

(*) D. José Palafox, General de Aragão, que se immortalisou na defeza de Saragoça, em 1809.

Their lot forbad; nor circumscrib'd alone
Their growing virtues, but their crimes confin'd;
Forbad to wade thro' slaughter to a throne,
And shut the gates of mercy on mankind;

The struggling pangs of conscious Truth to hide,
To quench the blushes of ingenuous Shame,
Or heap the shrine of Luxury and Pride
With incense kindled at the Muse's flame,

Far from the madding crowd's ignoble strife,
Their sober wishes never learn'd to stray;
Along the cool sequester'd vale of life
They kept the noiseless tenor of their way.

Yet ev'n these bones from insult to protect
Some frail memorial still erected nigh,
With uncouth rhymes and shapeless sculpture deck'd,
Implores the passing tribute of a sigh.

Their name, their years, spelt by th' unletter'd Muse,
The place of fame and elegy supply,
And many a holy text around she strews
That teach the rustick moralist to die.

For who, to dumb Forgetfulness a prey,
This pleasing anxious being e'er resign'd,
Left the warm precincts of the chearful day,
Nor cast one longing ling'ring look behind?

On some fond breast the parting soul relies,
Some pious drops the closing eye requires;
Ev'n from the tomb the voice of Nature cries,
Ev'n in our ashes live their wonted fires.

Vedou-lhe o fado; e não vedou sómente
Virtudes grandes; restringio-lhe o crime:
Não os deixa invadir um throno ingente,
Fecha a porta á piedade, o amor comprime.

Constranger do remorso a interna lutta,
Apagar do rubor a interna chamma;
Accrescentar do luxo a sede bruta,
C'os encomios que augmenta a voz da fama,

Nunca os sobrios desejos seus souberam,
Nunca no vil ruido desvairaram;
No ignoto e fresco valle onde nasceram
Durante a mansa vida prosperaram.

Estes ossos, comtudo, campa escura
Protege contra insultos, onde moram;
Com versos toscos, rustica esculptura,
A quem passa, um suspiro é quanto imploram.

Solettra rude Musa o nome e a idade;
Em lugar d'elegia, alli dominam
Textos santos, sentenças da Verdade,
Que ao rustico a morrer constante ensinam.

Quem se verá sem susto em precipicio
De entrar no Esquecimento tenebroso?
Quem fixará da luz calida o quicio
Sem olhar para traz terno e saudoso?

O que morre confia-se em quem ama,
Pranto espera no instante em que fallece;
Da cova mesma a Natureza clama,
Seu indomito fogo a cinza aquece.

For thee, who, mindful of th' unhonour'd dead
Dost in these lines their artless tale relate,
If chance, by lonely Contemplation led,
Some kindred spirit shall enquire thy fate,

Haply, some hoary-headed swain may say,
« Oft' have we seen him, at the peep of dawn,
Brushing with hasty steps the dews away
To meet the sun upon the upland lawn.

« There at the foot of yonder nodding beech,
That wreathes its old fantastick roots so high,
His listless length at noon-tide would he stretch,
And pore upon the brook that babbles by.

« Hard by yon'wood, now smiling as in scorn,
Mutt'ring his wayward fancies, he would rove;
Now drooping, woful wan! like one forlorn,
Or craz'd with care, or cross'd in hopeless love.

« One morn I miss'd him on the custom'd hill,
Along the heath, and near his fav'rite tree;
Another came; nor yet beside the rill,
Nor up the lawn, nor at the wood, was he:

« The next, with dirges due, in sad array
Slow thro' the churchway-path we saw him born:
Approach, and read (for thou canst read) the lay
Grav'd on the stone beneath yon' aged thorn. »

Tu, que cuidas nos mortos medianos,
Que os seus feitos sem arte assim descreves,
Se um triste aqui trouxerem desenganos,
E perguntar teu fado e dias breves:

« Ao romper da manhã o vi mil vezes,
(Talvez diga um pastor encanecido)
Veloz pisando o orvalho, em quaesquer mezes,
Indo encontrar o sol no outeiro erguido.

« Junto da faia, que d'alem acena,
E a raiz caprichosa estende e enlêa,
Lasso, deitado ao sol, e absorto em pena,
A fonte olhava, e o borbulhar da arêa.

« Junto d'aquelle bosque o vi queixoso,
Lamentando o enfadonho seu cuidado;
Já pallido, já triste e duvidoso,
Louco de dor, de amor desesperado.

« Certo dia faltou no usado outeiro,
Perto da matta, e da arvore valida;
No outro não se vio junto ao ribeiro,
Nem na planicie, na estação florida:

« Com responsos, mortalha, e triste arreio,
Ao adro, no seguinte, foi levado:
Chega-te e lê o verso, pois eu creio
Podes ler o que a pedra tem gravado. »

THE EPITAPH.

Here rests his head upon the lap of Earth
A youth to Fortune and to Fame unknown;
Fair Science frown'd not on his humble birth,
And Melancholy marck'd him for her own.

Large was his bounty, and his soul sincere;
Heav'n did a recompence as largely send;
He gave to Mis'ry all he had, a tear,
He gain'd from Heav'n ('t was all he wish'd) a friend.

No farther seek his merits to disclose,
Or draw his frailties from their dread abode,
(There they alike in trembling hope repose)
The bosom of his Father and his God.

O EPITAPHIO.

Aqui jaz descançado no regaço
Da fria terra um moço ignoto á Fama;
Victima da tristeza e fado escasso,
Mas genio qual o Ceo deo a quem ama.

De alma sincera, e de bondade extensa,
Deo á Miseria quanto tinha — pranto:
Merecia do Ceo tal recompensa,
Teve um amigo, e só desejou tanto.

Nem mais virtudes nem fraquezas queiras
Arrancar deste sitio tenebroso;
Umas e outras foram passageiras,
E cahiram nas mãos de um Deos piedoso.

IMITAÇÃO LIVRE

DA

BALLADA DE OLIVEIRO GOLDSMITH

INTITULADA

O EREMITA.

THE HERMIT.

A BALLAD.

« Turn, gentle hermit of the dale,
And guide my lonely way,
To where yon taper cheers the vale
With hospitable ray.

« For here forlorn and lost I tread,
With fainting steps, and slow,
Where wilds immeasurably spread
Seem lengthening as I go.

« Forbear, my son, » the hermit cries,
« To tempt the dangerous gloom;
For yonder faithless phantom flies
To lure thee to thy doom.

« Here to the houseless child of want
My door is open still;
And though my portion is but scant,
I give it with good will.

O EREMITA.

BALLADA.

«Piedoso Eremita, acode,
Neste deserto me guia;
Acolá benigna tocha
O valle umbroso allumia.

«Ando aqui perdido, e vago
Com passos frouxos e lentos;
Cresce o deserto á medida
Que crescem meus movimentos.»

«Pára, ó filho, (diz-lhe o Er'mita)
Não te arrisques em taes trevas;
Co' aquella luz enganosa
Ao precipicio te levas.

«Aqui para o desprovido
Tens a minha porta aberta;
Se te off'reço porção parca,
A boa vontade é certa.

« Then turn to-night, and freely share
Whate'er my cell bestows;
My rushy couch, and frugal fare,
My blessing and repose.

« No flocks that range the valley free
To slaughter I condemn:
Taught by that pow'r that pities me,
I learn to pity them.

« But from the mountain's grassy side,
A guiltless feast I bring;
A scrip with herbs and fruits supply'd,
And water from the spring.

« Then, pilgrim, turn; thy cares forego
All earth-born cares are wrong:
Man wants but little here below,
Nor wants that little long. »

Soft as the dew from heav'n descends,
His gentle accents fell:
The modest stranger lowly bends,
And follows to the cell.

Far in a wilderness obscure
The lonely mansion lay;
A refuge to the neighb'ring poor
And strangers led astray.

« Vem á noite, e participa
Do que encerra a minha cella;
Tosco leito, frugal pasto,
Paz, e mil bençãos com ella.

« Poupo aos rebanhos a morte,
Respeito-lhe a liberdade:
Aprendi a condoer-me
Com quem tem de mim piedade.

« Faço um banquete innocente
Com hervas que o monte cria,
E fructos, de que encho um sacco:
O vinho é da fonte fria.

« Põe teus cuidados de parte;
Mortal, e triste, é ser louco:
Pouco é preciso na terra,
E pouco tempo esse pouco. »

Seus accentos, qual orvalho
Que do Ceo desce, assim vinham:
Grato s'inclina o Estrangeiro,
E á cella os dois se encaminham.

Este modesto retiro
Era uma chossa abrigada,
Que prestava asylo aos pobres,
Aos peregrinos pousada.

No stores beneath its humble thatch
Requir'd a master's care;
The wicket, op'ning with a latch,
Receiv'd the harmless pair.

And now, when busy crowds retire
To take their ev'ning rest,
The hermit trimm'd his little fire,
And cheer'd his pensive guest:

And spread his vegetable store,
And gayly prest, and smil'd:
And skill'd in legendary lore,
The ling'ring hours beguil'd.

Around in sympathetick mirth
Its tricks the kitten tries;
The cricket chirrups in the hearth;
The crackling faggot flies.

But nothing could a charm impart
To sooth the stranger's woe;
For grief was heavy at his heart,
And tears began to flow.

His rising cares the hermit spy'd,
With answering care opprest:
« And whence, unhappy youth, » he cry'd,
« The sorrows of thy breast?

Pobre choupana não cobre
Thesouros, nem quer cautela;
Aos dois, que á porta se chegam,
Cede simples taramela.

Nas horas que outros consomem
Em somno, ou luxo excessivo,
O Er'mita agazalhava
O hospede pensativo:

Punha sobre a mesa a fructa,
Alegre, preste, e sorrindo:
Perito em contos piedosos,
Ía as horas illudindo.

Com sympathica alegria
O gato á parte brincava;
Rompia o silencio o grillo;
A lenha accesa estalava.

Nada d'isto suavisava
Do Peregrino a tristeza;
O pezar o vence, e solta
As lagrimas de repreza.

O Er'mita attento observa
Quanto soffre o desgraçado:
«De que vem, (lhe diz) mancebo,
Tanta angustia, tal cuidado?

« From better habitations spurn'd,
  Reluctant dost thou rove?
Or grieve for friendship unreturn'd,
  Or unregarded love?

« Alas! the joys that fortune brings
  Are trifling, and decay;
And those who prize the paltry things,
  More trifling still than they.

« And what is friendship but a name,
  A charm that lulls to sleep;
A shade that follows wealth or fame,
  But leaves the wretch to weep!

« An love is still an emptier sound,
  The haughty fair one's jest:
On earth unseen, or only found
  To warm the turtle's nest.

« For shame, fond youth, thy sorrows hush,
  And spurn the sex, » he said:
But while he spoke, a rising blush
  His love-lorn guest betray'd.

Surpris'd he sees new beauties rise
  Swift mantling to the view;
Like colours o'er the morning skies,
  As bright, as transient too.

« Acaso de melhor sitio
Foste com pena expulsado?
Por amizade mal pago,
Amor mal recompensado?

« Ah! quão fracos são os gostos
Que a fortuna nos concede!
E quão fraco é quem os ama
Se a fraqueza lhes não mede!...

« Amizade é simples nome
Que os credulos acalenta;
É sombra que segue a pompa,
E que o infortunio afugenta.

« Mais ouco Amor inda soa,
Debique da perfidía:
Fóra do ninho das rôlas
O seu calor logo esfria.

« Envergonha-te, mancebo,
O sexo ingrato despreza... »
Nisto a côr lhe sobe á face,
Em pudico fogo accesa.

Mil encantos apresenta
Esta incognita figura,
Qual sae d'entre nuvens densas
A manhã serena e pura.

The bashful look, the rising breast,
  Alternate spread alarms;
The lovely stranger stands confest
  A maid in all her charms.

And, « ah! forgive a stranger rude,
  A wretch forlorn, » she cry'd,
Whose feet unhallow'd thus intrude
  Where heav'n and you reside.

« But let a maid thy pity share,
  Whom love has taught to stray;
Who seeks for rest, but finds despair
  Companion of her way.

« My father liv'd beside the Tyne,
  A wealthy Lord was he;
And all his wealth was mark'd as mine;
  He had but only me.

« To win me from his tender arms,
  Unnumber'd suitors came;
Who prais'd me for imputed charms,
  And felt or feign'd a flame.

Olhos, labios, peito anciado,
A voz timida e discreta,
Assaltam de mil receios
O austero Anachoreta.

«É mulher» disse comsigo;
E neste ponto attestava
O gesto mais feiticeiro,
Quanto amor já suspeitava.

«Sou: perdão!... (diz a infeliz)
Se os meus passos profanavam
Este asylo da Virtude,
Onde tu e os Ceos moravam.

«De uma mulher tem piedade
Que o fero Amor desatina;
Que busca descanço, e encontra
Desesperação, ruina.

«Meu pae vive alem do Tejo,
Ditoso e rico; o meu fado
Me destinou para herdeira
Do seu opulento estado.

«Innumeraveis amantes
A minha mão pertendiam,
Mostrando paixão violenta,
Que os devorava, ou fingiam.

« Each hour a mercenary crowd
With richest proffers strove:
Among the rest young Edwin bow'd,
But never talk'd of love.

« In humble simplest habit clad,
No wealth nor power had he;
Wisdom and worth were all he had,
But these were all to me.

« The blossom opening to the day,
The dews of heav'n refin'd,
Could nought of purity display,
To emulate his mind.

« The dew, the blossom on the tree,
With charms inconstant shine:
Their charms were his, but, woe to me!
Their constancy was mine.

« For still I try'd each fickle art,
Importunate and vain;
And, while his passion touch'd my heart,
I triumph'd in his pain.

« Cada manhã com empenho
Turba alegre me cercava;
Dalmiro attento as seguia,
Mas de amor nunca fallava.

« Vestido modestamente,
Ouro nem podêr mostrava;
Coração é quanto tinha,
E quanto tinha me dava.

« O viço da flor que se abre,
Dos Ceos o mais puro orvalho,
Do seu animo a candura
Emulavam com trabalho.

« A flor, o orvalho, as plantas
Teem merito que não dura:
O seu era inalteravel,
E tal a minha ventura.

« Constancia, rara entre os homens,
Sem mistura me offertava:
Tudo era meu; mas altiva
Todo este bem rejeitava.

« Com arte porêm, fingindo
Grande isenção, occultava
O que meu peito sentia,
E dos seus ais triumphava.

« Till quite dejected by my scorn,
He left me to my pride;
And sought a solitude forlorn,
In secret where he died.

« But mine the sorrow, mine the fault,
And well my life shall pay:
I'll seek the solitude he sought,
And stretch me where he lay.

« And there forlorn, despairing, hid,
I'll lay me down, and die:
'Twas so for me that Edwin did,
And so for him will I. »

« Forbid it, heav'n! » the hermit cry'd,
And claps'd her to his breast.
The wand'ring fair one turn'd to chide,
'Twas Edwin's self that prest.

« Turn, Angelina, ever dear,
My charmer, turn, to see
Thy own, thy long-lost Edwin here,
Restored to love and thee.

« Thus let me hold thee to my heart,
And ev'ry care resign:
And shall we never, never part,
My life, — my all that's mine!

« No, never, from this hour to part,
We 'll live and love so true;
The sigh that rends thy constant heart
Shall break thy Edwin's too. »

« Com meus desdens consumido,
Á suberba me cedeo;
Buscou um retiro austero,
Nelle em segredo morreo.

« O erro é meu, e a tristeza
C'o a vida pagar-lhe quero:
Como elle um deserto busco,
E n'esse morrer espero.

« Perdida e desesperada,
Quero um lugar como o seu:
Por mim acabou Dalmiro,
Por elle hei de morrer eu. »

« Não hasde! » o Eremita exclama,
Os seus braços estendendo.
Quer enfadar-se... não póde,
Dalmiro reconhecendo.

« Volta-te, cara Angelina,
Meu encanto, volta, e vê
O teu perdido Dalmiro
Restaurado a amor e á fé.

« Meu bem, gozaremos juntos
De um amor tão verdadeiro;
O teu ultimo suspiro
Seria o meu derradeiro. »

ODE

IMITADA

DO

CONDE FULVIO TESTI (*).

(*) Este poeta, natural de Módena, onde morreo em 1646, sobresaío principalmente no genero lyrico, imitando com felicidade nas suas Odes os melhores poetas de Athenas e de Roma.

AL SIG. CONTE

RAIMONDO MONTECUCOLLI,

MAESTRO DI CAMPO GENERALE

DEL

SERENISSIMO DI MODANA.

Si biasma la superbia di quelli che non sanno contenersi nelle grandezze.

Ruscelletto orgoglioso,
Che ignobil figlio di non chiara fonte,
Un natal tenebroso
Avesti intra gli orror d'ispido monte,
E già con lenti passi,
Povero d'acque, isti lambendo i sassi:

Non strepitar cotanto,
Non gir si torvo à flagellar la sponda;
Che benche Maggio al quanto
Di liquefatto gel t'accresca l'onda,
Sopraverrà ben tosto
Esiccator di tue gonfiezze Agosto.

Placido in seno a Teti,
Gran Rè de' Fiumi il Pò discioglie il corso;
Ma di velati abeti
Macchine eccelse ognor sostien su il dorso,
Nè per arsura estiva
In più breve confin stringe sua riva.

ODE

IMITADA

DE

FULVIO TESTI,

EM INGLATERRA, NO ANNO DE 1811.

Regato pressuroso,
Humilde filho de uma ignota fonte,
Teu natal tenebroso
Tiveste entre o rigor d'aspero monte;
Vagaroso descendo,
Quasi sem agua, o chão ías lambendo:

Nem tanto murmurío;
Não vás tão turvo as praias flagellando;
Pois se Maio macio
Te for com seus desgelos augmentando,
Virá, contra o teu gosto,
Mirrar-te essa opulencia o quente Agosto.

Placido o regio Pado,
No seio d'Amphitrite corre, e ostenta
Sobre o dorso esforçado
Náos que insultam a rispida tormenta;
Não teme ardor estivo,
Nem lhe comprime o leito o genio altivo.

Tu le greggie e i pastori
Minacciando per via spumi e ribolli,
E di non propri umori
Possessor momentaneo il corno estolli,
Torbido, obliquo; e questo
Del tuo sol'hai, tutto alieno è il resto.

Ma fermezza non tiene
Riso di Cielo, e sue vicende hà l'Anno,
In nude, aride arene
A terminar i tuoi diluvi andranno,
E con asciuto piede
Un giorno ancor di calpestrarti hò fede.

Sò che l'acque son sorde,
Raimondo, e ch'è follia garrir col Rio;
Ma sovra Aonie corde
Di sì cantar talor diletto hà Clio,
E in mistiche parole
Alti sensi vil volgo asconder suole.

Sotto Ciel non lontano
Pur dianzi intumidir torrente i' vidi,
Che di troppo acque insano
Rapiva i boschi, e divorava i lidi,
E gir credea del pari
Per non durabil piena a più gran Mari.

Io dal fragore orrendo
Lungi m'assisi a romite alpe in cima,
In mio cuor rivolgendo
Qual era il fiume allora, e qual fu prima,
Qual facea nel passaggio
Con non legitim' onda a i campi oltraggio.

Tu, Pastores e gados
Ameaças, espumas rebolando;
De humores emprestados
Possuidor momentaneo, 'stás campando
Com furor, e com manha;
Isto é que é teu, o mais é cousa estranha.

Na duração não crêas,
Do anno zomba o Ceo, muda-se cêdo;
Nuas, seccas arêas
Teus diluvios findar virão sem medo;
Eu, enxuta e calçada,
Já de passar-te a pé 'stou bem tentada.

Symbolica mentira
É quem me faz fallar a um surdo rio;
Mas sobre Aonia lyra
De assim cantar ás vezes gosta Clio,
E em mistico preceito
Esconde ao vulgo vil alto conceito.

Já n'um clima visinho
Crescer vi de tal modo uma torrente,
Que arrazava o caminho,
Rompia o bosque, derrubava a gente;
E, farta deste engano,
No instavel chão julgava-se Oceano.

Deste fragor horrendo
Me sentei longe, n'um deserto outeiro,
Na idéa revolvendo
Qual era agora o rio, e foi primeiro;
E quanto, na passage,
Ao campo (onda bastarda) faz ultrage.

Ed ecco il crin vagante
Coronato di lauro, e più di lume,
Apparirmi davante
Di Cirra il biondo Rè, Febo il mio Nume;
E dir: « Mortale orgoglio
Lubrico hà il regno, e ruinoso il soglio.

« Mutar vicende e voglie,
D'instabile Fortuna è stabil arte:
Presto dà, presto toglie,
Viene e t'abraccia, indi t'abborre, e parte:
Ma, quanto sà si cange,
Saggio cuor, poco ride e poco piange.

« Prode è il Nocchier che il legno
Salva trà fiera Aquilonar tempesta;
Ma d'igual lode degno
Quel che al placido Mar fede non presta,
E de l'aura infedele
Scema la rugidezza in sparse vele.

« Sovra ogni prisco Eroe
Io del grande Agatocle il nome onoro,
Che de le vene Eoe
Ben su le mense ei folgorar fè l'oro;
Ma per temprarne il lampo
A la creta paterna anco diè campo.

« Parto vil de la Terra,
La bassezza occultar de i suoi natali
Non può Tifeo; pur guerra
Muove a l'alte del Ciel soglie immortali:
Che fia? Sott' Etna colto,
Prima che morto ivi riman sepolto.

Nisto, sôlto o cabello,
Coroado de louro e reluzente,
Apparece-me o bello,
O loiro Phebo, e diz-me em som cadente:
« Dos mortaes a fereza
Reina sem gloria, acaba com vileza.

« Mudar vontade e scenas
É d'instavel Fortuna estavel arte;
Dá prazeres e penas,
Chega, adora, aborrece, e depois parte:
Mas, sabendo que muda,
Nem rir, nem chorar muito o Sabio estuda.

« O sensato piloto
A salvo traz a nave, combatida
Pelo furor do Noto:
É sabio quem do mar manso duvída,
Quem previne as procellas,
E encurta a turgidez, caçando as vellas.

« Agathocles venero
Mais que os outros heroes da prisca gente,
Pois que sabio e severo,
Se a meza fez ornar d'ouro luzente,
O fulgor temperava
Co' a louça vil que a origem lhe lembrava.

« Typheo, filho da terra,
Negar não póde o baixo nascimento;
Se move aos Deoses guerra,
Que alcança quando ataca o Firmamento?
No Etna soterrado,
Antes de morto fica sepultado.

« Egual finger sì tenta
Salmoneo a Giove allor, che tuona e arde,
Fabbrica nubi, inventa
Simulati fragor, fiamme bugiarde;
Fulminator mendace,
Fulminato da senno a terra giace. »

Mentre l'orecchie i' porgo,
Ebbro di maraviglia, al Dio fecondo,
Giro lo sguardo, e scorgo
Del Rio superbo inaridito il fondo;
E conculcar per rabbia
Ogni armento più vil la secca sabbia.

«Emular Jove intenta
Salmoneo trovejando e reluzindo;
Nuvens, raios inventa,
Fragor, chammas; e tudo está mentindo:
Fulminante embusteiro,
Cae victima de um raio verdadeiro.»

Em quanto com sobejo
Pasmo escuto o que diz o Deos facundo,
Volto os olhos, e vejo
Do suberbo regato secco o fundo;
Com desprezo calcado
Já pela plebe vil, já pelo gado.

ODE

A

UM POETA DESTERRADO.

TRADUCÇÃO DA XIV. MEDITAÇÃO

D'ALPHONSE DE LAMARTINE,

INTITULADA

A GLORIA.

MÉDITATION XIV.

LA GLOIRE.

A UN POÈTE EXILÉ.

Généreux favoris des filles de Mémoire,
Deux sentiers différens devant vous vont s'ouvrir:
L'un conduit au bonheur, l'autre mène à la gloire;
Mortels, il faut choisir.

Ton sort, ô Manoël! suivit la loi commune:
La muse t'enivra de précoces faveurs;
Tes jours furent tissus de gloire et d'infortune;
Et tu verses des pleurs!

Rougis plutôt, rougis d'envier au vulgaire
Le stérile repos dont son cœur est jaloux;
Les dieux ont fait pour lui tous les biens de la terre;
Mais la lyre est à nous.

Les siècles sont à toi, le monde est ta patrie.
Quand nous ne sommes plus, notre ombre a des autels
Où le juste avenir prépare à ton génie
Des honneurs immortels.

ODE

A UM POETA DESTERRADO (*).

TRADUCÇÃO.

Generosos validos das Camenas,
Dois caminhos diversos se vos abrem:
Um conduz á ventura, est'outro á gloria;
Mortaes, a escolha importa.

Seguio a lei commum o teu destino:
Com prematuros dons fartou-te a Musa;
D'infortunios e gloria encheste os dias;
E tu choras, Filinto!

Teme invejar ao vulgo esse ocio esteril
Que stulto zela, nutre, e que idolátra;
Os Deoses dão-lhe os bens todos da terra,
Porêm a lyra é nossa.

Os seculos são teus, tua patria é o mundo:
Se acabamos, tem nossa sombra altares,
Onde o Porvir prepara ao teu ingenho
Justas, immortaes honras.

(*) O Padre Francisco Manoel do Nascimento, refugiado nesse tempo em França, onde morreo.

Ainsi l'aigle superbe au séjour du tonnerre
S'élance, et, soutenant son vol audacieux,
Semble dire aux mortels: Je suis né sur la terre,
Mais je vis dans les cieux.

Oui, la gloire t'attend; mais arrête, et contemple
A quel prix on pénètre en ces parvis sacrés;
Vois: l'Infortune, assise à la porte du temple,
En garde les degrés.

Ici, c'est ce vieillard que l'ingrate Ionie
A vu de mers en mers promener ses malheurs:
Aveugle, il mendiait au prix de son génie
Un pain mouillé de pleurs.

Là le Tasse, brûlé d'une flamme fatale,
Expiant dans les fers sa gloire et son amour,
Quand il va recueillir la palme triomphale,
Descend au noir séjour.

Partout des malheureux, des proscrits, des victimes,
Luttant contre le sort ou contre les bourreaux;
On dirait que le ciel aux cœurs plus magnanimes
Mesure plus de maux.

Impose donc silence aux plaintes de ta lyre:
Des cœurs nés sans vertu l'infortune est l'écueil:
Mais toi, roi détrôné, que ton malheur t'inspire
Un généreux orgueil!

Ao sitio dos trovões aguia suberba
Assim sobe e sustenta o voo excelso;
E parece que diz: Nasci na terra,
Mas nos ceos é que vivo.

Sim, a gloria t'espera: olha, e contempla
A que preço taes lares se penetram:
Ao portico do templo está sentado
Vigilante o Infortunio.

D'alli vês o Ancião (*) que a Grecia ingrata
Vio transferir de mar em mar seus males:
Cego, mendiga a preço de seu estro
Pão ensopado em pranto.

Acolá Tasso, ardendo em fatal fogo,
Em ferros expiava amor e gloria;
E quando ía a colher triumphal palma,
Desceo ao negro abysmo.

Por toda a parte victimas, proscriptos,
Luttando contra a Sorte, ou contra algozes;
Creio que o Ceo destina a peitos nobres
Maior porção de magoas.

Impõe silencio aos ais da tua lyra:
Corações sem virtude é que esmorecem:
Rei desthronado! inspire-te a desgraça
Gloriosa suberba.

(*) Homero.

Que t'importe, après tout, que cet ordre barbare
T'enchaîne loin des bords qui furent ton berceau?
Que t'importe en quels lieux le destin te prépare
Un glorieux tombeau?

Ni l'exil, ni les fers de ces tyrans du Tage
N'enchaîneront ta gloire aux bords où tu mourras;
Lisbonne la réclame, et voilà l'héritage
Que tu lui laisseras!

Ceux qui l'ont méconnu pleureront le grand homme:
Athènes à des proscrits ouvre son Panthéon;
Coriolan expire, et les enfans de Rome
Revendiquent son nom.

Au rivage des morts avant que de descendre,
Ovide lève au ciel ses suppliantes mains:
Aux Sarmates grossiers il a légué sa cendre,
Et sa gloire aux Romains.

E que t'importa, em fim, que te agrilhoe,
Longe das praias de teu berço, a força?
Em que lugar teu fado te prepara
Tumulo glorioso?

Dos Tagides crueis, exilios, ferros
Não te encarceram fama; onde morreres
Lisboa te reclama; essa é a herança
Que opulento lhe deixas.

Lucto profundo, lagrimas sem conto
Ha de custar á patria o homem grande,
O Luso Cysne, que expulsou raivosa
Para distantes plagas.

Chorará quem tua alma desconhece:
A proscriptos o Pântheon abre Athenas;
Expira Coriolão; de Roma os filhos
Revindicam seu nome.

Sobre as margens da morte antes que desça,
Ovidio aos Ceos levanta as mãos devoto:
Aos Sármatas grosseiros lega a cinza,
Sua gloria aos Romanos.

SONETO

(QUE NÃO SERVIO)

DEDICANDO UMA OBRA POETICA AO AUCTOR

DE

CHILDE HAROLD (1).

Não me arrasto ante Heroes nem Potentados
Para off'recer-lhe os fructos do juizo;
Acolham-nos as Musas de um sorriso,
Ou só por ellas sejam castigados.

Tu, que sem compaixão dos Lusos Fados,
Déste as cores do Averno ao Paraiso, (2)
Applaque-te esta off'renda; acho preciso
Que te sejam meus versos dedicados.

Se elles são bons, se a par do Venusino
Colho flores nas bordas do Permesso,
Desaggravo a Nação de um desatino.

Se são máos, indulgencia não te peço:
E de humanos errar, não temo ensino;
Da gloria que te dou não me entristeço.

(1) Poema de Lord Byron. A obra poetica de que a auctora falla é a seguinte, imitada de Lamartine, que tambem a dirigio ao mesmo Lord.

(2) Lord Byron quando, no 1.º canto do sobredito poema de *Childe Harold*, descreve os sitios de Portugal, e os seus costumes, tratta despiedadamente os Portuguezes; e isto quando elles soffriam grandes calamidades na época da invasão de Buonaparte.

EPISTOLA

A

LORD BYRON,

IMITADA

DA II. MEDITAÇÃO

D'ALPHONSE DE LAMARTINE,

INTITULADA

O HOMEM.

MÉDITATION II.

L'HOMME.

A LORD BYRON.

Toi, dont le monde encore ignore le vrai nom,
Esprit mystérieux, mortel, auge ou démon,
Qui que tu sois, Byron, bon ou fatal génie,
J'aime de tes concerts la sauvage harmonie,
Comme j'aime le bruit de la foudre et des vents
Se mêlant dans l'orage à la voix des torrens!
La nuit est ton séjour, l'horreur est ton domaine:
L'aigle, roi des déserts, dédaigne ainsi la plaine:
Il ne veut, comme toi, que des rocs escarpés
Que l'hiver a blanchis, que la foudre a frappés;
Des rivages converts des débris du naufrage,

EPISTOLA

A LORD BYRON,

IMITADA

DA II. MEDITAÇÃO DE LAMARTINE,

INTITULADA

O HOMEM.

Tu, cujo nome o mundo inda não sabe,
Mortal mysterioso, animo incrivel,
Recto, fatal, ingenho sem limite,
Anjo, demonio, sêr indefinivel!

A barbara harmonia de teus versos,
Teus selvagens concertos amo, escuto
Como o estrondo do raio unido ás vozes
Da tempestade e vento dissoluto.

A noite é teu sombrio domicilio,
É o horror teu dominio: assim despreza
A aguia, rei dos desertos, a planicie,
E busca a mais hirsuta natureza:

Como a ti, não lhe agradam senão rochas
Escarpadas, que a neve branqueara;
As que o raio lascou, ou praias onde
O naufragio fragmentos arrojara.

Ou des champs tout noircis des restes du carnage:
Et tandis que l'oiseau qui chante ses douleurs
Bâtit au bord des eaux son nid parmi les fleurs,
Lui des sommets d'Athos franchit l'horrible cime,
Suspend aux flancs des monts son aire sur l'abîme,
Et là, seul, entouré de membres palpitans,
De rochers d'un sang noir sans cesse dégouttans,
Trouvant sa volupté dans les cris de sa proie,
Bercé par la tempête, il s'endort dans sa joie.

Et toi, Byron, semblable à ce brigand des airs,
Les cris du désespoir sont tes plus doux concerts.

Gosta dos campos onde a mortandade
Sanguinolentos restos esparzira;
Goza do aspecto de lethal destroço,
E sobre mutilados membros gira.

Em quanto a philomella magoada
Sobre as margens dos rios edifica
Entre flores seu ninho, e em doces notas
Seu doloroso caso ao bosque explica;

O rei das aves galga o cimo immenso
Do Athos, e no sitio mais fragoso
Das serras, sobre abysmos dependura
O seu ninho terrifico, espantoso:

De membros palpitantes rodeado,
De rochas, de que um sangue negro escorre,
Solitario alli vive, satisfeito
De ouvir gritos da preza quando morre.

Nesta absurda delicia vai vivendo,
Quanto é cruel suave lhe parece;
Embalouçado pelas tempestades,
Entre horrores pacifico adormece.

Tu, igneo Byron, tu és semelhante
Aos das aves crueis facinorosos;
Os clamores, os ais desesperados
Os teus concertos são mais deleitosos.

Le mal est ton spectacle, et l'homme est ta victime.
Ton œil, comme Satan, a mesuré l'abîme,
Et ton ame, y plongeant loin du jour et de Dieu,
A dit à l'espérance un éternel adieu!
Comme lui, maintenant, régnant dans les ténèbres,
Ton génie invincible éclate en chants funèbres;
Il triomphe, et ta voix, sur un mode infernal,
Chante l'hymne de gloire au sombre dieu du mal.
Mais que sert de lutter contre sa destinée?
Que peut contre le sort la raison mutinée?
Elle n'a, comme l'œil, qu' un étroit horizon.
Ne portes pas plus loin tes yeux ni ta raison:
Hors de là tout nous fuit, tout s'éteint, tout s'efface;
Dans ce cercle borné Dieu t'a marqué ta place.
Comment? pourquoi? qui sait? De ses puissantes mains
Il a laissé tomber le monde et les humains,

Teu 'spectac'lo é o mal, victima tua
O homem: com teus olhos penetrantes,
Como os de Satanaz, medes o abysmo
Que não tem margens perto, nem distantes.

Nesse golfo tua alma se mergulha;
Longe da Divindade o erro te lança,
Longe da luz; e então adeos eterno,
Affouto e cego, dizes á esperança!

Bem como Satanaz, reinas em trevas;
Com modulação aspera, illusoria,
Teu ingenho invencivel triumphando,
Cantas ao deos do mal o hymno da gloria.

De que serve luttar contra o destino?
Que te alcança a razão amotinada?
Limitado horizonte tem os olhos,
Como elles a razão é limitada.

Nem aquelles nem esta ao longe leves:
Tudo foge e se extingue alem da meta;
Neste circulo estreito, imprescriptivel,
Quem te creou o teu lugar decreta.

Como? porque motivo?... Quem o sabe?
Quem póde investigar esses arcanos?
Da sua mão fecunda, omnipotente,
Deixou cair o mundo e os humanos,

Comme il a dans nos champs répandu la poussière,
Ou semé dans les airs la nuit et la lumière;
Il le sait, il suffit: l'univers est à lui,
Et nous n'avons à nous que le jour d'aujourd'hui!
Notre crime est d'être homme et de vouloir connaître:
Ignorer et servir, c'est la loi de notre être.
Byron, ce mot est dur: long-temps j'en ai douté;
Mais pourquoi reculer devant la vérité?
Ton titre devant Dieu c'est d'être son ouvrage;
De sentir, d'adorer ton divin esclavage;
Dans l'ordre universel, faible atome emporté,
D'unir à ses desseins ta libre volonté,
D'avoir été conçu par son intelligence,
De le glorifier par ta seule existence.

Assim como espalhou o pó nos campos,
A luz, a noite semeou nos ares;
Elle o sabe, isso basta: o mundo é d'elle,
Só tens de teu o dia em que te achares.

Ser homem, e querer saber é crime:
Ignorar e servir é lei severa,
Mas lei do nosso sêr. Dura verdade!
Soffre-a, ó Byron, pois sobre nós impera.

Tambem eu duvidei por largo espaço;
Mas que razão tão forte ha que te obrigue
A recuar á vista da verdade,
E o clarão da evidencia te mitigue?

O teu titulo é seres obra sua;
É sentir, adorar a dependencia,
A escravidão divina, que submette
O teu sêr á Suprema Intelligencia.

Na ordem natural atomo fragil,
Por incognita força conduzido,
Toca-te o ter a seus altos designios
O teu livre alvedrio submettido.

Concebido por Deos desde o principio,
Formado pela sua intelligencia,
Deves glorificá-lo, consagrar-lhe
Com terna submissão tua existencia.

Voilà, voilà ton sort. Ah! loin de l'accuser,
Baise plutôt le joug que tu voulais briser,
Descends du rang des dieux qu' usurpait ton audace:
Tout est bien, tout est bon, tout est grand à sa place;
Aux regards de celui qui fit l'immensité
L'insecte vaut un monde: ils ont autant coûté!

Mais cette loi, dis-tu, révolte ta justice;
Elle n'est à tes yeux qu'un bizarre caprice,
Un piège où la raison trébuche à chaque pas.
Confessons-la, Byron, et ne la jugeons pas.
Comme toi, ma raison en ténèbres abonde,
Et ce n'est pas à moi de t'expliquer le monde.
Que celui qui l'a fait t'explique l'univers.
Plus je sonde l'abîme, helas! plus je m'y perds.
Ici-bas, la douleur â la douleur s'enchaîne,
Le jour succède au jour, et la peine à la peine.
Borné dans sa nature, infini dans ses vœux,

Eis-aqui tua sorte: não o accuses;
Beija o jugo que espedaçar intentas;
Desce do gráo dos deoses, que pertendes
Usurpar com razões que audaz inventas.

Tudo quanto Deos fez, tudo é prodigio,
Tudo está bem, é bom, digno de espanto;
Em ordem tudo o seu lugar occupa;
O insecto vale um mundo, e custou tanto.

Mas dizes que a justiça se revolta
Co' esta lei; e a teus olhos simples laço
É quanto n'ella vês, capricho, enredo
Em que a razão tropeça a cada passo.

Confessemos a Deos, não o julguemos.
Minha razão, e a tua, abunda em trevas;
Não nos pertence a explicação do mundo,
A tão audaz empreza não te atrevas.

Quem creou o Universo que t'o explique.
Quanto mais sondo o abysmo, menos vejo;
Byron! nelle me perco, e não alcanço
Descobrir o que busco, o que desejo.

Na terra a dor co' a dor mais se encadêa,
Succede o dia ao dia, a pena á pena;
Curta por natureza, extensa em votos
É dos mortaes a condição terrena.

L'homme est un dieu tombé qui se souvient des cieux;
Soit que, déshérité de son antique gloire,
De ses destins perdus il garde la mémoire;
Sois que de ses désirs l'immense profondeur
Lui présage de loin sa future grandeur:
Imparfait ou déchu, l'homme est le grand mystère.
Dans la prison des sens enchaîné sur la terre,
Esclave, il sent un cœur né pour la liberté;
Malheureux, il aspire à la félicité;
Il veut sonder le monde, et son œil est débile:
Il veut aimer toujours: ce qu'il aime est fragile!
Tout mortel est semblable à l'exilé d'Édén:
Lorsque Dieu l'eut banni du celeste jardin,
Mesurant d'un regard les fatales limites,
Il s'assit en pleurant aux portes interdites.
Il entendit de loin dans le divin séjour
L'harmonieux soupir de l'éternel amour,

É numen desthronado o homem no mundo,
Qu'inda do Ceo mantêm n'alma a memoria;
Que, ou desherdado da opulencia antiga,
E dos bens que perdeo, lhe lembra a gloria;

Ou que pela extensão de seus desejos
Julga serem presagio da Ventura,
Que um futuro ditoso lhe promette
Em mais solida base, mais segura.

Mysterio grande é o homem sobre a terra.
Degradada, imperfeita a humanidade,
Na prisão dos sentidos algemada,
Escrava, aspira sempre á liberdade.

Sente o mortal que para ser ditoso
É que nasceo, mas vê-se desgraçado;
Quer o mundo sondar, seus olhos fracos
Mal apercebem o que tem sondado:

Quer amar, mas é fragil quanto ama!
Todo o mortal parece-se na terra
C'o degradado do Éden, quando irado
Do celeste jardim Deos o desterra.

C'um triste olhar medindo-lhe os limites,
Chora sentado á porta prohibida:
D'eterno amor harmonicos suspiros
Ouve ao longe na habitação perdida:

Les accens du bonheur, les saints concerts des anges
Qui, dans le sein de Dieu, célébraient ses louanges;
Et, s'arrachant du ciel dans un pénible effort,
Son œil avec effroi retomba sur son sort.

Malheur à qui du fond de l'exil de la vie
Entendit ces concerts d'un monde qu'il envie!
Du nectar idéal sitôt qu' elle a goûté,
La nature répugne à la réalité;
Dans le sein du possible en songe elle s'élance;
Le réel est étroit, le possible est immense:
L'ame avec ses désirs s'y bâtit un séjour
Où l'on puise à jamais la science et l'amour;
Où, dans des océans de beauté, de lumière,
L'homme, altéré toujours, toujours se désaltère;
E de songes si beaux enivrant son sommeil,
Ne se reconnaît plus au moment du réveil.

Hélas! tel fut mon sort, tello est ma destinée.
J'ai vidé comme toi la coupe empoisonnée:
Mes yeux, comme les tiens, sans voir se sont ouverts;

Ouve dos Anjos os concertos santos,
Concentos de eternal felicidade,
Com que a Deos em seu seio glorificam,
E glorificarão na eternidade.

Então do Ceo se arranca forcejando,
Recae medroso em seu penoso estado:
Morde-lhe a consciencia, vê-se expulso,
Com olhos espantados vê seu fado.

Ai do infeliz, que taes musicas ouve
Cá no exilio da vida, e aos Ceos revôa!
Se o nectar ideal uma vez prova,
A natureza a realidade enjôa:

Para sempre alli gosta amor, sciencia;
Oceanos de luz e de belleza
Sedento bebe sempre, e sempre apaga
Sua inexhausta sede, n'alma accesa:

Farta seu doce somno destes sonhos;
Tudo contenta, tudo alli concorda:
Só se não reconhece no momento
Em que torna a si mesmo quando acorda.

Ah! tal foi minha sorte qual a tua.
Traguei comtigo a taça envenenada:
Sem ver se abriram como os teus meus olhos,
E quanto cuidei ver tornou-se em nada.

J'ai cherché vainement le mot de l'univers,
J'ai demandé sa cause à toute la nature,
J'ai demandé sa fin à toute créature;
Dans l'abîme sans fond mon regard a plongé:
De l'atome au soleil j'ai tout interrogé,
J'ai devancé les temps, j'ai remonté les âges;
Tantôt passant les mers pour écouter les sages:
Mais le monde à l'orgueil est un livre fermé!
Tantôt pour deviner le monde inanimé,
Fuyant avec mon ame au sein de la nature,
J'ai cru trouver un sens à cette langue obscure.
J'étudiai la loi par qui roulent les cieux:
Dans leurs brillants déserts Newton guida mes yeux;
Des empires détruits je méditai la cendre;
Dans ses sacrés tombeaux Rome m'a vu descendre;
Des mânes les plus saints troublant le froid repos,

Em vão busquei o enigma do Universo,
Consultei sem cessar as creaturas,
Interroguei a extensa natureza;
Co' a resposta fiquei sempre ás escuras.

N'um abysmo sem fundo lancei olhos;
Desde o atomo ao Sol consultei tudo;
Resoluta corri todas as eras,
Anticipei os tempos pelo estudo:

Atravessei os mares, mendigando
Luzes que o sabêr darda mais profundo:
Ah! que para a suberba indagadora
É um livro fechado o vasto mundo!

Para entender o globo inanimado
Co' a alma fugia ao seio de natura;
E um sentido entendi que tinha achado
Nas expressões daquella lingua escura.

Na lei que dos Ceos rege o movimento,
Contemplativa, absorta meditava;
Em seus largos e lucidos desertos
Newton meu pensamento e olhos guiava:

A poeira de Imperios destruidos
Examinei; aos tumulos calados
Me vio Roma descer, interrompendo
A fria paz dos manes mais sagrados.

J'ai pesé dans mes mains la cendre des héros;
J'allais redemander à leur vaine poussière
Cette immortalité que tout mortel espère.
Que dis-je? suspendu sur le lit des mourans,
Mes regards la cherchaient dans des yeux expirans;
Sur ces sommets noircis par d'éternels nuages,
Sur ces flots sillonés par d'éternels orages,
J'appelais, je bravais le choc des élémens:
Semblable à la sibylle en ses emportemens,
J'ai cru que la nature, en ces rares spectacles,
Laissait tomber pour nous quelqu'un de ces oracles:
J'aimais à m'enfoncer dans ces sombres horreurs.
Mais en vain dans son calme, en vain dans ses fureurs,
Cherchant ce grand secret sans pouvoir le surprendre,
J'ai vu partout un Dieu sans jamais le comprendre!
J'ai vu le bien, le mal, sans choix et sans dessein,
Tomber comme au hasard, échapés de son sein;
J'ai vu partout le mal où le mieux pouvait être,
Et je l'ai blasphémé, ne pouvant le connaître;

Em minhas mãos de heroes pesando a cinza,
Nestes fragmentos vãos eu bem quizera
Obter certeza da immortalidade
Que assustado qualquer mortal espera.

Attenta sobre o leito dos que expiram,
Entregue aos pensamentos mais profundos,
Minha vista anciosa a procurava
Nos quasi extinctos olhos moribundos:

Nos altos, que ennegrecem densas nuvens,
Nas ondas, que retalham tempestades,
Os choques affrontei dos elementos,
Desafiei do mar as variedades:

Qual sybilla convulsa em parocismos,
Cuidei que n'esses raros spectac'los
A natureza, para esclarecer-nos,
Nos largaria algum de seus orac'los:

Gostava de entregar-me a taes horrores,
Aspirando ao segredo, e a surpr'endê-lo.
Mas, ou tranquilla ou não, em toda a parte
Só encontrava Deos, sem comprehendê-lo!

Via o bem, via o mal, sem plano ou escolha,
Escapar, como acaso, de seu seio;
O mal sempre onde o bem devia achar-se:
Sem poder conhecê-lo, blasphemei-o.

Et ma voix, se brisant contre ce ciel d'airain,
N'a pas même eu l'honneur d'irriter le destin.
Mais un jour que, plongé dans ma propre infortune,
J'avais lassé le ciel d'une plainte importune,
Une clarté d'en haut dans mon sein descendit,
Me tenta de bénir ce que j'avais maudit;
Et, cédant sans combattre au souffle qui m'inspire,
L'hymne de la raison s'élança de ma lyre.

« Gloire à toi, dans les temps et dans l'éternité,
Éternelle Raison, suprême volonté!
Toi, dont l'immensité reconnaît la présence!
Toi, dont chaque matin annonce l'existence!
Ton souffle créateur s'est abaissé sur moi:
Celui qui n'était pas a paru devant toi!
J'ai reconnu ta voix avant de me connaître,

Mas contra o bronzeo Ceo as minhas vozes
Quebraram-se, em lugar de quebrantá-lo;
Dissipadas nos ares, nem ao menos
As honras alcançaram de irritá-lo.

Um dia que, enterrada em minhas magoas,
Tinha enojado o Ceo com vão queixume,
Tentei-me a abençoar o que até'gora
De maldições cobria o meu ciume:

Cedi, sem combater, ao doce impulso
Que á minh'alma um ignoto amor inspira;
E o hymno da razão allumiada
Saltou, ardendo em fogo, em minha lyra.

HYMNO.

« Gloria a Deos, Sêr Supremo, em quanto dura
O tempo dilatado e a eternidade:
Razão, Vontade eterna, omnipotente!
Que reges, sem cessar, a immensidade!

Tudo a tua presença reconhece;
Tudo constantemente te annuncia
Aos sêres que creaste, e que renovas,
Por entre mil prodigios, cada dia!

Teu sopro creador em mim baixando,
Então quem era nada te apparece;
Sem conhecer o sêr que em si desponta,
A tua voz potente reconhece.

Je me suis élancé jusqu'aux portes de l'Être:
Me voici! le néant te salue en naissant;
Me voici! mais que suis-je? un atome pensant!
Qui peut entre nous deux mesurer la distance?
Moi, qui respire en toi ma rapide existence,
A l'insu de moi-même, à ton gré façonné,
Que me dois-tu, Seigneur, quand je ne suis pas né?
Rien avant, rien après: gloire à la fin suprême!
Qui tira tout de soi se doit tout à soi-meme!
Jouis, grand artisan, de l'œuvre de tes mains:
Je suis pour accomplir tes ordres souverains;
Dispose, ordonne, agis! Dans les temps, dans l'espace,
Marque-moi pour ta gloire et mon jour et ma place:
Mon être, sans se plaindre et sans t'interroger,
De soi-même en silence accourra s'y ranger.
Comme ces globes d'or qui, dans les champs du vide,
Suivent avec amour ton ombre qui les guide,

« A cogitação nasce e me arrebata,
Lança-me até ás portas da existencia:
Eis-me aqui: mas que sou? atomo fragil!
Este nada abençoa a tua essencia.

« Um atomo que pensa!... Mas quem póde
Calcular entre nós tanta distancia?...
Eu! que respiro em ti, e sem que saiba
Como formaste em mim esta substancia;

« Que me devias tu quando eu não era?
Antes, nada; depois, nada devias:
Gloria a ti, Sêr Supremo! pois que tudo
Creaste, e em ti com tudo residias.

« Goza, Artifice grande, d'essas obras
Que as tuas mãos perfeitas dirigiram:
Para cumprir sómente quanto ordenas
É que existo, e que os dias meus se urdiram.

« Obra, dispõe, ordena; marca o tempo,
O espaço, o meu lugar, a minha historia:
Meu sêr irá correndo collocar-se
Onde sempre convenha á tua gloria.

« Irei, sem me queixar ou interrogar-te,
Em silencio, contente obedecendo,
Como esses globos d'ouro que no espaço,
Com amor, porque mandas, vão correndo;

Noyé dans la lumière, ou perdu dans la nuit,
Je marcherai comme eux où ton doigt me conduit:
Soit que, choisi par toi pour éclairer les mondes,
Réfléchissant sur eux les feux dont tu m'inondes,
Je m'élance, entouré d'esclaves radieux,
Et franchisse d'un pas tout l'abîme des cieux;
Sois que, me reléguant loin, bien loin de ta vue,
Tu ne fasses de moi, créature inconnue,
Qu'un atome oublié sur les bords du néant,
Ou qu'un grain de poussière emporté par le vent,
Glorieux de mon sort, puisqu'il est ton ouvrage,
J'irai, j'irai partout te rendre un même hommage;
Et d'un égal amour accomplissant ta loi,
Jusqu'aux bords du néant murmurer: Gloire à toi!

« Ni si haut, ni si bas! simple enfant de la terre,
Mon sort est un problême et ma fin un mystère:

« Ou de luz inundada, ou já perdida
Nas trevas de uma noite pavorosa,
Irei, como elles vão, onde me aponte
Teu aceno a vereda tenebrosa.

« Quando me escolhas, Deos beneficente,
Para aclarar o mundo, reflectindo
Sobre elle as luzes com que me enriqueças,
Depressa esse caminho irei seguindo:

« De lustrosos escravos rodeada,
De um salto vencerei dos Ceos o espaço;
Como quando severo me bannires
Da tenebrosa noite no regaço.

« Se de mim, ignorada creatura,
Sobre as margens do nada só fizeres
Um atomo esquecido, uma poeira
Que leve o vento; faze o que quizeres:

« Ufana do destino que me déste,
Pois que obra é tua, com amor extremo
Irei té junto ao nada, repetindo:
Gloria, louvor a ti, Senhor Supremo!

« Nem tão sublime sou, nem tão pequena:
Simples filha da terra, me parece
Problema o fado meu, meu fim mysterio;
Do enigma a solução se desvanece:

Je ressemble, Seigneur, au globe de la nuit,
Qui, dans la route obscure où ton doigt le conduit,
Réfléchit d'un côté les clartés éternelles,
Et de l'autre est plongé dans les ombres mortelles.
L'homme est le point fatal où les deux infinis
Par la toute-puissance ont été réunis.
A tout autre degré, moins malheureux peut-être,
J'eusse été... mais je suis ce que je devais être;
J'adore sans la voir ta suprême raison:
Gloire à toi qui m'as fait! ce que tu fais est bon!
Cependant, accablé sons le poids de ma chaîne,
Du néant au tombeau l'adversité m'entraîne;
Je marche dans la nuit par un chemin mauvais,
Ignorant d'où je viens, incertain où je vais,
Et je rapelle en vain ma jeunesse écoulée,
Comme l'eau du torrent dans sa source troublée.

« Com o globo da noite me assemelho,
Que no caminho escuro em que o conduzes
De uma parte se abysma em mortaes trevas,
Reflectindo da outra immortaes luzes.

« O sêr humano é pois o fatal ponto
Onde os dois infinitos associa
A Summa Omnipotencia: em gráo mais baixo
Ser menos desgraçada eu bem podia.

« Talvez fosse... mas sou o que ser devo;
Sem ver tua razão, firme te adoro:
Tu me fizeste, e é bom tudo o que fazes:
Gloria a ti, Creador, que humilde imploro!

« Mas, curvada c'o peso dos desastres,
Me vai levando a rojo a adversidade;
Vou do nada ao sepulchro, caminhando
Pela nocturna e densa escuridade:

« Ignoro d'onde vim; vou na incerteza,
Para onde, não sei: foi-se o passado;
Foge o presente, acabo no futuro,
Sem ter um só momento descançado.

« Em vão reclamo a flórea mocidade,
Apagou-se o meu tempo florecente;
Como de turva fonte jorram aguas,
Escorreo, como escorre uma torrente.

Gloire à toi! Le malheur en naissant m'a choisi;
Comme un jouet vivant ta droite m'a saisi;
J'ai mangé dans les pleurs le pain de ma misère,
Et tu m'as abreuvé des eaux de ta colère.
Gloire à toi! J'ai crié, tu n'as pas répondu;
J'ai jeté sur la terre un regard confondu;
J'ai cherché dans le ciel le jour de ta justice:
Il s'est levé, Seigneur, et c'est pour mon supplice!
Gloire à toi! l'innocence est coupable à tes yeux:
Un seul être du moins me restait sous les cieux;
Toi-même de nos jours avais mêlé la trame;
Sa vie était ma vie, et son ame mon ame:
Comme un fruit encor vert du rameau détaché,
Je l'ai vu de mon sein avant l'âge arraché!

« Ao nascer escolheo-me a desventura:
Gloria a ti! pois que a tua mão potente
Me colheo, e ordenou que do infortunio
Eu ficasse um ludibrio permanente.

« Meu pão comi com lagrimas amargas,
Do teu enfado as aguas me fartaram:
Gloria a ti! exclamei, e estes meus gritos
Uma resposta só não alcançaram.

« Um perturbado olhar lancei na terra;
Bnsquei nos Ceos de um justo beneficio
O dia luminoso: levantou-se;
Mas foi o dia então do meu supplicio!

« Gloria a ti! a innocencia inda não basta,
Ante os teus olhos puros é culpada:
Um sêr que amava é quanto possuia,
Ventura que dos Ceos fora invejada.

« Tinhas de nossos dias amorosos
Tu mesmo, ó meu Senhor, urdido o fio;
Era minha sua alma; a sua vida
Animava o meu sêr, meu alvedrio:

« Como um pommo inda verde se despega
Do ramo de que pende, do meu peito
Antes de tempo m'o arrancou a Parca,
Deixou meu coração murcho ou desfeito.

Ce coup, que tu voulais me rendre plus terrible,
La frappa lentement pour m'être plus sensible:
Dans ses traits expirans, où je lisais mon sort,
J'ai vu lutter ensemble et l'amour et la mort;
J'ai vu dans ses regards la flamme de la vie,
Sous la main du trépas par degrés assoupie,
Se ranimer encore au souffle de l'amour!
Je disais chaque jour: Soleil, encore un jour!
Semblable au criminel qui, plongé dans les ombres,
Est descendu vivant dans les demeures sombres,
Près du dernier flambeau qui doive l'éclairer,
Se penche sur sa lampe et la voit expirer,
Je voulais retenir l'ame qui s'évapore;
Dans son dernier regard je la cherchais encore!
Ce soupir, ô mon Dieu, dans ton sein s'exhala;
Hors du monde avec lui mon espoir s'envola!

« Preparaste este golpe lentamente,
Meu Deos, para mostrar-te mais terrivel;
Alentando e apagando-me esperanças,
A fim de que me fosse mais sensivel:

« Na face moribunda, enternecida
Lia com anciedade a minha sorte;
Ora via apontar o frouxo alento,
Ora luttar o amor co' a dor e a morte:

« Via a chamma da vida inda em seus olhos,
Que a morte gradualmente amortecia
Quando o sopro de amor a reanimava:
Pedi ao sol ao menos mais um dia!

« Qual, enterrado em sombras, desce vivo
Um culpado á mais lugubre morada,
E a ultima candêa que o allumia,
Inclinando-se, vê quasi apagada:

« Tal procurei na angustia mais violenta
Aquella alma deter que se exhalava;
Em corrosivos rapidos instantes,
No seu ultimo olhar inda a buscava!

« N'um suspiro acabou, e este suspiro
Se exhalou junto a Deos onde descança;
Mas com elle voou alem do mundo
Igualmente veloz minha esperança!

Pardonne au désespoir un moment de blasphême,
J'osai... Je me repens: Gloire au maître suprême!
Il fit l'eau pour couler, l'aquilon pour courir,
Les soleils pour brûler, et l'homme pour souffrir!

« Que j'ai bien accompli cette loi de mon être!
La nature insensible obéit sans connaître;
Moi seul, te découvrant sous la nécessité,
J'immole avec amour ma propre volonté;
Moi seul je t'obéis avec intelligence;
Moi seul je me complais dans cette obéissance;
Je jouis de remplir, en tout temps, en tout lieu,
La loi de ma nature et l'ordre de mon Dieu;
J'adore en mes destins ta sagesse suprême,
J'aime ta volonté dans mes supplices même:
Gloire à toi! gloire à toi! Frappe, anéantis-moi!
Tu n'entendras qu'un cri: Gloire à jamais à toi! »

Ainsi ma voix monta vers la voûte céleste;
Je rendis gloire au ciel, et le ciel fit le reste.

«Ah! que será de mim, celeste objecto?
Quero acabar comtigo, nada temo!...
Mas perdoa, meu Deos! já me arrependo;
Perdoa, se phrenetica blasphemo.

«Gloria ao Senhor, que os soes creou luzentes,
Que os rios fez para que ao mar corressem,
Notos para soprar; fez os humanos
Para que sobre a terra padecessem.

«Que bem cumpri a lei do ser que tenho!
Sem sentir-se obedece a natureza;
Eu só, que a Deos percebo no preciso,
Lhe entrega o meu amor o que mais présa.

«Eu com intelligencia é que obedeço,
Comprazendo-me nesta obediencia;
Cumprindo a lei da minha natureza,
E as ordens da suprema Omnipotencia.

«No meu destino o teu sabêr adoro,
Em meus supplicios amo o que tu queres:
Gloria, ó Deos! gloria a ti! gritarei sempre,
Se para anniquilar-me assim me feres.»

Assim rompendo a abobada celeste
Mandei aos bronzeos Ceos o meu protesto;
Submetti-me ao podêr que tudo manda,
Dei gloria aos Ceos, e toca aos Ceos o resto.

Mais silence, ô ma lyre! et toi qui dans tes mains
Tiens le cœur palpitant des sensibles humains,
Byron, viens en tirer des torrens d'harmonie:
C'est pour la vérité que Dieu fit le génie.
Jette un cri vers le ciel, ô chantre des enfers!
Le ciel même aux damnés envîra tes concerts!
Peut-être qu' à ta voix, de la vivante flamme
Un rayon descendra dans l'ombre de ton ame.
Peut-être que ton cœur, ému de saints transports,
S'apaisera soi-même à tes propres accords,
Et qu' un éclair d'en haut perçant ta nuit profonde,
Tu verseras sur nous la clarté qui t'inonde.
Ah! si jamais ton luth, amolli par tes pleurs,
Soupirait sous tes doigts l'hymne de tes douleurs,
Ou si, du sein profond des ombres éternelles,
Comme um ange tombé, tu secouais tes ailes,
Et prenant vers le jour un lumineux essor,
Parmi les chœurs sacrés tu t'essayais encor;

Silencio, ó minha lyra!... E tu, ó Byron,
Que os corações immersos na agonia
Tens nas mãos, e avalias os humanos,
Extrahe della torrentes de harmonia:

Para a verdade só, Deos fez o ingenho.
Lança um clamor ao Ceo, cantor do inferno!
Aos reprobos, teus cantos invejando,
Talvez julgue menor o horror eterno.

Talvez que á tua voz, da viva chamma
Em tua alma sombria um raio desça;
E, de santos transportes commovida,
Com teus proprios concentos se enterneça:

Tua profunda noite penetrando,
Um relampago do alto a luz não perca;
E sobre nós derrame docemente
O clarão luminoso que te cerca.

Se o teu laúde, acaso amollecido
Por lagrimas contrictas, modulasse
Da tua dor o hymno mavioso,
Cujo altisono canto aos Ceos chegasse;

Se do seio profundo aonde moram
Perpetuas sombras, Anjo desvairado,
Batendo as azas, para a luz voltasses,
Nos santos chóros foras instaurado;

Jamais, jamais l'écho de la céleste voûte,
Jamais ces harpes d'or que Dieu lui-même écoute,
Jamais des séraphins les chœurs mélodieux
De plus divins accords n'auraient ravi les cieux.
Courage, enfant déchu d'une race divine!
Tu portes sur ton front ta superbe origine!
Tout homme en te voyant reconnaît dans tes yeux
Un rayon éclipsé de la splendeur des cieux!
Roi des chants immortels, reconnais-toi toi-même!
Laisse aux fils de la nuit le doute et le blasphême;
Dédaigne un faux encens qu'on t'offre de si bas:
La gloire ne peut être où la vertu n'est pas.
Viens reprendre ton rang dans ta splendeur première,
Parmi ces purs enfans de gloire et de lumière
Que d'un souffle choisi Dieu voulut animer,
Et qu'il fit pour chanter, pour croire et pour aimer!

Nunca os echos da abobada celeste
Tão divinos accentos repetiram;
Nunca essas harpas d'ouro, que recrêam
O mesmo Deos, comtigo competiram:

Jámais dos Seraphins os doces chóros
Concertos tão sublimes entoaram,
Nem com mais elevados pensamentos
Os attonitos Ceos se arrebataram.

Valor, filho da luz degenerado!
Trazes na frente o sello magestoso
D'uma suberba origem; quem te observa
Não fica do que vales duvidoso.

Vê-se um raio eclipsado nos teus olhos
D'esse esplendor do Ceo d'onde derivas!
Rei d'immortaes canções, teu preço entende,
Vê como é certa a fé de que te privas!

Deixa aos filhos da noite essas blasphemias;
Despreza o falso incenso que vilmente
Te off'rece o depravado: não ha gloria
Se a mais pura virtude a não consente.

No teu prisco esplendor teu lugar toma,
Entre os filhos da eterna claridade,
Que de um sopro escolhido Deos anima,
E seus cantos dedicam á Verdade.

Precederás os genios mais sublimes
Com que brindou o mundo sabiamente
O Creador de tudo: fez o Vate
Para cantar e crer e amar sómente.

IMITAÇÃO LIVRE

DA

XXVIII. MEDITAÇÃO

D'ALPHONSE DE LAMARTINE,

INTITULADA

DEOS.

MÉDITATION XXVIII.

DIEU.

A M. DE LAMENNAIS.

Oui, mon ame se plait à secouer ses chaînes:
Déposant le fardeau des misères humaines,
Laissant errer mes sens dans ce monde des corps,
Au monde des esprits je monte sans efforts.
Là, foulant à mes pieds cet univers visible,
Je plane en liberté dans les champs du possible.
Mon ame est à l'étroit dans sa vaste prison:
Il me faut un séjour qui n'ait pas d'horizon.

Comme une goutte d'eau dans l'Océan versée,
L'infini dans son sein absorbe ma pensée;
Là, reine de l'espace et de l'éternité,
Elle ose mesurer le temps, l'immensité,
Aborder le néant, parcourir l'existence,
E concevoir de Dieu l'inconcevable essence.

IMITAÇÃO LIVRE

DA XXVIII. MEDITAÇÃO DE LAMARTINE,

INTITULADA

DEOS.

EPISTOLA A MINHA FILHA HENRIQUETA.

SIM; gostosa as cadêas sacudindo,
A minha alma depõe o enorme peso
Das miserias humanas; errar deixa
Neste mundo dos corpos meus sentidos,
E ao mundo dos espiritos me eleva.
Este visivel Universo calca,
E se suspende absorta livremente
Sobre os extensos campos do possivel.
Nesta morada terrea, como em ferros,
Se sente constrangida; outra precisa,
Que, mais vasta, careça de horizonte.

Como se cae no mar d'agua uma gotta,
O infinito me absorve o pensamento;
De lá, como do espaço, dominando
Sobre toda a extensão da Eternidade,
Ousa medir a immensidade e o tempo,
Abalroar o nada, e sem estorvo
Percorrer a existencia, concebendo
A essencia incomprehensivel de Deos mesmo.

Mais sitôt que je veux peindre ce que je sens,
Toute parole expire en efforts impuissans:
Mon ame croit parler: ma langue embarrassée
Frappe l'air de vains sons, ombre de ma pensée.
Dieu fit pour les esprits deux langages divers:
En sons articulés l'un vole dans les airs;
Ce langage borné s'apprend parmi les hommes;
Il suffit aux besoins de l'exil où nous sommes,
Et, suivant des mortels les destins inconstans,
Change avec les climats ou passe avec les temps:
L'autre, éternel, sublime, universel, immense,
Est le langage inné de toute intelligence:
Ce n'est point un son mort dans les airs répandu,
C'est un verbe vivant dans le cœur entendu:
On l'entend, on l'explique, on le parle avec l'ame:
Ce langage senti, touche, illumine, enflamme:
De ce que l'ame éprouve interprêtes brûlans,
Il n'a que des soupirs, des ardeurs, des élans;
C'est la langue du ciel qui parle la prière,
Et que le tendre amour comprend seul sur la terre.

Aux pures régions où j'aime à m'envoler,
L'enthousiasme aussi vient me la révéler;
Lui seul est mon flambeau dans cette nuit profonde,
Et mieux que la raison il m'explique le monde.
Viens donc! il est mon guide, et je veux t'en servir.
A ses ailes de feu, viens, laisse-toi ravir.

Mas apenas pintar quero o que sinto,
Os termos entre esforços vãos expiram:
Cuido fallar; a lingua entorpecida
Trabalha, e vibra o ar com sons inuteis,
Que sombras vãs são só do pensamento.
Duas diversas linguas para o espirito
Fez Deos; e, limitada, facilmente
Uma se aprende e grava na memoria,
Voa no ar com sons articulados;
Essa basta ao desterro em que vivemos;
Seguindo dos mortaes o fado incerto,
Passa c'os tempos, muda com os climas:
A outra universal, eterna, immensa,
De toda a intelligencia idioma innato,
Não é um morto som, nos ares solto,
É um verbo vivaz, gravado n'alma;
Entende-a o coração; quando se falla
Ouve-se, explica-se, a alma lhe responde.
Esta lingua sensivel, toca, inflamma;
Interprete fiel do que a alma sente,
Tem por phrases suspiros e transportes,
Maviosos, extaticos ardores:
É a voz da oração, dos Ceos a lingua,
Que na terra só terno amor percebe.

Nas puras regiões a que me elevo
Tambem o enthusiasmo m'a releva:
Nesta profuuda noite que me cerca
É a tocha brilhante que me guia,
E melhor que a razão me explica o mundo.
Vem, Henriqueta, quero conduzir-te;
Deixa-te arrebatar, deixa elevar-te
Sobre as azas de fogo que nos presta.

Déjà l'ombre du monde à nos regards s'efface:
Nous échappons au temps, nous franchissons l'espace,
Et, dans l'ordre éternel de la réalité,
Nous voilà face à face avec la vérité!

Cet astre universel, sans déclin, sans aurore,
C'est Dieu, c'est ce grand tout, qui soi-même s'adore!
Il est; tout est en lui: l'immensité, les temps,
De son être infini son les purs élémens:
L'espace est son séjour, l'éternité son âge;
Le jour est son regard, le monde est son image;
Tout l'univers subsiste à l'ombre de sa main:
L'être á flots éternels découlant de son sein,
Comme un fleuve nourri par cette source immense,
S'en échappe, et revient finir où tout commence.

Sans bornes, comme lui, ses ouvrages parfaits
Bénissent en naissant la main qui les a faits!
Il peuple l'infini chaque fois qu'il respire;
Pour lui, vouloir c'est faire, exister c'est produire.
Tirant tout de soi seul, rapportant tout à soi,
Sa volonté suprême est sa suprême loi.
Mais cette volonté, sans ombre et sans faiblesse,
Est à la fois puissance, ordre, équité, sagesse.
Sur tout ce qui peut être il l'exerce à son gré;

Perante os nossos olhos se dissipa
Do mundo a sombra, ao tempo já escapámos:
Resolutas vencemos os espaços,
E na ordem da summa realidade,
Co' a verdade encaramos face a face.

Sem aurora que nasça, sem minguante,
Este astro universal é Deos; aquelle
Grande todo, que a si mesmo se adora!
É tudo, e nelle existe a immensidade:
Do seu sêr infinito são os tempos
Os puros elementos; é o espaço
A sua habitação; a sua idade
Annos não mede, a eternidade abrange;
A sua imagem bella é o vasto mundo,
O seu olhar o dia, em tudo falla;
Subsiste á sombra delle este Universo:
O sêr decorre em ondas permanentes
Do seu seio fecundo, como um rio
Que dessa immensa fonte se alimenta,
Corre, e vai acabar onde começa.

Sem limite, como elle, suas obras,
De summa perfeição, apenas nascem
Abençoam as mãos que as construiram.
Se respira, povoa o infinito;
Nelle, obrar é querer; creando existe.
Tira tudo de si, que a si refere,
Sua vontade é sua lei suprema.
Sem sombra, sem fraqueza, esta vontade
Juntamente é podêr, ordem, justiça,
Sapiencia infinita; e a seu arbitrio
Sobre quanto ser póde se exercita:

Le néant jusqu' à lui s'élève par degré:
Intelligence, amour, force, beauté, jeunesse,
Sans s'épuiser jamais, il peut donner sans cesse,
Et comblant le néant de ses dons précieux,
Des derniers rangs de l'être il peut tirer des dieux.
Mais ces dieux de sa main, ces fils de sa puissance,
Mesurent d'eux à lui l'éternelle distance,
Tendant par leur nature à l'être qui les fit;
Il est leur fin à tous, et lui seul se suffit.
Voilà, voilà le Dieu que tout esprit adore,
Qu' Abraham a servi, que rêvait Pythagore,
Que Socrate annonçait, qu' entrevoyait Platon:
Ce Dieu que l'univers révèle à la raison;
Que la justice attend, que l'infortune espère,
Et que le Christ enfin vint montrer à la terre.
Ce n'est plus là ce Dieu par l'homme fabriqué,
Ce Dieu par l'imposture à l'erreur expliqué,
Ce Dieu, défiguré par la main des faux prêtres,
Qu' adoraient en tremblant nos crédules ancêtres.
Il est seul, il est un, il est juste, il est bon;
La terre voit son œuvre, et le ciel sait son nom!

Heureux qui le connaît! plus heureux qui l'adore!
Qui, tandis que le monde ou l'outrage ou l'ignore,
Seul, aux rayons pieux des lampes de la nuit,

O nada gradualmente a si levanta:
Deos, sem nunca exhaurir-se, produz sempre
Intelligencia, amor, força, belleza,
Frescura, e de seus dons enchendo o nada,
Póde das classes infimas dos entes
Tirar numes; mas estas divindades,
Filhas do seu podêr, distancia eterna
Conservam entre si e o Deos supremo;
Tendem por natureza ao Sêr que os cria,
Que bastando-se a si, é fim de todos.
Este é o Deos que espiritos adoram,
Que Abrão servio, Pythagoras sonhava,
Que annunciava Socrátes, e entrevia
O sublime Platão: este revelam
Á razão apurada os ceos e a terra:
Nelle espera o infortunio, delle aprende
Suas leis a justiça; e veio ao mundo
Mostrá-lo Christo, e resgatar os homens.
Não é pois esse Deos que illusamente
Os erros e a impostura fabricaram,
Desfigurado por ministros falsos,
Que tremendo adoravam n'outras eras
Os nossos rudes credulos maiores.
Elle é o unico Deos, que é bom, que é justo;
A terra o apercebe em suas obras,
O Ceo sabe o seu nome Omnipotente!

Feliz quem o conhece, e quem o adora!
Ainda mais feliz, se, em quanto o mundo
O desconhece e cegamente o ultraja,
Piedoso Solitario, allumiado
Pelo raio das lampadas da noite,
Se eleva suspirando á immensa altura

S'élève au sanctuaire où la foi l'introduit,
Et, consumé d'amour et de reconnaissance,
Brûle, comme l'encens, son ame en sa présence!
Mais, pour monter à lui, notre esprit abattu
Doit emprunter d'en haut sa force et sa vertu.
Il faut voler au ciel sur des ailes de flamme:
Le désir et l'amour sont les ailes de l'ame.

Ah! que ne suis-je né dans l'âge où les humains,
Jeunes, à peine encore échappés de ses mains,
Près de Dieu par le temps, plus près par l'innocence,
Conversaient avec lui, marchaient en sa présence!
Que n'ai-je vu le monde à son premier soleil!
Que n'ai-je entendu l'homme à son premier réveil!
Tout lui parlait de toi, tu lui parlais toi-même;
L'univers respirait ta majesté suprême;
La nature, sortant des mains du Créateur,
Étalait en tout sens le nom de son auteur:
Ce nom, caché depuis sous la rouille des âges,
En traits plus éclatans brillait sur tes ouvrages;
L'homme dans le passé ne remontait qu' à toi,
Il invoquait son père, et tu disais: C'est moi:
Long-temps comme un enfant ta voix daigna l'instruire,

Onde a fé o introduz no sanctuario!
Abrazado de amor, de affectos gratos,
Como incenso consome alli sua alma
Na presença de Deos; bem que precise
Seu espirito debil alto influxo
De vigor e virtude que o levante
Para subir ao Ceo, e a Deos chegar-se:
Sobre as azas de fogo voar deve;
O desejo e o amor são azas da alma.

Ah! porque não nasci naquella idade
Em que os homens, apenas exhibidos
Das suas mãos divinas, de Deos perto,
Já pelo tempo, e mais pela innocencia,
Conversavam com elle docemente,
E na sua presença caminhavam!
Porque não vi nascer o sol primeiro!
E não pude escutar que disse o homem
No primeiro acordar do mudo nada!
Tudo de ti, meu Deos, tudo fallava;
Tu mesmo lhe fallavas e o instruias;
O inteiro Universo respirava
O teu podêr, a tua magestade;
Ostentava, ao sair das mãos divinas,
A natureza em todos os sentidos
Do seu divino Author o nome excelso:
Este nome, ao depois quasi apagado,
Que a ferrugem dos erros escondera,
Brilhava em teus productos estupendos;
Só a ti recorria então o homem,
Como filho amoroso te invocava,
= Aqui estou = como pae lhe respondias:
Dignou-se a tua voz por largo tempo

E par la main long-temps tu voulus le conduire.
Que de fois dans ta gloire à lui tu t'es montré,
Aux vallons de Sennar, aux chênes de Membré,
Dans le buisson d'Oreb, ou sur l'auguste cime
Où Moïse aux Hébreux dictait ta loi sublime!
Ces enfans de Jacob, premiers nés des humains,
Reçurent quarante ans la manne de tes mains:
Tu frappais leur esprit par tes vivans oracles;
Tu parlais à leurs yeux par la voix des miracles,
Et, lorsqu'ils t'oubliaient, tes anges descendus
Rappelaient ta mémoire à leurs cœurs éperdus.
Mais enfin, comme un fleuve éloigné de sa source,
Ce souvenir si pur s'altéra dans sa course;
De cet astre vieilli la sombre nuit des temps
Éclipsa par degrés les rayons éclatans.
Tu cessas de parler: l'oubli, la main des âges,
Usèrent ce grand nom empreint dans tes ouvrages;
Les siècles en passant firent pâlir la foi;
L'homme plaça le doute entre le monde et toi.

Oui, ce monde, Seigneur, est vieilli pour ta gloire;

Instrui-lo, formar-lhe o entendimento,
Como a um tenro menino um pae instrue,
Como o vai pela mão encaminhando.
Quantas vezes, de gloria rodeado,
A seus olhos mortaes appareceste,
Nos valles de Sennar, choupos de Membre,
Junto á sarça de Oreb, ou lá do cimo
Dessa montanha augusta onde dictava
Moysés á Hebraica gente a lei sublime!
Estes de Jacob filhos, teus eleitos,
Primogenitos foram dos humanos,
Que oito lustros a fio receberam
O manná saboroso, que lhes déste:
Seu espirito pasmavam teus orac'los;
Pela voz dos milagres lhes fallavas;
E quando descuidados te esqueciam,
O teu Anjo descia a recordar-lhes
Tua memoria, a ti reconduzindo
Seus frageis corações extraviados.
Mas em fim, como um rio caudaloso,
Que affastado da fonte vai correndo,
Esta lembrança pura corrompeo-se,
Alterou-se em seu curso dilatado:
Envelhecido este astro, escura noite
Gradualmente eclipsou seus claros raios.
Cessaste de fallar: a mão do tempo,
O esquecimento atroz, foram gastando
Teu grande nome, impresso em tuas obras;
As eras, ao passar, a fé murcharam,
E collocou o temerario humano
A duvida entre Deos e o mundo cego.

Sim, meu Senhor! o mundo envelhecido

Il a perdu ton nom, ta trace et ta mémoire;
Et pour les retrouver il nous faut, dans son cours,
Remonter flots à flots le long fleuve des jours!
Nature! firmament! l'œil en vain vous contemple!
Hélas! sans voir le Dieu, l'homme admire le temple;
Il voit, il suit en vain, dans les déserts des cieux,
De leurs mille soleils le cours mystérieux;
Il ne reconnaître plus la main qui les dirige;
Un prodige éternel cessa d'être un prodige,
Comme ils brillaient hier, ils brilleront demain.
Qui sait où commença leur glorieux chemin?
Qui sait si ce flambeau, qui luit et qui féconde,
Une première fois s'est levé sur le monde?
Nos pères n'ont point vu briller son premier tour,
Et les jours éternels n'ont point de premier jour.
Sur le monde moral, en vain ta providence,
Dans ces grands changemens révèle ta présence.
C'est en vain qu' en tes jeux l'empire des humains
Passe d'un sceptre à l'autre errant de mains en mains;
Nos yeux, accoutumés à sa vicissitude,
Se sont fait de la gloire une froide habitude:
Les siècles ont tant vu de ces grands coups du sort!
Le spectacle est usé: l'homme engourdi s'endort!

Já para a tua gloria perdeo tudo,
Teu nome, teu vestigio, tua lembrança:
Para retroceder, reconquistá-los,
É preciso que suba d'onda em onda
O longo mar dos dias apagados!
Natureza! lustroso firmamento!
Em vão a nossa vista vos contempla!
Sem ver o Deos, o templo é que admiramos:
Nos desertos dos Ceos mysteriosos
O homem vê sem fructo o giro immenso
De milhares de soes resplandecentes,
E desconhece a mão que assim os leva;
Cessa de ser prodigio esse prodigio
Que sempre aos nossos olhos se apresenta:
Ámanhã brilhará qual brilhou hontem.
Quem sabe quando foi que despontaram?
Quando a tocha, que luz e que fecunda,
Pela primeira vez surdio do nada?
Nossos primeiros paes brilhar não viram
Do seu nascente giro a ignea chamma:
Não tem primeiro dia eternos dias.
Em vão, meu Deos! a tua providencia,
Sobre o mundo moral, nos seus transtornos
Tua presença augusta nos revela:
Nas tuas permissões, nesses teus jogos,
O vacillante imperio dos humanos
Erra de mão em mão, de sceptro em sceptro;
A taes vicissitudes costumados,
Disso os olhos um habito fizeram:
Tantos golpes da sorte as eras viram,
Que está gasto o spectac'lo, não commove:
Entorpecida a especie humana dorme!

Réveille-nous, grand Dieu! parle, et change le monde;
Fais entendre au néant ta parole féconde.
Il est temps! lève-toi! sors de ce long repos;
Tire un autre univers de cet autre chaos.
A nos yeux assoupis il faut d'autres spectacles!
A nos esprits flottans il faut d'autres miracles!
Change l'ordre des cieux qui ne nous parle plus!
Lance un nouveau soleil à nos yeux éperdus;
Détruis ce vieux palais, indigne de ta gloire;
Viens! montre-toi toi-même, et force-nous de croire!
Mais peut-être, avant l'heure où dans les cieux déserts
Le soleil cessera d'éclairer l'univers,
De ce soleil moral la lumière éclipsée
Cessera par degrés d'éclairer la pensée,
Et le jour qui verra ce grand flambeau détruit
Plongera l'univers dans l'éternelle nuit!
Alors tu briseras ton inutile ouvrage.
Ses débris foudroyés rediront d'âge en âge:
Seul je suis! hors de moi rien ne peut subsister!
L'homme cessa de croire: il cessa d'exister!

Acorda-nos! ou falla, ou muda o mundo;
Escute o nada o teu fecundo verbo.
Levanta-te, meu Deos! é tempo, é tempo;
De tão longo descanço te despede;
Extrahe do Cahos novo outro Universo.
Outras scenas demandam nossos olhos!
Outros milagres quer nossa alma incerta!
Muda a ordem dos Ceos, que nos não falla!
Cria um sol novo, que este já não basta,
Não fere a nossa vista perturbada:
Destroe este palacio arruinado,
Tão pouco digno já da gloria tua;
Vem! apparece tu, e a crer nos fórça!
Mas, quem sabe! Talvez naquella hora
Em que nos Ceos desertos o sol d'hoje
Cessará de luzir sobre o Universo,
Do sol moral as luzes eclipsadas
Cessem de allumiar o pensamento;
E o dia que ha de ver de todo extincta
Esta suberba tocha, tambem lance
Na eterna noite o resto do Universo!
A tua inutil obra então quebrando,
Repetirão os seculos aos seculos
A famosa verdade que disseste:
Sou quem sómente sou! O homem cego,
Quando acaba de crer, de existir cessa!

VARIANTES DO TOMO IV.

DA ELEGIA — O CEMITERIO D'ALDÊA.

A pag. 181, *quadra* 1.ª, *verso ultimo:*

Deixando o mundo a mim e á sombra fusca.

Variante:

Deixando o mundo e a mim á sombra fusca.

A pag. 183, *quadra* 4.ª, *verso ultimo:*

Os simplices annaes da pobre gente.

Variante:

Curtos, simples annaes da pobre gente.

Ditta pag., *quadra ultima:*

Não restauram no peito o fôlgo extincto
Urna historica, bustos expressivos;
Nem morto pó, que encerra este precinto,
Movem hymnos, lisonja, grata aos vivos.

Variante:

Não restauram no peito o fôlgo exhausto
Urna historica, bustos expressivos;
Nem morto pó do enterro estima o fausto,
Movem hymnos, lisonja grata aos vivos.

A pag. 185, *quadra* 2.ª, *verso* 3.º:

Reprimio nobre ardor Penuria; e fica *etc.*

Variante:

Reprime nobre ardor Penuria, e fica *etc.*

A pag. 189, *ultima quadra, e ultimo verso:*

Podes ler o que a *pedra* tem gravado.

Variante:

Podes ler o que a *campa* tem gravado.

DA EPISTOLA A LORD BYRON.

A pag. 239, *quadra* 5.ª, *verso* 3.º:

Byron! *nelle* me perco, e não alcanço *etc.*

Variante:

Byron! *alli* me perco, e não alcanço *etc.*

A pag. 241, *ultima quadra e ultimo verso:*

Ouve ao longe *na* habitação perdida:

Variante:

Ouve ao longe *da* habitação perdida:

A pag. 245, *quadra* 4.ª, *verso* 3.º:

E um sentido entendi que tinha achado *etc.*

Variante:

E entendi ter achado algum sentido *etc.*

A pag. 249, *quadra* 5.ª, *versos* 1.º *e* 2.º:

Tudo a tua presença reconhece;
Tudo constantemente te annuncia *etc.*

Variante:

Ella a tua presença reconhece,
Sempre constantemente te annuncia *etc.*

A pag. 251, *quadra* 4.ª, *verso* 4.º:

É que existo, e que os dias meus se urdiram.

Variante:

É que existo, e que meus dias se urdiram.

A pag. 253, *ultima quadra, verso ultimo:*

Do enigma a solução *se desvanece:*

Variante:

Do enigma a solução *desapparece:*

A pag. 255, *quadra* 2.ª, *verso ultimo:*

Ser menos desgraçada eu bem podia.

Variante:

Ser menos desgraçada eu poderia?...

Ditta pag. quadra ultima, verso 2.º:

Apagou-se o meu tempo florecente;

Variante:

Extinguio-se o meu tempo florecente;

A pag. 257, *ultima quadra, e ultimo verso:*

Deixou meu coração murcho ou desfeito.

Variante:

Deixou meu coração murcho e desfeito.

A pag. 259, *quadra ultima, versos* 2.° e 3.°:

Se exhalou junto a Deos onde descança;
Mas com elle voou alem do mundo, *etc.*

Variante:

Revoou junto a Deos onde descança;
Mas com elle fugio alem do mundo, *etc.*

A pag. 263, *quadra* 1.ª, *verso* 4.°:

Extrahe della torrentes de harmonia.

Variante:

Da tua extrahe torrentes de harmonia.

Ditta pag. quadra 2.ª, *versos* 3.° e 4.°:

Aos reprobos teus cantos invejando,
Talvez julgue menor o horror eterno.

Variante:

Talvez que esses teus cantos invejando,
Julguem menor os máos o horror eterno.

FIM DO TOMO IV.

INDICE

DO QUE CONTÊM O TOMO III. DAS OBRAS POETICAS D'ALCIPPE.

Paginas

A Primavera, imitada de Thompson 3

Oberon, traduzido do allemão de Wieland. 41

Darthula 203

Iliada. 233

NOTAS.

Á Primavera 277

A Darthula. 281

Á Iliada 291

Variantes. 295

ERRATA.

Paginas	*Verso*	*Erros*	*Emendas*
9	14.°	ventos,	ventos
13	16.°	e ' alegria?	e a alegria?
17	10.°	autonaes	autumnaes
18	29.°	automnaes	autumnaes
19	2.°	basta ;	basta
20	24.°	Novo mundo	Novo-mundo
28	23.°	Filosophos	Philosophos
37	17.°	tem	teem
47	22.°	veste,	veste
»	23.°	E um	De um
64	5.°	discrepares	discrepasses
»	7.°	será	seria
77	6.°	aos quaes	os quaes
82	13.°	a braços	os braços
95	25.°	intentarias	intentarieis
99	2.°	Agora... (diz-lhe a moça de mansinho...)	Agora... (diz-lhe a moça) de mansinho...
105	15.°	mão :	mão,
113	11.°	cabra cega,	cabra-cega,
119	2.°	presenta	apresenta
136	17.°	Vê.	Vê,
141	17.°	noiva	noiva.
154	20.°	quebram	quebrem
200	15.°	cria,	cria
206	19.°	que dos Ceos	que *vem* dos Ceos
218	13.°	sangue	sangue,
219	21.°	E lugubre	É lugubre
»	31.°	redeavam	rodeavam
221	29.°	demora,	demora.
288	lin. ult.	e assim	assim

INDICE

DO QUE CONTÊM O TOMO IV. DAS OBRAS POETICAS D'ALCIPPE.

RECREAÇÕES BOTANICAS,

POEMA DEDICADO ÁS SENHORAS PORTUGUEZAS.

Pag.

Epistola Dedicatoria 7

Canto 1.º 17

Canto 2.º 31

Canto 3.º 53

Canto 4.º 69

Canto 5.º 85

Canto 6.º 105

NOTAS.

Ao Canto 1.º 119

Ao Canto 2.º 133

Ao Canto 3.º 145

Ao Canto 4.º 153

Ao Canto 5.º 161

Ao Canto 6.º 171

O CEMITERIO D'ALDÊA,

Elegia imitada de Gray. 181

O EREMITA,

Ballada imitada de Goldsmith. 195

ODE

Imitada de Fulvio Testi. 211

ODE A UM POETA DESTERRADO,

Traducção da 14.ª Meditação de Lamartine 221

SONETO E EPISTOLA A LORD BYRON,

Imitação livre da 2.ª Meditação de Lamartine, intitulada
O HOMEM. 227

Imitação livre da 28.ª Meditação de Lamartine, intitulada
DEOS 269

VARIANTES

A paginas 285

ERRATA.

Paginas		*Verso*	*Erros*	*Emendas*
10		3.º	brotam	brotam :
11		15.º	Gnidio	Gnideo
31	na epigraphe	2.º	*malva.*	*malvæ.*
33		3.º	a Variedade..	a Variedade ;
»		ultimo	versos	versos.
34		19.º	folhas	flores
38		5.º	Previnca	Pervinca
48		11.º	oppoem	oppõe
49		7.º	sceptro	sceptro :
57		8.º	cynorrhodon	cynorrhodon,
110		11.º	cerulcas	ceruleas
124	linha	6.ª	ainda *tão* pequena	ainda pequena
127	»	9.ª	estrangeiros,	estrangeiros
230	verso	2.º	auge	ange
233	»	3.º	de lethal	do lethal
240	»	13.º	celeste	céleste
249	»	17.º	Tudo	«Tudo
»	»	21.º	Teu	«Teu
271	»	26.º	releva :	revela :

PQ
9261
A6
1844
t.3-4

Alorna, Leonor de Almeida
Portugal Lorena e Lencastre
Obras poeticas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 13 13 03 013 2